



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS E ARTES
MESTRADO EM ENSINO DO PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA/LÍNGUA
ESTRANGEIRA

REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL NO
PORTUGUÊS DE CABO VERDE:

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

HULDA EMÍLIA DOS REIS LOPES COSTA

UNICV-2020

REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE:

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS HUMANAS E ARTES

HULDA EMÍLIA DOS REIS LOPES COSTA

**MESTRADO EM ENSINO DO PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA/LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

**A REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL
NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE:**

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

Dissertação de Mestrado em Ensino do
Português Língua Segunda/Língua
Estrangeira apresentado à Universidade de
Cabo Verde, sob orientação da Professora
Doutora Amália Vera-Cruz de Melo Lopes

Área de concentração: Sociolinguística

Praia, setembro de 2020

REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE:

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

HULDA EMÍLIA DOS REIS LOPES COSTA

**A REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO NO PORTUGUÊS DE
CABO VERDE:**

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

Banca Examinadora:

Presidente,

Arguente,

Orientadora,

Praia, setembro de 2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo, **Emiliano Costa**, que nunca me disse não e sempre confiou na minha potencialidade.

Aos meus filhos, **Lucas e Luana**, pela compreensão pelos muitos momentos de ausência do lar.

Aos meus pais, **Emília dos Reis e Isaiás Lopes**, pelo legado do amor aos livros e à docência.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Trino, por ter começado uma grande obra na minha vida e sei que é fiel para completá-la.

À minha família, meu esposo **Emiliano Costa** e meus filhos **Lucas Costa** e **Luana Costa**, por me terem permitido investir mais no meu aperfeiçoamento profissional. Vocês são o meu porto seguro.

À **minha mãe**, pelo suporte em oração, amizade, conselhos e horas gastas a escutar as minhas angústias e anseios.

À minha orientadora, **Doutora Amália Vera-Cruz de Melo Lopes**, pela competência e insistência. Minha eterna gratidão. Retribuo com o melhor que lhe posso dar, minhas orações a seu favor.

À **Universidade de Cabo Verde**, aquela que se tornou a minha casa, pela oportunidade concedida, que de outro modo seria custoso aceder a uma formação deste nível. Aos seus dirigentes, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus mestres, **Mariana Faria**, **Fátima Fernandes**, **José Esteves Rei**, **Elvira Reis** e muitos e tantos outros, exemplos de competência e dedicação à causa da Língua Portuguesa em Cabo Verde.

À **minha amada Igreja do Nazareno**, o lugar/instituição onde aprendi a amar as letras, principalmente as Sagradas Escrituras.

Aos colegas Merlina Correia e Afrânio Monteiro pela companhia durante os dois anos no percurso Assomada-Praia-Assomada.

A todos aqueles que contribuíram para que este trabalho se efetivasse, principalmente, àqueles que se dispuseram a conceder as entrevistas.

REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE:

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

Epígrafe

«Não há uma língua portuguesa, há línguas em português».

José Saramago

Resumo

Esta dissertação constitui um estudo de caso exploratório de caráter descritivo cujo principal objetivo é verificar a ocorrência de variação na regência de alguns verbos de movimento direcional (VMD) na produção dos falantes, formas consideradas “erros”, quando se toma como referência a norma-padrão do PE, aquela que é, tacitamente, tida como modelo em Cabo Verde. Trata-se de um fenómeno pouco referido, a ponto de se atrever a afirmar que ele não é reconhecido, de um modo geral.

A tradição gramatical prescreve a seleção de preposições direcionais para verbos como *ir, vir, chegar, sair, entrar, voltar, regressar e partir*. À exceção do verbo *entrar* que deve reger a preposição *em*, é indicado que todos os outros verbos sejam regidos pelas preposições de movimento direcional *a* e *para*, sendo que se distinguem por *a* denotar a ideia de pouca demora e *para* longa duração, a fim de conferirem a ideia de movimento direcional de meta, alvo ou destino aos verbos identificados (cf. Cap. I, parte 1). No entanto, na fala do dia-a-dia e mesmo nos órgãos de comunicação social é comum ouvir variantes em que, muitas vezes, a preposição locativa *em* ocorre junto a esses verbos e, ainda, *a* e *para* são usados indistintamente da ideia de pouca ou longa demora que cada uma denota. Este tipo de variação é atestada em estudos de outras variedades da Língua Portuguesa (LP), nomeadamente, a brasileira (PB), a moçambicana (PM) e a São-tomense (PSTP) também registam variação na regência dos VMD (cf. Cap. I parte 2).

Neste trabalho, pretende-se discutir o processo de variação e mudança que atinge essas preposições junto aos VMD, utilizando-se os fundamentos teórico-metodológicos da Sociolinguística variacionista. Busca-se, através de uma análise variacionista, identificar os fatores linguísticos e sociais que condicionam a escolha das preposições que regem os VMD (cf. Cap. II). A análise quantitativa foi feita com base em um *corpus* oral constituído por 12 entrevistas sociolinguísticas a falantes da cidade de Assomada. Um *corpus* escrito, de controlo, constituído por textos do jornal *A Nação* e um teste de atitudes para se conhecer a avaliação dos falantes para com as variantes que utilizam (cf. Cap. III) serviram para se perceber a direção do processo de mudança (variação estável, em curso ou consolidada).

Palavras-chave: Verbos de movimento direcional, preposições, variação

Abstract

This dissertation is an exploratory case study with a descriptive nature aiming to certify the occurrence of variation in the direction of some verbs part of directional movement verbs group (VMD) on speakers' productions, taken as errors within the norm that regulates the PE standard, a norm that is tacitly taken as model in Cabo Verde. It is taken as an occurrence barely mentioned to the point it can be considered as not recognized, generally spoken.

The grammatical tradition prescribes the selection of directional prepositions for verbs, namely the verb to go, to come, to arrive, to leave, to return and to leave. Unlike the verb enter that demands the preposition in, it is clear that the rest of those verbs demand the preposition for (para), being distinguished by denoting the idea of short delay and long duration in order to give the idea of directional movement of goal, target or destination to the verbs identified (As of Chapter I, Part 1).

Thus, in daily speech and even in the media, it is common variants and locative preposition in often occurs next to these verbs and still and to the one used interchangeably from the idea of little or long delay that each denotes.

In addition, studies of other varieties of the Portuguese language (LP), namely, the Brazilian (PB), the Mozambican (PM) and São-Tomense (PSTP) also recorded variation in the VMD regency (See Chap. I part 2).

In this work, we intend to discuss the process of variation and change that affects these prepositions with the VMD, using the theoretical and methodological foundations of variation sociolinguistics. It seeks, through a variationist analysis, to identify the linguistic and social factors that condition the choice of the prepositions that govern the VMD (cf. Chapter II). The quantitative analysis was based on an oral corpus consisting of 12 sociolinguistic interviews with speakers from the city of Assomada. Still a written corpus consisting of texts from the newspaper *A Nação* served as a control, to understand the direction of the change process (stable, ongoing or consolidated variation).

An attitudes test was applied to know the attitudes of speakers towards the variants they use, an important contribution to assess their state of consolidation (See Chapter III).

Keyword: Directional movement verbs, prepositions, variation

Índice

Resumo	VII
Abstract.....	VIII
Índice	IX
Índice de Gráficos.....	XII
Índice de Tabelas	XV
Índice de Quadros	XVI
Abreviaturas e Siglas	XVII
Lista dos anexos	XIX
Introdução: justificação, problema, finalidade e objetivos da pesquisa	14
Capítulo I. Fundamentação Teórica – A Sociolinguística.....	23
1. A Sociolinguística	23
1.1 O percurso histórico da Sociolinguística.....	23
1.2 Abordagens da Sociolinguística	28
1.3 A Sociolinguística variacionista.....	30
1.4 Norma: esclarecendo o conceito.....	35
2. A Regência dos verbos de movimento direcional: Revisão da Literatura	42
2.1 Breve enquadramento.....	42
2.2 Um olhar sobre as gramáticas	44
2.2.1 Conceito de verbo.....	44
2.2.2 Os verbos de movimentos	45
2.2.3 A Regência dos VMD	51
2.2.4 As preposições de movimento.....	61
2.2.4.1 O significado das preposições.....	66
2.2.4.2 Valor das preposições	67
2.3 A visão de estudos descritivos	71
2.3.1 Estudos do Português Brasileiro.....	72
2.3.2 Estudos das variedades africanas do Português.....	88
Capítulo II. Procedimentos Metodológicos	102
2.1 Contextualização da pesquisa.....	102
2.2 Dimensão do corpus oral e sua composição.....	103
2.3 Seleção dos informantes com perfil adequado	105
2.4 Instrumentos e procedimentos de recolha dos dados	108
2.4.1 Ficha do Informante	108
2.4.2 As entrevistas	109

2.4.3	Recolha de dados escritos: textos de jornais	111
2.4.4	Teste de percepção/avaliação das atitudes linguísticas	112
2.5	Tratamento e análise dos dados.....	113
2.5.1	Análise das entrevistas	114
2.5.1.1	A quantificação dos dados.....	115
2.5.1.2	Variável dependente	116
2.5.1.3	Variáveis linguísticas.....	116
	A.Variáveis associadas ao verbo.....	116
	B.Variáveis associadas ao N Locativo	118
2.5.1.4	Variáveis Sociais	123
2.5.2	Tratamento do teste de avaliação da percepção das variáveis.....	126
Capítulo III. Apresentação, discussão e análise dos dados.....		127
3.1	Dados do corpus oral.....	127
3.1.1	Frequência dos VMD no corpus oral.....	127
3.1.2	Distribuição das preposições pelos VMD	130
3.1.3	Descrição dos dados linguísticos e propostas de análise.....	139
3.1.3.1	Variáveis Linguísticas	139
I.	Fatores associados ao verbo: o tempo-modo verbal.....	139
II.	Fatores associados ao Nome Locativo do SPREP.....	148
(i)	Demarcação do espaço vs. preposições.....	148
(ii)	Grau de definitude vs. preposições.....	157
(iii)	Tempo de Permanência vs. preposições.....	163
(iv)	Configuração do espaço vs. preposições	170
3.1.3.2	Variáveis sociais.....	179
(i)	Sexo.....	179
(ii)	Variável Idade vs. preposições	186
3.2	Análise dos dados escritos.....	192
3.2.1	Ocorrência dos VMD no corpus escrito	192
3.2.2	Distribuição das Preposições pelos VMD	194
3.2.3	Descrição dos dados linguísticos e propostas de análise.....	203
3.2.3.1	Variáveis linguísticas.....	203
I.	Fatores associados ao verbo: o tempo-modo verbal.....	203
II.	Fatores associados ao N LOC do SPREP	211
(i)	Demarcação do espaço vs. preposições.....	212

(ii) Grau de Definitude vs. preposições.....	219
(iii) Tempo de Permanência	227
(iv) Configuração do Espaço.....	234
3.3 A percepção das variáveis: análise do teste de atitudes	243
3.3.1 Aceitação das variantes com o verbo ir – Tempo-modo verbal	244
3.3.2 Aceitação das variantes com o verbo vir.....	247
3.3.3 Aceitação das variantes com o verbo chegar.....	249
3.3.4 Aceitação das variantes com o verbo sair.....	250
3.3.5 Aceitação das variantes com o verbo entrar	251
3.3.6 Aceitação das variantes com o verbo regressar	251
3.3.7 Aceitação das variantes com o verbo partir.....	252
Considerações finais	254
Bibliografia.....	258
Anexo	265

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Ocorrência dos VMD nos dados orais	128
Gráfico 2: Verbo Ir vs. Preposições	130
Gráfico 3: Verbo Vir vs. variáveis	132
Gráfico 4: Verbo Chegar vs. variáveis	133
Gráfico 5: Verbo Sair vs. variáveis	135
Gráfico 6: Verbo Entrar vs. variáveis.....	136
Gráfico 7: Verbo Voltar vs. variáveis	136
Gráfico 8: Verbo Regressar vs. variáveis.....	137
Gráfico 9: Verbo Ir: Tempo-modo vs. variáveis	140
Gráfico 10: Verbo Vir: Tempo-modo vs. Variáveis.....	141
Gráfico 11: Verbo Chegar: Tempo-modo vs. Variáveis	142
Gráfico 12: Verbo Sair: Tempo-modo vs. Variáveis	144
Gráfico 13: Verbo Entrar vs. Variáveis.....	145
Gráfico 14: Verbo Voltar: Tempo-modo vs. Variáveis.....	146
Gráfico 15: Verbo Regressar: Tempo-modo vs. Variáveis	147
Gráfico 16: Verbo Ir: Demarcação de Espaço vs. Variáveis.....	149
Gráfico 17: Verbo Vir: Demarcação de espaço vs. Variáveis.....	150
Gráfico 18: Verbo Chegar: Demarcação de espaço vs. variáveis	151
Gráfico 19: Verbo Sair: Demarcação de espaço vs. Variáveis.....	154
Gráfico 20: Verbo Entrar: Demarcação de espaço vs. Variáveis	154
Gráfico 21: Verbo Voltar: Demarcação de espaço vs. variáveis.....	155
Gráfico 22: Verbo Regressar: Demarcação de espaço vs. variáveis	156
Gráfico 23: Verbo Ir: Grau de definitude vs. variáveis	157
Gráfico 24: Verbo Vir: Grau de definitude vs. variáveis	159
Gráfico 25: Verbo Chegar: Grau de definitude vs. variáveis:	159
Gráfico 26: Verbo Sair: Grau de definitude vs. variáveis	161
Gráfico 27: Verbo Entrar: Grau de definitude vs. variáveis.....	161
Gráfico 28: Verbo Voltar: Grau de definitude vs. variáveis	162
Gráfico 29: Verbo Regressar: Grau de definitude vs. variáveis.....	163
Gráfico 30: Verbo Ir: Tempo de permanência vs. variáveis	164
Gráfico 31: Verbo Vir: Tempo de permanência vs. variáveis.....	165
Gráfico 32: Verbo Chegar: Tempo de permanência vs. variáveis.....	165
Gráfico 33: Verbo Sair: Tempo de permanência vs. variáveis.....	166
Gráfico 34: Verbo Entrar: Tempo de permanência vs. variáveis	167

Gráfico 35: Verbo Voltar: Tempo de permanência vs. variáveis	168
Gráfico 36: Verbo Regressar: Tempo de permanência vs. variáveis	169
Gráfico 37: Verbo Ir: Sexo vs. variáveis	181
Gráfico 38: Verbo Vir: Sexo vs. variáveis	182
Gráfico 39: Verbo Chegar: Sexo vs. variáveis	182
Gráfico 40: Verbo Sair: Sexo vs. variáveis	183
Gráfico 41: Verbo Voltar: Sexo vs. variáveis	184
Gráfico 42: Sexo vs. variáveis.....	185
Gráfico 43: Verbo Ir: Idade vs. variáveis	186
Gráfico 44: Verbo Vir: Idade vs. variáveis	187
Gráfico 45: Verbo Chegar: Idade vs. variáveis	188
Gráfico 46: Verbo Sair: Idade vs. variáveis	189
Gráfico 47: Verbo Voltar: Idade vs. variáveis	190
Gráfico 48: Verbo Regressar: Idade vs. variáveis	191
Gráfico 49: Frequência dos VMD nos dados escritos	193
Gráfico 50: Verbo Ir vs. variáveis	194
Gráfico 51: Verbo Vir vs. variáveis	196
Gráfico 52: Verbo Chegar vs. variáveis	197
Gráfico 53: Verbo Sair vs. variáveis	198
Gráfico 54: Verbo Entrar vs. variáveis.....	199
Gráfico 55: Verbo Voltar vs. variáveis	200
Gráfico 56: Verbo Regressar vs. variáveis.....	201
Gráfico 57: Verbo Partir vs. variáveis.....	201
Gráfico 58: Verbo Ir: Tempo-modo vs. variáveis	204
Gráfico 59: Verbo Vir: Tempo-modo vs. variáveis	205
Gráfico 60: Verbo Chegar: Tempo-modo vs. variáveis	206
Gráfico 61: Verbo Sair: Tempo-modo vs. variáveis	207
Gráfico 62: Verbo Entrar: Tempo-modo vs. variáveis.....	208
Gráfico 63: Verbo Voltar: Tempo-modo vs. variáveis.....	208
Gráfico 64: Verbo Regressar: Tempo-modo vs. variáveis	209
Gráfico 65: Verbo Partir: Tempo-modo vs. variáveis	210
Gráfico 66: Verbo Ir: Demarcação de espaço vs. variáveis	212
Gráfico 67: Verbo Vir: Demarcação de espaço vs. variáveis.....	213
Gráfico 68: Verbo Chegar: Demarcação de espaço vs. variáveis	214
Gráfico 69: Verbo Sair: Demarcação de espaço vs. variáveis.....	215

Gráfico 70: Verbo Entrar: Demarcação de espaço vs. variáveis	216
Gráfico 71: Verbo Voltar: Demarcação de espaço vs. variáveis.....	217
Gráfico 72: Verbo Regressar: Demarcação de espaço vs. variáveis	218
Gráfico 73: Verbo Partir: Demarcação de espaço vs. variáveis	219
Gráfico 74: Verbo Ir: Grau de definitude vs. variáveis	220
Gráfico 75: Verbo Vir: Grau de definitude vs. variáveis	221
Gráfico 76: Verbo Chegar: Grau de definitude vs. variáveis	222
Gráfico 77: Verbo Sair: Grau de definitude vs. variáveis	223
Gráfico 78: Verbo Entrar: Grau de definitude vs. variáveis.....	224
Gráfico 79: Verbo Voltar: Grau de definitude vs. variáveis	225
Gráfico 80: Verbo Regressar: Grau de definitude vs. variáveis.....	225
Gráfico 81: Verbo Partir: Grau de definitude vs. variáveis.....	226
Gráfico 82: Verbo Ir: Tempo de Permanência vs. variáveis	227
Gráfico 83: Verbo Vir: Tempo de Permanência vs. variáveis.....	228
Gráfico 84: Verbo Chegar: Tempo de Permanência vs. variáveis	229
Gráfico 85: Verbo Sair: Tempo de Permanência vs. variáveis	230
Gráfico 86: Verbo Entrar: Tempo de Permanência vs. variáveis.....	231
Gráfico 87: Voltar: Tempo de Permanência vs. variáveis.....	232
Gráfico 88: Verbo Regressar: Tempo de Permanência vs. variáveis	233
Gráfico 89: Verbo Partir: Tempo de Permanência vs. variáveis	234

Índice de Tabelas

Tabela 1: Distribuição dos informantes da amostra	105
Tabela 2: Verbo Ir: Configuração do espaço vs. variáveis.....	170
Tabela 3: Verbo Vir: Configuração do espaço vs. variáveis	172
Tabela 4: Verbo Chegar: Configuração do espaço vs. variáveis.....	174
Tabela 5: Verbo Sair: Configuração do espaço vs. variáveis	175
Tabela 6: Verbo Entrar: Configuração do espaço vs. variáveis	176
Tabela 7: Verbo Voltar: Configuração do espaço vs. variáveis	177
Tabela 8: Verbo Regressar: Configuração do espaço vs. variáveis.....	178
Tabela 9: Verbo Ir: distribuição das preposições por Informante	180
Tabela 10: Verbo Ir: Configuração do Espaço vs. variáveis	235
Tabela 11: Verbo Vir: Configuração do espaço vs. variáveis	236
Tabela 12: Verbo Chegar: Configuração do espaço vs. variáveis.....	237
Tabela 13: Verbo Sair: Configuração do espaço vs. variáveis.....	238
Tabela 14: Verbo Entrar: Configuração do espaço vs. variáveis	239
Tabela 15: Verbo Voltar: Configuração do espaço vs. variáveis	240
Tabela 16: Verbo Regressar: Configuração do espaço vs. variáveis.....	241
Tabela 17: Verbo Partir: Configuração do espaço vs. variáveis	242
Tabela 18: Verbo ir no infinitivo: atitudes vs. das variáveis.....	244
Tabela 19: Verbo Ir no imperfeito: Atitudes vs. uso das variáveis	245
Tabela 20: Verbo Ir no presente: atitudes vs. uso das variáveis.....	245
Tabela 21: Verbo Ir no Pretérito Perfeito: atitudes vs. uso das variáveis.....	246
Tabela 22: Verbo Ir no Presente: atitudes vs. variáveis	246
Tabela 23: Verbo Vir: atitudes vs. variáveis	248
Tabela 24: Verbo Chegar: atitudes vs. variáveis.....	249
Tabela 25: Verbo Sair: atitudes vs. variáveis	250
Tabela 26: Verbo Entrar: atitudes vs. variáveis	251
Tabela 27: Verbo Regressar: atitudes vs. variáveis.....	251
Tabela 28: Verbo Partir: atitudes vs. variáveis.....	252

Índice de Quadros

Quadro 1: Classificação dos verbos segundo Duarte (2006).....	54
Quadro 2: Variáveis independentes linguísticas e extralinguística	124
Quadro 3: Sequência da frequência do uso das variáveis junto aos VMD.....	138

Abreviaturas e Siglas

A – Aceitação

CEJ – Corpus Escrito dos Jornais

CET-LP – Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa

COCS – Corpus Oral da Comunicação Social

COFC – Corpus Oral dos falantes Cultos

CV – Cabo Verde

DET – Determinante

GN - Gramática Normativa

GU – Gramática Universal

L1 – Língua Primeira

L2 – Língua Segunda

LCV – Língua Cabo-verdiana

Lg – Lugar

LOC – Locativo

LP – Língua Portuguesa

N – Nome

N/A – Não Aceitação

NP –

OBL – Oblíquo

PA – Português de Angola

PB – Português do Brasil

PCV – Português de Cabo Verde

PE – Português Europeu

PM – Português de Moçambique

PP –

PSTP – Português de São Tomé e Príncipe

SN – Sintagma Nominal

REGÊNCIA VARIÁVEL DOS VERBOS DE MOVIMENTO DIRECIONAL NO PORTUGUÊS DE CABO VERDE:

Estudo sociolinguístico na cidade de Assomada

SP – Sintagma Preposicional

SPREP – Sintagma Preposicional

SU – sujeito

SV – Sintagma Verbal

V - Verbo

VL – Verbo Locativo

VMD – Verbos de Movimento Direcional

Lista dos anexos

Anexo 1 – Ficha do Informante

Anexo 2 – Roteiro da entrevista

Anexo 3 – Termo de Consentimento

Anexo 4 – Normas de Transcrição

Anexo 5 – Teste de Atitudes

Anexo 6 – Dados orais dos VMD

Anexo 7 – Dados orais dos VMD por informante

Anexo 8 – Dados escritos

Anexo 9 – Dados dos Teste de Atitudes

Introdução: justificação, problema, finalidade e objetivos da pesquisa

O presente estudo intitulado Regência Variável dos Verbos de Movimento Direcional (VMD) no Português de Cabo Verde – estudo sociolinguístico na cidade de Assomada é um trabalho de investigação realizado no âmbito do Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda/Língua e pretende, globalmente, analisar e compreender como se processa a regência dos VMD na fala dos assomadenses, no sentido de determinar se há ou não variação.

A pertinência deste estudo deve-se à situação sociolinguística que se vive em Cabo Verde e que Lopes (2016, p.19) descreve como sendo:

[...] marcada pela presença de duas línguas em contacto: a língua portuguesa (LP), língua oficial e, como tal, língua de ensino, da comunicação escrita em geral, da administração e dos contatos com o exterior do país e um crioulo de base lexical portuguesa, a língua cabo-verdiana (LCV), não escrita e não oficial.

Perante tal quadro, na perspetiva de linguistas cabo-verdianos, como por exemplo, Duarte, (2003, p. 22), Veiga (2004, p. 11) e Lopes (op. cit), a atual situação linguística de Cabo Verde caracteriza-se, globalmente, como sendo de diglossia. A linguista Amália Lopes refere ainda que a situação linguística de CV é de um bilinguismo com diglossia ou uma diglossia essencialmente modal, uma vez que a escrita se processa na sua quase totalidade na língua portuguesa. Considera que a Língua Portuguesa (LP), salvo raras exceções, é aprendida em contexto escolar, sem um contato frequente com o Português Europeu (PE, doravante), sendo quase irrisório o número de falantes que a têm como língua materna; essa língua é amplamente utilizada na escrita e, na oralidade, quase que exclusivamente em situações formais.

Em decorrência, os principais modelos linguísticos são os professores e a comunicação social, circunstância em que os políticos e outros profissionais fazem, habitualmente, uso da LP. Por tudo isso, não será de estranhar que surjam ocorrências que se distanciem do prescrito pelas gramáticas tradicionais que tomam como referência a norma do PE.

A complementar, há que salientar que Cabo Verde é, atualmente, um país muito aberto ao mundo, onde, para além de uma ampla conectividade com a *internet*, acede-se a vários canais televisivos brasileiros como a Record e a Globo, e canais portugueses como a RTP, a Sport TV, entre outros. Sendo a língua de uso nesses meios as respetivas variedades

nacionais da LP, elas poderão constituir *inputs* importantes no processo de aprendizagem da LP, de um modo geral.

A supracitada autora destaca que, a ausência de estudos consistentes e sistemáticos sobre a norma, tanto da Língua Cabo-verdiana (a LCV), como da LP em Cabo Verde, tem desencadeado um sentimento de instabilidade e indefinição em relação ao uso dessas línguas, gerando preconceitos e estigmas, com prejuízos evidentes para o ensino/aprendizagem da LP em particular.

Neste contexto, este trabalho pretende ser uma mais-valia para a descrição da variedade de LP falada e escrita em Cabo Verde, necessária e urgente para a definição de uma norma dessa variedade emergente, passo de extrema importância, com repercussão e ganhos imediatos, nomeadamente, na segurança dos professores no processo de ensino.

Na verdade, é com alguma frequência que se ouve que os cabo-verdianos dominam cada vez menos a LP, em todas as habilidades/competências linguísticas. Esta constatação tem sido alvo de considerações várias, especialmente nos órgãos de comunicação social e, também, em conversas informais, em que algumas pessoas, falantes cultos da LP, leigas e especialistas, têm demonstrado a sua preocupação e, às vezes, uma certa intolerância em relação aos desvios em relação à norma do PE.

Um dos motivos que suscita esse debate é o facto de algumas ocorrências, consideradas “erros”, quando se toma como referência a norma-padrão do PE, aquela que é, tacitamente, tida como modelo em Cabo Verde, aparentemente, se terem tornado frequentes. Muitos, sem comprovação científica, atribuem tais ocorrências a fatores vários, nomeadamente, às interferências da LCV e, à influência das telenovelas brasileiras. A este propósito Lopes (*idem*, p. 20) acrescenta ainda que tais considerações se devem, em boa medida, à ausência de informação sobre a existência dessas ocorrências nas outras variedades nacionais do português, padronizadas ou não, e de muitos preconceitos sociais e linguísticos.

Na verdade, nas situações de contato de duas línguas em presença, um dos resultados, como aponta Mota (1996, p. 509), poderá ser uma variedade nativizada da língua alvo. Com efeito, nessas situações, as influências de uma língua na outra, as interferências mútuas são inevitáveis, algumas das quais podem consolidar-se no decurso da aprendizagem da L2, devido, nomeadamente, ao processo de fossilização (Thomason, 2001).

No caso específico de Cabo Verde, em que há baixo contacto com o PE, a norma de referência, a aprendizagem se dá com os professores que aprenderam a LP como L2 e em que as crianças, de um modo geral, quando chegam à escola não dominam essa língua na vertente oral, e não desenvolvem consciência linguística da sua língua materna ao longo do processo de ensino, a emergência de uma variedade nacional inevitável. Assim, torna-se imperioso perceber que mudanças linguísticas são, ainda, do domínio individual, e quais estão em processo de variação estável ou de mudanças em curso ou já concretizado.

Na verdade, só se poderá dizer que se trata de uma variedade institucionalizada quando um número importante de características específicas nos domínios lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e pragmático-discurso, resultantes da mudança linguística, estiverem consolidadas e forem usadas pelos falantes cultos, na comunicação social e na escrita.

Se, outrora, as variedades assim surgidas eram vistas como uma espécie de parentes pobres da grande família das línguas naturais, hoje, elas são consideradas como “sistemas independentes de pleno direito, e não apenas coleções de `erros´ ou `desvios´¹ a partir de alguma variedade padrão nativa².» (Mohan, 1992, p.111 citado por Gonçalves (2010, p. 16).

Inúmeros já são os estudos a respeito, especialmente sobre o Português do Brasil (PB a partir daqui) e algumas gramáticas mais atuais como, por exemplo, a de (Raposo, Duarte, & Peres, Estrutura da frase, 2013) já integra a descrição de variedades não europeias. Conhecidos são também os vários estudos de Gonçalves (2010, 1990, 1995 e outros) sobre a variedade do português de Moçambique (PM) e é possível encontrar referências a trabalhos de descrição do Português de Angola (PA) e do Português de São Tomé (PST).

No caso do Português de Cabo Verde (PCV), como afirmam Lopes J. F., (2019) e Jon-And (2011) citado por Lopes J. F. (2019, p. 120) até essa data, praticamente não existiam trabalhos sistemáticos descritivos do PCV. Lopes J. F. (2019, pp. 110-113) elenca quase uma dezena de trabalhos realizados após essa data e (Alexandre & Gonçalves, 2018)

¹ Toma-se erro ou desvio como uma realização linguística que não pode ser enquadrado e explicado em qualquer norma (padronizada ou não) do sistema linguístico em que é produzido e que a perspectiva de desvio trata as mudanças linguísticas que ocorrem nessas variedades como resultado de uma transmissão linguística irregular e não como mudanças que resultam de fatores linguísticos e sociais inerentes ao novo contexto linguístico, social e cultural para o qual a língua foi transplantada.

² Neste trabalho, usa-se variedade nativa no sentido que lhe é conferido por Thomason (2001) e Mota (1996), uma vez que todas são nativas de algum lugar.

fazem um estudo comparativo entre o PCV e o PST. Contudo, nenhum desses estudos aborda o fenómeno que é o foco deste trabalho.

Do acima exposto, compreende-se a premente necessidade de se descrever e documentar a variedade da LP de Cabo Verde, através do estudo dos fenómenos linguísticos variáveis, uns estigmatizados e outros não, visando a definição das marcas específicas desta variedade emergente do português, sobretudo da sua norma culta.

Estudos sistemáticos sobre o PCV e a sua consequente divulgação contribuirão para que as pessoas percebam que **o PCV é distinto do PE** ou de qualquer outra variedade das paragens onde ela é língua materna (LM) ou oficial, tanto mais que os elementos constituintes de cada contexto são diferentes. Esse conhecimento contribuirá para que muitos preconceitos linguísticos sejam ultrapassados e será de capital importância para a definição de uma intervenção pedagógica fundamentada no quadro do ensino da LP e para uma maior e melhor apropriação da língua.

Um dos fenómenos frequentes que tem chamado a atenção é a ocorrência, na produção dos falantes, de alguns verbos preposicionados, nomeadamente os de movimento (VM, a partir de agora), regidos de forma distinta do estabelecido na norma do PE. Trata-se de um fenómeno pouco referido, a ponto de nos atrevermos a afirmar que ele não é reconhecido, de um modo geral.

De entre esses verbos estão, nomeadamente, os locativos direcionais (VMD), ou seja, aqueles que denotam localização espacial ou de movimento, assim classificados por Raposo, Nascimento, Mota, Segura, & Mendes (2013), Mateus, et al. (2003) e Cunha & Cintra (1999), entre outros. Segundo Raposo & Gonçalves (2013, p. 1182), trata-se de verbos que se fazem acompanhar de:

[...] complementos oblíquos preposicionados que denotam a origem de uma entidade, **complementos de lugar de onde**; os que denotam a meta, complementos de lugar a/ para onde; e os que denotam o lugar de passagem, **complementos de lugar por onde**;

Na impossibilidade prática, pelas limitações que um trabalho desta natureza impõe, de estudar todos os verbos desta categoria, opta-se por observar alguns daqueles de uso corrente, no discurso quotidiano, quando usados com o complemento preposicionado que selecionam e que desempenha a função sintática de Oblíquo (OBL) e o papel temático Destino (lugar final do movimento, complemento de lugar a/para onde): **ir e vir; chegar e sair, entrar, voltar, regressar e partir.**

Constata-se que tem havido variação quanto ao uso das preposições que acompanham esses verbos. Em contextos que, de acordo com a norma do PE, deveriam ocorrer com a preposição a, indicando movimento não duradouro a partir de um lugar, eles são realizados com a preposição para que, tipicamente, indica movimento duradouro para um lugar. A preposição a tem sido usada com menos frequência do que para.

A preposição em, tipicamente, indica lugar estático, mas, no caso do verbo entrar, ganha um valor dinâmico, na norma europeia. Todavia, nota-se que esta preposição vem sendo usada com valor dinâmico quando acompanhada dos verbos de movimento direcionais, substituindo as preposições a e para. Assim, por exemplo, é possível ouvir de falantes cultos cabo-verdianos as seguintes produções:

- a) Chego no trabalho às 8H00 em vez de: Chego ao trabalho às 8H00;
- b) Fui na festa de natal; em vez de: Fui à festa de natal,
- c) Ontem, a minha mãe veio na escola, em vez de: Ontem, a minha mãe veio à escola; entre outros exemplos.

A regência deste tipo de verbos tem sido considerada por alguns estudiosos como uma das áreas críticas da LP, mesmo no português europeu, no sentido em que nele ocorrem, com relativa frequência, variantes divergentes da norma padrão. Assim, por exemplo, Peres & Mória (1995, p. 108) quando se referem às produções com preposições argumentais no PE afirmam:

O uso de **preposições argumentais** constitui uma área bastante problemática do português contemporâneo, onde é frequente a alteração das normas partilhadas pela generalidade da comunidade... Com efeito, a utilização irregular de determinadas preposições com um dado predicado parece ter frequentemente origem na possibilidade de utilizar essas mesmas preposições com predicados que lhe são semelhantes ou de algum modo próximos.

Esses supracitados autores afirmam que tais usos são partilhados pela generalidade da comunidade no contexto português. Verifica-se então, que não é um fenómeno que está a acontecer exclusivamente nas variedades não europeias. Alguns investigadores também têm estudado este fenómeno, em outras variedades nacionais, como a brasileira e a moçambicana. Torna-se evidente que se trata de um fenómeno em variação no panorama geral da LP, o que os estudos de, por exemplo, Mollica (1996) Vallo (2004), Gonçalves (2010) e outros, comprovam. Ante tal facto, uma tendência em todas as variedades, pode-se questionar se não será um caso que indicia uma tendência de mudança linguística generalizada da LP.

Perante o até aqui descrito, pretende-se, no quadro da investigação conducente à dissertação de Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda/Língua Estrangeira, analisar este fenómeno linguístico, ou seja, a construção sintática dos verbos de movimento direcionais regidos por preposição, e perceber os fatores linguísticos e sociais condicionantes. Busca-se, assim, contribuir para compreender o ponto da situação deste fenómeno no processo de institucionalização desta variedade emergente, ou seja, se, no caso deste fenómeno, realmente, se está perante casos esporádicos de fala espontânea ou face à variação estável ou em fase de mudança em curso ou realizada, podendo ele ser tido em conta como uma das características da emergente variedade cabo-verdiana do português (PCV).

Igualmente, e dado que, aparentemente se trata de um fenómeno não estigmatizado, sendo-o apenas por alguns poucos falantes mais “conhecedores da LP”, pretende-se, objetivamente, conhecer a avaliação que os falantes fazem das variantes que produzem, ou seja, identificar as suas atitudes linguísticas face a elas. Na conceção de Calvet (2002, p.65), atitudes linguísticas são entendidas como “[...] sentimentos dos falantes para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise de uma língua como simples instrumento”.

Com efeito, e de acordo com Lopes A. (2016, p. 47), fundamentando-se em vários investigadores, o estudo das atitudes linguísticas é muito importante, pois elas:

[...] constituem um dos factores que mais influenciam, positiva ou negativamente, o comportamento linguístico dos locutores bilíngues (e dos locutores, de um modo geral). Ter acesso a essas atitudes permite, portanto, perceber a dinâmica social das relações das línguas em contacto susceptíveis de modificar essas atitudes, assim como as relações de força vigentes numa comunidade e as práticas linguísticas dos falantes, e ainda as características identitárias destes.

No caso do estudo que se pretende realizar, o conhecimento das atitudes linguísticas será um complemento importante para a compreensão do fenómeno em estudo, pois a aceitação da mudança é um fator que condiciona a consolidação das variantes e, portanto, da mudança.

Gamardi (1983, p. 27) afirma que a atitude de aceitação ou rejeição das variantes produzidas pode condicionar a política de língua, no quadro de uma planificação. Nesta linha de ideia, no caso de Cabo Verde, onde ainda não se dispõe de uma política linguística claramente definida, convém conhecer as atitudes linguísticas, por forma a tê-

las em conta, pois serão de muita valia no tocante ao ensino da norma da LP a ser padronizada e ensinada.

Neste sentido, acredita-se que este estudo, inserido na microssociolinguística, na perspectiva de Calvet (2002, pp. 124-125), uma *microanálise*, e fundamentado-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de Labov (2008), será importante e pertinente.

Por tudo isso, opta-se por este trabalho que se insere num projeto mais amplo, coletivo da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa da Universidade de Cabo Verde (CET-LP, doravante) – Descrição da norma culta do português de Cabo Verde (PCV) – de caracterização e descrição da norma culta dessa variedade do português, a partir, fundamentalmente, de amostras de produções de falantes cultos dos principais centros urbanos (Praia, Assomada, Mindelo e Espargos) (Lopes A. d., 2016).

No presente estudo, a comunidade linguística escolhida é a da Assomada e centra-se num recorte da amostra total, como se mostrará abaixo, contribuindo, assim, para essa descrição global.

Considerando o exposto, os objetivos são:

Gerais:

1. Conhecer a regência dos verbos de movimento direcionais no PCV;
2. Comparar os resultados com outras variedades já descritas da LP;
3. Conhecer a avaliação dos informantes acerca das variantes identificadas;
4. Contribuir para a criação de novos olhares sobre a questão da variação da LP e para o PCV, em particular.

Específicos:

1. Identificar as variantes características na regência dos verbos de movimento selecionados, na variedade cabo-verdiana do português;
2. Analisar as variáveis independentes, linguísticas e sociais condicionantes dessas variantes e a sua hierarquia;
3. Comparar os resultados obtidos com os de outras variedades da LP;

4. Identificar o juízo de gramaticalidade dos informantes face a cada variante identificada.

Para atingir esses objetivos e guiar o estudo, formulámos as seguintes perguntas de partida:

1. Que preposições são mais frequentes, quando os falantes cultos cabo-verdianos realizam os verbos de movimento direcional selecionados?
2. Em que contextos linguísticos ocorrem?
3. Que variáveis sociais influenciam tais ocorrências?
4. O que os falantes pensam a respeito das variantes que usam?

Assim, a dissertação estrutura-se em quatro capítulos, que por sua vez se subdividem em secções e subsecções, a saber:

Capítulo 1 – Fundamentação Teórica, onde, na secção 1, Sociolinguística, se expõe os fundamentos teórico-metodológicos do estudo, que são os da **Sociolinguística** e da variacionista, especificamente: e na secção 2, o estudo feito sobre a Regência Verbal dos Verbos de Movimento Direcional e as suas preposições, as de movimento, na variedade europeia e brasileira e nas variedades africanas de Moçambique e São Tomé e Príncipe, com base nos trabalhos de diversos investigadores.

Capítulo 2 – Métodos e Procedimentos Metodológicos – apresentando-se o perfil dos entrevistados, a amostra, as unidades de análise, os instrumentos e procedimentos de recolha de dados: a entrevista, o teste de percepção das atitudes e a análise de conteúdo dos dados escritos.

Capítulo 3 – A apresentação, análise e discussão dos resultados

Capítulo 4 - Considerações finais – onde se faz um apanhado das principais conclusões tiradas, as limitações do trabalho, apresentam-se sugestões e recomendações para futuros trabalhos nesta área.

Referências bibliográficas – indicam-se todas as referências utilizadas ao longo do trabalho.

Anexos: encontram-se numerados e contêm alguns instrumentos e documentos que serviram de suporte para o trabalho, como por exemplo, o Projeto Norma Culta da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa e outros construídos para a concretização do trabalho de pesquisa, nomeadamente o Roteiro da entrevista, as Normas de transcrição utilizadas, a Ficha de Identificação do entrevistado, o termo de consentimento e o teste

de percepção. Mas também, nele estão incluídos os dados levantados e apresentados em folha de formato Excel.

Posto isto, passa-se então para o capítulo da fundamentação teórica, onde se explica o suporte teórico-metodológico de todo o trabalho.

Capítulo I. Fundamentação Teórica – A Sociolinguística

Este capítulo dedica-se à explicitação dos fundamentos teórico-metodológicos sobre os quais o presente trabalho se assenta. Na primeira secção e para uma melhor compreensão da disciplina linguística em que este trabalho se insere, descreve-se, de forma breve o seu percurso e a sua constituição enquanto ramo da linguística, o seu objeto de estudo e as suas subáreas. Num segundo momento concentra-se na teoria variacionista ou sociolinguística variacionista como é também designada, esclarecendo os seus fundamentos, orientações e metodologias de análise.

Fazem parte desta secção os seguintes tópicos: 1.1 O percurso histórico da Sociolinguística; 1.2 – As abordagens da macro e microsociolinguística; 1.2.1 – A Sociolinguística Variacionista; 1.3 – A Norma Linguística – esclarecendo o conceito.

A segunda secção é dedicada à **Regência Verbal dos Verbos de Movimento Direcional** e às **Preposições de movimento**, e integra as seguintes subsecções: 2.1 – A visão tradicional e normativista, onde se analisam: 2.1.1 – O conceito de verbo; 2.1.2 – O conceito de verbo de movimento; 2.1.3 – A classificação dos verbos de movimento; 2.1.4 – A Regência dos verbos de movimento direcional; 2.1.5 – As preposições de movimento. 2.2 – A visão descritivista, em que se resenham alguns estudos sobre a regência verbal dos verbos de movimento nas variedades do PB, PM, PST, como por exemplo: no PB – Mollica (1996), Costa (2003), Vallo (2004), Wiedemer (2008), Modólo (2011) e Pinheiro (2014); no PM – Carvalho (1991), Gonçalves e Chimbutane (2004), Gonçalves, P. (2010); no PST – Gonçalves, R. (2010).

1. A Sociolinguística

1.1 O percurso histórico da Sociolinguística

O mundo atual é cada vez mais plural e diverso em todas as áreas de atuação humana. Cada vez mais, os homens sentem a necessidade e são mesmo obrigados a abrir as suas fronteiras e relações, sob pena de ficarem isolados e a sua vida ficar limitada. Neste sentido, a ciência esforça-se para dar respostas satisfatórias às inquietações e problemas que se vão configurando, dado a este novo panorama.

Até hoje, ninguém contestou a relação língua sociedade, já que aquela é uma das condições para a existência desta, não sendo menos verdade o inverso. Há um condicionamento recíproco. Ora, uma das consequências diretas do pluralismo é a diversidade, a todos os níveis. Ao nível da língua, propicia com maior intensidade os fenómenos de variação e mudanças linguísticas, derivada da intensificação das relações de contacto entre as pessoas, local do contacto de línguas, proporcionado pelas transformações sociais.

Neste sentido, a ciência linguística não pode ficar indiferente aos desafios que hoje se vivem no campo linguístico, impondo novos olhares. Nomeadamente, os trabalhos de pesquisa terão de estar assentes na realidade concreta do uso da língua, ou seja, o social terá de estar imbricado nos estudos linguísticos. Hoje, é impossível negar a variação linguística e sua explicação não se pode restringir aos fatores internos à própria língua, como se fazia crer no passado, pois os fatores sociais saltam à vista. Pode-se observar que as pressões sociais contribuem para que um indivíduo tenha diferentes realizações linguísticas em diferentes contextos.

Está mais do que claro que a variação linguística deriva não apenas de fatores linguísticos, mas também está associada a fatores externos, sociais, como a idade, o sexo, o nível de escolaridade, entre outros, seja em que língua for e ela tem vindo a conquistar uma atenção especial por parte da investigação linguística contemporânea. A sociolinguística é uma das áreas da linguística, que surge então para dar resposta a esses novos desafios que se propõem.

Entretanto, para se compreender melhor as motivações que culminaram nesta nova área linguística que serve de suporte teórico a este trabalho, convém fazer uma breve retrospectiva histórica pelos estudos linguísticos, de modo a relembrar os princípios em que estavam assentes as teorias linguísticas que a antecedem e que terão motivado o seu surgimento.

Até à segunda metade do século XX, a tradição linguística não conheceu pesquisas que implicassem o social na abordagem linguística (embora esta relação fosse e seja inquestionável) e que se servissem desta relação para explicar fenómenos linguísticos.

Batkin (1979), citado por Camacho (2001, p. 64), afirma que, “a tendência da teoria da linguagem para o tratamento categórico dos fenómenos linguísticos está na história do

pensamento linguístico ocidental”. E, na verdade, é o que se pode constatar, caso se faça uma análise histórica dos estudos linguísticos.

Na antiguidade predominou o material escrito sobre o oral, ou seja, os estudos linguísticos tiveram como material de referência para estudo os textos escritos, de preferência, os literários, com base no pressuposto de homogeneidade linguística, tendências que ainda subsistem em certos setores.

Deste modo, a oralidade ou a fala sempre foi considerada “o parente pobre”. Torna-se evidente então que, as teorias linguísticas que vigoraram antes do aparecimento da sociolinguística excluíaam fatores extralinguísticos dos seus pressupostos.

As correntes linguísticas estavam assentes em abordagens predominantemente monolingues, talvez como forma de colmatar a dificuldade de se aferir a problemática da diversidade linguística. Se bem que se deve reconhecer os impulsos que estas correntes, especialmente o estruturalismo de Saussure, terão dado para o avanço dos estudos linguísticos, conferindo à linguística um carácter científico, definindo um objeto de estudo e uma metodologia própria.

Contudo, vale lembrar que, até o século XIX, por exemplo, a ciência linguística era tratada como as outras ciências naturais e, conseqüentemente, a língua era vista como um fenómeno natural, sujeita às leis naturais. Portanto, nascia, crescia e morria. E assim se explicavam fenómenos como a variação e a mudança linguística, excluindo o social. São prova disto, os estudos de Schleider. A Linguística Histórica (1ª metade do séc. XIX) vê na reconstrução da língua e na busca de uma linha genealógica única para todas as línguas a explicação para os fenómenos de diversidade linguística.

Já no século XX, até à década de 60 (sessenta), o mundo foi dominado por uma visão estruturalista, dualista, o mundo a branco e preto, do certo do errado, do bem e do mal, de negação de uma terceira via. Esta perspetiva influenciou todos os ramos da ciência do seu tempo e os posteriores, mas, sobretudo os ligados ao estudo da língua, nomeadamente, a linguística. Portanto, estas abordagens, não poderiam servir de suporte para um estudo da língua que se quisesse real, do uso quotidiano. Alkmim (2001, p.21) é bastante elucidativa, quando escreve que:

é necessário levar em conta que os estudiosos do fenómeno linguístico, como homens do seu tempo, assumiram posturas teóricas em consonância com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos. Neste sentido, as teorias

de linguagem, do passado ou atuais, sempre refletem concepções particulares de fenômenos linguístico e compreensões distintas do papel deste na vida social.

Assim sendo, as influências do estruturalismo determinaram a visão da época sobre o fenômeno linguístico. Neste particular, destaca-se os trabalhos de Sussurre em seu Curso de Linguística Geral, em 1916. Desde logo, e como é evidente, as variações não serão consideradas como fenômenos normais, nem condicionadas, suscetíveis de estudo, pois, tudo que não era passível de ser explicado internamente à língua era considerado anormal, erro.

No tocante às influências do estruturalismo, veja-se, por exemplo, o que diz Martins (1994, p.35): “o estruturalismo, legitimamente preocupado com a descrição e compreensão das regularidades e invariâncias inerentes à organização das línguas naturais, mostrou-se pouco vocacionado para o tratamento de fenômenos que escapam a uma ordenação estritamente estrutural.”

O estruturalismo fez escola e as correntes que a sucederiam, embora tivessem rompido com alguns dos seus paradigmas, continuariam, contudo, com as suas raízes vinculadas àquela.

Uma outra corrente que também marcou o século XX é o gerativismo do norte-americano Noam Chomsky. Esta continua na mesma senda, pois, à semelhança do estruturalismo, concebe a língua como um sistema de universais linguísticos. Dá continuidade às dicotomias, isolando a competência do desempenho, tendo como foco de estudo a primeira, a competência, ou seja, o conhecimento que o falante tem da sua língua.

O tempo veio provar que estas abordagens não serviam aos desafios que se iam configurando, como é o caso do surgimento dos crioulos e o reconhecimento da ficção da homogeneidade das línguas.

O próprio Labov sentiu dificuldades no avanço dos seus estudos empíricos e viu que pela via das teorias linguísticas até aí existentes não poderia concebê-los. Labov ([1972], 2008, p. 13) ressalta que, havia diversas barreiras ideológicas que impediam o estudo da língua na vida diária, e nomeia algumas delas e seus mentores, a saber: a dicotomia sincronia versus diacronia estabelecida por Saussure (1949, p.124); a ideia de que a “mudança sonora não podia ser observada diretamente”, defendida por Bloomfield (1933, p. 364); a de que “a variação livre não podia, em princípio ser condicionada” e ainda, a ideia de que “os sentimentos acerca da língua eram inacessíveis e estavam fora do escopo do

linguista” (Bloch & Trager 1942). Assim, pode-se constatar que, pela via das correntes linguísticas vigorantes até então, não se poderia chegar ao estudo da variação e das mudanças linguísticas.

Esta é a conjuntura que terá impulsionado o surgimento de uma nova área linguística, que busca fundamentar os fenómenos linguísticos não exclusivamente nos fatores internos à língua, mas que também toma em conta os fatores externos, neste caso, os sociais. Para isso, teria de traçar novos pressupostos teóricos e metodológicos que servissem de suporte.

Alguns estudiosos começaram a refletir sobre a relação língua sociedade. É o caso do francês, António Meillet (1921), Jakobson, Bright (1966), o russo Bakhtin (1988), entre outros, que, contrariamente a Saussure, tiram o foco das características estruturais, concebendo a língua como um fato social³.

Ainda, um marco importante, que pode ser considerado como os primórdios do nascimento da Sociolinguística é a conferência de 1964, em cujas atas, Bright (1966, p.11, citado por Calvet (2002) define de forma concreta o objeto de estudo da sociolinguística, “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas.” Um outro facto é o ensaio *Fundamentos empíricos da mudança linguística* (1968) escrito por Weinreich, Labov e Herzgov, com o objetivo de provar que “a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” [Weinreich, Labov & Herzgov 1968 (2006:100-101) citado por Labov (2008, p.16).

Todavia, é Labov com a publicação dos seus estudos em 1966 sobre a estratificação do inglês de Nova Iorque que definirá um modelo concreto de descrição e análise dos fenómenos linguísticos numa comunidade de fala. A quantificação dos resultados obtidos sobre a variação e sua correlação com os fatores sociais dará ainda uma outra designação a esta área, sociolinguística quantitativa. Portanto, é uma nova abordagem linguística, que difere das anteriores pelo novo objeto de estudo e por uma metodologia distinta.

³ Na verdade, o caráter social da língua definida por Saussure significa que ela é plurindividual, ou seja, é elaborada pela comunidade e adquirida nela (a língua é exterior ao indivíduo que por si só não pode criá-la nem modificá-la).

1.2 Abordagens da Sociolinguística

Como ficou patente no tópico anterior, o estudo da linguagem pelo viés social vem ganhando cada vez mais adeptos. Passou-se a denominar de sociolinguística a área da linguística que se veio ocupar do estudo da relação entre língua e sociedade.

No entanto, ainda assim ela cobre um vasto domínio de saberes e, para além disto, a investigação nesta área foi ganhando novos contornos, novas linhas de pesquisa, surgindo assim novas dimensões da sociolinguística. Por isso, convém delimitá-la, a fim de melhor situar o presente estudo. Em alguns casos, os investigadores passaram a dar ênfase à influência da língua sobre os aspetos sociais, ou seja, compreender os fenómenos sociais relacionados com o uso das línguas, um enfoque macro, que consiste em “interrogar a sociedade por meio da língua” (Calvet, 2002, p. 123). Noutros casos, passou-se a analisar a influência dos aspetos sociais sobre a estrutura da língua, ou seja, os fenómenos da variação e a mudança linguística na sua relação com fenómenos sociais, isto é, “interrogar a língua por meio da sociedade”, um micro-enfoque.

Dáí resultaram dois tipos de abordagens sociolinguística: a **macro** e a **microsociolinguística**, embora, como afirma Calvet (2002, p. 124), elas não sejam opostas como muitos as têm, mas sim, complementares. Aliás, esse autor (op. cit, p. 142) afirma que esta distinção não tem importância teórica, mas apenas valor metodológico.

Uma microanálise pode ajudar-nos a esclarecer a situação social de uma dada comunidade ou país, assim como, uma análise da estrutura social de uma dada comunidade nos esclarece diferenças linguísticas.

O linguista americano Ralf Fasol publicou duas obras que podem representar estas duas faces da mesma moeda: *The Sociolinguistics of Society* e *The Sociolinguistics of language*. Rona (1970) citado por Calvet (idem, p. 139) distingue estas duas abordagens em **sociolinguística propriamente linguística**, que estudaria a estratificação interna do conjunto constituído pela língua, seus dialetos e seus patoás, e uma **sociolinguística alinguística**, que estudaria os efeitos da sociedade sobre o conjunto precedente.

Assim, a **macrossociolinguística** será constituída pelas seguintes disciplinas:

- A **Sociologia da linguagem** – derivado do esforço de sociólogos como Fishman e Haugen, como refere o próprio Fishman (1995, p. 23). Esta área lida com fatores

sociais em grande escala, associados à linguagem, como a decadência e assimilação de línguas minoritárias, desenvolvimento de bilinguismo em nações socialmente complexas, planejamento linguístico em nações emergentes (Camacho, 2001, p.49). Esta subárea encarrega-se de estudar o comportamento linguístico, ou seja, a linguagem é vista como uma manifestação da conduta humana e centra-se, principalmente nas situações bilingues e diglósicas (op. cit, p. 24), mais concretamente no bilinguismo social;

- A **Sociolinguística interacional**, fundada por Hymes e Gumpers e que, num primeiro momento se denominava de **Etnografia da Comunicação** e se ocupava-se do estudo da competência comunicativa, mais concretamente dos “eventos de fala”; num segundo momento passou a ser designada de **Etnografia da Fala**, com o foco na observação da interação entre pessoas, para compreender os mecanismos subjacentes ao processo de comunicação, isto é, a análise conversacional. Só recentemente passou a chamar-se Sociolinguística Interacional, tendo como principal objetivo, determinar as normas e as regras ao nível da comunidade, as quais determinam ou inibem a escolha das variedades usadas, verificando quando, quem e o quê a condicionam. Centra-se na análise do discurso.
- A **Sociolinguística variacionista**, com enfoque micro (a sociolinguística em sentido estrito), é a área que estuda a variação social da linguística e a mudança linguística dela decorrente, articulando a variação linguística com fatores linguísticos e sociais para encontrar respostas para os problemas que emergem da variação inerente ao sistema linguístico.

William Labov é considerado o pai da Sociolinguística Variacionista por ter iniciado os estudos empíricos, motivado, como ele mesmo afirma, por trabalhos desenvolvidos na área da química industrial, onde tudo é real (Labov, 2008, p.13), dando um novo rumo à investigação linguística.

Sob orientação de Weinreich, Labov defendeu a tese centrada numa investigação que se tornou clássica, cuja proposta foi a de analisar um fenómeno de mudança fonética a partir de dados da fala dos habitantes da ilha de Martha’s Vineyard. Desde então passou a desenvolver uma série de estudos e análises empíricas, que deram toda a consistência à denominada Teoria da Variação Linguística ou Sociolinguística Variacionista (SV) ou, posteriormente, Sociolinguística Quantitativa (Guy & Zilles, 2007).

Portanto, por aquilo que foi explicado na introdução deste trabalho, o presente estudo enquadra-se na abordagem micro da sociolinguística, isto é, na Sociolinguística Variacionista, já que se pretende estudar a variação sincrónica (num dado momento) de um fenómeno linguístico, a regência variável dos VMD, investigando fatores linguísticos condicionantes (tempo e modo verbal, demarcação do espaço, grau de definitude, tempo de permanência, configuração do espaço) e fatores não linguísticos (sexo e faixa etária). Passa-se então a explicitar os fundamentos teórico-metodológicos desta abordagem linguística no tópico seguinte.

1.3 A Sociolinguística variacionista

Como ficou patente na secção anterior, estamos perante um dos sub-ramos da sociolinguística, uma abordagem linguística teórico-metodológica, que surge como uma reação às principais correntes linguísticas do século XX, a saber, o estruturalismo e o generativismo e que não vê a variação sincrónica da língua como um problema, mas como uma propriedade inerente das línguas, ou seja, uma qualidade constitutiva das mesmas

Isso significa dizer que, num dado estado da língua, há **variantes que coocorrem e concorrem entre si** a qualquer nível da língua: fonético, fonológico, morfológico e sintático. Por **variante** linguística entende-se “as diversas formas alternativas que configuram um fenómeno variável, tecnicamente chamado de **variável dependente**.” (Mollica, 2004, p. 10-11).

A variação linguística pode acontecer em diversos domínios, a saber: i) variação geográfica, diatópica ou dialetal; ii) variação social ou diastrática e iii) variação diafásica. Veja-se então o que comporta cada um desses domínios.

- i) A **variação geográfica, diatópica ou dialetal** tem a ver com as diferenças linguísticas no espaço, o que origina os diferentes dialetos de uma mesma língua, a partir do momento que muda de espaço geográfico;
- ii) A **variação social** diz respeito à variação da língua entre as pessoas e está relacionada a **fatores sociais** como: a) o **estrato grupo social**, que se define pelo nível de escolaridade das pessoas, a profissão ou ocupação profissional, o acesso aos bens culturais como a comunicação social e a escrita, entre outros; b) o **grupo social**, determinado pelo sentimento de pertença dos indivíduos; c) **grupo étnico**, pertença de um grupo a uma origem geográfica e proveniência nacional e herança cultural comuns, conceito diferente do de

raça, portanto; d) **a idade**, estudo da variação em relação com as gerações/faixas etárias; e) o sexo, em que os estudos mostram que, normalmente, as mulheres usam as formas mais prestigiadas da língua, como forma de autoafirmação, ao contrário dos homens em que esta necessidade não é tão premente, o que vem alterando na atualidade, **entre outros**.

- iii) **A variação diafásica**, relacionada com a variação do discurso conforme as diferentes situações de comunicação: formal/informal, familiar/pessoal, técnico/comum, entre outros.

O princípio da heterogeneidade linguística contribui, assim, para que se desfaçam determinadas atitudes linguísticas preconceituosas em relação à variação linguística. Embora alguns considerem as variantes como erro, todavia, a SV entende que o uso que se faz das variantes não é ao acaso, mas determinado por uma série de fatores, as variáveis independentes, que podem ser tanto internos à língua (fonológicos, sintáticos, morfossintáticos, semânticos) como externos, ou seja, os fatores sociais, circunstantes (como sexo, idade, escolaridade, entre outros). Como refere Mollica (2004, p.27) “As variáveis, tanto linguísticas quanto não-linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.”

Deste modo, acredita-se que é possível identificar quais contextos linguísticos e ou sociais são mais relevantes para a ocorrência de um dado fenômeno (Labov, 1994, p.9 citado por Hora, 2004, p. 19). Ou seja, a SV busca entender o comportamento dos fenômenos variáveis.

Veja-se, por exemplo, como é que Tagliamonte (2006, p. 4) define, de forma muito precisa a SV. Ela diz que é “uma disciplina que integra os aspetos sociais aos linguísticos” (tradução nossa).

Esta definição traduz a essência desta nova abordagem, que é a da análise linguística por via da integração do linguístico ao social. A este propósito, Alkmin (2001, p.21) afirma que “Linguagem e sociedade estão tão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”. Por esta razão não se pode dissociar estas duas variáveis. Para a SV, não se pode fugir do social na análise linguística, sob o risco de a análise ser defraudada, incompleta, não-científica.

Ignorá-la, seria sentenciar a língua à morte. O dinamismo das relações humanas garante a variabilidade linguística. Estudar a língua, passa por estudar os fenómenos variáveis.

O acima exposto pode ser confirmado com o que alguns estudiosos da SV afirmam. Por exemplo, Mollica (2004, p.9) afirma que “Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa que elas são heterogêneas.” Na mesma linha de pensamento, Monteiro (2000, p. 57) citando e esclarecendo os pensamentos de Labov (1972), refere também que “a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana” e acrescenta ainda que “a heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social”. Assim sendo, uma língua que se encontra em pleno vigor, contém, necessariamente, um considerável número de variantes linguísticas⁴, pois, a comunicação verbal adequa-se às relações sociais, que, naturalmente, são diversas. Por isso, Labov (2008, p. 10) faz a seguinte consideração:

Existe uma crescente percepção que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com os seus amigos e ludibriam seus inimigos.

É nesta linha de pensamento que a teoria que se está a apresentar, encara a variação e a defende como algo normal e previsível, e passível de ser estudada, no seu próprio contexto, a **comunidade de fala** e que, esse estudo é de capital importância para o conhecimento e avanço dos estudos linguísticos.

Resulta então que, a variação linguística não constitua um problema, pelo contrário, a resposta para grande parte das questões linguísticas, desde as estruturais, passando pelas didáticas, políticas e até de planificação.

Por conseguinte, a língua e a sociedade são faces de uma mesma moeda, aspetos intrinsecamente ligados. Não se pode conceber a variação linguística sem a variação social, não sendo menos verdade o inverso. Labov (op. cit, p.20) afirma que “nenhuma mudança linguística acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e lugar específicos, o que exige uma explicação” e continua esclarecendo que, “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua”, por isso é que essa teoria sugere o estudo dos fenómenos linguísticos variáveis. Daí que Labov

⁴“...duas ou mais formas estão em concorrência num mesmo contexto e a escolha de uma depende de uma série de fatores, tanto de ordem interna ou estrutural como de ordem externa ou social” (Monteiro, 2000, p. 59)

comece então a conceber e a desenvolver o estudo da língua dentro das comunidades de fala onde elas ocorrem.

Assim, entendendo a variação como um princípio geral e universal, a SV, acredita que as estruturas linguísticas não são acidentais mas sim motivadas. Qualquer falante atento é capaz de identificar, na sua própria língua, fenômenos em variação, ou seja, uma **variável**, “o conjunto constituído pelos diferentes modos de realizar a mesma coisa (um fonema, um signo...)” (Calvet, 2002, p.90) e faz uso delas. Essas variações podem ser sistematizadas, organizadas, passíveis de serem quantificadas. Como refere Beline (2007, p. 135) “Fazer análises quantitativas é a palavra de ordem da Sociolinguística Variacionista.” Por conseguinte, trabalha com dados estatísticos.

Em suma, a nova concepção de língua como um sistema heterogêneo, traz consigo um outro pressuposto, o de que ela não comporta, apenas, **regras categóricas**, invariantes, “conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados” (Monteiro, 2000, p.58), mas também **regras variáveis**. Deste modo, a teoria da variação cria os seus próprios pressupostos metodológicos, a fim de analisar e sistematizar a variação linguística.

Postula-se que, o conhecimento do funcionamento do sistema linguístico de qualquer língua passa não só por conhecer a sua estrutura interna, mas também por conhecer as pressões sociais. Assim, a SV, trabalha com o uso concreto da língua, o vernáculo usado numa determinada comunidade de fala e procura quantificar a variação de modo a poder demonstrar a sua sistematicidade.

Assim, a **variação social** constitui o seu objeto de estudo, integrando, os fatores linguísticos aos extralinguísticos, ou seja, analisando a língua no seu contexto social, articulando a variação e a mudança linguística:

Há muitas provas a sugerir que a variação sincrónica na comunidade falante constitui precisamente o meio através do qual progride a mudança linguística, com as pressões sociais a dirigir a promoção e a despromoção (e assim a sobrevivência ou a morte) de variantes alternativas.” (Bynon, apud Marquilhas, 1996, p. 583)

Por isso, a idade é um fator muito importante, na medida em que, estudos têm mostrado que, tipicamente, os mais jovens têm tendência a terem uma linguagem mais inovadora e as faixas etárias mais velhas a usar as variantes padronizadas e de maior prestígio. Assim sendo, a idade possibilita compreender o sentido da mudança: a variação estável, se não

existirem diferenças em função a faixa etária; a variação em progresso, se as formas inovadoras são usadas pelos mais jovens, e vão perdendo frequência nos mais velhos, sendo que uma dada mudança linguística é considerada realizada quando passa a ser usada mesmo pelas faixas etárias mais velhas, pelos falantes mais instruídos, nos média e na escrita.

O **material básico de análise** é, como referido antes, a língua em situações concretas de uso, a língua falada, o **vernáculo**, definido por Tarallo (2003, p. 19) como o “veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face.” Sabe-se que as circunstâncias determinam o uso que se faz da língua. Os falantes optam por determinadas formas consoante as circunstâncias e a pessoa com quem se está a interagir. Disto resulta variações linguísticas, a existência de diferentes formas para se referir a uma mesma coisa, as variantes. Como poderá proceder o pesquisador para conseguir determinar os fatores que condicionam a variação de um determinado facto linguístico? A SV, como foi referido, possui um protocolo que deve ser seguido, caso o pesquisador opte por esta abordagem, isto é, determinar a regra variável pela via estatística, ou seja, pela quantificação.

Veja-se então quais são os procedimentos metodológicos seguidos por esta abordagem.

Para se estudar a variação de um determinado fenómeno linguístico, o pesquisador deverá seguir alguns passos (Tarallo, 2003; Beline, 2007, entre outros):

1. Selecionar a comunidade de fala a ser estudada. Pode ser um grupo pequeno ou grande, rural ou urbano;
2. Identificar uma questão linguística a ser analisada, o facto linguístico, a variável dependente;
3. Recolher dados, amostra do vernáculo dos falantes. Os dados ou corpus devem ser obtidos pelo pesquisador por meio de gravação de conversas, ou seja, entrevistas sociolinguísticas ou de narrativas individuais. Seleciona-se os informantes a partir de uma amostra representativa que pode garantir a possibilidade de generalização.
4. Levantar hipóteses explicativas, ou seja, variáveis independentes (linguísticas e sociais) que condicionam a variante em determinada circunstância;
5. Fazer a análise quantitativa dos dados, comparando cada variável independente com a dependente. Existem programas estatísticos

especialmente elaborados para o tratamento dos dados linguísticos, como o VARBRUL e o Goldvarb. Eles fornecem os pesos relativos com que cada fator linguístico e extralinguístico está correlacionado ao uso de uma variante;

6. Elaborar regras gramaticais que demonstrem variação (regras variáveis);

Disto resulta que, a explicação da realização de um determinado fenómeno linguístico, como por exemplo a concordância nominal, poderá contar com diferentes regras de uso. Esta conceção implica uma abordagem diferente do conceito de norma. O que será então a Norma Linguística, se para a SV o que conta são as diferentes regras de uso?

No próximo tópico, esclarece-se o conceito de Norma Linguística à luz da SV.

1.4 Norma: esclarecendo o conceito

Neste item explicita-se o conceito de norma na perspetiva linguística, diferentes perceções e conceções usadas habitualmente, entre as quais aquelas que distinguem Norma Culta (NC) de Norma-Padrão (NP). Com efeito, estes termos são usados com muita frequência em alguns trabalhos e instrumentos linguísticos aqui analisados, nomeadamente gramáticas e estudos descritivos (maioritariamente estudos da Norma Culta Brasileira), pelo que se faz necessário esclarecê-los de modo a que os leitores deste trabalho estejam cientes daquilo a que se referem. Outrossim, é de frisar que se opera com dados recolhidos de falantes considerados “cultos” (conceito também a ser clarificado), com o intuito de procurar uma “possível” tendência de regência dos VMD no PCV, uma variedade da LP (embora ainda não descrita), portanto, na perspetiva de alguns estudiosos uma norma, como mais adiante se clarifica.

Começa-se então pelo conceito de norma, desde o uso mais comum do termo até às perspetivas e estudos linguísticos, dos mais antigos às conceções mais recentes.

A palavra norma é usada com muita frequência na fala comum das pessoas, nas mais diversas áreas e situações do dia-a-dia e com os mais variados sentidos, até opostos. Muitas vezes, ouvimos as seguintes expressões: “isto é contra a norma”, “a norma é esta”, “deve-se seguir a norma”, “a norma diz assim”, “por norma fazemos ou dizemos assim ou assado”, entre outras. Por conseguinte, se algumas das expressões se referem a deveres e obrigações, outras referem-se àquilo que é normal, é prática, o comum. Por exemplo, o dicionário de português *online* da Porto Editora apresenta cinco entradas com o primeiro sentido: 1. regra de procedimento; 2. princípio, e preceito; 3. Direito, lei; 4. Direção; 5.

modelo, padrão. Relativamente à área da Gramática, indica-se duas concepções: 1. Série de princípios que deve ser escolhido entre os usos de uma língua tendo em conta um dado ideal estético ou sociocultural; 2. Tudo o que é de uso comum ou corrente num dado grupo linguístico.

No campo da língua o termo é ainda muito mais corriqueiro, particularmente, no espaço escolar e também quando se discute questões de uso. Por exemplo, no nosso meio, quando se refere ao uso e ensino da LP, costuma-se ouvir dizer que se segue a norma padrão, referindo-se ao Português de Portugal (Lisboeta), mais concretamente, às regras prescritas nas gramáticas tradicionais, como a antiga gramática de José Maria Relvas, para muitos tida como o referencial da LP, que é o ideal de muitos daqueles que se consideram cultos (pessoas com grau de escolaridade conferente a uma licenciatura ou mais) e a que aspiram e remetem. No entanto, sabe-se que, não há indicações oficiais sobre este assunto.

Muito já se discutiu sobre a Norma Linguística (NL, doravante) e é possível encontrar várias referências sobre o assunto. Todavia, pelas leituras feitas, a primeira sensação que se tem é que, não há consenso, logo, não será fácil fixar um conceito. Confirma-se esta sensação com as palavras da professora Marli Quadros Leite, num apontamento escrito para discussão com alunos de pós-graduação (Leite, s/d, p.16), em que ela reconhece que o tratamento da norma no campo linguístico não tem sido pacífico.

Quanto à origem do termo *norma*, a supracitada autora (op. cit, p.2) analisa o seu percurso na língua francesa e na LP, através de dicionários e enciclopédias. No francês observa que a palavra evoluiu do conceito de *usage*. Assim, o conceito de NL terá sido construído a partir do conhecimento e definição de *uso*, nomeadamente, do uso em geral, do hábito linguístico dos que falam a língua, de um lado, e do uso particular, o “bom uso”, de outro.

Leite (idem) refere que, no campo da linguística, especialmente a estruturalista, autores como Aurox (1998), firmados nas ideias de Durkheim, afirmam que, sendo a língua um facto social, ela é normativa, e, conseqüentemente, pode ser estudada a partir do ser e do dever-ser. A autora também analisa o conceito na perspectiva sociolinguística que trabalha com as noções de uso/norma a partir de uma concepção que se quer objetiva, isto é, da relação uso/quantidade. Desta análise Leite conclui que, a NL é muito complexa e que a análise quantitativa não é suficiente para traduzir o uso em norma. No entanto, admite que a NL se construa sobre o uso que, adotado, se fixa socialmente.

Gamardi (1983, p.62) fala em *normas* e distingue dois termos, a saber: **norma** e **sobrenorma**. Seguindo os pressupostos de Fishman, concorda que quando se refere à codificação e à normalização de uma variedade, como um produto tipicamente social, esta corresponde a “o bom uso” ou ainda a “norma”. Porém, dentro deste sistema, distingue aquilo que é o uso correto do uso imposto como sendo o mais correto ou o mais prestigioso por uma parte da sociedade, sendo que ao primeiro designa de **norma** e ao segundo, **sobrenorma**, ambas instituições sociais, imposições sociais.

A sobrenorma é determinada por um sistema de instruções que se justifica apenas para aqueles que pretendem ascensão e afirmação social, portanto é adquirida no meio escolar e começa a ser imposta sistematicamente à criança desde o início da escolarização. Por conseguinte, apresenta uma grande rigidez. Enquanto a norma é conhecida em toda a comunidade, logo, maleável devido às suas condições de aquisição, no caso, por injunção social, a sobrenorma só está ligada a determinadas sociedades e não tem nada de inevitável.

Pelo que, Gamardi (op. cit, p. 65) distingue **norma ativa** (aquela que irá regular imperativamente o emprego pessoal da língua, da **norma passiva** (procedimentos linguísticos aos quais o futuro membro da sociedade complexa teria estado exposto durante o seu período de aquisição da linguagem, a tolerância involuntária, adquirida ao mesmo tempo que os hábitos linguísticos).

Assim, esta autora defende a ideia de existência de categorias de normas, numa visão hierarquizada, consoante a hierarquia social: norma, aquilo que está na base, o normal, reconhecido por boa parte da sociedade e sobrenorma, aquilo que está acima da norma, de uso de um grupo restrito ou por um grupo específico.

Mateus e Cardeira, (2007, p. 13) designam de *norma* a variedade da língua que se destaca e atua como modelo e ideal linguístico de uma dada comunidade. Se se analisar esta ideia, percebe-se que, implicitamente, as autoras admitem uma certa hierarquização entre as variedades, embora concordem que a escolha de uma variedade como norma não seja por razões linguísticas, ou seja, por “incapacidade” das outras, mas por fatores não linguísticos, como os históricos, culturais, políticos, entre outros. Portanto, a norma corresponderia àquilo que Gamardi designa de *sobrenorma*. No entanto, contrariamente a esta autora, Mateus e Cardeira (op. cit.) entendem que a norma deve ser dominada por todos os usuários da língua, um padrão supradialetal que permite a comunicação entre

falantes dos quatro cantos do mundo. De forma precisa, dizem que “Norma linguística é a modalidade linguística escolhida por uma sociedade enquanto modelo de comunicação – é um modelo, um padrão supradialetal e pode caracterizar-se em duas vertentes: a escrita e a oral.” Assim, a norma seria adquirida pela via do ensino formal, portanto, a escola teria este papel de regular o comportamento linguístico dos falantes, com vista à ascensão social e os média, particularmente a televisão seria o maior meio difusor.

Cunha e Cintra (1999, p.5) têm uma perspectiva diferente. Embora não apresentem um conceito concreto do termo norma, a sua abordagem é feita em associação ao de **correção idiomática**. Defendem uma moderação entre as posições extremadas de linguistas modernos como Adolf Noreen e Jespersen, um aproveitamento harmonioso dessas forças contrárias. Assim, amparando-se em ideias de linguistas como Conseriu e Roman Jakobson, os autores afirmam que, se uma língua pode abarcar vários sistemas, ou seja, as formas ideais de sua realização, sua dinamicidade, o seu modo de fazer-se, pode também **admitir várias normas**, que representam modelos, escolhas que se consagram dentro das possibilidades de realização de um sistema linguístico. Assim, para os autores (op. cit, p.8):

A norma pode variar no seio de uma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico, diastrático, diafásico. Este conceito linguístico de norma, que implica um maior liberalismo gramatical, é o que convém adotar para a comunidade de fala portuguesa.

Como se pode ver, estes autores assumem uma conceção ampla e abrangente de norma, atrelada à questão da heterogeneidade da língua e do seu ensino e, conseqüentemente, a conceção de correção linguística mais flexível, de acordo com os contextos e circunstâncias.

Portanto, na perspectiva de Cunha & Cintra (idem), não há uma hierarquia entre as normas, nenhuma é melhor do que a outra, todas são válidas e, no caso da LP, não há uma norma, há várias normas linguísticas consoante a variedade linguística e, neste caso, todas devem ser alvo de ensino. Ou seja, trata-se de uma língua pluricêntrica: (Batoréo H. J., 2014 e 2016):

São consideradas tipicamente pluricêntricas as línguas que apresentam diferentes variedades faladas em diversos países ou regiões distintas, com um ou mais núcleos nacionais, isto é, com uma ou mais normas nacionais próprias, aceites e estudadas em termos linguísticos como iguais sem preconceito ou inferioridade em relação à variedade historicamente mais antiga e economicamente mais poderosa. (Batoréo H. K., 2016, p. 2-3)

Na mesma linha de ideias, Bechara (2009, p. 42) diz que a “norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “assim, e não de outra maneira”. Por conseguinte, depreende-se que a norma é vista como aquilo que é normal, habitual.

Numa obra recente, Faraco & Zilles (2017, p. 7) apresentam dois **conceitos técnicos de norma**, aquilo que é o entendimento geral da norma, vista em duas perspetivas:

- uma **geral**, em que norma é concebida como “o que se diz” ou “como se diz”, “norma normal”, equivalendo a toda e qualquer variedade linguística, o habitual, a realidade linguística, o que se costuma dizer;
- uma **específica**, em que norma corresponde a “o como se deve dizer”, “norma normativa”, equivale a um conjunto de preceitos que definem o chamado “bom uso”, o uso socialmente prestigiado, um ideal de língua que serve de referência (de régua) e que visa controlar o comportamento linguístico dos falantes num determinado contexto.

Como se pode observar, é esta a visão do explicitado por Gamardi (op. cit), ou seja, o entendimento de haver uma escala hierárquica: o normal e o que está acima do normal.

No entanto, Faraco & Zilles (op. cit) opõem-se a esta perspetiva, e na mesma linha de Cunha & Cintra (1999) e Bechara (op. cit) defendem que o uso da expressão “norma da língua” é inadequada, porque existe uma pluralidade de “normas normais”, sendo que a **língua comporta várias normas ou variedades**.

Cada uma das “normas normais” reúne traços específicos aos níveis fonéticos-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos e discursivos que a distingue das demais e, normalmente, estão relacionadas a espaços (sócio) geográfico, **formas de dizer de cada região**. Isto prova a heterogeneidade linguística que é o reflexo da heterogeneidade social, ou seja, a sociedade como um todo contém várias comunidades e, cada uma em princípio corresponde a uma **comunidade de fala**. Estes autores dizem que, “O estar juntos num grupo, compartilhando espaço-geográfico, atividades económicas, práticas culturais, redes de relacionamento, etc., - induz o grupo a compartilhar também características linguísticas, ou seja, uma “norma normal.” Fundamentando-se em Dante Lucchesi (2015, p.75), apresentam três princípios para se definir uma comunidade de fala, isto é, um grupo social que compartilha: a) determinadas características linguísticas; b) atitudes valorativas frente a factos linguísticos; c) tendências de mudança linguística.

Com base nestes pressupostos, pode-se dizer que existe uma comunidade de fala em CV, um grupo constituído por aqueles que fazem uso da LP no seu dia-a-dia, que neste caso, são aqueles que circulam pelos órgãos administrativos, de poder e no espaço escolar, resumindo, espaços formais, já que o Português não é usado em situações quotidianas, assim sendo, pessoas com algum nível de escolaridade, com o nível superior, que é o requisito base para se entrar nesse círculo. Daí que, nesta perspetiva, entende-se que, se se pretende estudar o PCV, a população alvo de onde se deve extrair as amostras deve ser esta camada social.

Faraco & Zilles (2017) afirmam que, a denominada “norma normativa” é um arranjo, um constructo, um conjunto de preceitos padronizados que visa uniformizar o uso da língua em determinados contextos, por forma a impedir as variações e mudanças linguísticas inerentes. No entanto, entendem que a “norma normativa” não serve para todos os contextos, apenas para os usos formais, em que os falantes monitoram a sua fala.

Então, nesta perspetiva, diríamos que, em Cabo Verde, e no que respeita à LP, a “norma normativa” seria a norma europeia, tomada tacitamente, como a norma de referência e a “norma normal” será aquela resultante da descrição do como aqueles que a usam a LP em CV, ou seja, nos contextos formais (comunicação social, escola, meio político, administrativo), e que deveria constitui o referencial e não uma outra norma, exterior à comunidade de fala, e com a qual não se tem um contacto robusto.

Para esta conceção concorrem Mateus & Cardeira (2007) e Faraco & Zilles, op. cit) que distinguem norma culta de norma padrão. Defendem que **norma culta** designa tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram cultos, que dominam a cultura escrita, uma “norma normal”, porque é uma das tantas normas presentes na dinâmica corrente, viva, do funcionamento social da língua, enquanto **norma padrão** é a expressão que designa a “norma normativa”, isto é, o conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador o uso em determinados contextos, um modelo idealizado, construído para fins específicos.

Seguindo a linha de ideias destes autores, particularmente de Faraco (2002), Guerra (s/d), em seu artigo “Norma Culta e Norma Padrão: Desfazendo os sinónimos”, diz que, no contexto brasileiro muitas vezes os termos norma culta e norma padrão são usados erroneamente como sinónimos, porém designam variedades linguísticas diferentes. Cita Faraco (op. cit) que esclarece que **norma culta** diz respeito à variedade utilizada pelas

peças que têm proximidade com a modalidade escrita e, portanto, possuem uma fala mais próxima das regras de tal modalidade. A **norma padrão** seria aquela carregada de preconceitos em relação às demais variedades e que tem como objetivo, como o próprio nome diz, a padronização da língua, considerando tudo o que é diferente a ela como erro.

Neste sentido, Bagno (2011, p. 31), acrescenta que esta concepção de norma padrão é o modelo prescritivo de língua da tradição gramatical, que impõe um modelo de língua extremamente idealizado, construído com base nos usos de um grupo não muito amplo de escritores. Ele considera que esta norma não corresponde àquilo que é usado pelos falantes. Este autor também diferencia o normativo (aquilo que é ditado, o obrigatório, ou seja, a norma padrão), da norma normal (surgido e difundido no seio da comunidade). No entanto, reconhece que muitas vezes a norma padrão tradicional perde espaço para a **norma real**, habitual, normal, pelos usos feitos pelos falantes em suas atividades linguísticas cotidianas.

Em suma, do exposto neste tópico, pode-se concluir que a palavra norma é um conceito que encerra em si sentidos antagônicos: por um lado, como aquilo que é natural, o costumeiro, habitual, aquilo que é comum e, por outro lado, aquilo que é lei, imposto, exigido, regras que devem ser cumpridas e que, conseqüentemente, sua desobediência traz punição.

Também, verificou-se que, no campo da língua, norma é um conceito muito debatido e controverso, devido, exatamente à extensão dos sentidos supracitados. Se, por um lado, alguns definem norma linguística ou de uma língua como aquilo que se diz, o normal, havendo neste sentido várias normas “normais”, porque cada comunidade linguística ou de fala tem as suas próprias normas, por outro, designa também aquilo que é regra, que é tido como o correto, o bom uso.

Nesta linha de ideias, não há uma única norma, a palavra deve ser usada no plural “normas”, ou seja, aquelas que são normais e aquelas que são impostas. Disto resulta o associar à palavra alguns qualificativos como padrão, culta, popular, entre outros. Leite (s/d, p.17) apresenta alguns destes qualificativos de uso comum como: culta vs. não culta/inculta ou popular; padrão vs. não padrão; prescritiva (ou canônica) vs. descritiva. Porém, como a referida autora diz, “nenhuma denominação recobre satisfatória e completamente o significado do fenômeno da norma.

Por tudo isto fica exposto que, quando, neste trabalho, nos referimos a uma norma para o PCV, queremos referir ao uso dos falantes cultos da língua portuguesa em LP, como é comum fazer-se. Na verdade, por um lado, e como demonstra Lopes (2016), o domínio dessa língua, L2 em Cabo Verde, está relacionado ao nível de escolaridade e, por outro, os contextos correntes de uso da LP no país são formais.

2. A Regência dos verbos de movimento direcional: Revisão da Literatura

2.1 Breve enquadramento

Neste capítulo, faz-se uma exposição teórica sobre o fenómeno linguístico objeto de estudo desta pesquisa, a **regência dos verbos de movimento direcionais** (VMD, doravante) com base na leitura de gramáticas normativas e descritivas, mas também através de estudos e pesquisas descritivas, realizadas nalgumas variedades da LP, de modo a demonstrar a variação do fenómeno e a diversidade linguística na própria LP.

O estudo destes verbos torna-se pertinente na medida em que são de uso corrente, pois representam ações quotidianas de qualquer ser humano, seja em que língua for. A vida do homem é dinâmica e é feita através das ações opostas, ir e vir, chegar e partir, entrar e sair, regressar e voltar, entre outras. O homem precisa de se movimentar, de se deslocar de um lugar para outro. A sabedoria popular diz que parar é morrer. Por essas ações fazerem parte do quotidiano do homem, sua constante verbalização é um imperativo. E, elas se concretizam através dos verbos com sentido de movimento direcional.

Por isso, importa conhecer a regência de alguns desses verbos, os mais comuns, nas diferentes variedades, até como uma forma de compreender a tendência que a língua vem tomando nesta matéria. Gonçalves (1996, p. 316) é da mesma opinião quando afirma que, o facto de os verbos de movimento direcionais pertencerem ao léxico do discurso corrente torna relativamente importante o estudo deste fenómeno linguístico.

Sabe-se que cada tipo de verbo, pelo menos em LP, obedece a determinadas regras de seleção categorial, ou seja, tem um quadro de regência próprio. O domínio/conhecimento pleno da LP passa por conhecer essas normas de regência, não só as da norma padrão europeia, a norma referência para o ensino, como foi referido, mas também das outras variedades que já possuem estudos descritivos, nomeadamente o Português do Brasil (PB), o Português de Moçambique (PM) e o de São Tomé e Príncipe (PST). Pelo que, num primeiro momento, explicita-se o que algumas gramáticas tradicionais e normativas

determinam e, seguidamente, apresenta-se os resultados de alguns estudos sociolinguísticos conhecidos relativamente à matéria em questão.

Esta pesquisa parte da observação empírica de que o uso de alguns VMD, por falantes cultos da LP em Cabo Verde, não segue o prescrito em algumas gramáticas, particularmente as mais tradicionais e normativas e que muitas vezes são tidas como “a norma”. Aliás, observa-se que o uso das preposições é por si só um fenómeno muito variável. Tal se verifica, por exemplo, com os verbos de movimento que indicam a direção de uma pessoa ou objeto.

De acordo com as gramáticas normativas, normalmente, a regência desses verbos indica que, quando são acompanhados de um complemento locativo devem reger as preposições de movimento *a* ou *para* e nunca o *em*, com exceção é claro do verbo entrar. Contudo, da constatação empírica daquilo que se tem ouvido, percebe-se que o uso da preposição *a* é menos frequente do que o da preposição *para* e, há casos em que se usa mesmo a preposição *em*, que tipicamente, não é uma preposição de movimento. É comum ouvir, mesmo na comunicação social, alguns falantes cultos, jornalistas, políticos e outros dizerem frases como: Esta semana, chegou em Cabo Verde, uma equipa de trabalho.

Alguns investigadores como, por exemplo, Cardoso (2005, pp.132-133, 154), consideram tratar-se de uma interferência da Língua Cabo-verdiana (LCV) devido ao facto da preposição *a* não ocorrer nesta língua e a preposição *em*, ao contrário da LP, poder expressar a ideia de movimento, em alguns contextos. Por exemplo: “*E bai na kaza Roza*”/ Ela(e) foi à casa da Rosa. Contudo, tal hipótese poderá ser questionada, já que, como se verá mais à frente, o fenómeno aqui investigado é possível de ser encontrado nalgumas variedades da LP já descritas, nomeadamente no PB, no PM e no PST. Levanta-se assim a hipótese de que, à semelhança das outras variedades, poder ser também uma característica do português falado em Cabo Verde, o PCV, mas integrado numa tendência atual de mudança linguística global da LP.

Veja-se então o que se entende por VMD e qual é a sua regência. Como já foi dito, a exposição é feita com fundamento em algumas gramáticas normativas e descritivas de uso frequente e de referência académica e também nas pesquisas sociolinguísticas realizadas nalgumas variedades da LP. Estes estudos têm evidenciado a variação da regência dos VMD e a diversidade linguísticas da própria língua, no contexto de uso atual, em cada um dos países onde a LP é língua oficial.

2.2 Um olhar sobre as gramáticas

Nesta subsecção vai tratar-se de dois subtópicos: o conceito de verbo e de verbos de movimento direcional, identificando e reconhecendo a sua regência. Inicia-se pelo conceito de verbo.

2.2.1 Conceito de verbo

Os gramáticos Cunha e Cintra (1999, p. 377) definem verbo como sendo “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Analisando o conceito, pode-se perceber o seu caráter abstrato, pouco preciso, pois o que se passa, os acontecimentos, podem ser de diferente natureza, desde situações estáticas às dinâmicas, sendo portanto um conceito pouco esclarecedor no tocante à questão de se precisar o que são os verbos, sua natureza e categorização.

Por seu lado, Nunes, Oliveira, & Sardinha (1992, p. 113) referem que “os verbos exprimem ações, qualidades ou estados, situando-os no tempo. Assim, estas autoras especificam o que, grosso modo, Cunha e Cintra (op. cit) designam de acontecimentos representados no tempo: ações, qualidades ou estados.

Na mesma linha, Gramado (1999, p. 9), no seu Dicionário de Verbos Portugueses, também apresenta um conceito bem específico sobre o que seria esse “acontecimento” expresso pelo verbo, embora conceptualize o verbo numa perspetiva bipartida e dicotómica. Assim, diz que verbo é “...palavra variável que indica o que acontece em relação ao tempo, isto é, **ação** desempenhada pelo sujeito ou o **estado** em que ele se encontra.”

Embora o conceito de Gramado (op. cit) seja mais concreto e esclarecedor do que os anteriormente apresentados, não deixa de ser pouco preciso, pois as ações não se constituem, exclusivamente de movimentos (podem ser também atividades) e ainda porque, nem todos os movimentos são da mesma natureza (como se verá mais adiante). Há movimentos que acontecem sem necessariamente haver um deslocamento enquanto, outros não, pelo que convém distingui-los.

Indo numa outra direção, Bechara, 2009, p. 209) diz que o verbo deve ser entendido como “a unidade de significado categorial que se caracteriza por um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”. Nota-se então que, dos conceitos apresentados, este é o único que não define o verbo pelo viés da noção semântica, mas sim, pelo significado

categorial, ou seja, pela forma como o verbo se organiza e se comporta para poder ter determinado sentido. Nesta perspetiva, a sintaxe sobrepõe-se à semântica.

A aceção de Raposo (2013, p. 329) é mais concreta pormenorizada e específica, quando afirma que os verbos são “palavras cujos elementos mais típicos denotam ações, atividades, processos ou estados”. Fazendo uso desta definição (op. cit), precisa-se a natureza e variedade tipológica dos verbos, pelo que, neste sentido, pode-se enquadrar os verbos que aqui se pretende estudar como, aqueles que denotam ações, as de movimento direcional, que expressam a ideia de deslocamento de uma pessoa ou objeto de um lugar para outro.

Das conceções aqui apresentadas com exceção de Bechara (idem) que define verbo pelo viés da sintaxe, percebe-se então que a maioria se assenta essencialmente na sua natureza semântica, ou seja, no sentido que o verbo assume, o tipo de situações que um verbo pode descrever.

2.2.2 Os verbos de movimentos

Os conceitos de verbos analisados em 2.2.1 dão a entender que a classificação tipológica dos verbos passa pela sua natureza semântica. A noção semântica comum que se tem da palavra movimento permite situar os VM na categoria das situações ou acontecimentos que denotam ações, pois, entende-se que o movimento não é uma situação estática, mas sim dinâmica.

Na verdade, numa compreensão superficial do conceito de movimento, pode parecer fácil, logo à primeira, objetivar o que são os VM. No entanto, uma análise mais demorada deixa entender que se está perante um conceito com um espectro bastante amplo e que, inerentemente, a sua classificação, tanto a nível semântico como sintático, não deve ser **simplificadora**.

Tradicionalmente, o movimento é entendido como uma ação, “ato de mover ou de se mover (...)”⁵. Ou seja, nesta aceção, praticamente, tudo o que o homem faz estaria conotado com o movimento. Nesta linha de pensamento, a maioria dos verbos de uma língua seria de movimento. Por exemplo, o ato de saltar representaria um movimento: o ato de levantar um ou os dois pés do chão e voltar a pô-los no chão. Por outro lado, também, o verbo *ir* seria de movimento: o de se deslocar de um lugar para outro. Percebe-

⁵ In www.infopédia.pt, consultado em 21 de março de 2017

se então, que embora sejam ambos atos de mover ou de se mover, não representam, o mesmo tipo de movimento. No caso de o verbo saltar, não há deslocamento de lugar. O ato ocorre no mesmo lugar. Ao contrário, o verbo *ir*, implica, necessariamente, o movimento de deslocamento de um lugar para outro.

Júnior (2015, p. 33) diz que “De um modo geral, verbos de movimento denotam o deslocamento de um objeto.” Nesta perspectiva, aqueles que não representam deslocamento, como é o caso de “saltar”, não fariam parte dos VM. Este conceito é mais estrito, pois permite então precisar quais seriam então os verbos de movimento. Contudo, pode ser questionável, na medida em que, há movimentos que não implicam necessariamente deslocamento, como ficou provado com o verbo “saltar”.

Como se pode constatar, há diferentes tipos de ações de movimento, que se traduzem também em diferentes tipos de verbos. Tal facto levaria então a uma distinção dos VM, pois será abusivo agrupá-los todos numa mesma categoria.

Constata-se que, a caracterização dos VM não é tão clara, pois, se na verdade o movimento implica ideia de mudança de lugar, significando deslocamento de um lugar para outro, contudo, alguns estudiosos do assunto, nomeadamente Talmy (2000), Pinker (1989) e Ramchand (2008) citados por Rammé e Wachowicz (2014), entendem que nem todo o movimento implica necessariamente um deslocamento espacial. Há vários tipos de movimento, pelo que se deve especificar o tipo de movimento a que se refere e classificá-los usando este critério.

Por exemplo, Talmy (2000) citado por Júnior (op. cit, p.27) considera que as diferentes formas como a ideia de movimento são captadas pelas línguas naturais leva à distinção das línguas em dois tipos: as línguas com *frame* no satélite e línguas com *frame* no verbo. Nas primeiras, fundem-se a noção de movimento e modo e a trajetória é indicada pelos satélites (outros elementos ligados ao verbo), nas línguas com *frame* no verbo, o verbo principal funde a noção de movimento e trajetória, e o modo é expresso por uma subordinada.

E, nesta linha, a estudiosa passa então a classificar os VM dicotomicamente em: verbos que fundem movimento e modo e verbos que fundem movimento e trajetória, considerando haver diferenças sintáticas e semânticas entre essas duas classes. O primeiro tipo (verbos de movimento e modo) descreve o movimento do objeto sem que haja uma

referência a uma trajetória, enquanto os de movimento e trajetória já o fazem, ou seja, indicam o trajeto (origem e meta ou destino).

Não obstante não ser objeto de apreciação, neste trabalho, a discussão em torno da questão da classificação dos VM, a teoria de Talmy (op. cit.) tem algum interesse, na medida em que, permite precisar os verbos em estudo (ir e vir, chegar, sair, entrar, voltar, regressar e partir).

Esses indicam uma situação que exprime localização espacial, numa perspectiva dinâmica, por isso, de movimento, de um lugar para outro, de origem ou de destino ou de passagem, portanto, indicam um trajeto ou uma direção. Partindo da classificação de Talmy (2000 e 2001) citado por Júnior (op. cit), os verbos objeto de análise deste trabalho incluir-se-iam na categoria dos **verbos de movimento de trajetória de orientação**, nomeadamente, os de meta e origem, ou seja, fonte, locativo e alvo na terminologia de Duarte e Brito (2003).

Com efeito, estas autoras (op. cit, p.191) apresentam a categorização dos verbos de acordo com a sua natureza aspetual e distinguem apenas duas grandes categorias: os verbos que exprimem estados, isto é, situações não dinâmicas, **os estativos**, e os que permitem descrever situações dinâmicas, em que pelo menos uma das entidades realiza ou sofre um dado “fazer” ou muda eventualmente de lugar, os **não estativos**.

Nesta perspectiva, **os VMD, se situariam na segunda categoria, os não estativos**, já que o movimento direcional é uma situação dinâmica que exprime mudança de lugar. As supracitadas autoras (op. cit), diferenciam estas duas categorias pela possibilidade ou não da sua ocorrência na forma imperativa, sendo que os estativos não admitem a forma imperativa. Apresentam os seguintes exemplos:

(1)

- a) Guia o jipe!.
- b) Rebola na relva!
- c) Escreve lá!
- d) Parte o chocolate!
- e) Nasce, por favor!
- f) Cai bem!

(2)

- a) *Está deitado!
- b) *Fica em Alverca!

Os verbos em estudo aceitam a forma imperativa, como se pode ver nos exemplos seguintes:

(3)

- a) **Vai** para casa.
- b) **Vem** cá, por favor.
- c) **Chega-te** a mim.
- d) **Saia** daqui
- e) **Entre** na sala.
- f) **Volta** ao país.
- g) **Regresse** para o trabalho.
- h) **Parte** imediatamente.

Assim, seguindo esta categorização, os VMD fariam parte da categoria dos **não estativos**. Ainda, dentro da categoria dos não estativos, portanto, dinâmicos, há diferentes subcategorias: as situações dinâmicas que tendem para um fim, as **télicas** e as que não tendem para um fim, as **atélicas**. Ainda, apresentam a subcategoria dos que têm uma duração e dos que não têm. E, por fim, dos que têm ou não estado resultante.

Nesta linha, os VMD se situariam nas situações de nenhuma duração, como se pode conferir com as frases em (3), pois representam ações pontuais.

Afunilando-se mais, ainda na perspectiva destas autoras (*idem*), as situações dinâmicas distinguem-se entre si por tenderem ou não para um fim, (i.e. por serem, respetivamente, télicas e atélicas), por terem ou não duração e por terem ou não estado resultante. As situações dinâmicas atélicas são chamadas de **processos** e as télicas, que se distinguem pela duração, são designadas de: **processos culminados** (as de duração razoavelmente longa) e em **culminações** e **pontos** (as de duração breve ou nenhuma duração). As culminações, por terem pouca ou nenhuma duração, admitem geralmente adverbiais pontuais (cf. exemplos 2), enquanto as de processos culminados, dificilmente admitem advérbios de realização (cf. 3). Sendo assim, apresenta-se alguns exemplos a seguir para testar onde se situam os verbos aqui analisados:

(4)

- a) O Ido *foi* à casa às 7H00.
- b) A Ana *veio* de manhã.
- c) O Pedro *chegou* há dois dias.
- d) Eles *sáiram* há pouco.
- e) Os alunos *entraram* agora mesmo.
- f) *Voltaram* logo.
- g) O avião *partiu* há duas horas.
- h) Elas *regressaram* à mesma hora.

(5)

- a) *O Ivo *foi* em casa às 7H00.
- b) *A Ana *veio* em de manhã.
- c) *O Pedro *chegou* em dois dias.
- d) *O avião *partiu* em duas horas.
- e) *Os alunos *entraram* em agora mesmo.
- f) *Eles *sáiram* em agora mesmo.

Acrescenta-se ainda que, enquanto processos culminados e culminações são situações que têm como uma das suas componentes um estado consequente, os pontos não têm. Neste caso, os VMD serão pontos, pois não admitem um estado consequente. As frases seguintes ilustram o que acima foi explicado:

(6)

- a) O Ivo *foi*.
- b) A Ana *veio*.
- c) O Pedro *chegou*.
- d) Eles *sáiram*.
- e) *Entraram*.
- f) *Voltaram*.
- g) *Regressaram*.
- h) O avião *partiu*.

(7)

- a) *O Ivo *está ido*.
- b) *A Ana *está vindo*.
- c) *O Pedro *está chegado*.
- d) *O avião *está partido*.
- e) *Os alunos *estão entrados*
- f) *Eles *estão saídos*.

Em suma, Duarte e Brito (idem, p. 195) afirmam que uma das tipologias de verbos que exprimem processos são os de movimento e, elas referem a uma tipologia verbal designada de verbos de movimento. Ao mesmo tempo, chamam de **verbos de culminação, predicados unários de movimento, de aparecimento e desaparecimento em cena, de mudança de estado** e referem concretamente a dois dos verbos aqui em estudo: o *chegar* e o *sair*.

Os VM são, o que Raposo e Gonçalves (2013, p.1182) designam de **verbos de localização espacial ou de movimento**, referindo-se àqueles que são acompanhados de “complementos oblíquos preposicionados que denotam a localização de uma entidade”. Acrescentam ainda que, os complementos que acompanham esses verbos “chamam-se complementos de lugar onde, os que denotam a origem chamam-se complementos de

lugar de onde; os que denotam a meta, complementos de lugar a/para onde; e os que denotam o lugar de passagem, complementos de lugar por onde”.

Neste caso, **este trabalho está circunscrito aos verbos que selecionam complementos de lugar a/para onde (meta), ou seja, aqueles que indicam direção**. São considerados apenas os casos em que esses verbos expressam movimento e possuem um complemento circunstancial representado por um sintagma preposicional.

Deste modo, fariam parte desta subcategoria, verbos como: *ir e vir, chegar e partir, entrar e sair, regressar, voltar*, entre outros.

As frases a seguir apresentadas são exemplos que podem ser elucidativos:

Verbo ir a/para – movimentar-se numa direção, dirigir-se:

(8)

- a) Todos os dias vou ao supermercado. (curta duração)
- b) A Maria foi para França para ficar com os filhos. (longa duração, foi lá residir).

Verbo vir a/para – movimentar-se, deslocar-se:

(9)

- a) A Carla vem à minha casa, todos os dias. (curta duração)
- b) O António veio para a Praia estudar na UNICV. (longa duração, foi lá residir).

Verbo Chegar-se a/para – aproximar-se de:

(10)

- a) Depois de muito andar, chegou à aldeia. (destino)
- b) Chegou ao cargo de Diretor da empresa. (meta)
- c) Chega-te a mim. (meta)

Verbo Voltar a/para:

(11)

- a) O marido voltou para casa, depois de dois anos de emigração. (destino – demora mais longa)
- b) Voltou às velhas glórias. (meta – curta duração).

Verbo Regressar a/para

(12)

- a) Regressava à casa sempre à noite.
- b) Regresso para Portugal dentro de dois dias.

Verbo *Partir* para – sair de um sítio com destino determinado:

(13)

- a) Os pescadores partiram para a faina. (destino)

Verbo *Entrar em* – ingressar em:

(14)

- a) O menino entrou em casa. (destino)

Verbo *Sair* para – passar de dentro para fora

(15)

- a) Saiu para a rua. (destino)
- b) Saiu à rua. (pouca demora)

Nota-se então que, para estes verbos terem o sentido de movimento direcional de deslocamento de um lugar para outro, é necessário que estejam acompanhados de determinadas preposições, as de movimento, isto é, têm uma estrutura argumental própria que, se desrespeitada não lhes confere o sentido de movimento.

Assim, os **verbos de movimento** referem-se às ações, àquelas que indicam uma situação que exprime localização espacial, numa perspetiva dinâmica, por isso, de movimento, de um lugar para outro, de origem, de destino ou de passagem, portanto, direcionais. Por isso, neste estudo são designados de Verbos de Movimento Direcionais (VMD). Contudo, deve-se realçar que essa designação não se enquadra na categorização feita pelas gramáticas normativas, que os designam grosso modo de verbos de movimento.

A seguir descreve-se o comportamento sintático dos VMD, ou seja, a forma como se organizam numa oração.

2.2.3 A Regência dos VMD

As gramáticas normativas são rígidas no concernente à definição estrutural dos verbos. Veja-se então a descrição e comparação das diferentes abordagens sobre esta tipologia verbal em algumas gramáticas.

Como núcleo semântico da oração já que descrevem o tipo de situação descrita pela oração. Veja-se: quem vai, vai a ou para algum lugar, vai de algum lugar para um outro lugar; quem vem, vem a ou para algum lugar, vem de algum lugar para outro lugar; quem chega, chega a algum lugar ou de algum lugar; quem volta, volta a ou para algum lugar; quem regressa, regressa de algum lugar ou a algum lugar; quem parte, parte de algum lugar para outro; quem entra, entra em algum lugar; quem sai, sai de algum lugar para outro.

Falando da projeção em sintaxe dos argumentos verbais, Duarte e Brito (2003, p. 202) esclarecem que há verbos que não asseguram sozinhos a marcação temática dos seus argumentos. Apontam como exemplos, exatamente, alguns dos verbos aqui estudados (ir/vir, entrar/sair, partir/chegar, voltar/regressar), verbos não estativos de movimento e cuja natureza lexical os associa à ideia de mudança de lugar. Referem ainda que, os papéis temáticos de fonte, alvo ou locativo só são atribuídos pela combinação desses verbos com uma preposição específica: *de*, para a fonte, *em* para o locativo, *a* ou *para*, para o alvo.

Neste sentido, são chamados de verbos plenos⁶ ou verbos principais, conforme Raposo e Gonçalves (2013, p. 1156) e Duarte (2003, p.296).

Se, nesses casos, esses verbos, os VMD, são o núcleo da oração, quer dizer então que, eles é que determinam os elementos constituintes da oração, **os argumentos**⁷, ou seja, há uma relação de dependência entre eles e os outros elementos da oração, isto é, destes verbos dependem todos os constituintes que fazem parte da oração, ou seja, regem todos os outros constituintes ou argumentos⁸.

A regência é “A relação de dependência que existe entre o núcleo de um sintagma e os seus complementos” (Raposo e Gonçalves, 2013, p.1160).

No caso dos sintagmas verbais, que é o que interessa, no concreto, já que se fala em regência de uma tipologia verbal, será a relação entre o verbo e os complementos que dele dependem ou que ele seleciona. Neste particular, descreve-se a relação entre VMD e os

⁶ O elemento mais importante do sintagma verbal e da oração, na medida em que determina o número de expressões linguísticas que lhe completam o sentido e que são, por isso, indispensáveis à boa formação semântica e sintática da oração.

⁷ Argumento é definido por Gonçalves e Raposo (2013, p. 1156) como «expressões “pedidas” pelo verbo».

⁸ Duarte e Brito (op. cit, p. 184) distinguem argumentos e adjuntos sendo que, estes últimos «são unidades que fazem parte da interpretação situacional, mas não dependem de nenhum item lexical presente na frase, como acontece com expressões de tempo e muitas expressões de localização espacial.»

seus complementos, os oblíquos preposicionados, como se verá, pelo que, faz-se necessário apresentar mais à frente o referencial teórico sobre o uso das preposições.

Veja-se então, como algumas gramáticas normativas descrevem a regência dos VMD. A abordagem será numa perspectiva diacrónica, tendo como referência a data da publicação das edições em análise.

Uma das gramáticas de uso corrente no nosso meio académico é a de Cunha & Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, cuja primeira edição é de 1984. A edição aqui usada é a 15.^a de 1999.

Tendo em conta a regência verbal, esses autores (op. cit., p. 513) classificam os verbos numa base nocional, segundo a transitividade, distinguindo duas subclasses: os intransitivos e os transitivos. A distinção consiste no seguinte: os primeiros, os verbos intransitivos expressam uma ideia completa, ou seja, não precisam de nenhuma palavra para lhes completar o sentido. Enquanto os segundos, os transitivos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra para lhes integrar o sentido. Segundo esses autores, quando a ligação entre o verbo e o seu complemento é feita diretamente, sem a ajuda de uma preposição intermédia, o complemento é designado de objeto direto e, quando é feita, indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, o complemento é considerado um objeto indireto.

Portanto, na perspectiva de Cunha e Cintra (idem), os verbos objeto deste estudo, os VMD, por precisarem de uma preposição para lhes completar o sentido, assim como outros verbos de natureza semântica diversa, que também precisam de preposições para lhes completar o sentido, seriam classificados de verbos transitivos, no caso, transitivos indiretos.

Percebe-se que esta classificação é simplista e abrangente, pois integra, grosseiramente diferentes tipos de verbos, que apesar de regerem preposições não se podem constituir em verbos da mesma categoria. Ou seja, esta estrutura não é exclusiva dos VMD, podendo também, fazer parte dela, outras tipologias verbais, como por exemplo, alguns verbos de atividade.

Evidencia-se tal facto com os verbos assistir e responder. São dois verbos que precisam da preposição 'a' para lhes completar o sentido. Quem assiste, assiste a alguma coisa ou evento. Quem responde, responde a alguém sobre alguma coisa e/ou responde a alguma

coisa ou a alguém. Como se pode constatar, estes dois verbos não são da mesma natureza semântica que os VMD, pois designam outros tipos de situação, isto relativamente à noção lexical desses verbos.

De frisar ainda que, nalguns contextos, os VMD teriam uma diversidade de regência, podendo também se constituir em verbos intransitivos. Por exemplo, no caso de resposta à seguinte pergunta: O Carlos já chegou à escola? Uma possível resposta seria: Chegou.

Conclui-se assim que, a classificação de Cunha e Cintra (*ibidem*) é pouca prática, dificultando uma análise pormenorizada das diferentes classes verbais.

Uma outra gramática atual e de uso corrente na academia é da organização de Mateus, *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*. Nela, Duarte I., 2003, p. 295) diz que, o primeiro aspeto a ter em conta na descrição da estrutura argumental de um verbo deve ser a indicação do número de argumentos que ele exige.

Assim, com base nas propriedades de seleção categorial e semântica, Duarte (*op. cit*) divide os verbos em três grandes subclasses: a subclasse dos verbos principais, a dos copulativos e a dos auxiliares. Explica que, os verbos principais, que também são denominados de verbos plenos, constituem o núcleo semântico de uma oração e, por sua vez, se subdividem (de acordo com o número de argumentos que selecionam e a função que os argumentos desempenham na oração) em 6 (seis) subclasses, a saber: os verbos ditransitivos, os transitivos de três lugares, os transitivos-predicativos, os transitivos, os de dois lugares com um argumento interno objeto indireto, os de dois lugares com um argumento interno oblíquo, verbos inergativos e inacusativos.

Apresenta-se a seguir um quadro resumo das subclasses dos verbos segundo Duarte (*op. cit*).

Tipologia Verbal	Argumentos verbais	Esquema relacional
Ditransitivos	3 lugares	SU-V-OD-OI
Transitivos	de três lugares predicativos diretos	SU-V-OD-OBL SU-V-OD-PRED (OD) SU-V-OD
Verbos de dois lugares com um argumento interno Objeto Indireto	Dois lugares	SU-V-OI
Verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo	Dois lugares	SU-V-OBL
Inergativos	Um lugar	SU-V
Inacusativos	Um lugar	SU-V
Verbos de Zero lugares	Zero lugares	V

Quadro 1: Classificação dos verbos segundo Duarte (2006)

Olhando para o quadro, a autora (idem, p. 299) afirma que os VMD são verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo. A autora apresenta, em nota de rodapé, uma lista exemplificativa, onde figuram, pelo menos, dois dos verbos de movimento aqui analisados: ir e vir.

Portanto, o **esquema relacional destes VMD** é o seguinte: **SU-V-Obl**. Este esquema deixa claro que esses verbos selecionam dois tipos de argumento: um argumento externo (com função sintática de sujeito) e um argumento interno preposicional ou adverbial com uma relação gramatical de oblíquo de natureza locativa.

As supracitadas autoras (op. cit., p. 294), referem ainda que, os constituintes com as relações ou gramaticais de oblíquos são tipicamente de natureza preposicional, adverbial ou frásica. Como foi referido anteriormente, os VMD objeto de análise, pela sua natureza lexical e semântica, fazem parte do primeiro tipo de oblíquos: os de natureza preposicional, já que selecionam uma preposição de movimento que, semanticamente, lhes completa o sentido. E, esses oblíquos são argumentos de natureza obrigatória, pois, aplicando-se o teste para se distinguir oblíquos complementos de oblíquos adjuntos, pode-se constatar que, não podem ocorrer numa interrogativa segundo o esquema O que é que SU fez OBL? ou O que é que SU OBL?, sendo a resposta mínima não redundante, o SV constituído pelo verbo e pelos respetivos complementos. Comprova-se com o exemplo seguinte e a agramaticalidade das sequências frásicas, quando se aplica o teste:

(16)

O João foi à Praia

P: *O que é que o João fez à Praia?

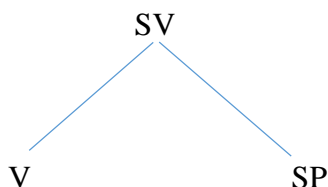
R: *Foi.

P: *O que é que aconteceu a João à Praia?

R: *Foi à Praia.

A estrutura sintática dos SV com verbos que selecionam um SP como os da natureza destes aqui analisados é a seguinte⁹:

⁹ Usamos esta representação para tornar mais claro o que pretendemos. Contudo, este trabalho não se filia na abordagem generativista ou outra qualquer. Adotamos uma abordagem eclética, procurando, no entanto, não confundir ou misturar concepções.



Bechara (2009, p.209), ao contrário, dos outros autores até aqui analisados, não apresenta uma classificação concreta dos verbos. Contesta a tradicional distinção entre verbos nocionais (de predicado verbal) e relacionais (de predicado nominal) e aceita esta distinção apenas do ponto de vista semântico.

No entanto, no concernente à estruturação/organização dos constituintes das orações, estabelece a distinção entre termos nucleares e marginais e termos argumentais e não argumentais, termos opcionais e não opcionais, e, finalmente, termos integráveis e não integráveis.

Relativamente à primeira distinção, termos nucleares e marginais, considera que, os primeiros são relativos aos constituintes que são núcleos do sujeito e do predicado (o nome e o verbo, respetivamente), como também aqueles elementos constituintes que estão intimamente referidos à relação predicativa (op. cit., p. 411). Neste caso, como a própria palavra diz, marginais, inversamente aos termos nucleares, serão aqueles que não estão intimamente ligados à palavra com função predicativa da oração. Nesta linha, verbos como os VMD em foco, que são verbos principais, seriam termos nucleares, o núcleo do predicado, assim como o SP(s) que regem, como foi anteriormente ilustrado, pois predicam ou regem esta construção linguística.

No tocante à segunda dicotomia, termos argumentais e não argumentais, Bechara (idem, p. 412) refere que os termos nucleares nem sempre têm o mesmo grau de coesão e de dependência ou subordinação. Assim, um termo nuclear será um termo argumental ou um argumento quando aparece solicitado ou regido pelo significado lexical referido pelo verbo. Enquanto o não argumental não está condicionado pelas relações sintáticas e semânticas do mesmo verbo, pode ser eliminado da oração, ou seja, pode ser prescindível. e, normalmente, é quase sempre assinalada por sinais de pontuação.

Esses dois termos, argumental e não argumental, referem-se, respetivamente, ao tradicionalmente designado de complementos, termos regidos ou integrantes ou termos acessórios.

Assim, numa frase simples em que o núcleo é um dos VMD aqui em análise, tanto o verbo como o SP são termos argumentais, pois, conforme ilustrado no esquema apresentado por Duarte (*op.cit.*), o VMD, por si só, não sustém a noção lexical de movimento, precisando, no caso, de um SP.

Uma outra dicotomia apresentada por esse autor é a de predicado simples e complexo, correspondendo, respetivamente, ao que, por exemplo, Cunha e Cintra (*op.cit.*) designam de verbos intransitivos e transitivos.

É de predicado simples, aquele verbo que não necessita de outros signos léxicos, enquanto os que, pela sua grande extensão semântica, carecem de outros signos léxicos, como os VMD, para se adequarem à realidade concreta, são designados de predicados complexos.

Quanto aos tipos de argumentos que os predicados complexos podem ser constituídos, o autor em estudo, define os seguintes: complemento direto ou objeto direto, objeto direto preposicionado, a preposição como posvérbio, o complemento relativo, o complemento objeto indireto, a construção especial com objeto indireto, os chamados “dativos livres” e o complemento predicativo.

Passa-se à discriminação de cada um dos tipos de argumentos de modo a, nesta perspetiva, se poder situar os argumentos constituintes de um predicado cujo núcleo é um dos VMD em análise. Assim, elaborou-se um quadro resumo, para uma melhor visualizar daquilo que é a proposta de Bechara (2009). Veja-se então:

Tipo de argumento	Esquema	Exemplo
a) Complemento direto ou objeto direto	é um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzido por preposição necessária.	O pai comprou <i>nova casa</i> .
b) Objeto direto Preposicionado	iniciado por preposição. Usado para evidenciar o contraste entre o sujeito e o complemento.	Amar <i>a Deus</i> sobre todas as coisas.
c) A preposição como pósverbo	- quando a preposição aparece para mais para acrescentar um novo matiz de sentido do que para reger o complemento desses verbos.	Arrancar da espada.
d) Complemento relativo	Aqueles que são introduzidos por uma preposição. Esta constitui uma extensão do signo léxico verbal. Cada verbo é acompanhada de sua própria preposição, por servidão gramatical.	Todos nós gostamos <i>de cinema</i> .
e) Complemento objeto indireto	É introduzido apenas pela preposição <i>a</i> (raramente <i>para</i>); denota ser um ser animado ou concebido como tal; expressa o significado gramatical “beneficiário”, “destinatário”; é comutável pelo pronome pessoal <i>Lhe/lhes</i>	O diretor escreveu cartas <i>AOS PAIS</i> .
	com adjuntos com <i>para</i>	Alguns alunos compraram flores <i>para a professora</i> .
	Construção especial com objeto indireto – aqueles que contrariam o princípio geral, segundo o qual o objeto indireto integra a função predicativa exercida por verbo + argumento (objeto direto ou complemento relativo)	A notícia não agradou <i>ao povo</i> . A notícia não <i>lhe</i> agradou.
	Os chamados “dativos livres” – são argumentos sintático-semânticos extensivos da função predicativa do conteúdo comunicado nas respetivas orações. Não estão direta ou indiretamente ligados à esfera do predicado. Subtipos: dativo de interesse, ético, de posse, de opinião.	Ele só trabalha <i>para os seus</i> .
Complemento predicativo	Aquele que acompanha verbos que se caracterizam por uma referência tão vaga à realidade comunicada. É portador de referência a traços essenciais do sujeito.	O trabalho é proveitoso.

Quadro 2: Tipos de argumentos determinantes do predicado – Bechara (2009, p.418-426)

Perante tal quadro descritivo, facilmente se pode perceber que o tipo de argumento que se associa aos VMD é o complemento relativo, ou seja, aquele que é introduzido por uma preposição que delimita e especifica a grande extensão semântica do verbo, pelo que é obrigatória a sua presença junto do verbo, determinada pela própria norma gramatical que indica que preposição acompanha determinado verbo.

Na mais recente de todas as gramáticas, a *Gramática do Português I e II*, organizada por Raposo, do Nascimento, da Mota, Segura e Mendes (2013), Raposo e Gonçalves (2013, p. 1156) frisam que, o verbo pleno seleciona os seus argumentos e que estes participam necessariamente na situação descrita por aquele. Acrescentam ainda que, o verbo controla as seguintes propriedades dos seus argumentos:

- i. A função gramatical que desempenha na oração;
- ii. As suas propriedades semânticas, incluindo o seu papel temático;
- iii. A sua classe estrutural

Por isso, partem do número de argumentos que os verbos selecionam para os classificar.

Assim, à semelhança dos autores anteriormente citados, e para uma melhor compreensão, apresenta-se um quadro resumo regência dos verbos em LP, elaborado com base em Raposo e Gonçalves (op cit., p. 1888).

Tipos de verbo	Função sintática	Exemplos
Zero lugares	Os que denotam fenómenos meteorológicos e mudança de uma parte do dia para outra, como chover, nevar, trovejar, amanhecer e anoitecer, entre outros	Chove imenso!
Um lugar	Realiza-se normalmente como sujeito, podendo ser um sintagma ou uma oração. Alguns desses verbos são: Correr, descansar, desmaiar, morrer, nadar, nascer, passear, suar, tossir	A Rita tossiu.
Dois lugares	Um com a função de sujeito e outro com a função de complemento, direto, indireto ou oblíquo.	<i>O Pedro fechou a porta.</i>
Três lugares	Um deles realiza-se como sintagma nominal sujeito e os outros dois como complementos que dependem das propriedades de seleção funcional e de subcaterização do verbo.	<i>O Pedro ofereceu um carro ao filho.</i>
Quatro lugares	Por denotarem movimento espacial ou transação, cada argumento dependem do valor temático (agente, tema, origem) e (agente/origem, tema, destinatário), respetivamente.	<i>Os camionistas transportaram a minha mochila de Lisboa para Coimbra.</i> <i>O comerciante vendeu as bolachas à Maria por 5 euros.</i>

Quadro 3: Classificação tipológica dos verbos plenos (número de argumentos e função sintática) - Raposo e Gonçalves (2013, p. 1888 e seguintes)

Diante do exposto no quadro e pelas características dos VMD, estes podem ser situados no quadro de regência dos verbos de dois lugares, em que um dos argumentos tem a função de sujeito e o outro de oblíquo.

Ainda, fazendo uso do quadro de regência, Raposo e Gonçalves (op cit.) organizam os verbos em duas dimensões binárias e estabelecem quatro classes de verbos, organizadas em dois pares:

- ❖ Seleção vs. não seleção de um argumento com a função de sujeito;
- ❖ Seleção vs. não seleção de um argumento com a função de complemento direto.

Apresenta-se a seguir um quadro resumo dessas classes de verbos e os argumentos que selecionam, elaborado a partir da visão dos supracitados autores (op. cit, p. 1992)

Classe	Subclasses	Argumentos selecionados e sua função sintática
Verbos pessoais	_____	Um argumento com a função sintática de Sujeito.
Verbos impessoais	_____	Não selecionam um argumento com a função de sujeito. Podem ou não selecionar complementos.
Verbos Transitivos	Simples	Selecionam apenas o complemento direto
	Ditransitivos	Para além do complemento direto, selecionam também um complemento indireto.
	Com complemento oblíquo	Para além do complemento direto, selecionam um ou mais complementos oblíquos.
	predicativos	Para além do complemento direto, selecionam um constituinte de natureza predicativa.
Verbos Intransitivos	Simples	Que não selecionam qualquer complemento, podendo selecionar ou não um argumento com a função de sujeito
	Com complemento indireto	Selecionam um complemento indireto
	Com complemento oblíquo	Subcategorizam um complemento oblíquo preposicionado ou não.

Quadro 4: Quadro das classes de verbos e os argumentos que selecionam (Raposo e Gonçalves, 2013 p.1992)

A partir das abordagens normativas acima explicitadas, conclui-se que, há uma diversidade de propostas quanto à regência dos verbos plenos ou principais, resultando em diferentes tipos de classificação dos verbos. Pelo que, os VM terão as mais diversas classificações e os argumentos que os acompanham também.

Para se visualizar melhor, apresenta-se ainda um quadro resumo geral, que mostra como os VMD são tratados pelas diferentes gramáticas aqui descritas.

Gramáticas	Classificação dos VMD	Estatuto dos argumentos
Cunha e Cintra (1984/1999)	Transitivos indiretos	Complemento indireto
Mateus et al. (1989/2006)	Verbos de dois lugares com argumento interno oblíquo	Oblíquo
Bechara (1961/2009)	Verbo de predicado complexo	Complemento relativo
Raposo, do Nascimento, da Mota, Segura e Mendes. (2013)	Intransitivo	Complemento preposicionado oblíquo

Quadro 5: Classificação dos VMD e seus argumentos, nas diferentes gramáticas analisadas

2.2.4 As preposições de movimento

As preposições pertencem a uma classe lexical pouco analisada, talvez por não se constituírem em categorias principais na organização frásica e também pelo facto de serem uma classe fechada, invariantes (como se verá mais à frente). Contudo, como será visto mais adiante, são de extrema importância na organização do discurso e o seu uso indevido pode condicionar a compreensão do sentido completo. Dai a importância de se conhecer de forma explícita esta classe lexical/gramatical.

Como foi anteriormente referido, para que os VMD indiquem direção ou trajeto carecem, normalmente, de uma preposição que os relaciona ao termo seguinte e que os complementa o sentido. Ou seja, por si só, esses verbos não carregam o sentido de movimento. Eles regem determinadas preposições, cujo sentido principal contribui para que esses verbos sejam enquadrados nesta categoria.

Então, necessário se torna fazer uma breve abordagem sobre as preposições, seu uso e valor.

É nesta linha que este subtópico se justifica, sistematizando o que a respeito desta categoria gramatical é dito na literatura.

O uso das preposições constitui uma das áreas gramaticais mais críticas não só na LP, mas também em outras línguas como o inglês e o francês, que são línguas ensinadas formalmente em Cabo Verde e em que, segundo a percepção dos professores com quem dialoguei no contexto desta investigação, os aprendentes também apresentam alguma dificuldade. Com efeito, não se conhece nenhum trabalho de investigação que se tenha debruçado sobre este fenómeno, do porquê da dificuldade do uso das preposições nas diferentes línguas que são objeto de estudo, como disciplina, no plano curricular. No entanto, caso da LP, alguns estudos descritivos têm aventado algumas possibilidades, nomeadamente no PB e no PM.

Para os falantes do cabo-verdiano, alguns estudos, como os de Cardoso (2005)¹⁰, têm atribuído este fenómeno de instabilidade do uso das preposições às transferências da LCV. Veja-se o que a supracitada autora diz:

As interferências sintáticas são sobretudo de ordem estrutural, aplicando a estrutura da língua de origem na estrutura da língua alvo. Ocorrem ainda situações da falta de uso da preposição a e do uso incorrecto dos pronomes pessoais.

Exemplo 1: (estrutura da frase) “O sobrinho disse lobo para amarar o macaco pé”. como em caboverdiano Xibinhu fla lobu pa mara makaku pé. em vez da forma correcta em português O lobo disse ao sobrinho para amarrar os pés do macaco.

Exemplo 2: (falta de uso da preposição a) “O sobrinho foi casa do lobo.” como em caboverdiano Xibinho bai kasa di lobu. em vez da forma correcta em português O sobrinho foi a casa do lobo. Ou O sobrinho foi à casa do lobo.

Embora esta questão não seja concretamente o objeto de análise deste trabalho, contudo, ela vem por implicação, como foi anteriormente referido. Considera-se relevante uma breve referência, pois pode, em parte, contribuir para a compreensão do fenómeno objeto de estudo desta pesquisa, a regência variável dos VMD.

Passa-se então a descrever o que é dito sobre esta categoria gramatical *Preposições*, na literatura.

Embora o conceito de preposição não difira, entre os gramáticos, nota-se, porém, que alguns deles vão pondo em realce um ou outro aspeto inerente a esta classe gramatical. Veja-se então, algumas conceções.

Por exemplo, Cunha e Cintra (1999, p. 551), afirmam que as preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente).

Primeiramente, estes autores destacam um aspeto importante inerente às preposições: o seu carácter invariável. Ao contrário da maioria das classes lexicais, nomeadamente os substantivos, verbos, adjetivos, pronomes, determinantes, as preposições não variam, ou seja, não podem ser flexionadas, não mudam, têm uma forma fixa. Além disso, esta

¹⁰ Na sua tese de mestrado sobre as Interferências linguísticas do cabo-verdiano na aprendizagem do português, in <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/633/1/LC225.pdf>

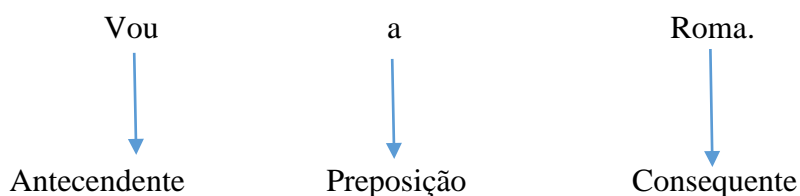
categoria é considerada uma classe fechada, ou seja, tem um número fixo de itens, ao contrário dos nomes, por exemplo.

Nesta linha, Brito (2003, p. 392), compara as preposições a duas outras classes lexicais com as mesmas características de invariabilidade: os advérbios e as conjunções. Confira-se: “Tanto as preposições como locuções prepositivas são palavras invariáveis, não flexionadas o que as aproxima dos advérbios e das conjunções.”

Raposo e Xavier (2013, p. 1500) também reconhecem uma afinidade entre as preposições e os advérbios, pois, afirmam que, em alguns trabalhos de linguística contemporânea, ambas as classes se agrupam numa classe mais ampla, chamada partículas. Porém, esclarecem que, ao mesmo tempo, essas duas classes lexicais se distinguem, pois, enquanto os advérbios têm a possibilidade de ocorrer sem complemento¹¹, as preposições não o podem fazer. Dai que são designadas de «partículas transitivas» e os advérbios de partículas tipicamente intransitivas.

Voltando à concepção de Cunha de Cintra (op. cit.), pode-se constatar que às preposições é atribuída um papel essencialmente relacional. Ou seja, a sua natureza é fundamentalmente relacional uma vez que têm como principal função o de relacionar dois constituintes/elementos dentro de uma oração. Assim, depreende-se que a sua presença numa oração seja condição *sine qua non* para que se obtenha determinado sentido, ou seja, são importantes no campo semântico.

Ao primeiro termo da relação estabelecida por uma preposição, designa-se de antecedente e ao segundo, conseqüente. Ilustra-se com alguns exemplos, de entre ou quais, um com um dos verbos objeto deste estudo.



Ainda, Cunha e Cintra (idem) identificam duas formas de preposições: as simples, expressas por um único vocábulo e as compostas, designadas de locuções prepositivas e que são as constituídas de um ou mais vocábulos, sendo o último uma preposição simples.

¹¹ No caso, são chamados de advérbios relacionais (e locuções adverbiais) os que não incorporam lexicalmente o complemento mas permitem a sua recuperação contextual.

Entre as primeiras formas, as simples, localizam-se duas categorias: as essenciais e as acidentais. As primeiras distinguem-se das últimas, por fazerem parte da classe das preposições (verdadeiras preposições), enquanto as últimas, como a própria designação quer fazer entender, não sendo verdadeiras preposições, assumem este papel em determinados contextos.

A conceção de Raposo e Xavier (2013, p. 1497) não difere muito da de Cunha e Cintra (ibidem) embora seja um pouco mais alargada. Para esses autores, preposições são também “palavras invariáveis e geralmente monossilábicas, cuja função consiste em estabelecer uma relação sintática e semântica entre duas expressões *x* e *y*”.

Deixa-se perceber que, ao contrário de Cunha e Cintra (op. cit.) que atribuem às preposições uma função restrita a relações intra-oracionais, Raposo e Xavier (op. cit) por sua vez, deixam em aberto esta relação, ou seja, não explicitam os contextos desta relação. Disso decorre a possibilidade de outras ocorrências, nomeadamente intra sintagmáticas e interfrásicas.

A expressão *x*, a que Cunha e Cintra (idem) denominam de antecedente, aquela que determina a presença da preposição, é designada por Raposo e Xavier (op. cit.) de subordinante. E, a expressão *y*, aquela que constitui o complemento da preposição, que Cunha e Cintra designam de conseqüente, Raposo e Xavier (idem) designam de subordinada. Estes autores também distinguem as preposições em dois tipos: as simples, de um só vocábulo, geralmente monossilábicas) e as locuções prepositivas (ou preposicionais), expressões mais complexas, formadas por mais de uma palavra.

Bechara (2009, p. 296) difere um pouco dos outros autores e apresenta um conceito um pouco mais descritivo e complexo. Concebe a preposição como:

Uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Portanto, em primeiro lugar, destaca a natureza de dependência das preposições. Ou seja, não se constituem, por si só, em constituintes frásicos, não exercem nenhuma função gramatical, a não ser acompanhados. Disto resulta que, elas não possam aparecer de forma isolada, ou seja, não sejam, por si só, detentoras de propriedades semânticas e sintáticas.

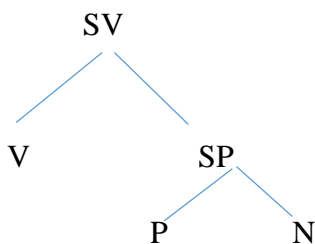
O autor acrescenta ainda que, as preposições não exercem nenhum outro papel que não seja o de ser índice da função gramatical de termo que ela introduz.

À semelhança de Raposo e Xavier (op. cit.), Bechara designa os termos relacionados pela preposição como, termo subordinante (o primeiro, o antecedente) e subordinado (o segundo, o conseqüente).

Depreende-se então, e como Raposo e Xavier (idem) explicam e como o próprio sentido do termo 'subordinante' indica, a expressão que antecede a preposição é que determina que preposição deve sucedê-la. Quer dizer que, no caso de uma frase simples, em que o verbo pleno seja um VMD, este é que seleciona ou rege a preposição. A isto se chama de regência verbal.

Por sua vez, e na sequência estrutural, a preposição determina o termo que a sucede, ou seja, o termo subordinado ou conseqüente. Portanto, há uma relação de dependência entre a preposição e o termo que seleciona, formando um grupo a que os gramáticos chamam de sintagma preposicional (SP ou PP), sendo a preposição o seu núcleo. Por conseguinte, há uma relação de maior dependência entre a preposição e o termo subordinado do que entre o subordinante e a preposição.

A representação em árvore ilustra essa relação entre os termos ligados pela preposição. Assim, vê-se:



Não pode haver nenhum elemento entre a preposição e o termo conseqüente, como se pode verificar no exemplo seguinte:

(17)

A Ana foi à escola.

* A Ana foi à ontem escola.

Através do teste de topicalização é possível também certificar-se da relação de maior dependência entre a preposição e o elemento conseqüente do que com o termo antecedente.

(18)

À escola a Ana foi.

*A Ana foi à escola foi.

2.2.4.1 O significado das preposições

Relativamente ao significado das preposições, todos os autores aqui referidos, são de acordo que, embora as preposições contenham um significado inerente, esse, vai se desdobrando noutros, conforme o contexto em que se encontram.

Por exemplo, Cunha e Cintra (*op. cit*) referem que o **significado das preposições** depende da relação que elas estabelecem com outras palavras, podendo indicar a **ideia de movimento ou de não movimento**, consideradas em referência ao espaço, tempo e a **noção** (destaque nosso). Interessa, neste caso particular, os contextos em que indicam a ideia de movimento, com referência ao espaço.

Embora as preposições possam adquirir diferentes significados em contextos diversos, contudo mantêm a sua significação fundamental. No entanto, um maior ou menor afastamento do matiz de significação vai depender da relação que mantêm com os outros termos. Neste sentido, Cunha e Cintra (1999, pp.556-558) distinguem três tipos de relação (os exemplos são do autor):

- **Relações fixas:** caso das palavras compostas, em que as preposições já fazem parte, sendo que o significado do todo se sobrepõe ao de cada elemento isolado, nomeadamente da preposição. Ex.: O rapaz entrou no café da Rua Luís **de** Camões; Necessariamente não-**de** vencer eles.
- **Relações necessárias:** as preposições assumem, neste caso, o seu principal papel estritamente relacional. Também neste caso, a relação sintática se sobrepõe ao significado da preposição. Ex.: Eu já não me lembro **de** nada; Ontem fui a Cambridge.
- **Relações livres:** em que se evidencia o significado da preposição em detrimento dos outros dois tipos de situações descritas anteriormente. Ex.: Encontrar **com um amigo**/Encontrar **um amigo**.

Pelo aqui descrito, pode-se verificar que, no caso da regência dos VMD, por comportarem, na sua estrutura, uma preposição obrigatória que os relaciona ao termo

consequente, um SN, com o papel temático de destino ou meta, situam-se no segundo tipo de relações, as necessárias, em que, o mais importante é a relação sintática e não a preposição em si.

Bechara (op. cit.) identifica dois campos centrais das preposições:

- i. Caracteriza-se pelo traço «dinamicidade» (física ou figurada), onde constam as seguintes: a, contra, até, para, por, de e desde);
- ii. Carateriza-se pelos traços de noções «estáticas» e «dinâmicas» são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo e são: ante, atrás, sob, sobre, com, sem, em e entre.

Nesta ótica, as preposições de que se fariam acompanhar os VMD, seriam as que pertencem ao primeiro campo, em que o movimento é dinâmico, como anteriormente foi referido.

O primeiro campo, ainda é subdividido em dois outros subcampos:

- a) Os que expressam o movimento de aproximação ao ponto de chegada (a, contra, até, para);
- b) Os que representam o movimento de afastamento (de, desde)

Como se pode perceber, as preposições a e para situam-se no primeiro campo: os que expressam movimento de aproximação ao ponto de chegada.

Veja-se agora o valor de cada uma das preposições que interessam, isto é, as preposições que denotam a ideia de movimento de aproximação ao ponto de chegada.

2.2.4.2 Valor das preposições

Veja-se o que determinam as gramáticas sobre o uso das preposições, procurando especificar os contextos em que indicam a ideia significativa de movimento e referência ao espaço. Neste caso, só entram as preposições essenciais, que se integram na categoria do movimento: *a, até, contra, em, para, por*. Os exemplos são extraídos de Cunha e Cintra (1999).

A

Indica direção a um limite (meta/alvo). (Cunha & Cintra (op. cit., p. 558)

Ex.: Nunca tinha visto com bons olhos aquelas idas do alferes à casa de Nha Vivência.

Cuesta & Da Luz (1971, p. 552) referem que um dos empregos da preposição a é para indicar o lugar onde alguém se dirige, mas com um significado acessório de temporalidade e de retorno próximo que a distingue de para, que indica permanência. Apresentam os seguintes exemplos elucidativos:

Ex.: Vou a casa um minutinho.

Vou já para casa. (com a intenção de não voltar a sair nesse dia)

Vou a Lisboa. (por pouco tempo)

Vou para Lisboa. (para aí ficar)

Bechara (2009, p. 307) diz que a preposição a introduz numerosas circunstâncias, sendo uma delas a de movimento ou extensão.

Ex.: “Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil.”

Até

Movimento de aproximação de um limite com insistência nele.

Ex.: Subiu o Quembo **até** chegar ao Contuba.

Cuesta e Da Luz (*op. cit.*, p. 555) observam que “Emprega-se geralmente em português a preposição até seguida da preposição a, mas este uso é moderno e alguns escritores preferem todavia a forma clássica sem *a*. Cunha e Cintra (1999, p. 561) são da mesma opinião e frisam que “No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição a.”

Ex.: Ir ao Porto ou, com mais calor familiar, ir **até ao Porto** ou ir **até o Porto**, é sempre uma festa para o duriense – até nos casos em que a festa envolve necessidade.

Contra

Esta preposição, embora exprima **movimento de direção a um limite próximo**, contudo, por ser indicativo de uma **direção contrária**, não é útil para o contexto do presente estudo.

Ex.: Aturdida, a rapariga aperta-se **contra** ele.

Assim, esta preposição fica excluída daquilo que é o propósito deste estudo.

De

Exprime movimento de afastamento de um ponto, de um limite, procedência, origem.

Ex.: Vinha **de** longe, **dos** confins do medo...

A presente pesquisa analisa apenas o movimento de direção meta, alvo ou destino, movimento de aproximação, sendo que De é usado para exprimir exatamente o contrário. Portanto, assim como a preposição *contra*, também fica excluída da análise, pela sua denotação significativa.

Desde

Também exprime **movimento de afastamento de um limite** com insistência no ponto de partida, pelo que não será objeto de análise.

Ex.: *Desde* longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeadada do poente, irradia como uma assombração.

Em

Indica **movimento de superação de um limite de interioridade**; afastamento de uma situação de dentro.

Ex.: Os Garcias entraram *em* casa calados.

Cuesta e Da Luz (*idem*, p. 557) reconhecem que “Por vezes, a preposição *em* usa-se em português em vez de a com verbos de movimento, ...” Acrescentam ainda que esta construção é frequente na língua familiar brasileira, tendo como exemplo:

Ex.: Cheguei *na* cidade em vez de Cheguei *à* cidade.

Para

Exprime **movimento com tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva**. (Cunha e Cintra, *idem*, p. 167)

Ex.: Agora, não lhe interessava ir *para* o Huamba.

Cuesta e Da Luz (*idem*, p. 558) dizem que, em português, se emprega a preposição para com verbos de movimento, para indicar o termo definitivo deste por oposição a a, que tem um sentido de breve duração.

Ex.: Vou hoje ao Porto e amanhã irei *para* Lisboa.

As autoras acrescentam ainda que para tem por vezes o significado de ‘em direção a’. A título de exemplo indicam as seguintes frases elucidativas:

Ex.: Dirigiu-se *para* a janela.

Voltei *para* a direita e avistei um casebre.

Bechara (*op. cit.*, p. 317) também admite a possibilidade de, entre outras ideias, para denotar termo de movimento, direção para um lugar com ideia acessória de demora ou destino.

Ex.: Foi *para* Europa.

Destas preposições, pode-se constatar que, apenas as preposições a, até, em e para, admitem o seu emprego nos contextos aqui em análise, ou seja, junto dos verbos de movimento.

Apresenta-se a seguir um quadro resumo dos verbos de movimento direcionais a serem analisados e suas preposições, acompanhados de exemplos:

Verbo de movimento direcional (aproximação) – meta, alvo, destino	Preposições regidas	Ideia significativa	Exemplos:
<i>ir</i>	a	movimentar-se numa direção (pouca demora)	Esta tarde vou à Praia.
	para	movimentar-se numa direção (longa demora, para ficar)	E se fôssemos para casa?
<i>vir</i>	a	deslocar-se (por pouco tempo)	Venho a Cabo Verde todos os anos.
	para	deslocar-se para (longa demora)	Vim para Cabo Verde, porque quero viver cá.
<i>chegar/chegar-se</i>	a	atingir, alcançar/aproximar-se de	Ele chegou à escola muito tarde; Chegou-se à janela.
<i>sair</i>	a	deixar um lugar em direção a outro (pouca demora)	Saiu à rua para tomar um ar fresco;
	para	passar de dentro para fora (longa demora)	Saiu para o estrangeiro ainda jovem.
<i>entrar</i>	em	ingressar em	A minha sobrinha entrou no liceu este ano.
<i>regressar</i>	a	retornar a (pouca demora)	O filho regressou a casa muito tarde.
	para	retornar para (longa demora, para ficar)	Regressou a Cabo Verde para cuidar dos pais que são idosos.
<i>voltar</i>	a	tornar a vir a	Voltou ao parque, mas já não encontrou o telemóvel.
	para	regressar a (demora mais longa), dirigir-se para	O Pedro voltou para os EUA, porque não se adaptou à realidade cabo-verdiana.
<i>partir</i>	para	sair de um sítio com destino determinado	A família toda partiu para a emigração.

Quadro 6: Síntese dos VMD analisados com suas preposições, com base em Ventura & Caseiro (2003))

2.3 A visão de estudos descritivos

Alguns estudos sociolinguísticos têm sido realizados na área da regência verbal dos VMD e seus fatores condicionantes, especialmente com o verbo *ir* de movimento. São bastante conhecidos e divulgados os trabalhos de Mollica (1996), que se tem constituído em suporte e referência em trabalhos mais recentes, dissertações e teses, que analisam o fenómeno linguístico ao nível de pequenas comunidades urbanas brasileiras, onde os estudos descritivos têm-se proliferado, o que tem contribuído muito para a descrição do PB.

Ainda, é possível encontrar trabalhos referências relativas a outras variedades do português, como as africanas, que descrevem o fenómeno aqui analisado, embora não de forma direta, mas em abordagem mais abrangentes, como seja, a regência dos verbos locativos, o uso das preposições. São exemplos as pesquisas de Gonçalves (1990, 1997, 2005), relativamente ao Português de Moçambique (PM) e, mais recentemente, estudos descritivos do português de Angola como o de Cabral (2005) e de São Tomé e Príncipe como o de Gonçalves (2010), entre outros.

Neste sentido, nesta secção, faz-se uma breve descrição de alguns desses trabalhos, percebendo as perspectivas de análise, variáveis pesquisadas e os resultados obtidos. Apresenta-se uma resenha de cada um, identificando as variáveis relacionadas com a regência dos VMD.

No PB, para além dos estudos de Mollica (*op. cit*) e de Vallo (2004), que constituem referências em trabalhos atuais, elegeram-se também outros estudos importantes, como sejam, Costa (2003), que analisa quatro dos oito verbos analisados (*ir, vir, chegar e voltar*), Wiedemer (2008), que apesar de analisar apenas o verbo *ir*, no entanto, introduz variáveis inovadores, Módolo (*et al.*, 2011), que analisa dois verbos, *ir* e *chegar* e Pinheiro (2014), que por ser um estudo recente sobre o verbo *ir*. De referir que é possível encontrar uma grande quantidade de trabalhos disponíveis sobre a regência dos verbos de movimento e sobre as preposições de movimento no PB. No entanto, dado às limitações de um trabalho desta natureza, não é possível analisá-los todos.

No PM, analisa-se algumas pesquisas de referência, a saber Carvalho (1991), um dos estudos pioneiros, Gonçalves M. P. (1990) e Gonçalves P. (2010), referências

obrigatórias, quando se pretende investigar sobre o PM, Gonçalves e Chimbutane (2004), que vai na mesma linha teórico-metodológica que Gonçalves dos outros estudos.

No PSTP, analisa-se o trabalho de Gonçalves R. (2010), resultado de uma dissertação de mestrado, e que analisa os verbos de movimento direcional ir e chegar.

De referir que não foi possível aceder a nenhum trabalho de cariz sociolinguístico no que respeita ao PE. Ainda, embora se saiba haver outros estudos do PA, como Cabral (2005), não foi possível aceder a eles, sendo esta a razão porque aqui não são analisados.

2.3.1 Estudos do Português Brasileiro

Neste subtópico, apresenta-se a resenha de alguns estudos sociolinguísticos de comunidades urbanas brasileiras. Segue-se uma ordem cronológica e ressalta-se, particularmente, as variáveis testadas e os resultados encontrados em cada estudo.

Mollica (1996)

Mollica analisa a fala de 64 (sessenta e quatro informantes), em amostras retiradas do Censo da UFRJ, considerando variáveis que dizem respeito às características do verbo estudado: *fatores de configuração do espaço* (os traços semânticos do Nome [+fechado]/[- fechado]) do núcleo do complemento do verbo, o seu SPREP; características morfo-semântico-discursivas desse núcleo e que definem o seu grau de definitude ([+definido]/[-definido]); e os traços [+permanência] e [- permanência], previstos nas gramática normativas.

Os resultados obtidos evidenciam o seguinte:

O grupo de *fatores de Configuração de espaço mostrou-se relevante*, pois o traço [-fechado] favoreceu a presença das preposições *a* e *para* e [+fechado] inibiu-as, configurando-se como contexto em que a preposição *em* tem mais possibilidades de ocorrer;

Relativamente ao fator *grau de definitude* os traços [+definido]/ [-definido] do N, núcleo do SPREP foram conjugados com traços de natureza formal, como sejam: o traço [-definido], precedido de artigos e pronomes indefinidos e o traço [+definido] precedido de artigo definido, pronomes possessivos e demonstrativos. Dessa conjugação resultaram **três graus de definitude** dos referentes: o **maior grau de definitude recebe dois traços positivos**, ou seja, nomes precedidos por Determinantes (DET) artigos definidos,

indicando serem os referentes conhecidos por falante ou ouvinte, ou de conhecimento compartilhado por ambos; os de **grau de definitude média recebem um traço positivo e outro negativo**, ou seja, um DET artigo indefinido ou um pronome indefinido ou então nomes não precedidos por DET, mas cujo referente é conhecido; o de **menor grau de definitude recebe dois traços negativos**, um DET e os LOC são vagos, desconhecidos do falante e/ou ouvinte.

Os resultados da aplicação deste **grupo de fatores provaram que os referentes dos nomes de SPREP distribuem-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos, de modo que os polos opostos, marcados por duplos traços positivos ou negativos, representam respetivamente grau maior ou menor de definição**, enquanto os referentes com traços mais/ menos caracterizam-se como tendo grau medial. Verificou-se uma grande probabilidade associada aos de dupla marca negativa assim como de SNs de nível medial de definitude, marcando neutralização e os com dupla marca positiva, marcando grau máximo de definitude.

Ainda ficou evidente a existência de reforço e complementaridade entre as variáveis configuração de espaço e grau de definitude, pois tanto um quanto outro grupo de fatores aponta o caminho de interpretar para se interpretar *em* como marcada semântico-discursiva e pragmaticamente.

No que respeita aos traços de [+permanência] e [- permanência], não foram encontrados dados com o traço [+permanência] com a preposição *em*, o que fez com que se testasse apenas as preposições *a* vs. *para*. Os resultados mostraram que continua a vigorar a norma, segundo a qual *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há ideia de fim ou permanência e todos os casos de uso de *a*, foram consoante a tradição gramatical.

Um teste de atitude relativamente às três formas/variantes *a*, *para*, *em* de regência do verbo *ir*, evidenciou que: i) há uma relação direta entre as formas consideradas corretas com as de que se mais gosta, sendo o inverso também verdade; ii) numa relação hierárquica entre as três variantes, *a* é considerada a melhor e/ou mais correta e *em* como a incorreta ou a de que menos se gosta.

Por isso, a pesquisadora conclui que a variação em regência verbal não é imotivada, ou seja, é condicionada por fatores discursivo-pragmáticos. Portanto, para ela, esses dados vêm corroborar previsões quanto ao valor semântico a mais da preposição *em* (ou seja,

sentido de movimento) que alguns gramáticos como Cunha&Cunha (1999) e outros mencionam.

Quanto às **variáveis sociais**, variáveis estratificadas (escolaridade, idade e sexo) e não estratificadas (ocupação/colocação no mercado de trabalho), o estudo mostra:

- **A escolarização é um fator que determina a escolha das variantes a e para, em detrimento de em**, pois o fator maior escolarização (segundo grau) favoreceu as formas ditas padrão, sendo o inverso também verdade. Ficou provado ainda que, o fator escolaridade atua sobre o sexo, pois as mulheres com maior nível de escolaridade tendem a usar as variantes padrão;
- **Idade e sexo não se mostraram como fatores tão distintivos**, pese embora o fato das crianças apresentarem maiores dados quanto ao padrão. No entanto, deve-se referir que, cruzando o sexo com o fator idade, destaca-se um maior uso do padrão por parte dos meninos do que as meninas, e o inverso entre os adultos, sendo que as mulheres sobrepujam os homens;
- A variável não estratificada **colocação no mercado de trabalho mostrou ser muito relevante**, atuando tanto em homens quanto em mulheres, no sentido de haver correlação entre a cotação alta e uso das formas padrão e cotação baixa e uso de forma não-padrão.

Em suma, o estudo de Mollica (1996) confirma a existência, no PB, de regência variável de um dos verbos de movimento objeto de estudo do presente trabalho, o verbo *ir*. A pesquisa comprova, utilizando dados estatísticos, que a regência do verbo **ir** não é aleatória, ou seja, que o uso das preposições que acompanham este verbo é motivada por fatores linguísticos e sociais, pelo que pode ser analisada do ponto de vista variacionista. De referir ainda que o padrão (uso das preposições a e para) continua a dominar a fala no PB, embora, se reconheça também a presença da variante não padrão, o uso da preposição em, determinado por condicionamentos específicos. De entre estes, sobrepõem-se os fatores linguísticos relacionados com a definição do espaço, prevalecendo o seu uso, quando o N, núcleo do SPREP, o locativo, é [+definido] e mais [+fechado], já que, para além da ideia de movimento a preposição acrescenta a ideia de “estar dentro”. Ainda alguns dos fatores sociais testados se mostraram relevantes na escolha das preposições, com destaque para o nível de escolaridade e a colocação no mercado de trabalho, que estão diretamente relacionados com a escolha das formas padrão, ou seja, quanto mais

alto o nível de escolaridade e a colocação no mercado de trabalho, maior é a tendência para se preferir usar as formas consideradas padrão.

Costa (2003)

A pesquisa de Costa (2003) resultado da dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no âmbito do programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, analisa a regência de boa parte dos verbos objeto do presente estudo, a saber: *ir, chegar, vir e voltar*, indicativos de movimento, confronto entre a prescrição e o uso.

Os dados utilizados provêm de um levantamento feito no banco de dados Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade de Natal (Costa, op. cit., p.28). Os informantes são alunos da Oitava Série e também do Ensino Superior (quatro para cada nível) e ainda, para a escrita, textos de quatro seções da *Revista Veja*.

Os dados foram analisados considerando a frequência das preposições *a, para/prá e em* junto dos verbos acima identificados. Contudo, numa segunda etapa da análise, considerou-se alguns fatores linguísticos, nomeadamente, os traços variáveis [+ fechado] ou [- fechado], [+ permanência] ou [- permanência], adotados na mesma perspectiva que Mollica (1996) e foi ainda introduzido um outro grupo de fatores [+ elevado] ou [- elevado], associado à ideia de uma possível hierarquização entre as três preposições, particularmente entre *a* e *em*, já sugerida por Mollica (op. cit., p. 163). Assim, numa escala hierárquica, *a* estaria associada ao traço [+elevado], mais adequado ao uso culto da linguagem e *em* ao [- elevado], ou seja, ao uso popular, ficando a preposição *para* num nível intermédio. Costa (*idem*, p. 38) diz que este traço diz respeito ao grau de formalidade do adjunto adverbial de lugar, que é classificado a partir da observação da familiaridade do núcleo do locativo para os usuários.

Observe-se então quais foram os resultados encontrados no estudo de Costa (op. cit)

No concernente à **frequência das preposições *a, para/prá e em***, o estudo mostrou que:

i. junto do **verbo *ir*** de movimento, nos dados do Corpus Discurso & Gramática, há uma preferência maciça pela preposição *para/prá*, tanto pelos informantes do Ensino Superior quanto pelos da oitava Série, sendo que *a* fica em segunda posição.

O percentual de uso de *em* foi baixíssimo nos dois grupos de informantes. Entretanto, os dados extraídos da *Revista Veja* revelaram não haver uso da preposição *em*, verificando-se uma concorrência entre *a* e *para*.

ii. com o **verbo chegar** de movimento, os dados revelaram que, ao contrário do que se verifica com o verbo *ir*, as formas *para/prá* não ocorrem, o que se justifica com o facto de se indicar que, junto ao verbo chegar, a preposição *para* serve para indicar um sentido de aproximação ou de dirigir a palavra a alguém. Sendo assim, entre as variantes encontradas, *a* e *em*, os resultados revelaram que *em* é a preferida para marcar lugar, especialmente nos dados da fala do Corpus do Discurso & Gramática. No entanto, ficou evidente a atuação do fator nível de escolaridade, pois o uso da preposição *em* é mais persistente entre os alunos da Oitava série, isto nas duas modalidades, enquanto os de Ensino superior só a usam na fala.

Diante do exposto, a autora refere que estes resultados, embora não sigam aquilo que a tradição gramatical recomenda (essa preposição só deve ser utilizada em referência a meio ou tempo), eles vão ao encontro daquilo que algumas obras como (Mesquita, 1999, p.527) ou (Faraco e Moura, 1999, p. 514) admitem. Note-se todavia que nos dados escritos da *Revista Veja*, somente a preposição *a* foi utilizada, o que demonstra a prevalência do padrão culto no registo escrito.

iii. quanto ao verbo “**vir de movimento**”, a sua ocorrência foi bem reduzida, comparativamente a *ir* e *chegar*, isto tanto na fala como na escrita, mas principalmente nesta última. A pesquisadora explica que tal se deve, talvez à dificuldade de sua flexão e devido à confusão com o verbo *ver*. Assim, os dados revelaram que a preposição *para/prá* é mais produtiva com o verbo *vir*, especialmente na fala, manifestando uma tendência clara para a substituição do *a*. Não se encontrou o verbo “*vir de movimento*” nos dados escritos.

iv. **O verbo voltar** apresenta similaridade entre os dados dos corpora (Corpus do Discurso e Gramática e *Revista Veja*). **A preposição mais utilizada com este verbo é o *para/prá***. A pesquisadora refere que talvez este facto se deva à própria semântica do verbo, pois voltar implica retorno, e que há retorno é porque se mantém o vínculo com o lugar o que direciona para uma noção de maior permanência (Costa, 2003, p. 35).

Em síntese, quanto à frequência das preposições junto aos verbos em estudo, os resultados demonstram que, com exceção do *chegar*, em que a variante *em* é a mais produtiva, com os demais verbos em estudo, *para* é a variante preferida pelos

informantes, seguida de a e em. No entanto, os dados da *Revista Veja* são diferentes e seguem o que a tradição gramatical recomenda, especialmente quanto ao não uso de em com os VMD.

Relativamente aos traços variáveis [+ **fechado**] ou [- **fechado**], [+ **permanência**] ou [- **permanência**], [+ **elevado**] ou [- **elevado**] nos núcleos dos adjuntos adverbiais de lugar que acompanham os verbos (*ir, vir, chegar e voltar*), os resultados foram os seguintes:

i) **quanto ao verbo *ir***: traço [+ elevado]: os dados da *Revista Veja* apenas apresentam as preposições consideradas cultas pela norma, a e para/prá, sendo que a é preferida junto a adjuntos classificados como [+ elevado], atendendo à hierarquia entre a e para. Nos dados do Corpus do Discurso e Gramática, verifica-se o uso da preposição em, nas duas modalidades, porém, só com locativos do tipo [- elevado], e o inverso acontece com a e para/prá; *relativamente ao traço* [+ permanência] ou [- permanência], somente a preposição para/prá é usada com indicação de [+ permanência], embora seja possível encontrá-la com a indicação de [- permanência], o que confirma parcialmente a norma; no traços [+ fechado] ou [- fechado], a preposição em só foi utilizada com adjuntos do tipo [+ fechado], enquanto as preposições a e para/prá foram usados com as duas indicações.

ii) Com o **verbo *chegar*** os resultados são: não há ocorrências deste verbo com a preposição para/prá, facto que a pesquisadora atribui à semântica do verbo, pelo que, **tanto a como em podem indicar [+ permanência]**, diferentemente do que ocorre com o verbo *ir*; verifica-se uma maior ocorrência de em com este verbo, o que, segundo a pesquisadora, talvez aconteça devido à não ocorrência de para/prá, tornando-se numa alternativa para a variante a. Na escrita, no entanto, não é usada pelos informantes de Ensino Superior e nem é encontrada na *Revista Veja*, já que é uma forma não padrão, o que demonstra influência do fator nível de escolaridade no uso do padrão; no traço [+ elevado] ou [- elevado], verifica-se a predominância do uso da preposição em com locativos do tipo [- elevado], que aliás, são mais frequentes que os do tipo [+ elevado]; **traços [+ fechado] ou [- fechado] não se mostram relevantes com a preposição em**, que é usada com muita frequência com os adjuntos classificados como [- fechados], sobretudo na fala.

iii) **no verbo *vir*** apesar de sua pouca frequência, como já havia sido referido, os dados mostraram que há uma substituição da preposição a por em e, mais ainda, de a por para, pelo menos na fala. Quanto ao traço [+ elevado] ou [- elevado], todas as ocorrências

são com o traço [- elevado], o que se mostrou ineficaz para a análise. No tocante aos outros traços, [+ permanência] ou [- permanência] e [+ fechado] ou [- fechado], os resultados são idênticos aos outros verbos, ou seja: apenas a preposição para expressa [+ permanência], a preposição em é utilizada com locativos [- fechados] e a e para são para locativos do tipo [+ fechado].

iv) **Quanto ao verbo *voltar*** a preposição em não é persistente, pelo que apenas se constata que o traço [+ fechado] é expresso pelas preposições a e para, assim como nos outros verbos analisados. O traço [+ permanência] é muito produtivo com o verbo *voltar*, provavelmente, pela semântica do próprio verbo (algo como vir para ficar), sendo que a preposição para é a mais utilizada. Com o traço [+ elevado] ou [- elevado], a maioria dos adjuntos são do tipo [- elevado], embora haja alguma tendência de emprego da preposição a com locativos com o traço [+ elevado].

Em síntese, a análise dos dados da pesquisa de Costa (2003) demonstra que: i) o traço [+fechado] ou [-fechado] não é um fator distintivo entre as preposições, já que pode ser introduzido por qualquer das preposições; ii) com o traço [+ permanência] ou [- permanência] segue-se o prescrito pela norma, ou seja, o traço [+ permanência] é indicado, preferencialmente, pela preposição para, especialmente junto ao verbo *voltar* (devido à semântica do próprio verbo), embora, como já se tinha referido anteriormente, haja dados, com os outros verbos, em que a preposição para/prá também indique [- permanência]; iii) o traço [+ elevado] ou [- elevado] é realmente o mais pertinente, pois é o que distingue, efetivamente, o uso das três preposições junto dos adjuntos, ou seja, [+ elevado], normalmente está associado a locativos introduzidos por a e para e, contrariamente, [- elevado] é mais expressivo com em, isto é, determina o uso da variante.

Relativamente a **variáveis sociais**, o único **fator que se mostrou relevante, foi o nível de escolaridade**, especialmente, junto ao verbo *chegar*, em que o uso de em, acontece nas duas modalidades (escrita e fala) e em todos os contextos (formal e informal) pelos alunos da Oitava Série, ou seja, pelos informantes mais novos, enquanto os de nível superior só a usam na fala e em contextos informais.

Vallo (2004)

A pesquisa de Vallo (2004)¹², à semelhança do de Mollica (1996), é sobre a regência variável do verbo “**ir de movimento**” e analisa a língua falada da comunidade de João Pessoa, no Estado da Paraíba, Brasil, pesquisa feita na perspectiva variacionista. Como já se referiu, é um estudo com um formato muito próximo ao desenvolvido por Mollica (op. cit), pois os fatores sociais são os mesmos (sexo, anos de escolarização e faixa etária, variando, ligeiramente, quanto aos fatores linguísticos, pois para além dos traços permanência no local, configuração do espaço e grau de definitude, introduziu um outro fator: a narratividade do discurso.

Neste estudo, foram analisadas 610 ocorrências, dados extraídos do corpus VALPB¹³ obtendo-se os seguintes resultados:

- i) quanto à frequência de uso de cada preposição, os resultados revelaram um expressivo uso da preposição *para*, ficando *a* e *em* com um percentual próximo, embora *em* apresente uma percentagem maior que *a*. Isto é, a tendência de uso segue a seguinte sequência: *para* > *em* > *a*.
- ii) O programa **selecionou quatro fatores**, um social, anos de escolaridade, e três estruturais, grau de definitude, narratividade do discurso e configuração do espaço, sendo que os resultados foram os seguintes: no traço grau de definitude, uso de um nome locativo vago e/ou impreciso do falante e/ou ouvinte favorece o uso das formas consideradas padrão *a/para*, representado por dois polos opostos, marcados por duplos traços negativos e positivos. Por outro lado, o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte favorece o uso da forma não-padrão *em*, representado por polos opostos, marcados por duplos traços positivos e negativos (op. cit, p.211), portanto, é um traço relevante; no traço Narratividade do discurso, na perspectiva de Tarallo (1985), que afirma que o falante ao narrar as suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no género narrativa, desenvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma, notou-se que a não narratividade favorece *a/para*, sendo que a Narratividade

¹² Este trabalho de Vallo consta da obra *Estudos Sociolinguísticos perfil de uma comunidade*, organizada por Dermeval da Hora, onde são apresentados vários outros estudos descritivos sobre diferentes fenómenos linguísticos variáveis, na comunidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, Brasil.

¹³ Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba

favorece *em*; no traço configuração do espaço, o uso de vocábulos referentes a recintos [- fechados] favorece a presença da forma padrão *a/para*, enquanto o de recintos [+fechados] favorece a aplicação de *em*. Para Vallo (op. cit.) esse facto é próprio do conteúdo semântico da preposição *em*, que indica situação de interioridade, isso segundo Cunha & Cintra (1985, p. 557), também de posição no interior de e dentro dos limites de;

- iii) quanto ao fator social Anos de Escolarização, como expectável, os informantes com maior nível de escolarização utilizam mais a forma padrão *a/para*, enquanto os com menos anos de escolarização empregam a forma não-padrão *em*. O estudioso explica que este facto acontece, provavelmente, por os informantes com mais anos de escolarização serem conhecedores da forma padrão *a/para* e por obedecerem à pressão exercida pela escola na utilização da norma culta.

Em síntese, como ficou provado, o fator Narratividade do Discurso mostra que os informantes, quando estão narrando as suas experiências ou a de outros, usam mais a forma não-padrão, por estarem mais preocupados com o que estão relatando do que com o como estão relatando; grau de definitude do N Locativo, demonstra que quando o locativo não é suficientemente preciso para o falante e/ou ouvinte favorece o uso da forma padrão *a/para* e quando o locativo é conhecido pelo falante e pelo ouvinte favorece o uso da forma não-padrão *em*. No concernente à configuração do espaço, constatou-se que *em*, além da noção de movimento, indica uma situação de interioridade, também de posição no interior de e dentro dos limites de. O único fator social relevante é o grau de escolaridade, pois ficou comprovado que quanto maior o grau de escolarização dos informantes, maior o uso do padrão *a/para*, por serem conhecedores dessa forma e estarem sobre a pressão da escola.

Wiedemer (2008)

O estudo de Wiedemer (2008), uma dissertação de mestrado que, à semelhança de Mollica (1996) e Vallo (2004) analisa também a regência variável do **verbo ir** de movimento na fala de pessoas do estado de Santa Catarina/Brasil e que tem como sustentação teórica a sociolinguística variacionista e o funcionalismo linguístico. É uma pesquisa desenvolvida com base em dados de fala coletados em entrevistas sociolinguísticas a 72 (setenta e dois)

informantes das cidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó, dados esses extraídos do banco de dados VARSUL. Testa grupos de fatores linguísticos de natureza morfossintática e semântico-pragmática e que envolvem três categorias: i) o sujeito (pessoa do discurso, forma referencial, (in) determinação, agentividade); ii) o verbo (tempo-modo, frequência, perfeitividade); iii) o locativo (configuração do espaço, demarcação, definitude, destino)¹⁴. Mas também testa fatores discursivos, ou seja, que têm que ver com a narratividade ou não. Os fatores sociais escolhidos são: escolaridade, faixa etária, sexo e cidade.

Conforme se pôde conferir, os resultados obtidos atestaram que:

i) frequência de uso das preposições: ocorre uma escala, ou seja, a tendência segue a sequência seguinte: para > em > a, embora, como o autor afirme, o percentual tenha sido superior às expectativas iniciais, pois supunha-se que a frequência da preposição a fosse menor do que a encontrada.

ii) quanto ao fator configuração do espaço: o traço [lugar/espaco-geográfico] favoreceu a/para e desfavoreceu em; o traço [lugar/instituição personificada] favoreceu a preposição em; o traço [lugar/objeto] favoreceu o uso de em e inibiu o uso de a, mostrando-se indiferente ao uso de para. Ainda, os dados revelaram uma oposição entre as preposições a e para, o que surpreendeu o autor que sempre analisou as duas preposições de forma vinculada. Portanto, os resultados demonstraram que existem contextos claros de retenção do uso de a, na fala de Santa Catarina.

iii) fatores demarcação do espaço, a que Mollica (1996) denomina de configuração no espaço, em que os locativos são distinguidos pelos traços [+fechado]/[-fechado]: se confirma as hipóteses do autor de haver uma **tendência de atuação do fator [+fechado] na seleção da preposição em**, assim como a atuação do fator [-fechado] sobre o uso de para. Como refere o autor, esses resultados comprovam as tendências apontadas por Mollica (1996) e Ribeiro (1996, 2008), quanto ao fator [+fechado], favorecendo a seleção da preposição em e ainda confirmaram um comportamento específico da preposição a que também é favorecida pelo fator [+fechado].

iv) **fatores destino**: não se certifica a hipótese de em aparecer associada a [- direção] e a/para a [+direção], pois ela não foi selecionada pela preposição em, pois as

¹⁴ Como explica o pesquisador, o Projeto VARSUL – variação linguística urbana no Sul do Brasil integra as universidades federais do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e PUC-RS, constituído de amostras de fala (gravadas, transcritas e armazenados eletronicamente) de habitantes de 12 cidades, 4 em cada estado.

percentagens associadas a esses fatores são praticamente idênticos. Porém, esta variável mostrou-se estatisticamente significativa para as outras preposições, especialmente quanto ao uso de a. Os resultados opuseram a e para: [+direção] favorece a e [-direção] favorece para.

v) **fator grau de definitude**: testa-se a hipótese de que: a/para devem ocorrer com nome locativo vago e/ou impreciso [- definido] para o falante, e em com nome locativo de conhecimento do falante [+definido].

Comprovou-se o inverso ao esperado, ou seja, **o traço [-definido] favoreceu o uso de em**, resultado que o autor atribui à opção de não considerar os critérios formais utilizados pelos outros estudos citados. Note-se que o autor se baseia nos resultados encontrados por Mollica (1996), Ribeiro (1996; 2008) e Vallo (2004), embora se tenha alterado ligeiramente os critérios, pois enquanto eles fundamentaram a análise dessa variável em critérios semânticos e formais, Wiedemer opta por privilegiar critérios semântico-discursivos.

vi) **fatores associados ao sujeito**: “a gente/nós/eu” influencia o uso da preposição a, enquanto tu/você está mais fortemente correlacionado à preposição em e a terceira pessoa condiciona o uso de para.

Deve-se realçar que, o autor, para além do fator pessoa do discurso, também testou os fatores forma do SN, (*in*)*determinação e agentividade do sujeito* que, todavia, não se mostraram significativos em relação à escolha de uma ou outra preposição.

vii) **fatores associados ao verbo** (tempo-modo e aspeto verbal): somente o tempo-modo se revelou estatisticamente relevante para a preposição a. O fator que motiva a seleção das preposições é o tempo passado.

Com efeito, relativamente ao **fator aspeto verbal**, que não foi selecionado pelo programa VARBRUL numa primeira rodada, tendo eliminado a variável tempo-modo verbal, a **perfetividade se mostrou significativa para a preposição a**, embora numa ordem mais baixa de seleção do que a que havia sido atribuída na rodada anterior à variável tempo-modo, o que, segundo o autor, mostra que **o tempo verbal é bastante relevante**. Quanto à **frequência**, última variável do grupo de fatores associados ao verbo, ela não se mostrou muito produtiva, pois a hipótese de que a/para devem ser associadas a [interativo] e em

a [semelfactivo]¹⁵ não foi confirmada, dado ao fato de apenas a preposição *para* ser selecionada pela variável semelfactivo.

viii) **o contexto [+narrativo] favorece a preposição *para* e desfavorece *em* e a preposição *a* não é afetada pela narratividade.** Os fatores discursivos foram os últimos grupos de fatores linguísticos analisados. Após uma primeira rodada, que se mostrou significativa apenas para a preposição *a*, favorecida pelo traço [- finalidade], retirou-se a variável pessoa do discurso e os novos resultados mostraram que o fator [+finalidade] favoreceu o aparecimento da preposição *para*.

A aplicação do grupos de fatores linguísticos acima descritos levou o autor a concluir que, no nível sintático o verbo *ir* está regendo variavelmente as três preposições (*a/para/em*) e, no nível semântico, a configuração do espaço com seus detalhamentos motiva o uso de uma ou outra preposição, assim como o tempo-modo verbal, a variável pessoa do discurso, a narratividade e a finalidade.

Em relação aos **fatores extralinguísticos**, o autor verificou que:

i) **o fator idade** não se mostrou relevante para a variável não-padrão, porém mostrou-se significativa para as variantes padrão (*a/para*), que apresentam uma distribuição complementar, pois a tendência de uso da preposição *a* situa-se entre os mais velhos, enquanto o uso de *para* aumenta à medida que a idade diminui.

ii) **O fator escolaridade** mostrou-se relevante na seleção das preposições, porquanto os dados revelaram que, quanto mais escolarizado o informante, mais utiliza a preposição *a* e, em contrapartida, a preposição *em* tende, embora levemente, a aparecer entre os menos escolarizados.

iii) O fator **localidade mostrou-se realmente relevante na seleção das preposições**: as cidades de Blumenau e Florianópolis mostram uma tendência de uso da preposição *a*, a cidade de Chapecó ao uso da preposição *em* e *para* mostra-se indiferente à região.

Para além dos fatores linguísticos e extralinguísticos, o autor acrescentou ainda uma análise do uso de cada preposição por cada cidade. Os resultados obtidos demonstraram que, excluindo a variável demarcação com o fator [+ fechado] que favorece *em* nas

¹⁵ Este fator que tem a ver com a frequência com que o evento se realiza e divide-se em dois traços: semelfactivo e interativo. Semelfactivo (o termo constitui-se a partir de *semel*, palavra latina, que designa “uma vez”) refere-se a um evento singular; interativo, ocorrência múltipla, habitual ou reiterada.

idades de Florianópolis e Blumenau, nenhuma outra variável associada ao N locativo mostra-se atuante nessas duas cidades, o que indica que a preposição *em* só tem uma restrição quanto ao tipo semântico de locativo. Em Chapecó há outros tipos de condicionadores: enquanto o fator [+ fechado] é irrelevante, o locativo [- definido] é favorecedor e o espaço geográfico é altamente inibidor de *em*.

Para concluir, Wiedemer verificou o comportamento individual dos informantes de cada uma das cidades em relação ao uso de cada uma das preposições. Os resultados dos dados obtidos comprovaram que, por exemplo, para a preposição *a*, os dados devem ser relativizados, pois há informantes com uma alta concentração de ocorrências, enquanto outros não a realizam, o que, segundo o pesquisador, indica que a variação não deve ser vista exclusivamente na comunidade de fala, mas também no próprio indivíduo.

Em síntese: para Wiedemer (2008, p. 118), se se atentar para a frequência de uso das preposições no estado de Santa Catarina, pode-se dizer que há evidências de um recuo da preposição *a*, especialmente quando esta frequência é associada aos fatores *faixa etária mais velha* e *grau de escolaridade mais alto*, e ao facto de que muitos informantes não a utilizam. Segundo o pesquisador, isso vem comprovar a hipótese de mudança em andamento rumo à diminuição crescente e gradativa de uma das formas, o que contribuirá para uma crescente competição entre as outras variantes, o que também é evidenciado em outros estudos descritivos desse fenómeno no PB.

Módolo et al. (2011)

Este estudo intitulado *A Variação na Regência dos Verbos “ir” e “chegar” com sentido de movimento direcional*¹⁶ tem como principal objetivo analisar o emprego das preposições *a*, *em* e *para* com esses verbos, no PB. Utiliza três corpora linguísticos: dois para o português escrito (TARALLO, 1993; FABRIS, 1995) e outro para o português falado (RODRIGUES, prelo) e ainda apoia-se no trabalho de Oliveira (2007).

Os resultados encontrados demonstraram que, quanto à **frequência de uso das preposições**, *a* ocorreu apenas na escrita, *em* é produtiva no uso de ambos os verbos e *para* aparece apenas no uso do verbo *ir*.

¹⁶ Artigo publicado na Revista Ci. Huma e Soc. Rev. Seropédia v. 33 n.º 1 janeiro/junho 43-55, 2011

A partir daí, analisaram-se os seguintes fatores linguísticos abaixo indicados, tendo ficado evidente que:

i) O grupo de fatores [+ **fechado**]/[- **fechado**] é relevante havendo também uma distribuição complementar, sendo que a preposição em é condicionada por locativos do tipo [+ fechado] e a e para por [- fechado];

ii) O grupo de fatores **grau de definitude** também se mostrou relevante, havendo também uma distribuição complementar, pois **quanto** [+ **definido**] for o locativo maior é a possibilidade de uso de em e, do contrário, maior será o emprego de a e para;

iii) Quanto à **ausência/presença de elementos entre o verbo e a preposição**, observou-se que a e para são mais comuns em contextos de ausência e do contrário a preposição em;

iv) O **tempo de Permanência** embora seja referido não se apresentam os resultados encontrados;

No que tange aos fatores não linguísticos, são comparados dados do século XIX com os do século XX, de várias perspectivas:

Diacrónica, em que se procura ver a evolução do uso de cada preposição:

- i. Relativamente ao **verbo *ir***, os resultados demonstraram a **ocorrência das três preposições no séc. XIX**, ao passo que há omissão da preposição a na língua falada do século XX;
- ii. Quanto a ***chegar***, não se verifica o uso de para em nenhum dos períodos históricos, “pela incompatibilidade semântica entre os traços desse verbo indicando direção e a preposição”. No entanto, os resultados encontrados nos dados do séc. XX mostram uma **tendência significativa no uso de em**, aparecendo apenas uma ocorrência com a;
- iii. O facto de o verbo *chegar* ser um verbo apresentativo, como os verbos “aparecer” e “comparecer”, para além de ser um verbo de movimento, explica a tendência de uso da preposição em.

Diatópica: são comparados dados de diferentes regiões, estados do Brasil, constatando-se o seguinte:

- i) São Paulo, Minas Gerais e Bahia apresentam taxas superiores a 70% de uso da preposição a e Rio de Janeiro apresenta a taxa mais baixa;
- ii) Uso generalizado de para em todas as regiões;
- iii) Não se verifica o uso de para com o verbo *chegar*, contrapondo-se ao aparecimento de a em São Paulo e Paraná;

Diastrática: variáveis sociais

São mencionadas o grau de escolaridade, a idade, o género, a localização geográfica e o meio social, mas não se apresentam resultados.

Concluindo: os autores afirmam que se nota uma **tendência geral para a redução do uso da preposição a**, quando se comparam os dados do séc. XIX com os do séc. XX, especialmente na língua falada, enquanto há uma **tendência para um uso generalizado de em e para**. Entendem ainda que estas variações se devem a fatores linguísticos e extralinguísticos, principalmente ao traço linguístico [\pm fechado] e que o uso de em com o verbo *chegar* deve-se ao facto de este ser também um verbo apresentativo.

Pinheiro 2014

Uma outra pesquisa publicada em forma de artigo¹⁷, é a de Pinheiro (2014), que também analisa a **regência do verbo *ir* de movimento**, desta feita em falantes cultos de Fortaleza-CE, tendo como suporte teórico e metodológico a sociolinguística variacionista.

A pesquisadora utilizou um corpus já constituído, o PORCUFORT¹⁸. Os informantes têm nível superior (por isso considerados falantes cultos) e são naturais da cidade. A amostra é de 20 entrevistas de uma hora cada e foram obtidos 129 (cento e vinte e nove) ocorrências do verbo *ir* de movimento regido pelas preposições a, para (com variações em pra e pa) em e até.

¹⁷ O estudo aqui apresentado foi publicado em forma de artigo na revista Linha D'Água (online), São Paulo, v.27, n.1, p.55-72 em junho de 2014 e, como refere a autora na parte do resumo, o estudo objetiva descrever e analisar o uso das variantes linguísticas da regência do verbo *ir* de movimento utilizadas por falantes de português oral culto de Fortaleza-CE, bem como verificar quais fatores condicionam sua utilização, traçando um paralelo entre os resultados da pesquisa e as orientações contidas nos manuais de ensino. A escolha desse estudo para descrição deve-se ao fato da sua atualidade, uma distancia temporal de relativamente 4 anos e por assemelhar-se ao presente estudo relativamente ao perfil dos informantes e ao número destes.

¹⁸ PORCUFORT é uma sigla que significa Português, Oral Culto de Fortaleza, resultado de uma pesquisa levada a cabo pela Universidade Estadual do Ceará durante o biênio 1991-2", corpus constituído e coordenado pelo professor José Lemos Monteiro (Monteiro, s/d)

Ao contrário das pesquisas acima descritas, que apresentam vários fatores sociais como sejam a idade, o sexo, a escolarização, a ocupação profissional, entre outros, Pinheiro considerou apenas o sexo e a idade como variáveis extralinguísticas, correlacionando-as. Foram duas as faixas etárias consideradas: 25 a 40 anos e 41 ou mais, sendo que, para cada faixa etária havia 5 informantes do sexo masculino e 5 do sexo feminino, totalizando 20 informantes.

Os **grupos de fatores linguísticos** são: o tempo de ocorrência da situação, classificando-o em presente, pretérito, futuro e atemporal e o período de permanência no lugar indicado pelo verbo, usando os termos [+permanência] e [-permanência], com base nos esclarecimentos de **Luft (1999)**.

Os dados encontrados foram analisados com o programa estatístico do VARBRUL, realizando-se 4 (quatro) rodadas para se detetar os fatores condicionadores do uso das preposições.

A análise dos resultados dos dados obtidos permitiu verificar que há um maior uso da preposição *para*, confirmando os resultados obtidos nos estudos anteriormente descritos (Mollica 1996, Costa 2003, Vallo 2004 e Wiedemer 2008). A forma não padrão *em*, apesar de obter uma frequência baixa, constitui um resultado bastante representativo, comparativamente com a forma padrão *a*, resultado semelhante ao de Wiedemer (op. cit), e ainda mostrou-se interessante pelo nível de escolaridade dos informantes, que se pressupõe que conheçam a norma, já que são falantes cultos.

Quanto aos fatores linguísticos que condicionam o uso de cada uma das preposições, o programa VARBRUL revelou que **o tempo verbal e o período de permanência condicionam o uso da preposição *a***, sendo que **o pretérito tem maior influência**, resultado semelhante ao de Wiedemer (idem, p. 99-100), que também verificou que o passado condiciona as preposições *a/para*. Os outros tempos verbais (presente e atemporal) não tiveram nenhuma ocorrência com a preposição *em*, pelo que foram amalgamados. Assim:

i. Relativamente ao fator **tempo de permanência**, traços [\pm permanência], há uma tendência para um maior uso da preposição *a* quando a ideia é de menor permanência no local. Após aplicar os condicionantes, a autora afirma que, os dados demonstram que a preposição *a* vem dando lugar ao *para* e é menos utilizada que *para* e *em*, embora continue sendo reconhecida como a de maior prestígio.

ii. No concernente aos fatores condicionadores do **uso da preposição *para***, os testes permitiram identificar que apenas o fator tempo de permanência mostrou-se relevante, dado que a pesquisadora confirma com os estudos de Luft (1999) e de Mollica (1996). Mais, certifica a hipótese apresentada de que a extensão dos termos está relacionada com a questão de [\pm permanência], fundamentado no princípio de iconicidade de Givón (1994, p.47).

iii. Quanto ao uso da preposição *em*, os testes estatísticos identificaram fatores linguísticos e sociais condicionadores, nomeadamente, o período de permanência e a idade. Os resultados são semelhantes aos da preposição *a*, ou seja, a sua ocorrência é mais frequente quando os falantes indicam [+ permanência]. E, mais uma vez, a hipótese de que o tamanho do termo esteja relacionado com o fator período de permanência é confirmada. Pelo que, as preposições *a* e *em* estão em concorrência quando ocorre o traço menor permanência.

No tocante ao **fator social idade**, os resultados dos testes estatísticos mostraram que os **mais jovens usam mais a preposição *em***, facto que faz a pesquisadora refutar a hipótese de Luft (1999, p.342) de que o uso do *em* é uma sobrevivência da língua arcaica, herança da língua-mãe, pois, normalmente, o uso de termos arcaicos é uma prática dos mais velhos. Sobre a questão do uso da forma não-padrão a autora chama a atenção para a descontextualização dos manuais de ensino analisados na pesquisa (Infante 2001; Cereja e Magalhães 2003), pois estes não referem à possibilidade de uso da preposição *em*, embora Luft (1999) o tenha feito. Avança ainda que, há uma forte possibilidade da preposição *a* vir a desaparecer, pois mesmo os falantes cultos a substituem por *para* e *em*.

2.3.2 Estudos das variedades africanas do Português

Carvalho, 1991

Este é um dos primeiros estudos sobre o Português de Moçambique, como se pode deduzir daquilo que são as palavras da autora que diz:

A precária investigação sobre o português em Moçambique, não autoriza a descrição, cientificamente comprovada, de uma variante moçambicana de Lp. Não se dispõe de suporte científico para apontar fenómenos de variância relativa ao Pe normalizado, nem para isolar derivas comprovadas, (...) (Carvalho, 1991, p. 20)

No entanto, esta pesquisa identifica um leque de traços linguísticos (a nível do léxico, sintaxe, e fonética e fonologia) distintos do PE padronizado, dados extraídos de um corpora constituído por estudos parcelares do Instituto Nacional de Desenvolvimento da Educação (INDE), corpus do português falado recolhidos por I. Machungo (1983) e por Carvalho (1987) para além de outro estudo que não é designado, destacando que amostragem já é referida nos estudos de Gonçalves (1985), que elenca as áreas de mudanças.

De entre os fenómenos variáveis identificados, a autora opta por investigar de forma mais profunda um dos aspetos de sintaxe, a regência verbal dos verbos locativos, em que, reconhece haver **derivantes** se contrastadas com a norma do português europeu, particularmente no que se refere ao uso da preposição *em*, que segundo diz, bloqueia a eficácia comunicativa. A título de exemplo apresenta a frase:

(1) ... (se empresa aceita) deixar você sair na empresa.

Analisa os aspetos sintático-semânticos dos verbos locativos no português oral de Maputo, entendendo Verbo Locativo (VL) na perspetiva de Guillet (1983): “aquele que concretiza uma relação de lugar, ...” Porém, centra-se apenas nos chamados complementos cénicos, ou seja, os VL em função espacial.

Embora a pesquisa de Carvalho (op. cit) tenha um enfoque maior como objeto de estudo, os VL, todavia, ela se revela pertinente para o presente estudo, na medida em que abrange o fenómeno aqui em análise, ou seja, os verbos de movimento direcional, que são uma das classes identificadas, especificamente, nos contextos em que o argumento lugar (Lg) ocupa a função semântica de Meta.

Foram testadas as variáveis faixa etária e nível de instrução, cruzou-se os dados, estabelecendo-se as seguintes hipóteses: 90% dos entrevistados de instrução média foram escolarizados no período pós-independência (portanto, numa faixa etária mais jovem), por professores nacionais sem habilitações adequadas, fator que por isso, pode beneficiar a frequência de ocorrências fora do padrão europeu; os de grau básico, quase exclusivamente formados antes de 1975, durante o período colonial favorecem o registo de um discurso mais próximo do europeu.

Relativamente à regência dos verbos de movimento direcional, os resultados de Carvalho (idem) permitiram constatar que:

- i) Ocorre **variação na seleção das preposições** locativas na sua presença/ausência, tipo de argumento selecionado (seleção categorial) e redobro;
- ii) **As preposições** de lugar e duração *a* e *para*, para além dos traços semânticos -durativo/+durativo (envolvendo a primeira a noção de uma finalidade exclusiva orientada para a chegada, enquanto a segunda se orienta para o destino), também **aditem outros significados como seja o direcional**, como nas frases: a) Não vou para o centro; b) Vou à Faculdade, não posso acompanhar-te;
- iii) Verifica-se que a preposição *em* **é usada** junto a Locativos, particularmente em contextos frásicos que exigem outras preposições padronizadas pelo PE;
- iv) Há **fatores linguísticos e extralinguísticos** que aceleram as derivas, operando-se em complementaridade;
- v) Como fatores linguísticos, aponta-se: a questão da admissão do regime V Prep *em* por certos VL temporais, que simultaneamente ocorrem em empregos espaciais (não estativo) o que dificulta na opção distribucional de falantes de LP em fase de aprendizagem; o facto de os locutores terem diferentes línguas bantu como língua materna e tais construções frásicas serem também produzidas por falantes dessas línguas;
- vi) Os fatores extralinguísticos identificados foram: a tipologia das línguas bantu, cuja estrutura gramatical tenha contribuído para a transferência para a LP, que também recebe **interferências das línguas maternas**; o **status de língua oficial** que a LP tem em Moçambique; presença de **novos referentes**, como por exemplo as toponímias, designações tomadas das línguas bantu.

Porém, ao comparar os resultados com as realizações de falantes nativos do PE e de aprendentes do português como língua segunda e estrangeira, encontra as mesmas variâncias, o que a leva a concluir que elas constituem etapas na aprendizagem do português, que devem ter um tratamento pedagógico adequado para que não se fossilizem.

Em suma: a autora considera haver uma certa hesitação linguística no português oral de Moçambique, afirmando não haver variantes em curso de fixação, com a exceção das regências VIAJAR + *PARA* e CHEGAR + *EM*, que mesmo assim, não pode ser generalizado.

Gonçalves & Chimbutane (2004)

Este estudo em forma de artigo, visa analisar o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais, só que na perspetiva de interferência, reconhecida por Bamgbose (1982), citado por Firmino (2002, p. 218) como uma das vias que se recorre, normalmente, para se explicar as inovações linguísticas nas variedades não nativas (VNN). Neste caso concreto, como se depreende do título do artigo *O Papel das Línguas Bantu na Génese do Português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais*, na mesma linha de Carvalho (1991,) a variação nesta área gramatical é atribuída às línguas maternas faladas em Moçambique.

Os autores afirmam que o principal traço que distingue o PM na realização de argumentos locativos e direcionais é o uso da preposição *em* com SNs referentes a lugar (op. cit, p.3).

Trabalha-se com dados orais e escritos extraídos de um corpus de amostragem (80 frases), produzido por sujeitos adultos de diferentes graus de escolaridade, sendo que, o corpus oral é constituído pelas recolhas de Gonçalves (1990), Carvalho (1991) e de Stroud e Gonçalves, 1997), todos obtidos através da técnica de entrevista; o corpus escrito também é de Gonçalves (1990), obtido por meio de redações escritas pelos mesmos informantes.

Assim, a análise dos dados permitiu as seguintes observações:

- i) O uso da **preposição *em* com SNs referentes a lugar** é o principal traço que distingue o PM, sendo que;
 - *em* aparece associada a argumentos locativos com a função de `tema` (ex. 1 e 2), regendo também argumentos direcionais de verbos de movimento, com a função de destino ou `origem` (ex. 3 e 4) que, normalmente no PE são regidos pelas preposições *a/para*. Por exemplo: 1) Em casa dele é aqui em frente (= a cada dele é...); 2) Conheci em casa dela; 3) Voltou em casa (= para casa); 4) Está a sair no estúdio (= do estúdio).
- ii) Os argumentos locativos e direcionais podem também ocorrer sintaticamente realizados como SNs, quer exprimam direção/`destino` ou direção/`origem`. Exemplos: 5) Não posso entrar o lugar que tem muitas mulheres (= ...no lugar); 6) Tive possibilidade de viajar algumas províncias (= ...para algumas províncias); 7) Viemos aqui Maputo (= ...(para) aqui para Maputo); 8) Saímos Matalane (= ... de Matalane).

- apenas ocorrem na posição de sujeito e objeto direto os sintagmas *em*-SN que designam ‘lugar onde’. Exemplos: 9) na minha mãe era fértil; 10) conheci nesse livro.
- iii) a preposição *em* coocorre igualmente com a preposição *até* que, no PE, ora rege SNs (*até* [minha casa]) ora forma uma locução prepositiva com a preposição *a* (*até* [*ao* cais]). Exemplos: 11) fomos até [em Dar-es-Salem]; 12) andou até [no destino]; 13) voltou até [no Maputo].
- iv) as estruturas (ADV) *em*-SN são as mais comuns no discurso dos falantes do que as em que a preposição direcional *para* coocorre com o sintagma *em*-SN, que são raras.
- v) Os constituintes locativos e direcionais também podem ocorrer sintaticamente realizados como ‘(ADV) SN’, mesmo em casos em que no PE é requerido um SP regido pela preposição *em*.

Os pesquisadores entendem que a variação do comportamento sintático dos constituintes locativos e direcionais resulta de duas mudanças gramaticais relativamente ao PE, mudanças que se articulam entre si e são resultantes do papel que as línguas maternas terão desempenhado, ou seja, resultam de transferência linguística. São elas:

- i. Reanálise da preposição *em* do PE como marcador morfológico de caso semântico locativo e não como núcleo de um SP, em que a preposição *em* é usada não como uma preposição plena, mas como um instrumento morfológico destinado a assinalar a função semântica locativa dos SNs com que coocorre;
- ii. Reanálise dos verbos direcionais de movimento que, no PM, incorporam a informação sobre direção (‘destino’ ou ‘origem’), podendo ser dispensadas as preposições *a/para* e *de* que, no PE marcam estes papéis semânticos. No PM é adotado um padrão de lexicalização dos verbos direcionais de movimento segundo o qual os argumentos destes verbos desempenham apenas a função de locativos (e não a função de ‘direção’), realizando-se lexicalmente como *em*-SN.

A não assimilação dessas estruturas gramaticais é entendida pelos autores como insucesso no processo de aquisição do Português/L2 em Moçambique, atribuído à interferência das propriedades da gramática das línguas bantu que bloqueiam a reestruturação da interlíngua dos aprendentes. Eles assumem o modelo de aquisição de L2 defendido por Schwartz & Sprouse (1996), o de “Transferência total/Acesso total” (‘Full Transfer/Full

Acess`), que prediz que o estágio inicial na aquisição de uma L2 é a sua L1, embora a Gramática Universal (GU) também tenha um papel a desempenhar no processo, pois tal como na aquisição da L1, a aquisição de uma L2 é regulada pela GU, distinguindo-se pelo facto de os aprendentes de uma L2 já terem conhecimento da gramática da sua L1, e este conhecimento constituir o estágio inicial no processamento do *input/L*”.

Concluindo: apesar dos autores defenderem a perspectiva de interferência linguística, demonstrando que algumas propriedades das L1 dos falantes do PM, as línguas bantu, são responsáveis pelas mudanças gramaticais no comportamento dos constituintes locativos e direcionais, reconhecem, todavia, que, por si só, a interferência não pode explicar todos os traços distintos do PM e admitem outras possibilidades de análise, inclusivamente, a de avaliar de que forma o *input* gerado pela gramática do PE desencadeia esses novos traços.

Gonçalves, P. (2010)

Este estudo faz parte da obra *A génese do Português de Moçambique* em que através de sete capítulos, a pesquisadora Perpétua Gonçalves dá a conhecer aquilo que ela mesma designa de Português de Moçambique (PM), desde a sua génese, apresentando uma visão panorâmica dos condicionais sociopolíticos, passando por uma breve descrição de alguns aspetos gramaticais específicos desta variedade do português, explicação da teoria da aquisição e mudança linguística que dá suporte ao estudo até chegar propriamente a um conjunto de estudos de caso sobre alguns aspetos linguísticos, nomeadamente: o argumento beneficiário, os argumentos locativos direcionais e os conectores de Subordinação. Para esta pesquisa, interessa, particularmente, o segundo tópico; os argumentos locativos direcionais.

Deve-se referir que a pesquisa de Gonçalves (op. cit), assim como a de Gonçalves e Chimbutane (2004), não segue os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística, pois como é observado pela pesquisadora, toma-se como base os instrumentos teóricos atualmente disponíveis sobre a aquisição de L2 e sobre mudança linguística (Gonçalves, idem, p. 22). Portanto, procura-se demonstrar o papel da transferência linguística das L1 (línguas bantu) na génese do PM.

A análise é feita tendo em conta os três estágios de aquisição de uma L2: no estágio inicial, a pesquisadora identifica as possíveis propriedades e regras das gramáticas de L1 (no caso, as línguas bantu) que interferem, segundo ela, “negativamente” no

processamento das evidências geradas pela PE; no estágio intermédio da interlíngua, as representações da gramática da língua alvo dos aprendentes; no final, a aquisição das propriedades e regras do PM que têm tendência a estabilizar.

Partiu-se da observação que, alguns falantes adultos do PM dão evidência de mudanças no comportamento desses argumentos com a preposição *em* com SN selecionados por verbos de movimento.

Os dados empíricos base do estudo foram extraídos de corpora orais de interlíngua produzidos por alunos da 3.^a e 5.^a classes de Gonçalves (2001) e INDE (2003), respetivamente. Os dados dos falantes adultos são dos corpora orais de Albarran (1988), de Gonçalves (1990b), e do projeto PPOM de Stroud e Gonçalves (1997) e ainda há dados do corpus escrito de Gonçalves (1990b).

No **estágio inicial**, a pesquisadora parte da observação que a área da gramática que parece condicionar as duas mudanças linguísticas alvos do estudo: i) a introdução na gramática do PM de um tipo especial de nomes que podem, em determinados contextos sintáticos, realizar-se como SN introduzidos pela preposição *em*; ii) a adoção de um novo padrão de lexicalização dos verbos de movimento, segundo o qual estes incorporam informação sobre «direção» e, por esta razão, os argumentos desses verbos designam apenas «lugar onde»). Portanto, refere-se às propriedades sintáticas de constituintes locativos e ao padrão de lexicalização dos verbos de movimento.

Para fundamentar a primeira mudança, Gonçalves explica que, nas línguas bantu, os constituintes que exprimem «lugar onde», ou seja, os locativos são normalmente realizados como SN, os quais, para além de desempenhar a função de oblíquo, têm também acesso às posições sintáticas de sujeito e de objeto. Portanto, diferentemente do português, não há, nestas línguas restrições quanto às posições sintáticas que estes constituintes podem ocupar. Estas posições são assinaladas no verbo através das respetivas marcas morfológicas e tanto os nomes locativos como os não locativos controlam morfemas de concordância da partícula genitiva. Relativamente à segunda mudança, padrão de lexicalização dos verbos de movimento, relembra que as línguas naturais distinguem-se quanto à forma como se realiza a lexicalização dos diferentes elementos semânticos do «evento movimento» (Talmy, 1985 e 1991), o qual, para além do «movimento» propriamente dito, inclui entre outros «percurso», modo, etc. Estes

elementos semânticos podem ser expressos através de verbos, preposições/posposições, orações subordinadas e «satélites».

Assim, línguas como o português, em que o verbo exprime «movimento» e outro elemento do «evento movimento», adotam um padrão de «lexicalização plena». Contrariamente, as línguas bantu pertencem ao grupo de línguas em que os verbos de movimento incorporam, preferencialmente «movimento» e «percurso», sendo que este inclui especificações semânticas não só de «exterioridade» como de «direção». Por essa razão, diferentemente do português, estas especificações semânticas não são expressas por nenhum outro elemento lexical ou morfológico, e os complementos destes verbos apenas exprimem o «lugar onde», culmina o movimento.

Diante do acima exposto, a pesquisadora conclui que estas são as propriedades gramaticais das línguas bantu que podem ter dificultado o processamento das evidências geradas pela gramática do PE, no que se refere à fixação das propriedades dos constituintes locativos e dos argumentos de verbos de movimento e que, portanto, a polivalência sintática dos SN locativos das línguas bantu pode ter interferido negativamente no processamento dos sintagmas *em*-SN do PE e que, devido ao facto de os verbos de movimento destas línguas incorporarem informação sobre «percurso/direção», neste estágio, as diferentes preposições do PE tendem a ser abandonadas.

No estágio intermédio, para além de uma tendência de recategorização do *em*-SN como SN e emergência de um padrão de lexicalização dos verbos de movimento idêntico ao das L1 dos aprendentes observados no estágio inicial, acresce uma outra particularidade, a saber, quando os sintagmas *em*-SN coocorrem com formas adverbiais locativas, estas são regidas pela preposição direcional *para*, como na frase “um dia foi [para lá] [em casa do gigante]. Há também evidência da realização de constituintes locativos e argumentos direcionais como SN. Contudo, a tendência de regência da preposição *para* com constituintes locativos *em*-SN é abandonada à medida que se avança no desenvolvimento linguístico. A pesquisadora constata que, a representação inicial da L2, construída com base no modelo das línguas bantu, atua como um «filtro», dificultando a perceção e captação de traços do *input* que poderiam levar a uma reestruturação da gramática de interlíngua em direção a uma convergência com a língua-alvo.

No estágio final, a pesquisadora reconhece duas mudanças gramaticais: i) o estabelecimento de uma classe nominal locativa, que tem como consequência a

recategorização da preposição *em* como marcador morfológico de caso semântico locativo; ii) a reanálise dos verbos de movimento, que passam a incorporar informação sobre direção («destino» ou «origem»), podendo assim ser dispensadas as preposições direcionais que, em PE, marcam estes papéis semânticos.

O estudo de Gonçalves, embora tenha uma orientação teórico-metodológica dos diferentes estudos aqui analisados, mostra-se relevante, por ser dos poucos publicados sobre as variedades africanas e que dá conta da ocorrência do fenómeno da variação dos verbos de movimento direcional, não obstante atribuí-la à questão da aquisição/aprendizagem da LP como L2, nomeadamente à questão da transferência/interferência de estruturas da LM que condicionam.

Gonçalves, R. (2010)

Este estudo apresentado em forma de artigo intitulado *A preposição a no português oral de S. Tomé* decorre da investigação da pesquisadora para a dissertação de mestrado e como afirma:

Tem como principal objetivo caracterizar a atual situação linguística de S. Tomé e Príncipe e apresentar duas estruturas gramaticais do Português Oral de S. Tomé que revelam a mudança linguística gerada pelo processo de aquisição como L2: a construção do duplo objeto e expressão do locativo com verbos de movimento.

Quanto a este último objetivo, a expressão do locativo com verbos de movimento, visa essencialmente analisar o fenómeno de **ausência da preposição a e sua substituição pela preposição *em***.

Os dados foram extraídos de um corpus-amostragem de 50.000 palavras de 12 entrevistas aplicadas à população local do arquipélago de S. Tomé e Príncipe, no âmbito do Projeto VAPOR (Variedades Africanas do Português) do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. A amostra é constituída por: i) 5 informantes do sexo masculino e 7 do sexo feminino; ii) média de idade de 31 anos; iii) nível de escolaridade entre o 7.º e 11.º anos.

Os verbos de movimento analisados foram o *ir* e o *chegar* e os resultados encontrados revelaram haver variação na regência desses verbos, isto é, que diferentemente do PE em que os verbos seleccionam a preposição a para introduzir o Nome Locativo (complemento do verbo), no PST usa-se tanto a preposição a como a *em*, sendo que o uso desta última

é mais expressivo com o verbo *chegar*. Também ocorre a ausência da preposição a, particularmente com *chegar*.

A pesquisadora acredita que, à semelhança daquilo que acontece no PA, descrito em Cabral (2005)¹⁹ e no PM, por Gonçalves (1998), há fatores que motivam esta variação, especificamente, questões semânticas: i) o papel temático das preposições; ii) as propriedades dos verbos *ir* e *chegar*.

Relativamente ao papel temático das preposições, a está relacionada à ideia significativa de movimento, enquanto em, à do traço definitude do locativo, isto é, têm respetivamente o papel de meta e locativo. Assim, todos os contextos em que a é substituída por em envolvem locativos. Por exemplo: “cheguei em casa”.

Quanto à tipologia aspetual destes verbos, *chegar* e *ir* têm diferentes comportamentos: chegar é um verbo télico, o que significa dizer que se refere a uma situação que implica um limite, ao passo que *ir* é atélico, isto é, indica a ideia de deslocamento e não impõe que o percurso tenha sido cumprido. Daí que a pesquisadora entenda que, a variação ocorrida com os VMD se deva às propriedades dos verbos *ir* e *chegar* acoplado ao papel temático das preposições envolvidas, pelo facto de em encerrar em si a noção de finitude seja seleccionada pelo verbo chegar e a, que exprime maior dinamicidade, seja preferida pelo verbo *ir*.

Os resultados deste estudo mostraram o seguinte no PSTP:

- i) Os verbos *ir* e *chegar* apresentam variação, pois, quando preposicionado, o NP ou PP tende a ser introduzido por a ou em;
- ii) A tendência para a seleção da preposição a pelo verbo *ir* e da preposição em pelo verbo *chegar*;
- iii) A ausência da preposição a é mais expressivo com o verbo *chegar*;
- iv) O uso de a em lugar de para, embora o número de ocorrências seja pouco expressivo;
- v) A tendência para a transitivização direta em lugar da transitivização preposicionada pelo verbo *chegar*;

¹⁹ Pesquisamos este estudo que consideramos ser de extrema importância para o presente trabalho, já que não encontramos referências relativas ao PA. Todavia, não está disponível para consulta, constando apenas do repositório da Universidade de

- vi) Com o verbo *ir* a transitivização direta ocorre exclusivamente em contextos de topicalização;
- vii) No caso de topicalização do argumento interno com o verbo *chegar* acontece a omissão da preposição a;
- viii) A propriedade de transitividade direta pode resultar da adoção de uma propriedade do Forro durante o processo de aquisição do português enquanto L2. Todavia a pesquisadora considera ser esta uma justificação um pouco frágil, se se tiver em conta que a omissão da preposição a estende-se a outros verbos de dois lugares com argumento interno oblíquo, que inclusivamente não existem nesse crioulo, como sejam os verbos *assistir* ou *dedicar-se*.
- ix) A preposição a tende a ser substituída por em com o verbo *chegar*;
- x) A preposição a tende a ser substituída por para com o verbo *ir*;
- xi) Não se verifica a ocorrência de em com o verbo *ir*, o que, segundo Gonçalves R. (op. cit, p. 94) afasta o PSTP de outras variedades africanas do português e do português brasileiro;

Em suma, a pesquisadora considera que, pelo exposto acima, o PSTP apresenta alguma variação, no referente ao uso da preposição em com verbos de movimento como o *chegar*, no entanto, mantém ainda características do PE quanto à regência do verbo *ir*. Acrescenta ainda que, “o recurso a diferentes preposições nas várias variedades do português está inteiramente relacionada com a interpretação sintático-semântica que os falantes fazem dos eventos descritos pelos verbos e dos valores das preposições que com eles se combinam”.

Síntese

Como se pôde ver, da análise dos estudos aqui resenhados constata-se haver duas perspectivas de análise: enquanto os estudos do PB explicam a variação da regência dos verbos de movimento direcional pelo viés da criatividade, reconhecendo fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam as variáveis e possibilitam tais realizações, os estudos do português africano (PM e POST), por sua vez, são fundamentados pelo viés da interferência linguística das L1, com base numa abordagem generativista em teorias e estágios de aquisição linguística irregular, como referido.

Relativamente aos estudos do PB, observou-se que a maioria analisa os grupos de fatores linguísticos clássicos para a compreensão dessa variável (a configuração do espaço, o

grau de definitude, o tempo de Permanência), sendo que alguns, como Vallo (2004), Wiedemer (2008) e Pinheiro (2014), introduzem novos grupos, que têm que ver não só com o N Locativo ou SPREP, mas também com o sujeito, o verbo em si (tempo e modo verbal), a narratividade do discurso, entre outros. Os principais resultados obtidos foram:

- ❖ Todos os grupos de fatores linguísticos clássicos identificados por **Mollica (1996)** a saber, **configuração do espaço** (os traços semânticos do Nome [+fechado]/[-fechado] do núcleo do complemento do verbo, o seu SPREP), **grau de definitude** (características morfo-semântico-discursivas desse núcleo e que definem o seu grau de definitude [+definido]/[-definido]) e o **tempo de permanência** (nos traços [+permanência]/ [- permanência]) afetam o uso das preposições (a/para e em) regidas pelos VMD, sendo que:
 - i. na configuração do espaço, **o traço [-fechado] favoreceu a presença das preposições a e para** e [+fechado] inibiu-a, configurando-se como contexto em que em tem mais possibilidades de ocorrer;
 - ii. no grau de definitude, ficou provado que, **quanto [+definido] for o referente, maior é a probabilidade de ocorrer com a preposição em**, já que indica “lugar onde”, para além de movimento, por outro lado, quanto mais indefinido e vago for o referente, maior a possibilidade de ocorrência de a/para, que incorporam apenas a ideia de movimento;
 - iii. o tempo de permanência revelou ser determinante apenas na escolha de a/para, sendo que **a continua vinculada ao sentido atribuído pelas GN, como sendo usada nos casos de [- permanência] e para [+ permanência]**.
- ❖ Nem todos estes traços ditos clássicos foram testados pelos outros estudos, sendo que, nos casos em que alguns foram testados, os resultados foram diversos. Por exemplo:
 - i. o traço [± fechado] testado por Costa (2003), Vallo (2004), Wiedemer (2008) e Módolo *et al* (2011), **não se mostrou relevante apenas em Costa (op. cit.)**. Portanto, é um traço com fortes tendências de condicionamento;
 - ii. O grau de definitude testado por Vallo (*op. cit*), Wiedemer (*op. cit*) e Módolo *et al* (*op. cit.*) não condicionou a regência dos VMD apenas em Wiedemer (*idem*), por este não o ter aplicado assim como sugerido por

Mollica (1996), ou seja, considerando traços de natureza formal (presença/ausência do determinante de N locativo de SPREP) e traços de natureza semânticos [\pm definido], sendo [+ definido] o referente conhecido do falante e ouvinte, sendo o contrário também verdade. Portanto, pode-se dizer que **o grupo grau de fatores de definitude não afeta tanto como o de configuração de espaço;**

- iii. O tempo de permanência, testado apenas por Costa (*ibidem*), Módolo *et al.* (*ibidem*) e Pinheiro (*op. cit.*), mostrou ser relevante apenas em Costa (*idem*) e Pinheiro (*idem*), constituindo-se, portanto, num fator de influência média.
- iv. Um teste de percepção aplicado por Mollica (*op. cit.*) revelou haver uma **hierarquia entre as preposições**, em que a é considerada a melhor e/ou a mais correta de entre as alternativas e em a mais incorreta. Costa (*op. cit.*) também analisa a hierarquia entre as preposições sob a designação de **traço [\pm elevado]** e este foi o traço que se mostrou ser mais **relevante**;
- v. Wiedemer (*idem*) revela ser o estudo mais inovador, pois testa um maior número de traços, introduzindo traços inéditos de natureza morfossintática e semântico-pragmática e envolvem três categorias: i) o sujeito (pessoa do discurso, forma referencial, (in) determinação, agentividade); ii) o verbo (tempo-modo, frequência, perfetividade); iii) o locativo (configuração do espaço, demarcação, definitude, destino).
 - **O traço pessoa do discurso condiciona o uso das diferentes preposições**, sendo que a é selecionada pela 1.^a pessoa, em pela 2.^a e para pela 3.^a do singular;
 - **O traço tempo-modo verbal testado também por Pinheiro (*idem*), mostrou afetar o uso da preposição a**, particularmente o tempo passado, pretérito perfeito, no caso de Wiedemer (*idem*).
 - Os traços forma referencial, (in) determinação, agentividade, frequência, perfetividade e destino, não se mostraram relevantes na escolha das preposições;
 - O traço Narratividade testado por Vallo (*idem*) e Wiedemer (*idem*) afeta o uso das preposições, pois há manifestamente uma tendência para se usar a preposição em, quando se está a narrar factos,

enquanto a não narratividade favorece as formas prescritas pela GN.

Quanto às variáveis sociais, eles mostram que:

- **O fator escolarização é o mais forte**, pois à exceção de Pinheiro (2014), este fator demonstrou afetar a seleção das preposições em todos os outros estudos, revelando uma tendência dos mais escolarizados em usarem com maior frequência as preposições *a* e *para*, ao passo que os menos escolarizados preferem *em*;
- **idade e sexo não são tão eficientes**, embora, no estudo de Pinheiro (*op. cit.*) se tenha constatado que os mais velhos tendem a usar as formas consideradas padrão, *a* e *para*, e os mais novos tendem a inovar, usando a preposição *em*;
- **Colocação no mercado**, testado apenas por Mollica (*idem*), afeta a regência do verbo *ir* de movimento, no sentido de haver correlação entre a cotação alta e uso das formas padrão e cotação baixa e uso de forma não-padrão.
- **Localidade**, testado por Wiedemer (*op. cit.*), também revelou ser relevante na opção por uma outra preposição na regência do verbo *ir*.

Considerando estes estudos e os seus resultados, no presente estudo, serão utilizados, na análise dos dados, as seguintes variáveis linguísticas que, por um lado, são as que se revelaram mais produtivas nos estudos que as testaram e, por outro lado, dado às limitações impostas pela natureza deste trabalho: i) os traços [+ fechado]/ [- fechado]; ii) [+ definido]/ [- definido]; iii) [+ permanência]/ [-permanência]; iv) configuração de espaço na perspectiva de Wiedemer (2008), com os traços: lugar/ objeto, lugar/ instituição personificado; lugar/ instituição; lugar/ espaço sociogeográfico; v) tempo-modo verbal (o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, o infinitivo e outros.

As variáveis sociais testadas são apenas a idade e o sexo, pois, como se disse anteriormente, a escolaridade é uma invariante, quadro deste estudo, por serem todos os informantes falantes cultos, ou seja, com nível de escolaridade superior. Também não se testa nem a colocação no mercado de trabalho nem a localidade, por estarem todos os informantes ao mesmo nível, ou seja, todos estão inseridos no mercado de trabalho e pertencem à mesma cidade.

Contudo, destacamos o facto de o nível de escolaridade se revelar um facto importante na variação, o que sustenta a opção de delimitação da norma do PCV a partir do uso dos falantes instruídos.

Capítulo II. Procedimentos Metodológicos

Neste capítulo, descreve-se as opções metodológicas tomadas para a realização da pesquisa que se propõe realizar, enquadrado, como já explicitado, na sociolinguística variacionista. Explicita-se as etapas da pesquisa, os passos dados e os instrumentos e procedimentos de recolha e análise dos dados utilizados.

Assim, compreende as seguintes secções: 2.1 – Contextualização da pesquisa; 2.2 – Dimensão do corpus oral, composto por entrevistas; 2.3 – Instrumentos e procedimentos de recolha dos dados; 2.4 Seleção dos informantes; 2.5 - Tratamento e análise dos dados: 2.5.1 – Análise dos dados orais; 2.5.2 - Análise do corpus escrito, que integra textos de jornais; 2.5.3 – Análise dos testes de perceção das variáveis.

2.1 Contextualização da pesquisa

Como foi referido na introdução deste trabalho, esta pesquisa insere-se num projeto mais amplo, coletivo, da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa da Universidade de Cabo Verde (CET-LP, doravante) – Descrição da norma culta do português de Cabo Verde (PCV) cujas orientações e procedimentos teórico-metodológicos o presente estudo adota, Projeto: Descrição da norma culta do português de Cabo Verde (PCV).

Trata-se de um ambicioso projeto de caracterização e descrição da norma culta da variedade emergente do PCV. O documento desse projeto estabelece (p. 1) o seguinte:

Este projeto de pesquisa tem por objetivos documentar, analisar e caracterizar, sincronicamente, a variedade em formação do Português de Cabo Verde, desde logo a sua norma culta, ou seja, a modalidade de língua oral usada por pessoas de nível de escolaridade superior completa ou em fase de conclusão, sendo portanto, o grau de escolaridade uma invariante.

Considerando a sua dimensão [da investigação a realizar], propõe-se um projeto de investigação-base, coletivo, fundamentado nos parâmetros teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, defendida por Labov (1972), para o qual contribuirão trabalhos académicos concretos, mormente dissertações de mestrado e trabalhos de fim de curso, a nível da graduação.

Importa, assim, o estabelecimento progressivo de *corpora*, com garantias de equilíbrio e comparabilidade. Para o efeito, há que recolher dados nas cidades selecionadas (ver abaixo), considerando as variáveis sociais idade e sexo. A partir dos dados recolhidos, as variáveis dependentes, cuja investigação se mostrar relevante poderão ser progressivamente analisadas, nas produções académicas de pós-graduação e graduação.

Segundo o documento do projeto, essa descrição será feita a partir, fundamentalmente, de amostras de produções de falantes cultos dos principais centros urbanos (Praia, Assomada, Mindelo e Espargos), estabelecendo-se a dimensão total da amostra, bem como os critérios de seleção dos informantes, para que sejam garantidos o equilíbrio e a comparabilidade dos dados de diferentes projetos académicos concretos, como é o caso deste.

2.2 Dimensão do corpus oral e sua composição

Antes de mais, convém explicitar o que é estabelecido, a este propósito, no Projeto Descrição da norma culta do português de Cabo Verde (PCV) como parâmetros para a definição do universo da amostra, tamanho e estratificação de qualquer trabalho de pesquisa que se enquadre no projeto geral, para o qual este trabalho de investigação pretende contribuir. Estabelece-se o seguinte:

Nas dissertações de mestrado, cuja investigação reverte a favor do Projeto, o recorte a analisar será definido por projeto de mestrado, cada um centrado no estudo de uma das variáveis dependentes selecionadas; o número mínimo de informantes será de três por célula e, no máximo, de doze por projeto individual de mestrado (ou seja, por exemplo: três homens e três mulheres das faixas etárias 1 e 2 ou 2 e 3, totalizando 12 informantes, ou cinco homens e cinco mulheres de uma só faixa etária, totalizando 10 informantes).

Do exposto, e como acontece em qualquer estudo sociolinguístico, buscam-se os dados linguísticos numa comunidade de fala, no caso, numa comunidade urbana, a da Cidade de Assomada. Mas, para isso, é necessário contactar indivíduos pertencentes a esta comunidade linguística, os informantes que fornecem os dados.

A escolha da cidade de Assomada prende-se ao facto da pesquisadora deste trabalho nela residir e atuar profissionalmente como professora de LP e, no exercício das suas funções docentes, ter deparado, com alguma frequência, com ocorrências linguísticas divergentes da norma padrão europeia (que é aquela que a escola normalmente ensina), sendo uma delas a regência variável dos VMD. Apesar dessas variantes estarem atestadas em algumas variedades do português já descritas, nomeadamente a brasileira, elas são tidas como erradas por divergirem daquilo que é prescrito nas gramáticas normativas, nomeadamente, no que concerne ao tipo de preposição que os pós-segue.

Normalmente, dado à dimensão das comunidades linguísticas, nos trabalhos desta natureza a opção mais prática e lógica é a de recolher dados de apenas alguns indivíduos, que se tornam representativos das comunidades. Aliás, como refere (Görski, Coelho,

Souza, & May, 2010, p. 114) as pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que não há necessidade de amostras tão grandes, uma vez que o uso linguístico é mais homogêneo do que o comportamento humano acerca de outros fatos, em virtude de não estar sujeito à manipulação consciente.

Portanto, segue-se alguns procedimentos para a definição do tamanho da amostra e sua estratificação. Assim, para montar a amostra, fez-se um recorte com total equilíbrio entre as diferentes variáveis sociais (faixa etária e sexo) consideradas no projeto-base e selecionou-se, aleatoriamente (Monteiro, 2000; Guy & Zilles, 2007),²⁰ informantes com esse perfil, residentes na cidade de Assomada e nela exercendo a sua atividade profissional. A amostra integra um total de 12 (doze) informantes, como recomendado para cada projeto de mestrado, distribuídos, equitativamente por duas faixas etárias selecionadas (FII-29 – 39 e FIII - 40-50), e pelos dois sexos (masculino e feminino). Assim, são seis informantes para cada sexo e seis para cada faixa etária.

A opção por começar por estas duas faixas etárias, que se enquadra nas possibilidades oferecidas pelo projeto-base, não é despretensiosa. Com efeito, escolheu-se trabalhar duas faixas etárias próximas: a de 29-39 e a de 40-50, dado ao facto de os indivíduos pertencentes à primeira faixa etária ainda estarem à procura de afirmação profissional e reconhecimento social e, portanto, necessitarem de regular mais a sua fala; ao passo que os da faixa etária II são detentores de alguma estabilidade profissional e, portanto, já gozam de algum prestígio, o que não os impele tanto à regulação da fala.

Além disso, como se trata de um estudo sincrónico da língua, entendeu-se por bem analisar os dados de duas faixas etárias próximas, as duas mais velhas, como forma de testar a estabilidade da variação linguística na regência dos VMD, já que os mais velhos são menos inovadores, ou se se poderá tratar simplesmente do resultado de desempenhos individuais no uso da língua.

Uma outra razão é a de que os indivíduos pertencentes a estas duas faixas etárias, normalmente, constituem modelos linguísticos, não só pela possível ocupação profissional que desempenham na sociedade assomandense, mas também pelo facto de, numa cidade com as características da de Assomada (cidade do interior, pequena, onde

²⁰ Trata-se de uma amostra probabilística em que cada sujeito tem igual oportunidade de ser escolhido para fazer parte da pesquisa.

praticamente todos se conhecem), normalmente, os indivíduos com as características requeridas, são reconhecidos, por toda a população como modelos linguísticos a seguir.

Considerando o exposto, a amostra para este estudo, composta por 12 falantes cultos e integrando duas variáveis sociais (faixa etária e sexo), pode ser visualizada na Tabela 1, abaixo:

Tabela 1: Distribuição dos informantes da amostra

Faixa etária	F	M	Totais
FE II (29 – 39)	3	3	6
FE III (40-50)	3	3	6
Totais	6	6	12

2.3 Seleção dos informantes com perfil adequado

Considerando esta amostra, a escolha dos informantes foi feita aleatoriamente, como referido garantindo, à partida, a possibilidade de escolha de qualquer membro da comunidade, com o perfil requerido: ter nascido na cidade de Assomada ou nela residir 2/3 da sua vida e com menos de cinco anos de ausência com residência num país de língua portuguesa.

Deve-se ressaltar aqui que, muitos potenciais informantes, com o perfil traçado, ao serem contactados recusaram conceder entrevista. Alguns alegaram falta de tempo, sendo que outros, ao perceber que a entrevista deveria ser em língua portuguesa, alegaram não ter um bom domínio desta língua.

Buscou-se diversificar o perfil dos informantes quanto à formação e ocupação profissional, embora esta não seja um fator identificador. Contudo, não foi uma tarefa fácil, dado ao facto da maior parte da população com ensino superior completo ou em fase de conclusão pertencer à classe profissional dos professores, como podemos verificar no processo de identificação de possíveis informantes. Deve-se realçar ainda que, nenhum dos informantes faz parte do círculo familiar e de amizade da pesquisadora.

Descreve-se assim o perfil dos informantes:

Quanto à origem/ naturalidade e permanência na cidade:

- 2 (dois) dos informantes não são naturais da cidade de Assomada, porém residem nela há mais de 2/3 de sua vida;
- Apenas dois dos informantes já se ausentou do país por um período de mais de 5 anos, por motivos de estudo: um em Portugal e outro no Brasil;
- Os outros informantes ausentaram-se da cidade por um período máximo de 3 anos, para residir na vizinha cidade da Praia, também por motivos de estudo;

Relativamente ao grau de escolaridade deve-se destacar que:

- 9 (nove) entrevistados têm formação superior completa, obtida em Cabo Verde;
- 2 (dois) informantes obtiveram formação superior fora de Cabo Verde, em países de língua oficial portuguesa (Portugal e Brasil);
- 1 (um) dos informantes não tem grau de ensino superior completo, pois, obteve um curso considerado de nível médio, no ex-Instituto Pedagógico, formação de professores de ensino básico;

No concernente à formação/ocupação profissional, pode-se dizer o seguinte:

- 5 (cinco) dos inquiridos são professores de formação, muito embora apenas dois estejam em pleno exercício da função docente: um no secundário e outro no superior. Os outros 3 (três) exercem cargos de gestão académica;
- 1(um) exerce função docente, embora a sua formação académica não seja específica para a docência;
- 1 (um) está em processo de formação para a docência, embora já tenha uma licenciatura numa outra área;
- 1 (um) é formado em direito e, no momento, frequenta um estágio num escritório de advocacia da cidade;
- 2 (dois) são técnicos superiores da Câmara Municipal do concelho, sendo que um é economista e outro geógrafo;
- 1(um) é licenciado em Estatística e Gestão de Informação e trabalha na área de estatística no Hospital Regional de Santiago Norte;
- 1 (um) é licenciado em Gestão de Empresas, no momento, trabalha numa ONG internacional, como coordenador da Região Norte da ilha de Santiago;

Quanto ao perfil linguístico dos informantes, de um modo geral, pode-se dizer que é parecido, apresentando ligeiras variações em alguns contextos. Senão, veja-se:

- **Na família**, todos os entrevistados dizem usar a LCV, sendo que apenas 3 (três) usam tanto a LCV como a LP. Portanto, a LP não é, praticamente, usada nas suas relações familiares;
- **No trabalho**, as coisas funcionam um pouco diferente, pois a maioria (7 informantes) diz usar tanto a LCV como a LP, 3 (três) usam exclusivamente a LCV e apenas dois usam exclusivamente a LP. Deve-se lembrar que, grande parte dos informantes são professores e assumem usar as duas línguas no desempenho da atividade docente. Observa-se assim que, a LP, a língua oficial, e que outrora era tida como a única língua usada nas relações de trabalho, hoje, vem ganhando espaço nas situações de formalidade e até nas salas de aula;
- **Na comunidade**, obviamente que a língua falada é a LCV, sendo que apenas 3 (três) dizem usar tanto a LCV como a LP;
- **Outras Línguas faladas, para além da LCV**, como é óbvio, são aquelas aprendidas na escola, ou seja, a LP, o Francês e o Inglês. Apenas um informante disse falar também o espanhol.

Contato com os meios de comunicação social:

- Sabe-se que os meios de comunicação desempenham um importante papel na aprendizagem das línguas segundas, de onde se obtém boa parte dos *inputs*. Do contacto com os meios de comunicação (televisão, rádio, jornais e revistas), nota-se que a **televisão é o meio preferido dos entrevistados**, particularmente a televisão cabo-verdiana, que é assistida todos os dias (à exceção de 3 informantes). Apesar da nossa percepção inicial de que a televisão brasileira fosse muito assistida, devido às telenovelas, apenas um entrevistado afirmou assistir à TV brasileira todos os dias;
- Relativamente aos **outros meios** (rádio, jornais e revistas), os **nacionais** continuam a ser os **preferidos**. Portanto, os entrevistados desta pesquisa, têm pouco contacto com meios de comunicação onde se usam como língua de emissão outras variedades da LP, logo, mormente o PE, logo, pressupõe-se que haja pouca possibilidade de receber *inputs* dessas variedades por esses meios.

2.4 Instrumentos e procedimentos de recolha dos dados

Nesta parte, explica-se os meios ou formas usadas para recolher os dados, tanto os orais como os escritos.

2.4.1 Ficha do Informante

As informações acima apresentadas foram obtidas a partir de Fichas do Informante (cf. anexo 1), tendo em vista garantir que os informantes selecionados tivessem o perfil adequado. A ficha foi elaborada num seminário de orientação, de modo a que pudesse ser o mesmo para todo o projeto base.

Cada ficha foi preenchida pela pesquisadora, como uma primeira forma de contacto com o informante de modo a deixá-lo mais à-vontade e também para fornecer informações sobre o perfil social e linguístico dos inquiridos, que, posteriormente, poderão ser úteis na interpretação dos dados. A ficha é constituída de duas partes: uma primeira, a ser preenchida antes da entrevista e que contém:

1. **Dados da entrevista**, como sejam: o local onde ela foi realizada, a data, a hora de início e fim, a pessoa que realizou a entrevista, o tipo de gravador usado e o código dado ao informante. Tem por objetivo o registo formal da entrevista;
2. **Dados pessoais do informante** contendo: nome completo, o sexo, a data de nascimento, a naturalidade, o contacto, o tempo de permanência na cidade, a escolaridade/formação, a ocupação profissional e o perfil linguístico. Tem por objetivo traçar o perfil social e linguístico dos informantes;
3. **Do contato com os meios de comunicação**: se assiste à TV, se ouve rádios, se lê jornais e revistas, visando entender a frequência de contacto do informante com as duas línguas em contacto.
4. **Após a entrevista**, é preenchida a segunda parte da ficha, contendo as características psicológicas do informante, a sua postura durante o inquérito e as interferências ocasionais dos circunstantes, com o objetivo de ajudar a perceber possíveis relações ou interferências do estado psicológico do informante e do ambiente no seu comportamento linguístico. Finalmente, a cada Ficha de Informante é atribuída um código identificador, constituído por três letras maiúsculas, abreviatura da palavra informante, INF, acompanhado de um número cardinal identificador, atribuído a partir da ordem de realização das entrevistas.

2.4.2 As entrevistas

O principal instrumento de recolha dos dados é a entrevista sociolinguística ou ainda a entrevista narrativa, como recomendado pela teoria variacionista, a fim de se obter dados de fala espontânea dos falantes que, como já foi explicado, no caso da LP o domínio típico é o formal. Por meio dela, pretende-se obter um corpus a partir do qual será observado o desempenho linguístico dos falantes, relativamente à regência dos VMD.

Trata-se de uma entrevista semidirigida ou semidirecta, em que o entrevistador propõe um determinado tópico de conversa ao entrevistado (tópico que tem a ver com o seu quotidiano) e, a partir dali, vai orientando a entrevista, fazendo perguntas que achar pertinentes, como forma de incentivar a fala espontânea do entrevistado, envolvendo-o emocionalmente com o que relata, de tal forma que se esqueça de monitorar o seu próprio discurso, promovendo-se assim uma situação de comunicação o mais natural possível.

Portanto, esta é uma boa técnica para se obter dados de fala espontânea e assim poder analisar o fenómeno linguístico em estudo.

a) **Elaboração do roteiro da entrevista**

O roteiro de entrevista (cf. anexo 2) foi elaborado num Seminário de Orientação a fim de servir ao projeto geral. O objetivo é que os informantes falem entre 40 a 60 minutos, o mais naturalmente possível.

Para o efeito, foram considerados temas diversos. No entanto, para cada tópico de conversa, foi elaborado um conjunto de perguntas que poderão ser utilizadas pelo entrevistado para eliciar a fala do entrevistado, caso o falante não se mostre à-vontade para falar de ou sobre um dado tema ou seja muito direto e objetivo, não se alongando muito na conversa sobre um determinado tema.

Os tópicos vão desde a relação do falante com a cidade, passando por sua infância, sua vida enquanto estudante, até à sua vida adulta, relatando, essencialmente, aspetos da sua rotina diária e das suas redes de relações. Mas o roteiro também prevê temas sociais como a emigração e a violência, a educação no país, a religião, a política e a economia. O entrevistador/pesquisador pode não esgotar todos os tópicos de conversa, caso o falante faça um bom uso da palavra. As perguntas estão relacionadas com o informante em si (sua vida pessoal), o seu ambiente familiar e o social, temas que normalmente envolvem

as pessoas, preocupando-se com o que dizer e não como dizer, ou seja, deixando de regular a sua fala, situação ideal para os estudos sociolinguísticos.

b) Realização da entrevista

No primeiro contacto, foi explicado a cada informante em que consistia a entrevista, bem como o porquê da sua realização. Também foi solicitado a permissão para a realização da gravação, garantindo o anonimato, mediante a assinatura de um Termo de Compromisso (cf. Anexo 3). De seguida, é preenchida uma ficha de informante, como referido.

Durante a entrevista, procurou-se seguir o roteiro/guião previamente elaborado, embora, no decorrer da mesma, sempre que se justificasse e se mostrasse pertinente, foram feitas perguntas que não estavam previstas no roteiro, como estratégia para que o entrevistado falasse mais e assim se conseguisse mais dados de fala espontânea.

Sendo Assomada uma cidade bastante pequena e de características rurais, onde, praticamente todos os que nela residem se conhecem, tal facto facilitou a relação entre a entrevistadora e os entrevistados. Assim, procurou-se estabelecer uma relação de cordialidade, de modo a que os entrevistados se sentissem o mais descontraídos possível. Procurou-se sempre, colocar os tópicos de conversa de modo a que os entrevistados falassem de forma espontânea, discorrendo sobre o tema proposto, pelo que se evitou interrompê-los.

As entrevistas aconteceram em datas e locais previamente combinados com os entrevistados, identificados pelos próprios, sendo que, grande parte aconteceu no local de trabalho dos entrevistados. Elas ocorreram no período entre março e junho de 2017.

De um modo geral, iniciava-se a entrevista, solicitando ao informante que falasse da cidade, da sua inserção nela, para depois se passar para os outros tópicos. Logo à primeira, os falantes eram muito diretos nas suas respostas, limitando-se apenas a responder de forma objetiva às questões. Todavia, no decorrer da entrevista, iam-se envolvendo com os tópicos de conversa e começavam a ficar mais livres.

Todas as entrevistas realizadas foram registadas diretamente por meio digital, através de minigravador, obtido especificamente para o efeito, observando-se as condições éticas comuns nestas situações (Machine, 2004, p. 118). A seguir às entrevistas, fez-se o

tratamento dos áudios através de um programa específico, o Adobe Audition 1.5, em ambiente Windows, como forma de garantir a fiabilidade dos dados.

Seguidamente, procedeu-se à **transcrição das gravações**, tarefa bastante árdua e que fez despende largas horas de trabalho, para que se reproduzisse na íntegra o que se encontrava em formato áudio. Fez-se uma primeira transcrição ortográfica, deixando em branco as palavras incompreendidas, para, num segundo momento, se voltar a ouvir as gravações com o intuito de aplicar as normas de transcrição e preencher aquilo que não tinha sido compreendido. Na verdade, em alguns casos, não há a transcrição completa de algumas frases e palavras, dado à deficiente articulação verbal de alguns entrevistados. Todas as entrevistas foram transcritas, observando-se as normas definidas no quadro do projeto geral, elaboradas num seminário de Investigação (cf. anexo 4, Normas de transcrição das entrevistas).

Cada entrevista tem a duração média de 40 a 60 minutos, conforme a indicação do projeto maior referido acima e foram realizadas pela autora deste trabalho. O corpus daí resultante totaliza cerca de 11 horas de gravação e por volta de 75.385 palavras.

As transcrições definitivas (cf. ficheiro digital de Transcrição das Entrevistas) totalizam cerca de 210 páginas e estão numeradas de 5 em 5, como forma de facilitar a identificação de extratos utilizados como dados.

2.4.3 Recolha de dados escritos: textos de jornais

Nesta matéria, o projeto-base em que este estudo se insere dispõe:

Dada a proximidade desses falantes com a modalidade escrita, para comparar a realização dos fenómenos analisados na modalidade oral e escrita será constituído, também, um *corpus* de controlo escrito, *Corpus* Escrito dos Jornais (CEJ), a partir de três tipos de textos (editoriais, notícias e artigos de opinião), publicados em jornais cabo-verdianos (impressos ou em linha), nos últimos cinco anos, considerando que, tipicamente, estes média tendem a fixar a variedade padrão, através dos seus manuais de redação.

A dimensão do *Corpus* Oral da comunicação social (COCS) e a do *Corpus* Escrito dos Jornais (CEJ) deverão ser equiparadas à do *Corpus* Oral dos Falantes Cultos (COFC) em número de palavras.

[...]

No caso das dissertações de mestrado, por exemplo, será possível combinar recortes das três fontes disponíveis ou apenas de parte desse conjunto, em função do tópico em estudo ou de outros fatores relevantes para o mesmo.

Assim, e tendo em vista que este estudo visa, principalmente, verificar qual é a tendência da regência dos VMD no PCV, se há ou não variação, entendeu-se por bem complementar a análise dos dados orais com os dados escritos, para controlo. Como foi referido, ocorrência da mudança na escrita é sinónimo que ela começa a se estabilizar, sinal de que se caminha para uma mudança linguística consolidada, pois, sabe-se que, uma das características da modalidade do discurso escrito é o diferimento, o que permite que seja planificada, corrigida, mais próxima da norma padrão. Normalmente, quando isto acontece, é porque está-se perante um traço característico da variedade da língua.

Sabe-se que, hoje, geralmente, os média exercem uma grande influência na vida das pessoas, que a tomam como referência e modelo a seguir nas mais diversas áreas. Assim, por se querer comparar os dados orais aos escritos, optou-se por analisar textos da imprensa escrita, nomeadamente jornais, que são mais comuns entre nós.

Os dados escritos foram extraídos do **Jornal A Nação**, do primeiro trimestre do ano de 2017, ou seja, referentes aos **números 488 de 5 de janeiro de 2017 ao número 499 de 23 de março de 2017**, num total de 12 números ou edições.

Foram lidos e analisados **todos os textos contidos em cada número**, com exceção dos avisos e anúncios contidos na parte dos Classificados. 1 (um) editorial, 96 (noventa e seis) notícias, 78 (setenta e oito) reportagens, 9 (nove) cartas de leitores, 34 (trinta e quatro) artigos de opinião e 2 (duas) crónicas e 2 (duas) entrevistas). Este corpus é assim constituído por 222 (duzentos e vinte dois) textos.

Como se vê, extravasamos os tipos de texto previstos no projeto de base, mas não nos parece haver grande incompatibilidade, para comparabilidade futura, uma vez que as cartas dos leitores podem ser equiparadas aos artigos de opinião e as reportagens às notícias. Quanto às crónicas, elas também foram incluídas por não as termos percebido com uma linguagem literária bem vinculada.

2.4.4 Teste de perceção/avaliação das atitudes linguísticas

Interessa, também, conhecer a avaliação dos falantes acerca das variantes identificadas como um contributo para aquilatar da introdução dessas variantes na língua. Assim, os julgamentos avaliativos dos falantes serão identificados através da aplicação do teste utilizado por Duarte (1989): leitura de frases ou segmentos textuais em que as variantes testadas estão presentes a falantes, solicitando-lhes um juízo sobre a sua boa formação. (Lopes A. d., 2016)

Seguindo esta disposição do projeto-base, para conhecer a atitude dos falantes face às variantes que usam, foi utilizado um **teste de atitude/avaliação**. Como se pode verificar cf. anexo 5), o teste é constituído por um leque de frases, onde se confrontam os informantes com uma série de construções contendo os VMD regidos de preposições, extraídos dos seus próprios dados de fala e também dos outros informantes, para que dissessem quais consideravam as mais aceitáveis e quais eram as menos aceitáveis.

Consistiu em lhes pedir um juízo de gramaticalidade sobre cada uma das variantes atestadas. Após ler frases ou segmentos textuais em que ocorriam essas variantes, o informante avaliava-as, reconhecendo-as como certas ou erradas. Considerando o papel das atitudes na variação e mudança linguística (Calvet, 2002, p. 80) os resultados constituirão um elemento suplente para ajuizar sobre a introdução das variantes atestadas na língua.

2.5 Tratamento e análise dos dados

A análise dos dados foi feita em três etapas, de acordo com os resultados encontrados nos dois *corpora* (oral e escrito) e no teste de avaliação.

Assim, numa primeira etapa, foram analisadas as 12 (doze) entrevistas sociolinguísticas realizadas com informantes da cidade de Assomada, distribuídas equitativamente pelos dois sexos e pelas duas faixas etárias, como explicitado acima, e que constituem o *corpus* oral.

De seguida, procedeu-se à análise dos textos escritos, extraídos de um jornal cabo-verdiano, o jornal *A Nação*, que compõem o *corpus* escrito.

Numa terceira etapa, o foco foram os resultados obtidos através do teste de percepção/avaliação das variantes (atitudes linguísticas), aplicado aos entrevistados.

Finalmente, esses resultados foram comparados com os obtidos nos estudos descritivos no capítulo anterior, ou seja, para o PB (Mollica, 1996; Costa, 2003; Vallo, 2004, Wiedemer, 2008, Módolo, 2011 e Pinheiro, 2014), PM (Carvalho, 1991, Gonçalves e Chimbutane, 2004) e PSTP (Gonçalves R., 2010).

2.5.1 Análise das entrevistas

Sabendo que a pesquisa se centra num fenómeno linguístico concreto, a regência variável dos VMD, as ocorrências de uso desses verbos é que constituem os dados de análise.

Deste modo, para a análise das entrevistas, **primeiro**, foram identificadas as ocorrências das construções que se pretende analisar, em contextos de realização do sintagma verbal preposicionado.

Para o efeito, começou-se pela leitura das transcrições das entrevistas, para identificação e extração dos contextos de uso dos VMD. Cada ocorrência recebeu um número de identificação, como forma de facilitar o reconhecimento, constituindo assim num arquivo à parte dos dados orais (cf. anexo 6).

Não foram considerados na análise os seguintes tipos de dados:

- a) os verbos (*ir, vir, chegar, voltar, sair*) seguidos de advérbio ou locução adverbial, pois nestes contextos de uso o verbo não rege nenhuma preposição. Ex.: (fui **lá** perguntar alguma coisa...) (Venho **cá** todos os dias) (Chego **lá** em 20 minutos) (se chegar **aqui** um francês temos de falar com ele); (...voltou **lá**); (eu saio **pouco** porque moro longe;
- b) os referidos verbos usados sozinhos, sem complemento locativo, ou seja, com a elipse do N locativo (...ou se nasceu ali veio não sei), isto porque, como é evidente, o N Locativo é regido ou introduzido por uma preposição, portanto, sua ausência pressupõe também ausência da preposição. Ex.: (depois **saiu** mas as tarefas eram divididas entre nós); (pra podermos comunicar com outro que **vem**); (mas nunca **chego**), porque; (quando tem atividade todo o mundo **chega**); (depois **regressei** voltei a morar com os meus pais); (o meu pai ele **foi** e eu também não);
- c) os referidos verbos empregados como auxiliar, pois, nestes contextos não sendo o verbo principal, não vigora a sua regência, mas sim, a do verbo principal, como por exemplo: (...senão **vou** chegar atrasado); (que eu tinha de **ir** fazer uma loucura).

Depois, foi feita a análise do contexto linguístico de cada ocorrência e a quantificação dos dados, por variável linguística condicionadora.

As variáveis linguísticas utilizadas no estudo dividem-se em dois grupos: 1) as associadas ao verbo em si, especificamente, o tempo e modo verbal; 2) as associadas ao complemento do verbo, relacionados aos traços semânticos do N Locativo, a saber: i) a demarcação do espaço (+ fechado/ - fechado); ii) a definição do espaço (+ definido/ - definido); iii) o tempo de permanência (+permanência/ - permanência); iv) a configuração do espaço, ou seja, o tipo de espaço a que o N locativo se refere, constituído pelos seguintes traços: (Lugar/instituição personificada; Lugar/espaço geográfico; Lugar/objeto; Lugar/evento; Lugar/instituição). Essas variáveis linguísticas, nomeadamente, as associadas aos traços semânticos do N Locativo já são clássicas e testadas em estudos como os de Mollica (1996), Vallo (2004), mas também em projetos de dissertações e teses como os de Costa (2003), Wiedemer (2008), entre outros, como ficou evidenciado na revisão da literatura.

Seguidamente, procedeu-se à observação de como estes resultados se comportam em função da aplicação das variáveis sociais selecionadas (sexo e faixa etária).

Portanto, quanto às variáveis sociais foi observada a frequência das ocorrências num grupo de falantes cultos da cidade de Assomada, em função da faixa etária e do sexo. A escolarização, que também é um dos fatores clássicos, não foi tido em conta, porque, como foi referido anteriormente, esta pesquisa segue as orientações de um projeto maior de descrição da fala de falantes cultos dos principais centros urbanos de Cabo Verde, como forma de contribuir para a descrição da norma sociolinguística do PCV.

2.5.1.1 A quantificação dos dados

Nos estudos de carácter variacionista, normalmente, a análise dos dados é feita através de programas informáticos estatísticos específicos, a saber, o Goldvarb-X ou o VARBRUL, programa usado para “medir os efeitos das variáveis independentes sobre a variável dependente” (Votre, 1991, citado Pinheiro, 2014), o que facilita o processo, pois permite o tratamento automático, gerando resultados estatísticos.

Contudo, a análise estatística dos dados encontrados nas entrevistas, também pode ser realizada com o suporte do programa quantitativo Excel, usada por muitos para trabalhos desta natureza, aliás, é o usado por Lopes (2011), entre outros. Por este motivo, e porque não houve condições para aprender a usar estes programas, optou-se então pelo segundo programa, o Excel.

Os resultados assim obtidos serão interpretados e contrastados com a norma do PE e com as outras variedades da LP, considerando os resultados dos estudos referidos (Mollica, 1996; Costa, 2003; Vallo, 2004; Wiedemer, 2008; Carvalho, 1991; Gonçalves e Chimbutane, 2004; Gonçalves, 2010; Gonçalves R., 2010).

A seguir explicita-se, de forma pormenorizada, todas as variáveis (linguísticas e extralinguísticas ou sociais), bem como a forma como foi feito o tratamento dos dados.

2.5.1.2 Variável dependente

Como está patente no quadro teórico, a variável dependente, os VMD, podem ser regidos pelas preposições (*a/para/em/Ø*), consideradas possíveis nas variedades linguísticas já descritas. Portanto, essas quatro (4) possibilidades foram as variantes testadas, como se seguem:

Contexto 1: *para/prá*

Contexto 2: *a*

Contexto 3: *em*

Contexto 4: *Ø*

Deste modo, cada um desses contextos foi analisado de acordo com as variáveis linguísticas abaixo descritas.

2.5.1.3 Variáveis linguísticas

A. Variáveis associadas ao verbo

1. Tempo e modo verbal

Procurou-se determinar uma possível relação entre o tempo-modo verbal e o uso de cada uma das preposições, pois acredita-se que este fator motive a escolha de determinada preposição. Como ficou patente no quadro teórico, no estudo de Wiedemer (2008, p.98), a hipótese levantada era a de que *a/para* seriam mais frequentes com os verbos no tempo não-passado e *em* com os verbos no passado. Todavia, no presente trabalho, a hipótese levantada é a de que a preposição *para/prá* é mais produtiva junto ao modo infinitivo, pois entende-se que, já que a preposição *para/prá* carrega consigo, normalmente, o traço de [+permanência] e o infinitivo tem o valor expressivo atemporal, haverá uma relação de proximidade entre eles.

Por outro lado, a preposição a, está associada ao tempo presente, por carregar consigo o traço de [-permanência], portanto mais atual, e em está associada aos tempos do passado (pretérito perfeito e imperfeito), por ser mais concreta e apresentar a ideia de meio e tempo, algo já realizado. A seguir exibe-se tabelas com os resultados da atuação do fator tempo-modo junto de cada preposição. Analisa-se, separadamente, os dados relativos a cada verbo, para, no fim determinar o tempo-modo mais produtivo em relação a cada preposição.

Seguem alguns exemplos para clarificar o modo como este levantamento será feito.

Presente

- (1) “... vou para casa depois vou para o ginásio...” (INF4)
- (2) “... depois eu venho para a escola...” (INF1)
- (3) “... fim-de-semana sempre saio para uma zona diferente...” (INF11)
- (4) “... há muitos alunos que chegam no ensino superior e ainda não conseguem formar frases...” (INF12)

Pretérito Perfeito

- (5) “...fui para Praia em dois mil e onze...” (INF1)
- (6) “... veio para Assomada...” (INF1)
- (7) “... depois saí pra fora...” (INF4)

Pretérito imperfeito

- (8) “... de manhã ia às aulas...” (INF1)
- (9) “... a professora M que residia em Chão de Tanque ela vinha para escola num tipo de Bedford do pai que era motorista,...” (INF3)
- (10) “... o meu pai saia logo de manhã para o trabalho...” (INF6)

Outros

Infinitivo

- (11) “...não se precisa de deslocar grande distância para ir à procura de algo...” (INF1)
- (12) “Há uns que optam por vir pra cidade...”
- (13) “... precisamos entrar no ensino secundário da democracia...” (INF3)
- (14) “... não tive oportunidade de sair para outros lugares...” (INF2)

(15) “... ao **chegar num local** por exemplo num local numa reunião num encontro falas as pessoas que dominam o português...” (INF12)

Particípio

(16) “... eu não lembro de ter **ido ao parque...**” (INF4)

B. Variáveis associadas ao N Locativo

Como foi referido nas considerações preliminares, quanto a este grupo de fatores, seguiu-se a mesma linha de pesquisa de Mollica (1996), por ser a pioneira neste campo de estudo, e que quanto à variável que ela denominou de configuração do espaço, preferiu-se a designação de Wiedemer (2008), Demarcação de Espaço. Considerou-se apenas três grupos de fatores, a saber:

1. **Demarcação do Espaço:** [+fechado], [-fechado];
2. **Grau de Definitude:** [+ definido], [-definido];
3. **Tempo de Permanência:**[+ permanência]/[- permanência];

Mas também, neste estudo, considerou-se pertinente testar um outro fator que foi utilizado por Wiedemer (2008, p.76) e por ele denominado de “configuração do espaço”, por ter mostrado ser um fator bastante revelador quanto à diferenciação das variáveis.

Assim, tem-se:

4. **Configuração do Espaço**, com os seguintes contextos:
 - [lugar/instituição personificada];
 - [lugar/sociogeográfico];
 - [lugar/objeto];
 - [lugar/evento];
 - [lugar/instituição].

Procurou-se verificar se a escolha/uso das preposições era influenciada por este grupo de fatores, a partir do exposto por Wiedemer (*op. cit*), ou seja:

- (i) **para/a** deve ser mais usada com [lugar/espaço sociogeográfico] e [lugar /objeto] por estarem associadas apenas à ideia de movimento;

- (ii) a deve ser mais usada com [lugar/evento] por estar associada à ideia de [-permanência];
- (iii) em com [lugar/instituição personificada]; [lugar/instituição] por conter em si não só a ideia de movimento mas também de estar dentro.

Contudo, dado à dificuldade de enquadramento alguns N Locativos de SPREP encontrados, por não se adequarem ao estabelecido nas categorias estipuladas por Wiedemer (*idem*), considerou-se importante acrescentar mais duas categorias: Lugar Espaço Social e Lugar conceitos. Mais adiante explica-se cada uma desses traços.

Portanto, referente ao grupo de fatores configuração de espaço, estabeleceu-se os seguintes traços: [lugar/espço geográfico]; [lugar/objeto]; [lugar/evento]; [lugar/espço social]; [lugar/conceito]; [lugar/instituição]; [lugar/instituição personificada], totalizando sete traços, referentes a ao grupo de fatores configuração do espaço.

Os resultados obtidos foram apresentados em forma de gráficos e tabelas e organizados da seguinte forma: analisou-se cada verbo, aplicando cada um dos grupos de fatores. Os resultados da maioria dos grupos de fatores foram apresentados em forma de gráficos. Porém, optou-se por apresentar os resultados relativos aos grupos tempo-modo verbal e configuração do Espaço em tabelas como forma de facilitar a visualização, já que esses dois grupos de fatores são constituídos por vários traços, tornando-se ilegíveis se estivessem em forma de gráficos

Num primeiro momento, verificou-se a frequência geral de cada uma das variantes (a/para/em/Ø) junto a cada um dos 8 (oito) verbos estudados, para se ter a noção da sua produtividade, no sentido de averiguar se realmente a preposição a tem perdido espaço para para/prá, como é demonstrado em alguns estudos da variedade brasileira da LP e se em, considerada não padrão, já ocorre na fala cultos de Assomada.

Após se ter uma noção da frequência das preposições junto a cada VMD, apresentou-se e analisou-se os resultados relativos aos grupos de fatores linguísticos em forma de gráficos.

Em alguns casos, optou-se pelo uso da mesma nomenclatura de Wiedemer (*op.cit*) relativamente à designação dada a alguns dos traços, a saber: demarcação do espaço para o traço [+ fechado]/[- fechado]; Definitude para [+ definido]/[- definido]. Aos traços [+ permanência]/[- permanência] que não foram analisados por aquele pesquisador, atribui-

se a designação Tempo de Permanência, usada por Mollica (*op.cit*), Vallo (*op.cit*) e Costa (*op.cit*).

Os exemplos a seguir ilustram como será feita a extração dos dados referentes aos traços de cada um dos grupos de fatores:

1) Demarcação do espaço: [+fechado] / [-fechado]

[+fechado] - são espaços delimitados por barreiras físicas, como por exemplo muros e paredes. Ex.: casa, escola, varanda, praça, entre outros.

(1) “...eu obriguei-lhe para ir à **varanda**...” (INF1)

(2) “...depois construí a minha família fui pra minha **casa**...”

[-fechado] - são os espaços que transmitem uma ideia contrária à acima exposta, ou seja, considera-se os espaços caracterizados como: “lugar indefinido e/ou abstrato e os considerados de difícil classificação”, lugar aberto, sem entrada definida. Exemplos: localidades, cidades, países, mar, referências a lugares abstratos.

[- fechado]

(3) “Eu tinha de ir ao **Tarrafal**,...” (INF3)

(4) “Vivi com os meus pais depois fui **pra Portugal** fazer os meus estudos (INF4)

(5) “...não tive oportunidade de sair para **outros lugares**...” (INF8)

2) Grau de definitude

Exemplos:

[+definido] - nomes locativos que sejam precedidos de determinantes artigos definidos, possessivos e demonstrativos e conhecidos do falante/ouvinte.

(6) “... vou para **o meu trabalho** às sete e meia...” (INF9)

(7) “... e nos domingos muitas pessoas vão para **as atividades religiosas**...” (INF12)

(8) “Eu fui para **o Sal**...” (INF1)

[- definido] - nomes locativos precedidos de determinantes artigos indefinidos ou sem determinantes e que não sejam conhecidos do falante/ouvinte.

- (9) “...nos meus tempos livres gosto de estar com os amigos, ler, fazer as minhas leituras e sobretudo andar com meus amigos e ir **algum convívio** assim para colocar o papo em dia.” (INF3)
- (10) “...tem tempo para ir a **um praia de mar a um cinema a um praça a um parque...**” (INF5)
- (11) “... os cabo-verdianos para irem pra **qualquer lugar** tem muito dificuldades de conseguir um visto...” (INF7)

3) Tempo de permanência [+permanência] / [-permanência]

Exemplos:

[+ **permanência**] - eventos/acometimentos com alguma duração.

- (12) “Vivi com os meus pais e depois fui **pra Portugal** fazer os meus estudos (...) (INF4)
- (13) “... depois de fazer aquele pequeno curso consegui uma vaga de emprego então eu fui **para o Sal** porque também aqui na ilha de Santiago o turismo não é mais turismo de cidade turismo de negócio na ilha de Sal fala mais em turismo de sol, praia que recebe mais turismo, por isso que fui **pra li** (...)” (INF1)

[- **permanência**] - eventos habituais, frequentes, com pouca demora.

- (14) “Nos dias da semana, de manhã **ia às aulas** depois a tarde estudava...” (INF1)
- (15) “Aos fins-de-semana gosto de **ir ao mar** ...” (INF12)

4) Configuração do Espaço/lugar (N locativo)

Lugares/ espaços geográficos - lugares com referência geográfica (cidades, países, localidades)

- (16) “Ausentei em dois mil e dois por motivos escolar fui para **Praia** em dois mil e onze...” (INF1)
- (17) Não aprendi a nadar porque não tem mar aqui na Cidade de Assomada, eu tinha de ir ao Tarrafal, ou ir até a **localidade de Boa Entrada** onde tem um

reservatório de água, mas não tive essa curiosidade de ir até lá fazer essas brincadeiras típicas das crianças, da infância de 10, 11, 12 anos.” (INF3)

(18) “... muitos já preferem ficar do que vir para **o centro**...” (INF6)

Lugares/ instituições – nomes de lugares que sejam instituições públicas ou privadas:

(19) “Domingo passado fui às **Tendas El Shaday**...” (INF3)

(20) “... vou na **Câmara** denunciar...” (INF10)

Lugares/ espaços sociais – refere-se a locais de convívio e reunião de pessoas. Exemplo: escola. Igreja.

(21) “Olha, eu ia pra **escola** e voltava, fazia os estudos depois ia a casa do meu tio que ficava mesmo ao lado da casa dos meus avós...” (INF4)

(22) “Religiosamente vou a **cemitério** visitar os túmulos de entes queridos que faleceram para prestar solidariedade...” (INF3)

(23) “... vai para o **polivalente** se houver alguma atividade...” (INF7)

Lugares não concretos/ conceitos abstratos – referência a nomes de lugares não concretos, conceitos. Exemplo: céu.

(24) “...se uma criança quer ir pra **curso** pra Portugal em Brasil vai ter dificuldade...” (INF7)

Lugares/ evento: refere-se a nomes de acontecimentos que se passam em determinados lugares. Exemplo: reunião.

(25) “... eu estava doente e minha mãe não podia ir à **festa**...” (INF10)

(26) “... eu não cheguei a ir a nenhum **baile de conjunto**...” (INF10)

Lugares/ objeto – refere-se a nomes de lugares, objetos sem nomes definidos. Exemplo: mesa.

(27) “... eu ia pra **cama** antes das dez...” (INF9)

(28) “...quando voltámos para **sala** apanhámos todos...” (INF12)

(29) “... você sai da **porta** encontra o comércio...” (INF10)

2.5.1.4 Variáveis Sociais

Num segundo momento da análise procurou-se relacionar os resultados obtidos com as variáveis sociais sexo e idade.

1) Variável Sexo

Diversos estudos têm demonstrado a importância de se testar este fator social, pois têm verificado que a escolha das formas linguísticas pode diferir entre homens e mulheres, isto é, a fala das mulheres e dos homens é diferente. Como refere Bezerra (2004), estudos mais recentes têm dado maior atenção às ideologias de feminilidade e masculinidade, reafirmando assim a importância do gênero para uma análise mais apurada da questão da variação.

Assim, para este fator social buscou-se testar as seguintes hipóteses: as preposições a e para/prá devem ser mais usadas pelos informantes do sexo feminino, pois as mulheres tendem a, normalmente seguir o padrão, enquanto *em* será mais usada por informantes do sexo masculino, porque os homens, normalmente tendem a serem menos rigorosos quanto aos padrões e, portanto, mais abertos a inovações.

Para isso procedeu-se do seguinte modo:

Primeiramente, agrupou-se os dados orais por informante (cf. anexo 7), ou seja, foi criado um ficheiro em que é possível encontrar todas as ocorrências realizadas por cada um dos informantes, como forma de facilitar a localização.

A partir desta lista de ocorrências de cada informante, contabilizou-se, manualmente, os dados de cada informante relativo a cada verbo e distribuídos por cada uma das variáveis. Os encontrados em cada verbo foram expostos em forma de tabelas, em que, associado ao código do informante aparece também a identificação do sexo de cada um e a frequência de uso de cada uma das variáveis.

De seguida, agrupou-se os dados por sexo e a partir daí, foi determinada a frequência de uso de cada variável por sexo. Os resultados foram ilustrados através de gráficos.

2) Variável Idade

Também um fator social clássico, a idade tem sido testada em vários estudos que constataram que ela tem uma forte atuação nos fenómenos linguísticos. Por exemplo, Naro (2004, p. 44) refere alguns estudos sobre fenómenos linguísticos variáveis na fala

do Rio de Janeiro, nomeadamente, sobre a regência do verbo *ir* de movimento, em que se constatou que os jovens preferem a forma não padrão *ir em*, em vez da padrão *ir a* ou *ir para*. Portanto, a variável faixa etária não poderia deixar de ser também objeto de análise nesta pesquisa, pela importância que ela assume na percepção do estado da variação (estável ou instável) do fenómeno analisado, pois sabe-se também que a faixa etária pode estar relacionada com as mudanças linguísticas, quando a variação já é estável.

Em relação a este fator as expectativas eram que as variantes consideradas padrão fossem mais frequentes entre os informantes mais velhos, da FIII, e a variantes não-padrão nos informantes mais jovens, da FII, já que estes, normalmente, são abertos a formas inovadoras.

Em relação a este fator social, procedeu-se do seguinte modo:

Neste caso, todo o trabalho feito para a análise da variável sexo, facilitou a análise desta variável, pois encurtou o caminho a se percorrer para se chegar aos resultados. A partir das tabelas de cada verbo, contendo a frequência de uso das variáveis por informante, criadas para a análise do fator sexo, identificou-se a faixa etária de cada um dos informantes e os dados foram agrupados nas duas faixas etárias, isto é, FII e FIII. Os resultados encontrados foram ilustrados em forma de gráfico, devidamente numeradas.

Para uma melhor visualização das variáveis linguísticas e extralinguísticas ou sociais, apresenta-se, a seguir, uma tabela que as sintetiza:

Quadro 7: Variáveis independentes linguísticas e extralinguística

Variáveis linguísticas	Variáveis sociais
<p>Associadas ao verbo</p> <p>1) Tempo e modo verbal: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, infinitivo, conjuntivo e outros.</p> <p>Associadas ao N locativo:</p> <p>1) Demarcação do espaço: [+fechado], [-fechado];</p> <p>2) Grau de definitude: [+definido], [-definido];</p> <p>3) Permanência: [+permanência], [-permanência];</p> <p>4) Configuração do espaço: espaço geográfico, instituições, lugares abstratos/ conceitos, lugares evento, lugares objeto;</p>	<p>1) Sexo: Masculino Feminino</p> <p>2) Idade: FII: 29-39 FIII: 40-50</p>

Explicados os procedimentos metodológicos que foram usados, na secção seguinte, passa-se a apresentar os resultados encontrados e a sua análise em função das variáveis linguísticas e sociais adotadas.

2.5.2 O tratamento dos textos escritos

Procedeu-se de modo idêntico às entrevistas. Assim, depois da delimitação do *corpus* a ser usado, ou seja, as edições do jornal *A Nação* do primeiro trimestre de 2017, constituído por um total 12 edições, num total de 278 páginas e com uma média de 23 páginas cada, procedeu-se à leitura de cada um dos textos (à exceção de avisos e anúncios da secção dos Classificados), atentos à realização do fenómeno estudado, ou seja, os VMD. E, à medida que se ia lendo os textos, identificava-se frases ou segmentos de frases que continham ocorrências do fenómeno em estudo, registando-os num documento a parte.

Feito o levantamento de todas as ocorrências de cada edição do jornal, foram agrupadas por verbo, na mesma sequência que são analisadas, a saber: *ir, vir, chegar, sair, entrar, voltar, regressar e partir*. A cada ocorrência atribui-se um número, de 1 a 268. Organizou-se assim um ficheiro com os dados escritos (cf. anexo 8) contendo todas as 268 (duzentos e sessenta e oito) ocorrências dos VMD estudos, encontrados nas 12 (doze) edições de jornais analisadas.

De seguida, passou-se então a contabilização das ocorrências e à organização dos dados em tabelas e gráficos de frequência.

Primeiramente, assim como foi feito nos dados orais, procurou-se determinar a frequência dos VMD no *corpus* analisados. Os resultados foram expostos em uma tabela e ilustrado a sua frequência em gráfico de modo a permitir uma melhor visualização.

Feito isto, em segundo lugar, procurou-se determinar a frequência de cada variável junto a cada um dos VMD. Contabilizou-se o número de ocorrências e os dados foram lançados em tabelas, uma para cada verbo, a partir das quais se construí gráficos que ilustrassem as percentagens de cada uma das preposições junto a cada um dos verbos.

Determinada a frequência das preposições junto a cada VMD, assim como na análise dos dados orais, os dados foram distribuídos pelas variáveis linguísticas: variáveis associadas ao verbo (tempo-modo verbal) e ao N LOC (Demarcação do Espaço, Grau de Definitude, Tempo de Permanência, Configuração do Espaço), de modo a verificar os fatores que condicionam a ocorrência de cada uma das preposições.

2.5.2 Tratamento do teste de avaliação da percepção das variáveis

O teste de avaliação da percepção das variáveis tinha como principal objetivo perceber a avaliação que os informantes fazem relativamente ao uso das preposições *a, para/prá* e *em* junto a cada um dos VMD, perceber se estão cientes das diferenças entre elas, se aceitam ou não o uso de cada uma e verificar qual é o seu comportamento quanto à realização da preposição *em*, considerada não-padrão.

Assim, a partir dos dados orais, seleccionou-se um conjunto de frases para cada VMD. Procurou-se diversificar os contextos de uso e as variáveis linguísticas. Elaborou-se então um teste de percepção das variáveis, em que à frente de frases contendo os diferentes contextos de usos das preposições havia duas colunas: uma com a abreviatura A, significando Aceitação, e outra com N/A – Não Aceitação, onde os informantes deveriam marcar com um X a sua opção.

Todos os 12 informantes foram de novo contactados e todos aceitaram participar, embora alguns se tenham questionado do porquê da necessidade deste teste, perguntando alguns se se queria testar a sua competência em LP. Tentou-se então tranquilizá-los, explicando que se tratava apenas de dizerem o que achavam das frases, se se identificavam com elas, se usariam ou não ou então se costumam ouvir tais realizações e que, portanto, não seria para avaliação da competência linguística.

Feito o contacto, foi combinado o local e a hora onde se poderia aplicar o teste a cada um, individualmente, preferindo-se sempre, neste caso, ambientes tranquilos, como uma praça ou um parque onde o informante não se sentisse muito pressionado.

O teste consistia em pedir aos informantes que lesse as frases e marcassem com um X à frente, numa das colunas Aceitação ou Não aceitação.

Aplicado o teste a todos os informantes, procedeu-se ao tratamento dos dados conseguidos, do seguinte modo: contabiliza-se as respostas dadas relativamente a cada frase e marca-se o total das respostas dadas em cada uma das colunas: aceitação vs. não aceitação. Os resultados são apresentados em tabelas, uma para cada verbo, distribuídos pelos dois sexos, isto é, INF/MAS e INF/FEM. A análise é feita com base no percentual encontrado para cada uma das realizações.

Capítulo III. Apresentação, discussão e análise dos dados

Neste capítulo, pretende-se apresentar os dados de ocorrência dos VMD em estudo: *ir* e *vir*, *chegar*, *sair* e *entrar*, *voltar*, *regressar* e *partir*, com base na análise feita em que se procurou compreender, a partir da frequência de uso, quais são as preposições de movimento (*a*, *para/pra*, *em* e \emptyset) que esses verbos tendem a reger no PCV. Na subsecção seguinte, apresenta-se o resultado da análise dos dados do *corpus* oral, seguindo a sequência indicada nos verbos acima, em forma de gráficos. Discute-se os resultados comparando-os com as indicações de algumas gramáticas normativas e descritivas e também com os resultados de alguns estudos descritos, determinando assim a tendência de uso, o que poderá evidenciar aquilo que ocorrer no PCV.

3.1 Dados do *corpus* oral

Como se disse anteriormente, nesta subsecção são identificados e descritos os dados extraídos do *corpus* oral. Num primeiro momento, apresentam-se gráficos relativos à frequência de cada um dos VMD, sem os associar a qualquer preposição, de modo a apenas verificar a produtividade destes verbos na fala dos informantes. Num segundo, apresentam-se os resultados dos verbos associados à frequência das variáveis/preposições, aqui estudadas, a saber: *a*, *para/pra*, *em*, \emptyset , no sentido de se verificar a sua produtividade, respondendo, assim, a um dos objetivos principais objetivos do estudo, isto é, reconhecer se há ou não variação na regência verbal dos VMD, no intuito de certificar qual é a tendência de uso. Num terceiro momento, apresentam-se gráficos relativos à frequência de uso das preposições associadas a fatores linguísticos (Tempo-verbal, Demarcação do Espaço, Grau de Definitude, Tempo de Permanência, Configuração de Espaço) e, num quarto momento, os dados linguísticos são cruzados com os fatores extralinguísticos ou sociais (sexo e idade). Os resultados obtidos são interpretados, buscando-se, a partir de estudos supracitados, perceber quais os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que condicionam a regência variável dos VMD no *corpus* oral.

3.1.1 Frequência dos VMD no *corpus* oral

Relembra-se que, nesta pesquisa, trabalha-se com dados de fala de 12 informantes que constituem o *corpus* oral. É importante realçar que todos apresentaram dados com as estruturas pretendidas e que se prestam ao desenvolvimento do presente estudo, embora

em quantidades diferentes. Enquanto alguns, como o INF1, apresenta em torno de 58 dados, outros apresentam um número reduzido, sendo que o mais baixo foi o do INF11, com 11 dados apenas (cf. nos anexos dados por informantes).

Ainda, nota-se que nem todos os VMD foram encontrados na fala de todos os informantes, sendo que o VMD de uso mais comum é o *ir* com 183 ocorrências e o menos usado o *partir*, com apenas uma.

Assim, foram observados neste corpus um total de 296 (duzentos e noventa e seis) ocorrências dos VMD propostos para análise, distribuídos de forma desproporcional, ou seja, há uma discrepância de dados muito grande entre eles (cf. **gráfico 1**).

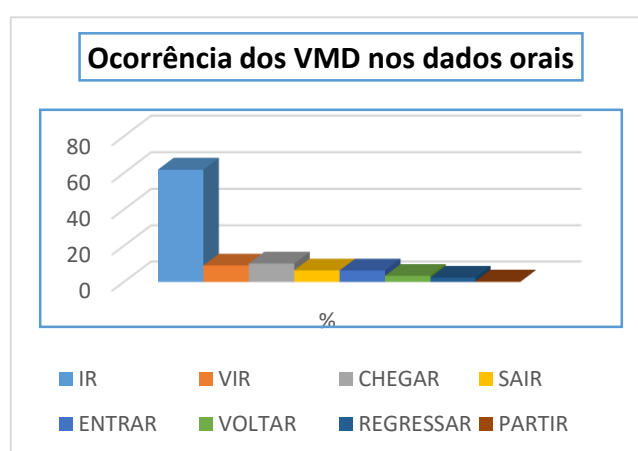


Gráfico 1: Ocorrência dos VMD nos dados orais

Em primeiro lugar, como se pode constatar, salta à vista a **alta frequência do verbo *ir***, com (183 dados), correspondendo a **61,8%** do subtotal das ocorrências, ou seja, mais de metade da frequência geral dos VMD. O uso significativo deste verbo talvez tenha sido motivado pelos tópicos de conversa, nomeadamente, o segundo “Infância e Juventude”, em que o entrevistado/informante é desafiado a falar sobre a sua rotina diária nesses dois períodos de sua vida, o que implica falar do movimento diário de sua vida que, necessariamente passa pelo ir de algum lugar para outro (s). Sabe-se também que, o verbo *ir* é um dos verbos de uso comum, e muito mais frequente na fala de qualquer indivíduo.

Em **segundo lugar**, encontra-se o verbo ***chegar***, com 30 (trinta) ocorrências, correspondendo a 10,2%, embora não alcance nem $\frac{1}{4}$ da frequência do verbo *ir*.

Quanto ao verbo ***vir***, constata-se que se encontra em **terceira posição**, com 27 (vinte e sete ocorrências), **9,1%** do subtotal, ou seja, ao contrário do que se esperaria, este verbo regista uma percentagem muito baixa, comparativamente ao *ir*. De frisar que, no estudo

de Costa (2003, p.33), o **verbo *vir*** regista também uma baixa percentagem de ocorrências, o que faz entender que este verbo não seja de uso comum. Aliás, na perspetiva daquela pesquisadora (op. cit), a baixa frequência deste verbo talvez se deva à sua flexão, devido à comum confusão entre o verbo e as formas do verbo *ver*, pelo que os falantes evitam o seu uso. Se isto ocorre num contexto em que a LP é L1, por maioria de razão acontecerá num contexto de L2.

Seguem os verbos ***entrar*** e ***sair***, com 6,4%, respetivamente. Supõe-se também que a baixa frequência deste último verbo se deva a uma característica comum entre os informantes, que é o de terem tido pouca mobilidade de espaço, ou seja, poucas saídas da cidade, o que poderá ter influenciado a sua reduzida utilização, já que sua flexão não é tão irregular a ponto dos informantes quererem evitá-lo.

Os outros verbos aqui analisados (***voltar***, ***regressar*** e ***partir***) recebem frequências muito baixas, **3,4%**, **2,4%** e **0,3%**, respetivamente, sendo que o verbo ***partir*** ocorre apenas **uma vez**.

De registar que o projeto base dispõe que, “No caso das dissertações de mestrado, [...] Acresce que, se necessário, os dados do COFC poderão ser completados com testes específicos, aplicados aos mesmos informantes (Guy e Zilles, 2007). Contudo, devido ao tempo e espaço disponível para este trabalho, não foi possível proceder assim, o que fica para um trabalho posterior.

Portanto, da observação da frequência dos VMD aqui analisados, o que se pode concluir é que há uma expressiva **preferência pelo uso do verbo *ir***, que em muitos contextos ocorre para substituir os outros verbos, o que pode constituir o objeto de estudo de futuros trabalhos. Ainda, quando se lê as entrevistas constata-se que muitos informantes, algumas vezes, usam o verbo ***deslocar*** em substituição ao ***ir***, em frases como:

- (1) “eu teria que **deslocar pra outro lugar** para fazer as compras/” (INF1)
- (2) “às vezes **deslocam-se para o polidesportivo de Nhagar** para ver espetáculos/ para ver jogos” (INF3)
- (3) “preferíamos roubar PASTOS perto do que **deslocar para essas localidades**” (INF6)
- (4) “tem alguns jovens que já **estão a deslocar para Londres**” (INF11)

Como ficou visível, os resultados da frequência de uso dos VMD assemelham-se, em alguns aspetos, aos de alguns dos estudos aqui analisados. Por exemplo, nos dados orais de Costa (2003, p. 8), constituído por oito informantes (quatro alunos do último ano do ensino superior e quatro alunos da Oitava série do ensino fundamental), com a ressalva

que só se analisa quatro dos verbos analisados na presente pesquisa (*ir*, *chegar*, *vir* e *voltar*), o verbo *ir* é o que ocupa o primeiro lugar na frequência de uso, seguido do *chegar*. Todavia, diverge do presente estudo quanto aos resultados obtidos com os verbos *vir* e *voltar*, ou seja, inverte-se a tendência de uso, pois naquele estudo o verbo *voltar* registra uma frequência maior do que o *vir*.

Em resumo, pode-se estabelecer a seguinte sequência, indicando a frequência de uso dos VMD em estudo:

ir > *chegar* > *vir* > *entrar* > *sair* > *voltar* > *regressar* > *partir*

3.1.2 Distribuição das preposições pelos VMD

Nesta subseção analisa-se a frequência de uso das preposições (*a*, *para/prá*, *em* e \emptyset) junto a cada VMD, no sentido de verificar a produtividade de cada uma, na tentativa de comprovar ou não a existência de uma regência variável no PCV.

a) Verbo *ir* vs. preposições

A tendência da frequência de uso das diferentes preposições com o verbo *ir* segue a seguinte sequência: *para/prá* > *a* > *em* e \emptyset . Com efeito, há uma **alta frequência do verbo *Ir de movimento direcional com a variável para/prá (58,5%)***, ou seja, mais de metade dos 183 dados encontrados para este verbo, o que realmente demonstra que é uma variável muito produtiva. Na segunda posição está a preposição *a*, com uma percentagem ainda assim bem expressiva, maior do que em (7,1%) e do que a elipse da preposição o que ocupa o último lugar (1,6%) (cf. Gráfico 2).

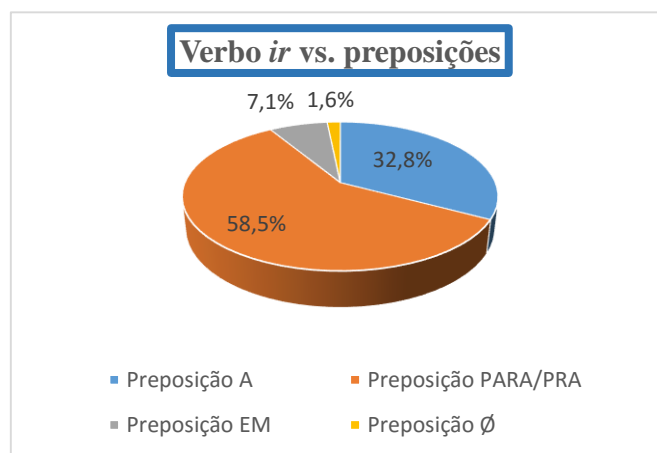


Gráfico 2: Verbo *ir* vs. Preposições

Tais resultados assemelham-se aos de alguns dos estudos descritivos analisados anteriormente (Mollica (1996), Costa (2003, p.30), Vallo (2004, p.210), Wiedemer (2008, p.85), Pinheiro (2014, p.63), que apontam também no mesmo sentido, isto é, a variável *para/prá* é a preferida pelos VMD analisados.

Relativamente às variáveis *a*, *em* e \emptyset , nota-se que os resultados diferem dos encontrados em alguns dos estudos aqui analisados, particularmente, Wiedemer (2008, p.85) e Vallo (2004, p. 210), pois nestes há uma inversão da sequência, isto é, *em* é mais usada do que *a*. Convém lembrar que são estudos do PB. Wiedemer (*op.cit.*) expressa a sua surpresa quanto aos resultados encontrados na sua pesquisa. Ele afirma:

É incontestável que os números de ocorrências das variáveis obtidos do corpus do VALP, (Hora, 1993) são surpreendentes, visto que entre as variáveis padrão **a** e **para**, a variante **para** é mais aplicada do que a variantes **a** e esta é menos utilizada do que a variante **em**. (*op.cit.*, p.211)

Em síntese, a partir desses resultados iniciais obtidos relativamente ao verbo *ir* de movimento, ou seja, sem considerar nenhuma variável linguística associada ao uso das preposições, pode-se perceber alguns fenómenos interessantes:

- um **uso expressivo das preposições normativas (*a* e *para*)** em detrimento da preposição *em*, bem como a elipse (\emptyset) de preposição que não são indicadas;
- o uso da preposição *a*, continua a ser também **bastante expressiva**, diferentemente de alguns estudos do PB, PM e PSTP que apontam para o facto de esta preposição estar a recuar e a ser substituída pela preposição *para*;
- o uso muito reduzido da preposição *em*, por alguns informantes, tendência contrária à de estudos do PB, PM e PSTP;

Concluindo, verifica-se que os informantes desta pesquisa continuam a ter preferência pelo uso das preposições *para/prá* e *a*, quando se pretende usar o verbo *ir* de movimento com sentido de destino. Assim, neste aspeto, os resultados demonstram que, grosso modo, continua a prevalecer a tendência para o uso normativo que estipula que o verbo *ir* de movimento direcional deve ser seguido das preposições *para* e *a*, para indicar direção com sentido de destino (Cunha & Cintra, 1999); (Mateus, *et al.*, 2003); (Bechara, 2009) e (Raposo, do Nascimento, da Mota, Segura, & Mendes, 2013), embora se verifique uma tendência cada vez maior de uso de *para/prá* em detrimento de *a*. Assim, apontam, desde já, para **uma variação ainda instável ou em progresso**.

Exemplos de contextos de ocorrências do verbo *ir* com a preposição *para/prá*:

- (5) “...outro aspeto assim que podem ser negativo é que muito serviços estão na Praia às vezes temos de deslocar para **ir para a Praia** atrás de algo que poderia estar aqui...” (INF1)
 (6) “Levantava às sete preparava para a escola depois da escola **ir para a casa**...” (INF2)
 (7) “Olha, eu **ia pra escola** voltava, fazia os estudos...” (INF4)

Exemplos de ocorrências do verbo *ir* com a preposição a:

- (8) eu tinha de **ir ao Tarrafal**, ou ir até à localidade de Boa Entrada onde tem um reservatório de água, e ir até àquele monte de Cumbém que se chama Pilão de Nha (INF3)
 (9) “...essa tranquilidade esse acesso que temos a lugares não ter de andar longa distância de carros como na Praia **quando vou à Praia** quase que adoeço de um dia para outro pra ir pra Praia porque eu fico a pensar que tens deslocar o calor essas coisas por isso gosto da Assomada ” (INF1)

Exemplo de ocorrência do verbo *ir* com a preposição em:

- (10) “... **vou na Câmara** denunciar quando os fiscais vão lá em vez de fazer o trabalho eh olha é o I que não quer que fiquem cá...” (INF10)

b) Verbo *vir* vs. preposições

Segue-se com os resultados encontrados com o verbo *vir*. Como foi frisado anteriormente, o *corpus* analisado traz poucas ocorrências do verbo (27), quando comparadas com as do verbo *ir* (183). A distribuição das preposições encontradas com o verbo estão representadas através do gráfico que se segue:

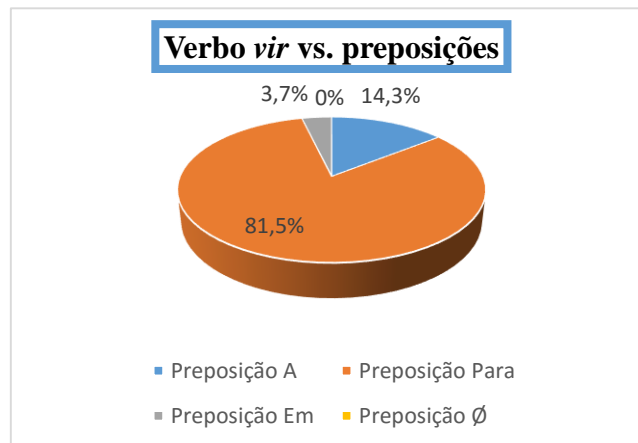


Gráfico 3: Verbo *vir* vs. preposições

Se se observar o gráfico 3, nota-se claramente que a **sequência da frequência de uso das variáveis é a mesma que a encontrada com o verbo *ir***, ou seja: *para/prá* > *a* > *em* > \emptyset . Na verdade, verifica-se uma frequência de uso quase que maciça da preposição *para/prá*, 81,5%. Segue a variável a com apenas 14,3 e em, 3,7%. Não foram encontrados dados com a elipse (\emptyset) da preposição.

Os seguintes **exemplos** revelam o contexto das ocorrências das variáveis com o verbo *vir*:

- (11) “Agora/ quando dá sete horas estou atrás dela pra **vir pra casa** principalmente com essa questão de violência sexual” (INF1)
- (12) “**Venho à escola TODOS OS DIAS**” (INF1)
- (13) “Se compararmos a cidade de Assomada dez quinze anos quem vive fora/ [uhn] e **vem pra cidade** diz que praticamente em termos de infraestrutura em termos de “organizaçon” continua na mesma” (INF2)
- (14) “Ela **vinha para escola** num tipo de Bedford do pai que era motorista” (INF3)
- (15) “O meu pai é do Tarrafal mas **veio do Tarrafal para Assomada** e está aqui desde há muitos anos” (INF3)
- (16) “Tem muito fluxo de pessoas que querem **vir mesmo à cidade**” (INF5)
- (17) “**Vínhamos para Assomada/ geralmente à tarde/** vínhamos espreitar nas janelas daa das casas” (INF6)
- (18) “**Veio** cá praticamente ninguém/ **nesse salão enorme** lá no liceu” (INF10)
- (19) “É a primeira coisa que **me vem à memória**” (INF10)

Os exemplos apontados demonstram que, em alguns casos, como em (11), (13) e (14) o as preposições **para** e **a** é feita de forma arbitrária, são usadas indistintamente.

A tendência de uso das preposições é muito semelhante aos encontrados por Costa (2003, p.34). Ela observa que, há uma tendência à substituição da preposição **a** pela preposição **para/pra**.

c) Verbo *chegar* vs. preposições

Este verbo é o que obteve o segundo maior número de ocorrências, ou seja, foi o verbo mais usado. A distribuição das 30 ocorrências pelas preposições está ilustrada através do gráfico seguinte.

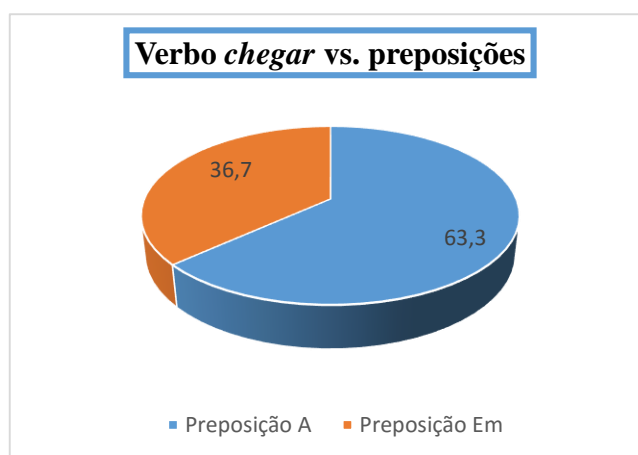


Gráfico 4: Verbo *chegar* vs. preposições

O que de imediato salta à vista é o facto de o verbo **chegar**, ao contrário do que se verifica com os verbos *ir* e *vir*, que ocorrem com todas as preposições, ocorre apenas com duas: **a** e **em**. Como refere Costa (2003, p.31) na sua pesquisa, tal se explica facilmente pelo

facto de, junto ao verbo *chegar*, a preposição *para* indicar um sentido de aproximação ou de dirigir a palavra a alguém, como por exemplo na frase «... o pai dele **chegou** pra ele e disse... “levanta menino”...» e também de ser suficiente como em «O dinheiro chegou para ele comprar o carro».

Como se pode observar através do gráfico 4, a preposição **mais produtiva é a preposição *a***, com frequência de **63,3%**. É notória a diferença em relação à frequência de uso da preposição *em* que é de apenas **36,7%**.

Estes dados divergem dos dos estudos descritivos aqui analisados, nomeadamente, Costa (2003, p.32), Gonçalves (2010, p. 47) e Módolo *et al* (2011) em que, nos dados da fala, a preposição *em* é a preferida para marcar lugar de destino com o verbo *chegar* e os resultados aproximam-se do que determina as GN.

Deve ser ressaltado ainda o fato de a frequência de uso da **preposição *em* com o verbo *chegar* ser mais expressiva do que qualquer outro VMD** objeto deste estudo. Esta é uma tendência observada por outros estudos, como por exemplo, no PM, em Carvalho (1991), no PSTP, em Gonçalves, R. (2010). Os exemplos a seguir ilustram o uso desta preposição com o verbo *chegar*.

Exemplos do verbo *chegar* com a preposição *em*:

(20) “... quando uma pessoa **chegar em casa** se está na sala com uma visita você tem que procurar meios para sair para deixar as pessoas conversarem de uma forma mais livre (...)” (INF2)

(21) “ (...) e quando o individuo já **chegar na escola** com a instrução que irá receber, somando à educação mais a instrução teremos agora a formação de um cidadão mais equilibrado, um cidadão mais domesticado e esse cidadão equilibrado é que vai mudar a sociedade (...)” (INF3)

(22) “as mulheres cabo-verdianas são suficientemente inteligentes para exigir **chegar a um patamar** juntamente de igualdade para os homens” (INF2)

(23) “**chega num laboratório** não consegues fazer nada porque não tem a prática” (INF4)

(24) “...na ilha do Fogo não tive a oportunidade de **chegar mesmo no centro da cidade** passei de longe no porto portanto é isso(...)” (INF6)

(25) “ao **chegar aqui em Assomada** as pessoas começam digamos assim a perturbar ainda mais a essa pessoa e acaba por ficar cada vez mais debilitada acaba por piorar a situação(...)” (INF6)

d) Verbo *sair* vs. preposições

O verbo *sair*, cujos dados são ilustrados no gráfico 5, à semelhança de *ir* e *vir*, ocorre com todas as variáveis. Veja-se os resultados encontrados:

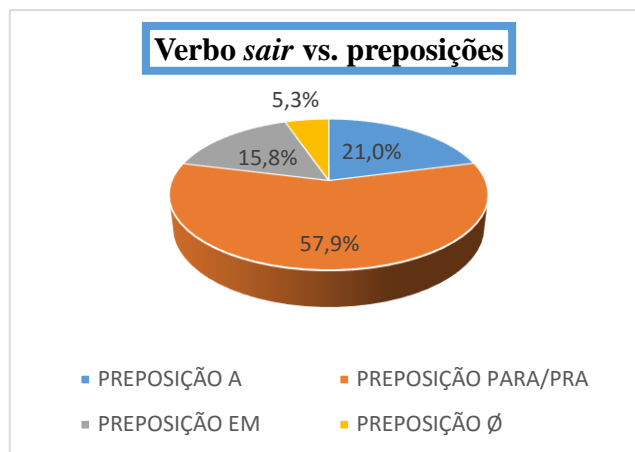


Gráfico 5: Verbo sair vs. preposições

Como se observa, os dados da frequência de uso das variáveis seguem a mesma frequência dos verbos *ir* e *vir*, ou seja: *para/prá* (57,9%) > *a* (21%), > *em* (15,8%) > Ø (5,3%), isto é, o comportamento deste verbo é idêntico ao dos outros analisados anteriormente no concernente ao uso da preposição *para/prá*, que continua a predominar, ser maior que a das outras variáveis. Portanto, continua a haver uma preferência pelas variáveis *para/prá* e *a*.

Comprove-se com os seguintes exemplos:

- (26) “ANTES de **sair pra** Universidade (...) antes de estar maduro passando pelas escolas/ você tem uma ideia/ entre aspas má dos professores” (INF2)
- (27) “...a educação terá que **sair** da dentro da casa (...) **para a sociedade.**” (INF2)
- (28) “...gostava muito de quando tivesse **saindo no intervalo** ficávamos aí no PÁTIO a contar estórias” (INF4)
- (29) “...na minha infância **saímos à rua** para brincar à noite à tarde NOITINHA” (INF5)
- (30) “**saíamos para** brincar na rua” (INF5)
- (31) “os meus filhos por exemplo reparo que são mais reservados/ [uhn] estão mais dentro de CASA não **saem NA RUA** para brincar com COLEGUINHAS” (INF5)
- (32) “leva casaco porque **sai** de um espaço de um concelho que ééé relativamente FRIO eeh para para uma **para um outro lugar**” (INF6)
- (33) “particular o meu pai **saía** logo de manhã **pro trabalho**/ regressava à tarde À NOITE” (INF6)

Ainda, observou-se ocorrências em que, a elipse da preposição acontece em contextos em que o verbo é seguido pelo advérbio de lugar “fora”. Estes dois casos foram realizados por dois informantes. Veja-se:

- (34) “(...) gosto muito de viver nessa cidade e esse é o motivo de minha estadia aqui porque já tive convites para **sair fora da cidade fora do país** mas como tenho amor pela esta cidade quero viver aqui quero ficar aqui (...) (INF2)
- (35) “(...) tento criar um tempo para descansar... para **sair fora** (...) (INF5)

e) Verbo *entrar* vs. preposições

Os resultados encontrados com o verbo *entrar* são diferentes dos até agora encontrados, pois há uma escolha maciça da preposição *em*. (cf. gráfico 6).

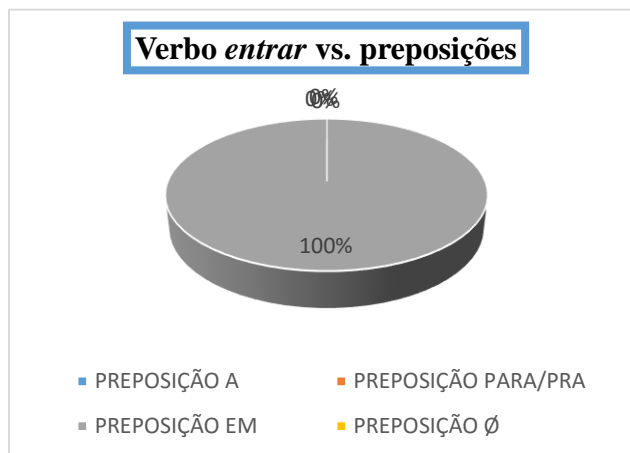


Gráfico 6: Verbo *entrar* vs. preposições

Exemplos ilustrativos:

- (32) “...cumprimentamo-nos na rua às vezes ... **uma a entrar na sua casa outra a sair**” (INF1)
 (33) “Eu **entro prás aulas no liceu** e fico lá das oito até à uma hora” (INF3)
 (34) “E no final da tarde **entro em casa** para assistir o jornal” (INF3)
 (35) “Os alunos têm dificuldade em fazer uma carta para **entrar no mercado de trabalho**” (INF3)

f) Verbo *voltar* vs. preposições

A tendência da sequência de frequência é semelhante aos verbos *ir*, *vir* e *sair*, ou seja, *para/pra* (90%) > *a* > (10%) *em* > *Ø*, embora não haja dados com as duas últimas variáveis. A preposição *para/pra* é a variável preferida pelos entrevistados (cf. gráfico 7)

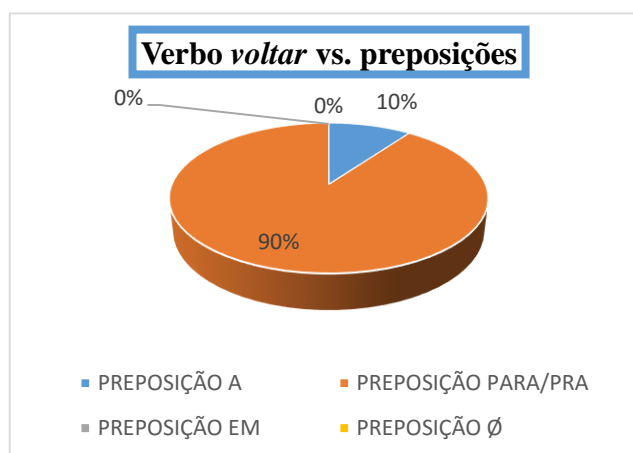


Gráfico 7: Verbo *voltar* vs. preposições

Esta tendência de uso é semelhante à encontrada na pesquisa de Costa (2003, p.35) que também analisou o verbo *voltar*. Aliás, a pesquisadora levanta uma hipótese para tal facto, afirmando que:

É possível, no entanto, que a própria semântica do verbo – voltar implica retorno, e quem retorna é porque, provavelmente, mantém vínculo com o lugar – direciona para uma noção de maior permanência, a qual pode estar associada ao emprego da preposição *para*.

Exemplos de ocorrências do verbo *voltar* com *para/pra*:

- (36) “...e depois do jornal leio um bocadinho e **volto pra cama**” (INF3)
 (37) “...quando realizam atividades **voltadas para criança** frequentam” (INF6)
 (38) “... eu sou a única quase que ficou cá [hummm] eu não sei qual era a relação mas eu TINHA de **voltar para Assomada**” (INF10)
 (39) “...depois **voltei à CIDADE de Assomada** no ano 1999” (INF6)

g) Verbo *regressar* vs. variáveis

O verbo *regressar* pode ser sinónimo do verbo *voltar*, mas os resultados são diferentes. A sequência de uso continua sendo a mesma que a maioria dos VMD aqui analisados (*ir, vir, sair, voltar*), ou seja, *para/pra* (57,1%) > *a* (42,9%). Note-se também que as variáveis *em* e \emptyset não ocorrem na fala dos entrevistados, fenómeno igual ao verbo *voltar*.

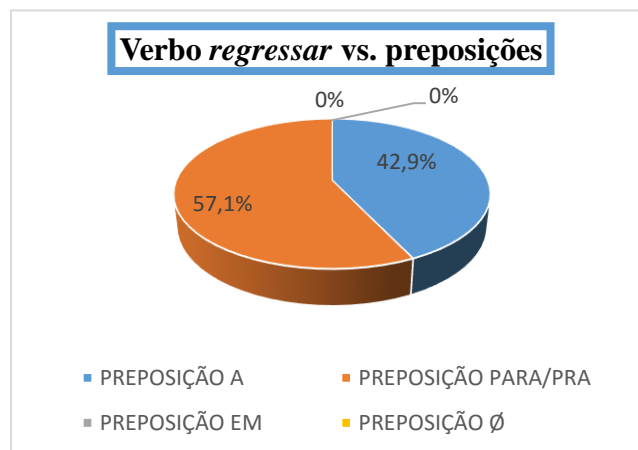


Gráfico 8: Verbo regressar vs. preposições

Exemplos de ocorrências com o verbo *voltar*:

- (40) “... **regresso à casa/ vou ALMOÇAR** às vezes tento descansar um BOCADO mas não consigo” (INF1)
 (41) “... queria sair do mundo rural para **regressar pra cidade**” (INF2)
 (42) “... fico lá das oito até à uma hora depois **regresso para o almoço**” (INF3)
 (43) “... às vezes quando **regressam à terra** não prestam a conta/ são eliminadas” (INF4)
 (44) “**regressei novamente à Praia** ... por motivos de estudos já no ano de 1997” (INF6)
 (45) “depois **regressam pra escola**” (INF7)
 (46) “**regressei novamente para a Assomada**” (INF8)

h) Verbo *partir* vs. preposições

O verbo *partir* teve apenas uma ocorrência e com a *para/prá*. Portanto, os dados não nos permitem fazer uma análise comparativa. De realçar que, também este verbo não é objeto de análise de nenhum dos trabalhos descritivos apresentados no capítulo anterior.

Ocorrência com o verbo *partir*:

(47) “Algumas vezes tive que partir mas para fêria ou estudos mas por um período muito pouco”

Em síntese, pode-se dizer que, no que se refere à frequência da ocorrência das variáveis por VMD, nota-se uma **tendência para a seleção da preposição para/prá, seguida de a, em e \emptyset** , respectivamente, à exceção do verbo *chegar* que não apresenta dados com a variável para/prá e o verbo *entrar*, que por seu lado, ocorre exclusivamente com a preposição em.

Apresenta-se, seguidamente, um quadro resumo para uma melhor visualização da tendência dos resultados. Na primeira coluna, indica-se os VMD, consoante a ordem da frequência do número de ocorrências e, na segunda coluna, a sequência da frequência das preposições junto a cada verbo.

Quadro 8: Sequência da frequência do uso das preposições junto aos VMD

VMD	Sequência da frequência de uso das variáveis
<i>ir</i>	<i>para/prá</i> > <i>a</i> <i>em</i> > > <i>em</i> \emptyset > \emptyset
<i>chegar</i>	<i>a</i> > <i>a</i> <i>em</i> > <i>em</i>
<i>vir</i>	<i>para/prá</i> > <i>a</i> > <i>a</i> <i>em</i> > \emptyset
<i>sair</i>	<i>para/prá</i> > <i>prá</i> <i>a</i> > <i>a</i> <i>em</i> > <i>em</i> \emptyset > \emptyset
<i>entrar</i>	<i>em</i> > <i>para/prá</i>
<i>voltar</i>	<i>para/prá</i> > <i>prá</i> <i>a</i> > <i>a</i>
<i>regressar</i>	<i>para/prá</i> > <i>prá</i> <i>a</i> > <i>a</i>
<i>partir</i>	<i>para/prá</i>

Portanto, como se pode observar, continua a prevalecer o que a norma recomenda, ou seja, como diz Vieira (2009, p.427) os verbos de movimento *ir*, *chegar*, *vir*, devem ser empregues com as preposições a ou para, uma vez que essas preposições carregam

sentido de direção, sendo que a escolha de uma ou outra implica uma diferença sutil de sentido.

Os dados variáveis, ou seja, os que não seguem a norma são escassos, apontando para uma variação ténue.

3.1.3 Descrição dos dados linguísticos e propostas de análise

Nesta subsecção, apresenta-se e analisa-se os dados levantados, conforme a natureza das preposições, tal como estão ordenadas na tabela 2 (cf. capítulo métodos e procedimentos metodológicos). Inicia-se com as variáveis linguísticas e, posteriormente, as extralinguísticas ou sociais. Relativamente a cada fator, será apresentada uma tabela com a frequência e as percentagens obtidas para cada um dos 8 (oito) VMD em análise.

3.1.3.1 Variáveis Linguísticas

Como foi referido no capítulo de metodologia, as variáveis linguísticas analisadas no estudo são fatores associados ao verbo, mais concretamente, o tempo-modo verbal e os fatores associados ao Nome Locativo (o SP), os traços semânticos do N Locativo, nomeadamente: a Demarcação de Espaço, denominado por Mollica (1996, p.155) de Configuração do Espaço, cujos traços são [+ fechado]/ [- fechado], o Grau de Definitude, cujos traços são [+ Definido]/ [- Definido], Grau de Permanência, tendo [+Permanência]/ [-Permanência] como traços e a Configuração do Espaço, conforme exposto por Wiedemer (2008, p. 87), cujos traços são: lugar/ objeto; lugar evento; lugar/ instituição personificado; lugar/ instituição; lugar/ espaço socio-geográfico.e lugar espaço social.

I. Fatores associados ao verbo: o tempo-modo verbal

Relembra-se que, se procura determinar uma possível relação entre o tempo-modo verbal e o uso de cada uma das preposições, no sentido de verificar se este fator motiva o seu uso. Os tempos e modos verbais analisados encontram-se agrupados *em*: o presente, o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito tanto do modo indicativo como do conjuntivo), o infinitivo e outros. Apresenta-se e discute-se, separadamente, os resultados relativos a cada VMD, para, por fim, determinar o tempo-modo mais produtivo em relação a cada preposição.

a) Verbo *ir* - Tempo-modo vs. preposições

Neste caso, o fator tempo-modo não se revelou relevante na escolha de uma ou outra preposição (cf. gráfico 9).

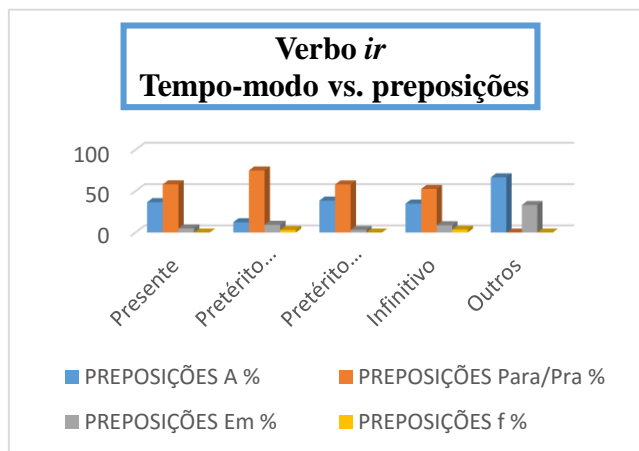


Gráfico 9: Verbo *ir*: Tempo-modo vs. preposições

Os **tempos-modos verbais mais produtivos com o verbo *ir* foram o Presente (32,8%) e o Infinitivo (31,1%)**. Os outros tempos e modos tiveram frequências mais baixas.

Quando aplicado o fator tempo-modo ao uso das preposições junto ao verbo *ir*, está bem claro que **a variável mais produtiva é para/prá**, com destaque para o Pretérito Perfeito. A tendência de frequência de uso das preposições continua a ser a que se viu na distribuição geral, exceto no tempo Outros, cuja frequência mais alta é com a preposição a.

Sendo assim, como ficou patente anteriormente nos dados gerais de uso das preposições versus cada um dos VMD, há um uso indiscriminado da variável para/prá, ou seja, quase todos os tempos-modos selecionam, esta preposição.

Veja-se alguns exemplos do uso da variável para/prá com o Pretérito Perfeito:

- (48) “**Fui para a Praia** em 2011.” (INF1)
- (49) “**Depois fui pra Portugal** fazer os meus estudos.” (INF4)
- (50) “Depois construí a minha família **fui pra minha casa.**” (INF4)
- (51) “Cada um **foi para o seu lado.**” (INF7)
- (52) “Há dois anos atrás **fui para Holanda, pra Portugal.**” (IN7)
- (53) “Já **fui pra Santo Antão.**” (INF9)
- (54) “**Foram para POLÍCIA.**” (INF9)
- (55) “A maioria das pessoas de Assomada **foi para Praia.**” (INF10)

Como se pode observar, o uso da variável para/prá com o pretérito perfeito, ocorre na narração de eventos/acontecimentos acabados, ocorridos num passado não muito distante.

Comparando os resultados deste estudo com a pesquisa de **Wiedemer (2008, p.99)**, a única que analisou este grupo de fatores, constata-se que os resultados encontrados diferem, pois em Wiedemer (*op.cit*), o tempo-modo verbal foi selecionado como estatisticamente relevante para a preposição a e o pretérito perfeito foi o tempo-modo relevante na seleção da preposição. Somente o pretérito imperfeito selecionou a preposição para/prá.

b) Verbo *vir* - Tempo-modo vs. preposições

Dando continuidade à análise, prossegue-se com o verbo *vir* (cf. gráfico 10).

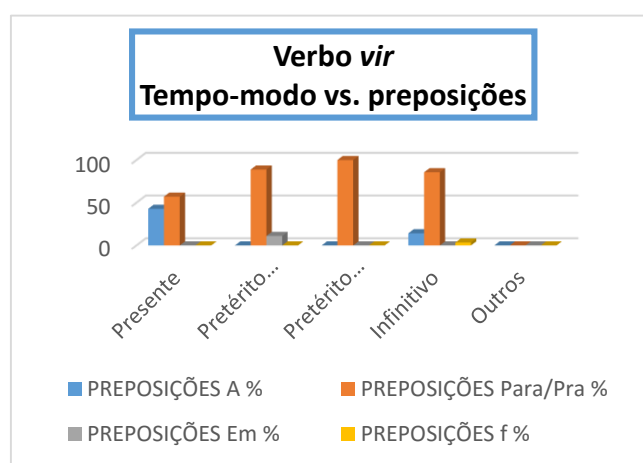


Gráfico 10: Verbo *vir*: Tempo-modo vs. preposições

O tempo-modo verbal que se revelou mais produtivo é o Pretérito Perfeito, com 9 ocorrências de um total de 27, seguido do Presente e do Infinitivo com 7 ocorrências cada.

Esses resultados são ligeiramente diferentes dos encontrados com o verbo *ir*. Nota-se que todos os tempos-modos atuam na seleção da variável para/prá, embora se perceba que haja uma tendência maior de atuação dos tempos do passado (pretérito perfeito e imperfeito) na seleção de para/prá (88,9% e 100%, respectivamente).

É importante realçar que, a variável a obtém uma percentagem representativa com o tempo presente se comparado com os outros tempos-modos. Isto pode constituir um indicador da tendência do uso do para/prá com os tempos-passado.

No entanto, de um modo muito genérico, pode-se afirmar que, os dados revelam que, embora o tempo passado seja o que melhor atue na seleção da preposição para/prá, pois seu peso é expressivo, todas as subcategorias tempo-modo, aqui analisadas selecionam, com maior frequência, a preposição para/prá. Isso demonstra que não há uma relação

direta entre a escolha das preposições e o tempo-modo, ou seja, **há uma tendência de uso generalizado da preposição para/prá, independentemente do tempo-modo usado.**

Veja-se agora alguns exemplos do uso dos tempos passado com a preposição para/prá:

(56) “não sei qual é a origem dele só sei que morou um tempo na Praia **veio para Assomada** conheceu a minha mãe” (INF1)

(57) “ela **vinha para escola** num tipo de Bedford do pai que era motorista/ trazia rabidantes de Chã de Tanque e levava-as para Praia” (INF3)

(58) “o meu pai é do Tarrafal mas **veio do Tarrafal para Assomada** e está aqui desde há muitos anos” (INF3)

(59) “**vínhamos para Assomada/ geralmente à tarde/** vínhamos espreitar nas janelas daa das casas” (INF6)

(60) “conseguiram transferência/ **vieram logo para Assomada** ficar cá fixar residência aqui”(INF9)

(61) “depois eu **vim pro ciclo preparatório** ... e tive o privilégio de ter muitos colegas” (INF10)

Como se pode constatar nos exemplos acima expostos, o uso da preposição para/prá ocorre no sentido de eventos/acontecimentos passados acabados. Apenas nos exemplos (59) e (61) ela é usada em eventos/acontecimentos passados frequentes. O mesmo fenómeno ficou expresso com o verbo *ir*.

c) Verbo *Chegar* - Tempo-modo vs. preposições

Quanto ao verbo *Chegar*, a análise será feita apenas com as preposições a, em e \emptyset , pois, como já tinha sido referido, não há ocorrências com para/prá (cf. gráfico 11).

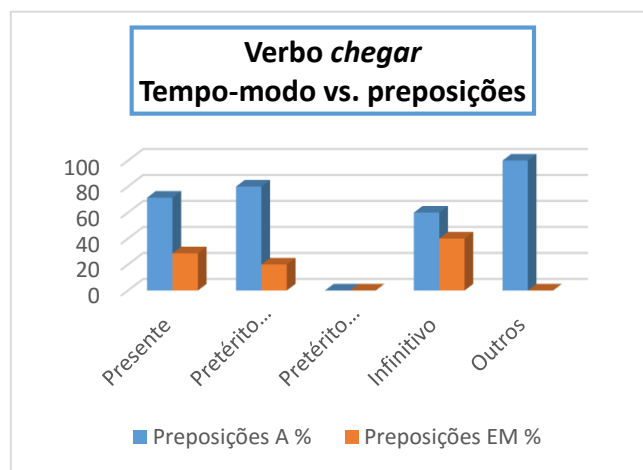


Gráfico 11: Verbo chegar: Tempo-modo vs. preposições

Tal como o verbo *ir*, o **tempo-modo mais produtivo com o verbo *chegar* é o presente**, com 14 das 30 ocorrências, seguido do infinitivo com 10, pretérito perfeito 5 e outros com 1.

Através do gráfico 11, percebe-se facilmente que a **preposição mais produtiva é a**, e que todos os tempos-modos atuam na sua ocorrência, particularmente, outros e o pretérito perfeito. Todavia, é de notar a presença da preposição em, ainda que pouco expressiva.

Portanto, não é o fator tempo-modo que determina a escolha da preposição a, pois todos os tempos-modos concorreram para a seleção da preposição a.

Exemplo da ocorrência no tempo-modo outros:

- (62) “deixe-me levantar porque **senão vou chegar atrasado à aula de/ MM**” (INF1)

Como se pode verificar, a ocorrência que se encontra no futuro do indicativo

Exemplos de ocorrências no tempo-modo pretérito perfeito:

- (63) “quando **chegaste na Praia** os meninos da Praia não te gozavam com o teu crioulo?” (INF10)
 (64) “a desordem **chegou a tal ponto** que agora é muito difícil de colocar nos eixos de novo” (INF10)
 (65) “**chegámos à conclusão que haviam muitas pessoas que recebiam apoios duplos**” (INF11)
 (66) “as empresas **chegaram ao seu ponto máximo** até que alguns começaram a entrar em crise” (INF12)
 (67) “infelizmente ainda não se **chegou a um consenso**” (INF12)

Dos exemplos acima apresentados constata-se que, a seleção da variável a, com o tempo-modo pretérito perfeito acontece com locativos não concretos (“a tal ponto”, “à conclusão”, “ao seu ponto máximo”, “a um consenso”, enquanto a única ocorrência deste tempo-modo verbal com a preposição em (cf. ex. 65) ocorre com um N LOC concreto/cidade (“na Praia”). Portanto, o fator tempo-modo, neste sentido atua na seleção das preposições, dependendo muito do tipo de N LOC, ou seja, o pretérito perfeito atua na seleção a preposição a, quando o N LOC é mais abstrato.

Exemplos de ocorrências no tempo-modo presente:

- (68) “qualquer pessoa que **chega em casa** se você está na SALA com uma pessoa, com uma visita, você tem que procurar um meios para sair para que possa deixar as pessoas conversarem” (INF2)
 (69) “**chega àquela fase de adolescência** eles acham já que são homens e mulheres” (INF4)
 (70) “quando **chegas aí num laboratório** por exemplo/ só tens a parte teórica quando” (INF4)
 (71) “**chega num laboratório** não consegues fazer nada porque não tem a prática” (INF4)
 (72) “quando **chegas aí na europa** um estudante universitário os erros que tu cometes/ é grave” (INF4)
 (73) “quando **chegas aí ao topo** não vais ter aí não vais ter aí muito grande não vais ter aí assim problemão” (INF4)

- (74) “**chega a casa por exemplo**/ filho no quarto com o telemóvel/ pai por aqui/ mãe por aí” (INF5)
 (75) “**chego a casa em casa** às vezes esgotada/ muito cansada/ prefiro descansar (INF5)”

Olhando para todos os exemplos, observa-se que o presente seleciona, indiscriminadamente tanto a preposição *a* como a *em*. Neste caso, fator tempo-modo verbal não atua na seleção das preposições.

d) Verbo *Sair* -Tempo-modo vs. preposições

Os resultados do fator tempo-modo, com o verbo *sair*, se distanciam um pouco dos obtidos com os verbos anteriores. A seleção das preposições pelos tempo-modos verbais não permite traçar uma tendência, como nos outros verbos (cf. gráfico 12).

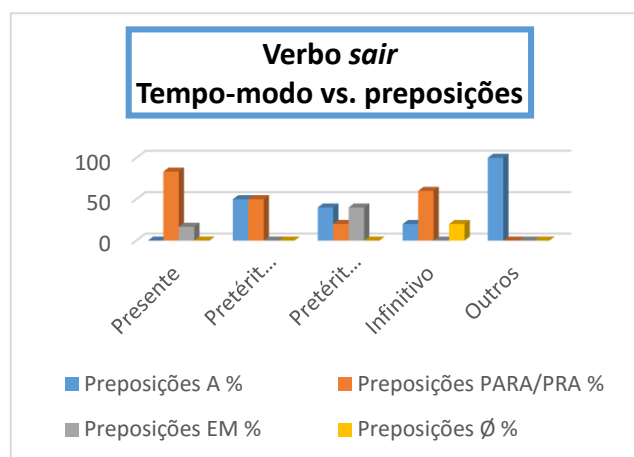


Gráfico 12: Verbo sair: Tempo-modo vs. preposições

Com efeito, os resultados revelam que há uma distribuição quase equilibrada entre boa parte das subcategorias. Porém, nota-se que o **tempo-modo mais produtivo é o presente**, com 7 ocorrências de um total de 20, seguido do imperfeito e o infinitivo com 5 cada, o perfeito com 2 e outros com 1.

Além disso, os **tempos-modos presente e infinitivo, selecionam, de forma expressiva, a preposição para/prá**, enquanto o pretérito perfeito atua de forma equilibrada na seleção tanto de *a* como de *para/prá* (50% cada). O pretérito imperfeito, ao contrário dos outros tempos-modos, seleciona as variáveis *a* e *em*. Outros tempos-modos, selecionam apenas a preposição *a*.

Portanto, os resultados encontrados com o verbo *sair* demonstra que o fator tempo-modo verbal condiciona em parte a escolha das preposições, pois apenas o presente e o infinitivo mostraram atuar na seleção da preposição *para/prá*.

Exemplos do verbo *sair* no presente:

- (76) “os meus filhos por exemplo reparo que são mais reservados/ estão mais dentro de CASA **não saem NA RUA** para brincar com coleguinhas” (INF5)
 (77) “leva casaco porque **sai de um espaço de um concelho** que é relativamente FRIO **para um outro lugar**” (INF6)
 (78) “estudantes de Assomada que vão estudar na PRAIA epaa/ **saem de Assomada para Praia para estudar** ter diploma CERFITIFICADO” (INF9)
 (79) “hoje não/ hoje/ o marido vai e a mulher vai junto/ [uhn] cada um **sai para o/ trabalho**” (INF7)
 (80) “eu tomo um pequeno-almoço e **saio para o trabalho**” (INF12)

Constata-se que, em todos os exemplos o presente é usado com sentido de ação habitual e que a maioria ocorre com a preposição *para/pra*.

Exemplos do verbo *sair* no infinitivo:

- (81) “já tive convites para **sair fora da cidade fora do país** mas como tenho um amor por esta cidade/ [uhn] quero viver aqui quero ficar aqui” (INF2)
 (82) “aaah/ ANTES de **sair pra Universidade** antes deee estar/ maduro/ pelo Universidade, antes de estar maduro, passando pela pelas escolas/ você tem uma ideiaaaa/ entre aspas MÁ dos professores” (INF2)
 (83) “a educação terá que **sair da dentro da casa e para a sociedade**”. (INF2)

Nestes exemplos, verifica-se que o verbo *sair* seleciona também a preposição *para/pra* com locativos, cujo sentido são de ações abstratas definitivas.

e) Verbo *entrar* - Tempo-modo vs. preposições

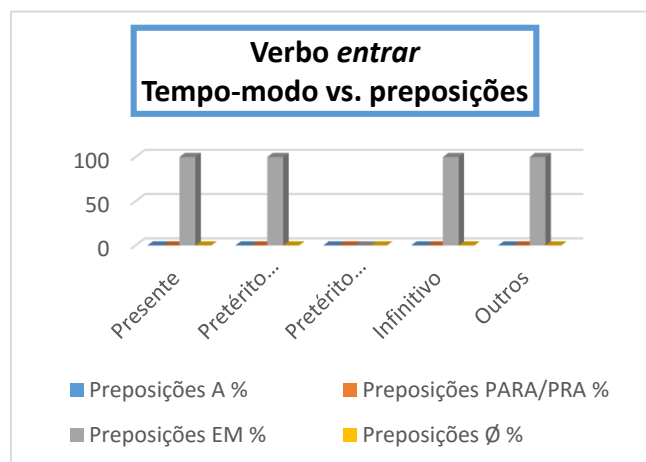


Gráfico 13: Verbo *entrar* vs. preposições

Os resultados encontrados com o verbo *entrar* associado ao fator tempo-modo verbal atestam que **todos os tempos-modos verbais selecionam a preposição *em***. Portanto, o grupo de fator tempo-modo não determina a escolha de uma ou outra preposição, já que a única usada é *em* (cf. gráfico 13).

Neste caso, não se observa variação e segue-se o determinado pela norma padrão, em que entrar como verbo de movimento direcional seleciona exclusivamente a preposição em com sentido de interioridade e não de movimento.

f) Verbo *voltar* - Tempo-modo vs. preposições

Com o verbo *voltar*, o tempo-modo verbal mais produtivo continua a ser o presente, com 5 das 10 ocorrências. Todos os tempos-modos selecionam a preposição para/prá, o que evidencia que este fator não é determinante para a escolha de uma ou outra variável, pois só há uma ocorrência da variável a no Pretérito Perfeito.

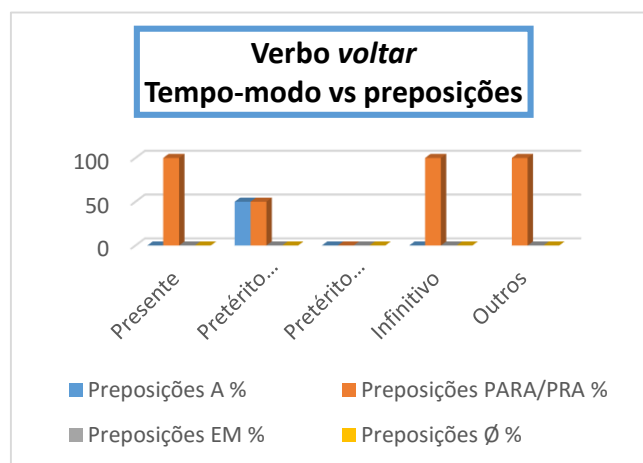


Gráfico 14: Verbo *voltar*: Tempo-modo vs. preposições

Alguns exemplos do verbo *voltar* no presente:

- (84) “com essa questão de violência sexual eu estou muito ciente pra trazê-la de **volta pra casa** por que não sei na/ em que esquina que algo pode acontecer” (INF1)
 (85) “e depois do jornal leio um bocadinho e **volto pra cama.**” (INF3)
 (86) “depois **voltam pra casa/** dos restos são professores” (INF7)
 (87) “depois das seis saio frequente o ginásio **volto pra casa/** vejo televisão” (INF7)
 (88) “depois do jornal leio um bocadinho e **volto pra cama.**” (INF3)
 (89) “quando um emigrante vai **quando volta para Cabo Verde** ele faz várias construções” (INF9)

Como se pode observar, os exemplos ilustram ações habituais, mas finais numa sequência de ações. Aliás, como foi referido, um dos tópicos de conversa foi sobre a rotina diária dos informantes, o que possibilitou que eles tivessem a necessidade de recorrer ao verbo *voltar*, ainda que com frequência reduzida, se comparado com os outros verbos.

g) Verbo *regressar*/ Tempo-modo vs. preposições

O presente continua sendo o tempo-modo mais produtivo, com 4 das 7 ocorrências. Estas distribuem-se equitativamente pelas preposições a e para/prá, repetindo-se

mesmo panorama no tempo-modo pretérito perfeito. A única ocorrência no infinitivo seleciona a preposição *para/prá*. De realçar ainda que, não há ocorrências do verbo *regressar* nem com a preposição *em* nem com a elipse (\emptyset) da preposição (cf. gráfico 15).

Como se pode verificar, tanto *a* como *para/prá* são usadas com o presente, no mesmo sentido, de ações habituais. Então, torna-se difícil traçar um padrão para o verbo *regressar*, já que não há uma tendência da frequência de uso.

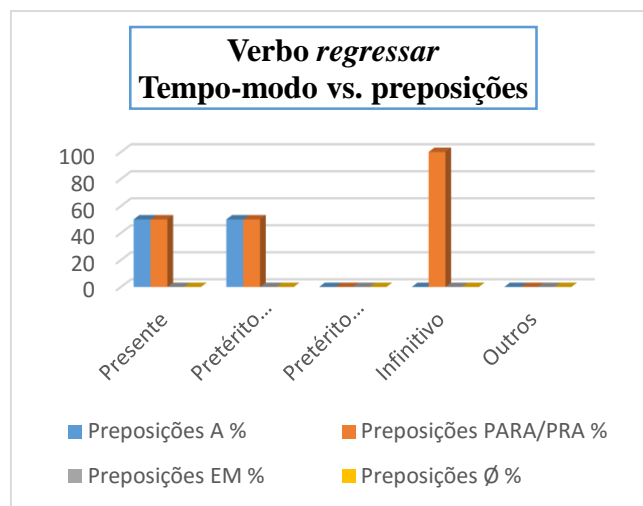


Gráfico 15: Verbo *regressar*: Tempo-modo vs. preposições

Exemplos do verbo *regressar* no presente:

- (90) “**regresso à casa/ vou ALMOÇAR/** às vezes tento descansar um BOCADO mas não consigo” (INF1)
- (91) “fico lá das oito até à uma hora depois **regresso para o almoço** e no período da tarde, às vezes tenho uma outra aula no ensino particular” (INF3)
- (92) “às vezes quando **regressam à terra** não prestam a CONTA são eliminadas/ contribuí um bocadinho para a violência” (INF4)
- (93) “depois **regressam para pra escola**” (INF7)

h) Verbo *partir* - Tempo-modo vs. preposições

Visto que só se encontrou apenas uma ocorrência com este verbo, não há dados a comparar e, portanto, não se mostrará necessário apresentar um gráfico. Esta única ocorrência, que se encontra no infinitivo, seleciona a preposição *para/prá*.

Sintetizando: diante do acima exposto, relativamente aos resultados obtidos para os 8 (oito) verbos analisados, pode-se concluir que:

1. O presente foi o tempo-modo verbal que se revelou mais produtivo com a maioria dos verbos, com exceção dos verbos *vir e entrar*, em que o pretérito perfeito e o infinitivo obtiveram mais ocorrências;

2. Quanto à relação do fator tempo-modo com as preposições, ficou claro que há uma certa uniformidade na tendência da frequência de uso das preposições junto a cada um dos tempos-modos verbais.

3. Com efeito:

i) Não há nenhuma ocorrência de para/prá com o verbo *chegar* e, com este verbo todos os tempos-modos selecionam, de forma expressiva, a preposição a;

j) Com o verbo *entrar*, todos os tempos-modos selecionam a preposição em;

k) Quanto ao verbo *sair*, os tempos-modos atuam de forma diversa em relação à seleção das preposições, ou seja: o presente e o infinitivo selecionam, com maior frequência, para/prá; o pretérito perfeito atua de forma equilibrada na seleção tanto de a como de para/prá e a categoria outros, em que há apenas uma ocorrência, seleciona para/prá.

Terminada a análise do único fator associado ao verbo que foi considerado importante neste estudo, passa-se à análise do grupo de fatores associados ao N locativo.

II. Fatores associados ao Nome Locativo do SPREP

Neste ponto, vale a pena lembrar que a maioria dos grupos de fatores analisados são clássicos (à exceção do fator Configuração de espaço, que aqui é tomada na perspectiva de Wiedemer (2008), ou seja, são usados não só pelos estudos anteriormente resenhados, mas também por um número significativo de pesquisas relacionadas com a matéria objeto de estudo. Optou-se então por analisar os seguintes grupos de fatores: i) Demarcação do espaço [+ fechado]/ [- fechado]; ii) Grau de Definitude [+ definido]/ [- definido]; iii) Tempo de Permanência [+ permanência]/ [- permanência]; iv) Configuração do espaço [lugar/instituição personificada], [lugar/espaço geográfico], [lugar/instituição], [Lugar/Objeto], [Lugar/evento].

(i) Demarcação do espaço vs. preposições

Recorde-se que este fator é aqui adotado no sentido exposto por Mollica (1996, pp. 155-156). Tendo em conta os traços semânticos do N LOC, núcleo do SPREP, distinguem-se os Locativos [+ fechado] e [- fechado].

a) Verbo *ir*: Demarcação de espaço vs. Variáveis

Primeiramente, deve ser observado que a maioria dos N LOC do SPREP são do tipo [+fechado], 52,5% das ocorrências do verbo *ir*. Deste tipo de traço, ou seja, [+fechado], a maioria é regida pela preposição para/prá, com 59,4%, seguida de a, com 33,3%, e em, com 7,3%. Não há ocorrências do traço [+fechado] com a elipse da preposição. A mesma sequência é encontrada com os N LOC do SPREP do tipo [-fechado], ou seja, a preposição para/prá também atua melhor na seleção dos LOC [- fechado], com 57,5%, seguido de a, em e \emptyset (cf. gráfico 16).

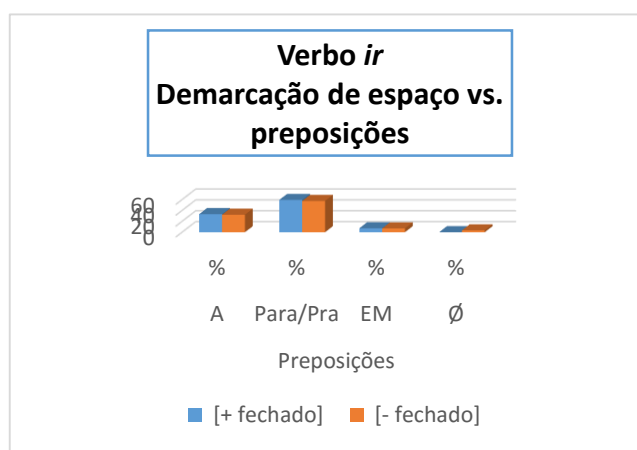


Gráfico 16: Verbo *ir*: Demarcação de Espaço vs. preposições

Portanto, o que se nota é que não é possível determinar que traço atua melhor na seleção de uma ou outra preposição, já que, tanto um como o outro selecionam, com maior frequência, a preposição para/prá, isto é, não há uma distribuição complementar. Ou seja, o traço [+ fechado] não é exclusiva da preposição em. Pelo contrário, percebe-se uma ligeira tendência para o traço atuar melhor com as preposições a e para/prá.

Em suma: como se pode ver, os resultados do verbo *ir*, na presente pesquisa, são totalmente diferentes dos de Mollica (1996, p. 157), Costa (2003, p. 41), Vallo (2004, p. 214), Wiedemer (2008, p.91). Com efeito, contrariamente ao aqui constatado, naqueles estudos, o traço [+ fechado] inibe a presença de a e para/prá, mas favorece o uso da variável em, e, nas palavras de Mollica (*op. cit.*), em associa-se a um determinado traço semântico de N LOC de SPREP com a qual a preposição acrescenta o valor significativo de “estar dentro” além do previsto de “movimento”.

Diante do exposto, pode-se afirmar que, na presente pesquisa o fator Demarcação do Espaço não se mostrou relevante quanto à escolha de uma ou outra preposição com o verbo *ir*.

Observem-se alguns exemplos com locativos com o traço [+ fechado] selecionados pela preposição *para/prá*:

- (94) “Além de **ir para o mercado** na sua labuta diária/ não vejo/ alguns jovens praticam desporto” (INF1)
- (95) “Depois/ à tarde...**ia pra casa** de uma vizinha” (INF1)
- (96) “Levanta às sete/ preparava para **ir pra escola**” (INF2)
- (97) “Depois eu **fui pro Liceu Amílcar Cabral**” (INF4)
- (98) “Depois **vou pro Ginásio**...mais ou menos todos os dias” (INF4)
- (99) “Os outros grupos que ficam **vão para a sala de estudos**” (INF7)

b) Verbo *vir*: Demarcação de espaço vs. preposições

O comportamento das preposições quando aplicados os traços [+fechado]/ [-fechado] (cf. gráfico 17) evidenciam que, contrariamente ao verbo *ir*, os resultados permitem observar que, com o verbo *vir*, a **maioria dos N LOC do SPREP são do tipo [- fechado] e são selecionados quase que exclusivamente por *para/prá***, 71,4% seguida das preposição *a* e *em*, com igual frequência de 14,3%. Verifica-se ainda que, a maioria dos N LOC do tipo [+ fechado], também são selecionados, expressivamente, pela preposição *para/prá*.

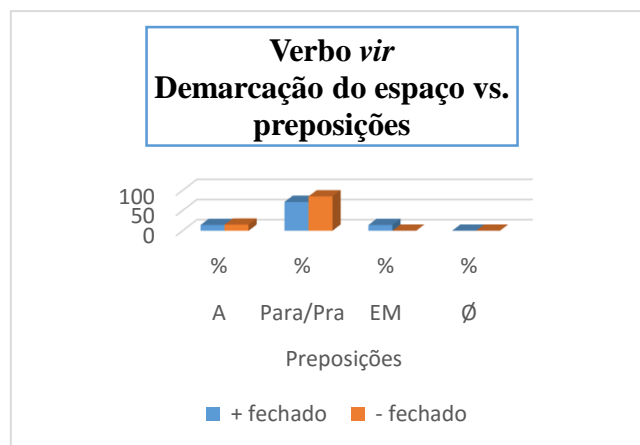


Gráfico 17: Verbo *vir*: Demarcação de espaço vs. preposições

Por isso, pode-se dizer que o grupo de fatores não interfere na escolha das preposições, mas que, simplesmente, a preposição *para/prá* é aquela que mais ocorre com este verbo. Estes resultados diferem dos estudos anteriormente apresentados. Por exemplo, Wiedemer (2008, p. 90) diz, nas suas hipóteses, baseadas em Pereira (1916), que as preposições *a* e *para* estariam associadas aos espaços menos demarcados, ambientes [-

fechados], enquanto *em* a espaços mais demarcados, ambientes [+fechados], sustentada na ideia de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, também conota o sentido ‘estar dentro’ associado ao traço [+fechado].

Por outro lado, os resultados obtidos por Costa (2003, p. 44) demonstram que, no PB, o traço [+fechado]/[-fechado] não é determinante no uso da preposição *em*, que é utilizada tanto com N LOC do tipo [-fechado] como pelos do tipo [+fechado], ao passo que *a* e *para/prá* eram mais utilizadas com locativos do tipo [+ fechado].

Exemplos de ocorrências com o locativo do tipo [-fechado] acompanhado pela preposição *para/prá*:

- (100) “...não sei qual é a origem dele só sei que morou um tempo na Praia **veio para Assomada** conheceu a minha mãe” (INF1)
 (101) “...se compararmos a cidade de Assomada dez quinze anos quem vive fora/ [uhn] e **vem pra cidade** diz que praticamente em termos de infraestrutura em termos de organização continua na mesma” (INF2)
 (102) “...e o meu pai é do Tarrafal mas **veio do Tarrafal para Assomada** e está aqui desde há muitos anos” (INF3)

c) Verbo *Chegar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Com o verbo *chegar*, como havia sido dito, não há dados com a preposição *para/prá*, pelo que a aplicação é feita de forma binária, *a* [-fechado] e *em* [+fechado] (cf. 18).

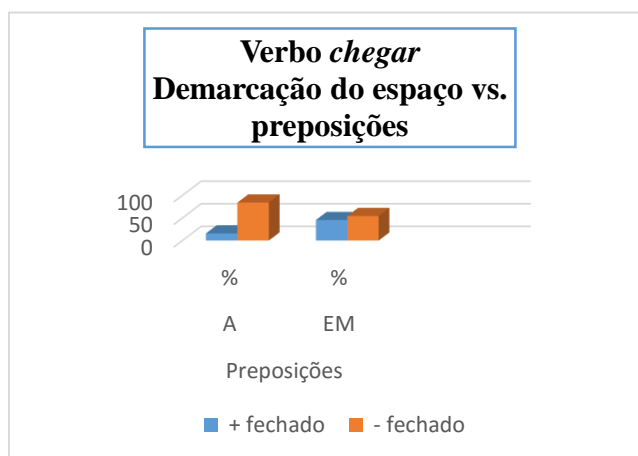


Gráfico 18: Verbo *chegar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Os resultados revelaram a ocorrência de mais LOC do tipo [-fechado], **cerca de 73,3% de todas as ocorrências**, enquanto apenas 26,7% são do tipo [+ fechado]. Os resultados demonstram, portanto, que os **traços [+fechado]/[-fechado] não são determinantes**

para distinguir o uso das preposições a e em, pois, ambas atuam melhor na seleção do traço [-fechado].

No entanto, constata-se que há quase um equilíbrio entre os traços [+fechado]/[-fechado] com a preposição em, com a diferença de uma ocorrência a mais do traço [-fechado]. A diferença entre os traços com a preposição a é mais expressiva, 84,2% [-fechado] contra 15,8% [+fechado], o que pode significar que há uma tendência do grupo de fatores condicionar a escolha da preposição a.

Não se verifica as hipóteses dos estudos de Mollica (1996) e de Wiedemer (2008), relativamente ao PB, quando dizem que em, por conter a ideia significativa de “estar dentro”, é selecionada preferencialmente pelo traço [+fechado], pois aqui observou mais LOC de traço [-fechado] com a preposição em, embora tenha ficado claro que pode haver uma influência deste grupo de fatores na escolha da preposição a.

Deve-se dizer que, dos estudos resenhados, os resultados de Costa (2003, p. 44) para o PB são muito parecidos aos aqui encontrados, pois, no estudo daquela pesquisadora, o grupo de fatores constituído pelos traços [+fechado]/[-fechado] não é determinante para o emprego ou não da preposição em, que também com muita frequência ocorreu com adjuntos classificados como [-fechado].

Veja-se alguns exemplos de ocorrências com o traço [+fechado] regidos pela preposição em:

- (103) “...qualquer pessoa que **chega em casa**/ se você está na sala ...com uma visita/ você tem que procurar um meios para sair para que possa deixar as pessoas conversarem...” (INF2)
- (104) “... e quando o indivíduo já **chegar na escola**/ com a instrução que irá receber/ somando à educação mais a instrução teremos agora formação de um cidadão equilibrado/” (INF3)
- (105) “...porque só a teoria/ quando **chegas aí num laboratório**/ porque por exemplo só tens a parte teórica...” (INF4)

Como se pode constatar, os N LOC constituintes do SPREP referem-se a espaços interiores, bem demarcados, fechados. Pelo contrário, os locativos usados com a preposição a, referem-se a espaços abstratos, sem limites (entrada ou saída), muitas vezes, referindo a conceitos abstratos. Veja-se alguns casos:

- (106) “...as mulheres cabo-verdianas são suficientemente inteligentes para exigir **chegar a um patamar** juntamente de igualdade para os homens...”(INF2)

Neste exemplo, o N LOC aponta para um conceito abstrato, que não se consegue definir, aliás, é algo que, ainda que possa ser observável, não é físico, mas mental.

(107) “...**chegas aí na europa**... não vais ter aí assim problemão ...”(INF4)

Neste outro caso, embora refira-se a um N LOC possível de ser delimitado fisicamente, não é contudo tão demarcado, nem tem um lugar definido de entrada e saída. É um espaço vasto.

Todavia, dois exemplos de locativos do tipo [-fechado] regidos pela preposição *em*, deixam entender que a variação ainda é instável, quanto ao uso de *a* exclusivamente com N LOC do tipo [- fechado]:

(108) “...há muitos alunos que **chegam no ensino superior** e ainda não conseguem formar frases em português...”;

(109) “... em Cabo Verde o também português é tido como um instrumento de poder/ ao **chegar num local**/ por exemplo num local numa reunião num encontro falam as pessoas que dominam o português...”(INF12)

Deve-se referir que, no estudo de Costa (2003, p.43) os resultados são diferentes para o PB, pois a preposição *em* foi usada, com muita frequência com N LOC do tipo [- fechado], o que sugere que este traço não seja determinante para a escolha de uma ou outra variável.

d) Verbo *sair*: Demarcação de espaço vs. preposições

É de notar que as ocorrências com o verbo *sair*, quando se aplica o traço [+fechado]/ [-fechado] são, na sua maioria, com N LOC do tipo [- fechado], sendo que, das 19 ocorrências, apenas uma ocorre com um adjunto [+fechado] e é regida pela preposição *para/pra* (cf. gráfico 19).

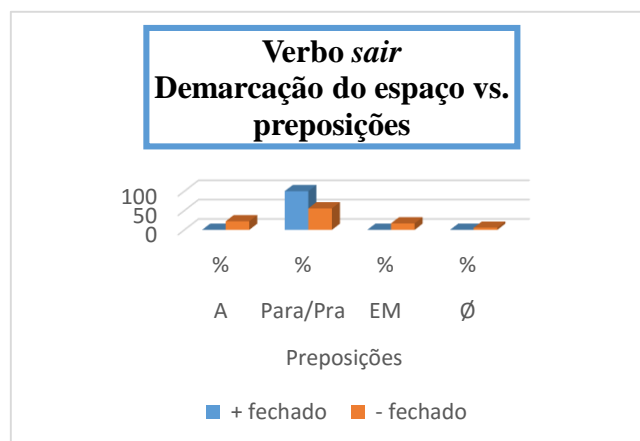


Gráfico 19: Verbo sair: Demarcação de espaço vs. preposições

Acredita-se que este facto se deva à ideia significativa do verbo, que é sinónimo de exterioridade, quem sai, sai para fora. Por essa razão, talvez seja menos provável encontrar N LOC do tipo [+fechado] com este verbo.

Quanto aos adjuntos do tipo [-fechado], ocorrem preferencialmente com a preposição *para/pra*, com 55,5% de ocorrências, seguido de *a* com 22,2%, *em* com 16,7% e, por fim, a \emptyset com 5,6%. O traço [+fechado] obtém apenas uma ocorrência. Portanto, a ideia inicial da preposição *em* estar associada à ideia de interioridade par além de movimento não se aplica ao verbo *sair*.

e) Verbo entrar: Demarcação de espaço vs. preposições

Os resultados obtidos da aplicação do fator Demarcação de Espaço são bastante esclarecedores, na medida em que, das 20 ocorrências do verbo entrar, 84,2% são acompanhados de N LOC do tipo [-fechado], todos são regidos pela preposição *em* que é a recomendada pelas GN.

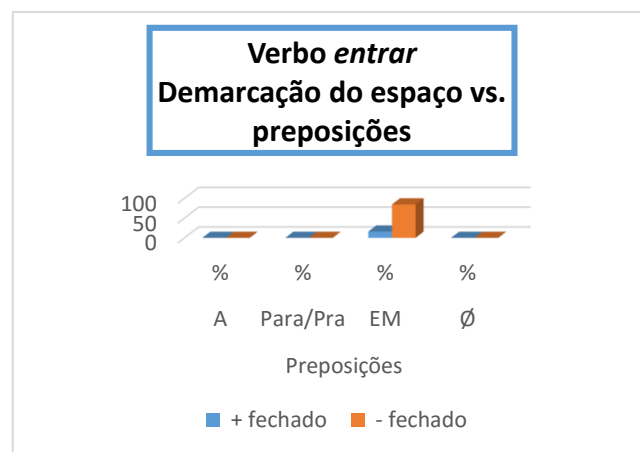


Gráfico 20: Verbo entrar: Demarcação de espaço vs. preposições

No entanto, há também duas ocorrências com locativos do tipo [+fechado]:

Exemplos:

(110) “...cumprimentamo-nos na rua às vezes ... uma a **entrar na sua casa outra a sair...**”
(INF1)

(111) “...eu **entro** pras aulas **no liceu** e fico lá das oito até à uma hora...”(INF3)

f) Verbo *Voltar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Observe-se o gráfico com os resultados:

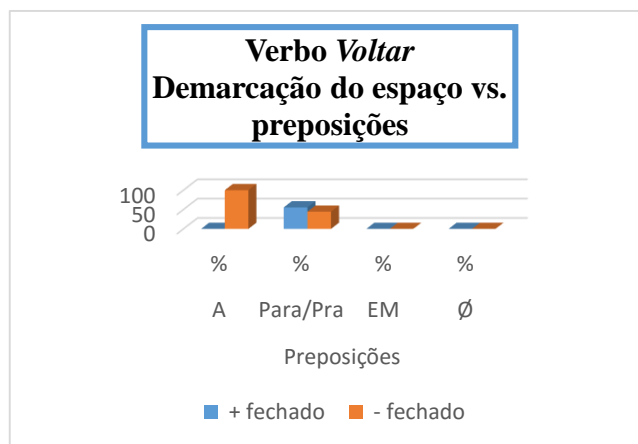


Gráfico 21: Verbo voltar: Demarcação de espaço vs. preposições

Este verbo que é usado praticamente só com a preposição *para/prá*, com apenas uma ocorrência com a preposição *a*, ou seja, não é possível fazer uma análise com base no pressuposto inicial de que, tendencialmente *em* seleciona adjuntos do tipo [+fechado], por estar associada à ideia de “estar dentro”, para além da ideia de “movimento”. Contudo, como se pode observar, há uma tendência de um uso mais frequente de locativos do tipo [+fechado] com a preposição *para/prá*, embora a diferença seja pouco expressiva, 55,6% contra 44,4%, correspondente a uma ocorrência a menos de locativos do tipo [-fechado]. Diante deste facto, pode-se afirmar que este grupo de fator não influencia a escolha de uma preposição em detrimento da outra.

Um cenário parecido é encontrado e descrito por Costa (2003,p. 45). No seu estudo sobre o PB, ela diz que a preposição *em* não é persistente o suficiente para o desenvolvimento de uma análise, o que comprometeu a observação do traço [+fechado], sobre o qual apenas se confirma que pode ser expresso pelas preposições *a* e *para/prá*.

Exemplos de ocorrências de traço [+ fechado] com a preposição *para/prá*:

- (112) “com essa questão de violência sexual eu estou muito ciente pra trazê-la de **volta pra casa** por que não sei na/ em que esquina que algo pode acontecer...” (INF1)
- (113) “quando **voltamos para sala** apanhámos todos [hummm] não é eram palmatoadas pra todos” (INF12)

g) Verbo *regressar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Como se observa (cf. gráfico 22), este verbo comporta-se como o *voltar*, pois, para além de não haver dados com a preposição *em*, o que inviabiliza a análise, o traço [+fechado] é expresso tanto pela preposição *a* como por *para/prá*.

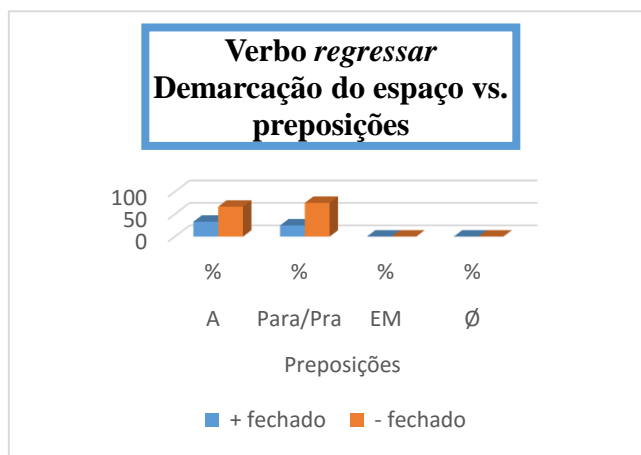


Gráfico 22: Verbo *regressar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Veja-se alguns exemplos:

- (114) “**regresso à casa** vou almoçar às vezes tento descansar um BOCADO mas não consigo” (INF1)
- (115) “depois **regressam pra escola**” (INF7)

h) Verbo Partir

A ocorrência de um único dado com um N LOC do tipo [-fechado] não permite uma análise comparativa.

Concluindo:

Pelos resultados obtidos o traço [+fechado]/[-fechado] não é determinante para a distinção ou opção por uma ou outra preposição. Mostrou ser relevante apenas com os verbos *vir e chegar*, já a preposição *em* é mais utilizada com N LOC do tipo [+fechado].

(ii) Grau de definitude vs. preposições

É importante lembrar que este grupo de fatores está de acordo com o exposto por Mollica (1996, p. 158), em que se tem em conta as características morfo-semântico-discursivas de N LOC de SPREP, que o classificam quanto ao grau de definição do referente do SPREP.

Assim, para se objetivar os diferentes níveis de definição de N trabalha-se com traços de natureza formal, como presença/ ausência do determinante de N, e com traços de natureza semântica, definido/não definido, sendo que, o primeiro indica referentes conhecidos do falante e do ouvinte, facilmente identificáveis, enquanto o segundo, referentes vagos, imprecisos, pouco identificáveis.

Diante do exposto, e à semelhança de Wiedemer (2008) que também se suportou em Mollica (op.cit), para uma melhor análise, foi estabelecido, como se fez para os outros grupos de fatores, dois traços, a saber: [+definido] – referente a N LOC de SPREP precedido de artigo definido, pronomes possessivos e demonstrativos; [-definido] – referente a N LOC SPREP precedido de artigo pronomes indefinidos.

a) Verbo *Ir*: Grau de definitude vs. preposições

Este grupo de fator não determina a escolha de nenhuma das variáveis, pois todas selecionam, maioritariamente, N LOC de SPREP do tipo [+ definido], embora este traço atue melhor com preposição *em*, que o selecionou com exclusividade (cf. gráfico 23).

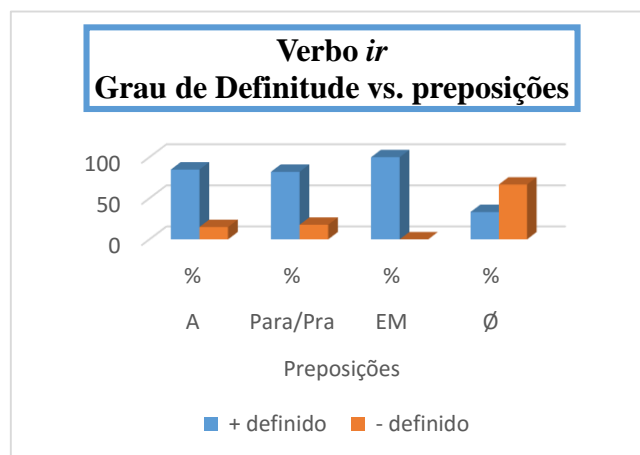


Gráfico 23: Verbo *ir*: Grau de definitude vs. preposições

Apenas a elipse da preposição atua melhor na seleção de locativos do tipo [-definido]. Ou seja, quando os falantes se confrontam com locativos do tipo [-definido], preferem não utilizar nenhuma preposição. Portanto, os resultados diferem, em parte, dos de Mollica (1996, p. 161) e de Vallo (2005, p.211), pois nestes estudos referentes à variedade do PB da LP foi identificada uma tendência de *em* ser marcada semântico-discursiva e pragmaticamente.

Veja-se então alguns exemplos com a preposição *em* acompanhados de N LOC de SPREP do tipo [+definido](+Det +Def):

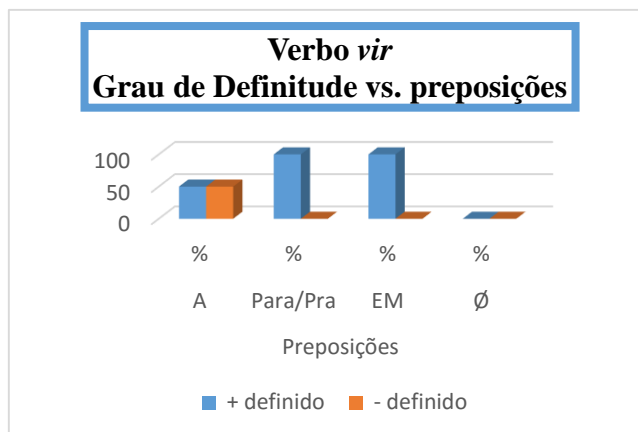
- (116) “Eu posso dizer a uma amiga/ **vamos no parque...**”(INF1)
- (117) “...eu gostava mais da Assomada de antes/ tudo era mais simples/”
- (118) “**Vou na Câmara** denunciar/ quando os fiscais vão lá/ em vez de fazerem o trabalho dizem/ olha/ é o MM” (INF10)
- (119) “... se daqui a cinco anos **formos nessas zonas** levantar ...dados/ conseguimos fazer a semelhança” (INF11)

Exemplos com a preposição *a* acompanhados de N LOC de SPREP do tipo [+definido](+Det +Def):

- (120) “...quando **vou à Praia** quase que adoço de um dia para o outro” (INF1)
- (121) “... primeiramente antes **ia à igreja**” (INF2)
- (122) “...religiosamente **vou ao cemitério** visitar os túmulos” (INF3)

b) Verbo *vir*: Grau de definitude vs. preposições

Tal como no verbo *ir*, pode-se observar (cf. gráfico 24) que todas as preposições selecionam N LOC do tipo [+definido], o que demonstra que este fator não é relevante. Este resultado pode ter sido motivado, pelo facto de não se ter aplicado o grupo de fatores assim como em Mollica, 1996, p. 159) pois, naquele estudo estabeleceu-se três graus de definitude (referentes com maior grau de definitude; referentes com grau de definitude média; referentes com menor grau de definitude) e neste estudo apenas dois graus (referentes com maior grau de definitude e referentes com menor grau de definitude) por razões que têm a ver com as condições de realização deste trabalho e por questão de sistematicidade e praticidade, já que os outros grupos de fatores clássicos são constituídos de dois polos (+ e -).

Gráfico 24: Verbo *vir*: Grau de definitude vs. preposições

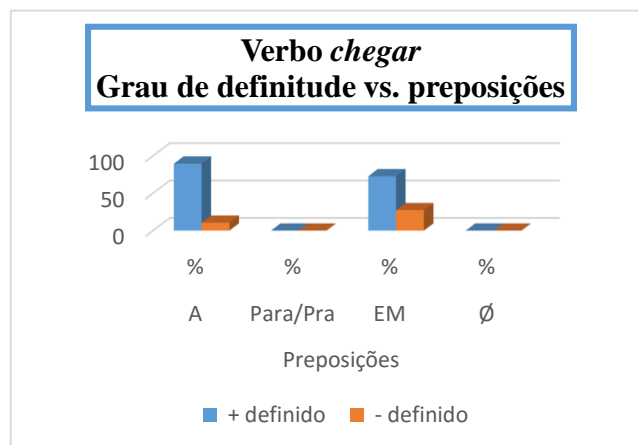
Exemplos:

- (123) “**Venho à escola** todos os dias...”(INF1)
 (124) “... e o meu pai é do Tarrafal/ mas **veio** do Tarrafal **para Assomada...**” (INF3)
 (125) “...e tem muito fluxo de pessoas que querem **vir** mesmo **à cidade...**” (INF5)
 (126) “...**veio** cá praticamente ninguém **nesse salão...**” (INF10)

Como se pode constatar, nos exemplos (123) e (124), os N LOC do tipo [+ definido] referem-se a espaços conhecidos do falante, embora não sejam delimitados por uma entrada e/ou saída. Pelo contrário, os exemplos (125) e (126) são referentes a espaços fisicamente limitados e conhecidos do falante, para além de conterem também as marcas formais (presença do determinante artigo definido e demonstrativo).

c) Verbo *chegar*: Grau de definitude vs. preposições

Os dados revelam (cf. gráfico 25) há uma tendência do verbo *chegar* ser acompanhado de adjuntos com N LOC de SPREP do tipo [+ definido], ou seja, tanto a variável a como em selecionam, com maior frequência este tipo de locativos, embora **este traço atue melhor com a** (17 ocorrências) do que com em (8).

Gráfico 25: Verbo *chegar*: Grau de definitude vs. preposições:

Logo, esses resultados são contrários ao previsto por Mollica (1996) e Vallo (2004) no PB, pois, para ambos os pesquisadores, relativamente ao verbo *ir*, o traço [+definido] atuaria melhor com *em* do que com as preposições *a* e *para*, já que aquela variável indica “lugar onde” além de movimento. Logo, o fator grau de definitude não é relevante para este verbo.

Observa-se os exemplos com a preposição *a* (+Det +Def):

- (127) “...bom deixe-me levantar porque senão **vou chegar atrasado à aula de MM**” (INF1)
- (128) “...**chega àquela fase de adolescência** eles acham já que são homens e mulheres...”(INF4)
- (129) “...as pessoas do rural **chegam à cidade** ficam ...meio desorientadas...”(INF8)
- (130) “...**chego ao trabalho** às sete e meia/ saio de lá às três e meia...”(INF9)

Atenta-se nos exemplos com a preposição *em* (+Det +Def):

- (131) “...e quando o indivíduo já **chegar na escola** com a instrução que irá receber somando à educação mais a instrução teremos agora a formação de um cidadão mais equilibrado” (INF3)
- (132) “...não tive oportunidade de **chegar mesmo no centro da cidade...**” (INF6)
- (133) “...quando **chegaste na Praia** os meninos da Praia não te gozavam com o teu crioulo?” (INF10)
- (134) “...há muitos alunos que **chegam no ensino superior** e ainda não conseguem formar frases em português...” (INF12)

d) Verbo *sair*: Grau de definitude vs. preposições

Os resultados obtidos sobre a influência do Grau de Definitude junto ao verbo *sair* demonstram que (cf. gráfico 26), diferentemente do verbo *chegar*, **todas as preposições selecionam, melhor, N LOC do tipo [- definido]**, o que quer dizer que este fator não é determinante na escolha de uma ou outra preposição.

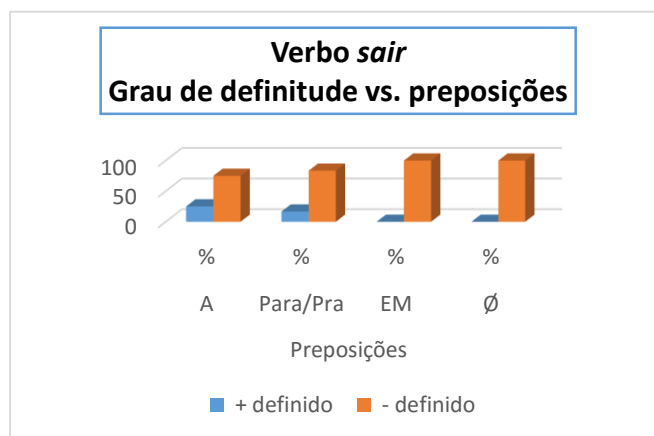


Gráfico 26: Verbo sair: Grau de definitude vs. preposições

Apenas 3 das 19 ocorrências são com N LOC do tipo [+ **definido**],

Exemplos:

- (135) “já tive convites para **sair fora da cidade fora do país** mas como tenho um amor por esta cidade/ [uhn] quero viver aqui quero ficar aqui” (INF2)
- (136) “aaah/ ANTES de **sair pra Universidade** antes deee estar/ maduro/ pelo Universidade, antes de estar maduro, passando pela pelas escolas/ você tem uma ideiaaa/ entre aspas MÁ dos professores” (INF2)
- (137) “...a educação terá que **sair da dentro da casa e paraaa para a sociedade.**” (INF2)
- (138) “...gostava muito de quando **tivesse saindo no interVALO/** ficávamos aí no pátio a contar estórias” (INF4)
- (139) “...na minha infância **saímos à rua** para brincar à noite à tarde NOITINHA” (INF5)

e) **Verbo Entrar: Grau de Definitude vs. preposições**

Com este verbo apenas ocorreu a preposição em (cf. gráfico 27).

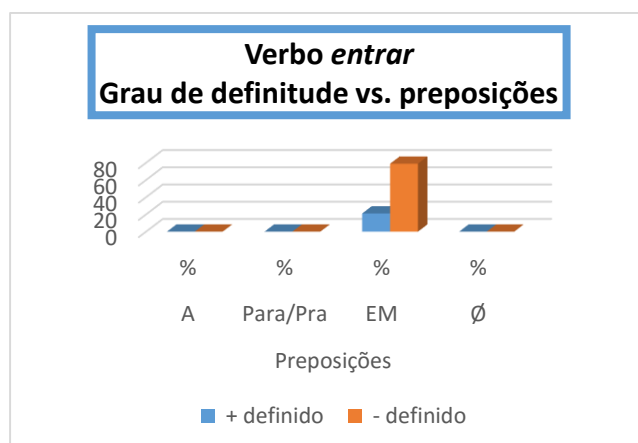


Gráfico 27: Verbo entrar: Grau de definitude vs. preposições

A maioria dos N LOC de SPREP que o acompanham são do tipo [-definido], o que não deixa de ser interessante, pois, normalmente, a ideia significativa que se tem é que, o *entrar* tipicamente se associa à ideia de espaço bem definido, que não seja vago, nem impreciso.

f) Verbo *voltar*: Grau de definitude vs. preposições

O cenário encontrado com o verbo *voltar* é parecido ao do verbo *entrar*, já que *voltar* seleciona, quase que exclusivamente, a variável *para/prá* (9 das 10 ocorrências). Pelo que se pode perceber, há um maior número de N LOC de SPREP do tipo [+definido] com a preposição *para/prá*. Porém, por não haver dados com as outras preposições o que não permite uma comparação, não se pode concluir se este grupo de fatores atua na seleção das preposições com o verbo *voltar*. (cf. gráfico 28).

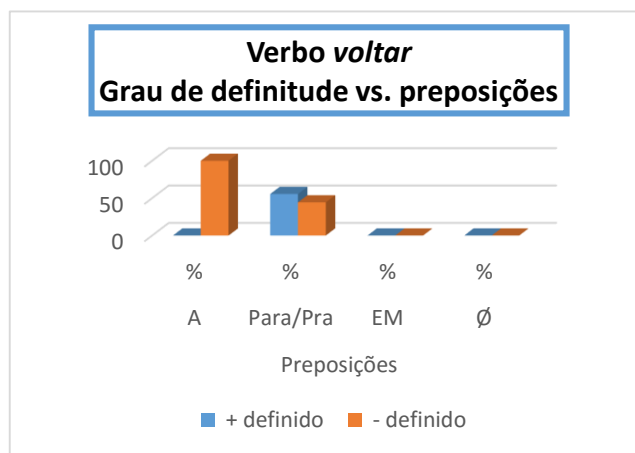


Gráfico 28: Verbo *voltar*: Grau de definitude vs. preposições

Portanto, pelo que se pode perceber, não é possível uma análise, ou seja, o fator Grau de Definitude não determina a escolha das preposições.

g) Verbo *regressar*: Grau de Definitude vs. preposições

Este fator não se revela ser importante com o verbo *regressar*, pois tanto a preposição *a* como *para/prá* selecionam mais N LOC do tipo [-definido] do que [+definido] (cf. gráfico 29).

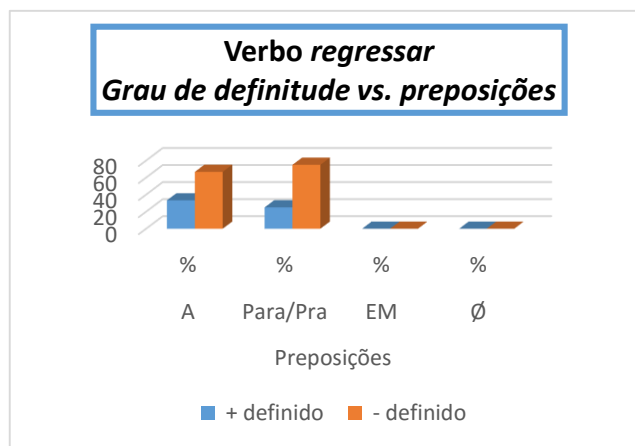


Gráfico 29: Verbo regressar: Grau de definitude vs. preposições

Concluindo: sobre a influência do grupo de fatores Grau de Definitude sobre os VMD analisados, ficou evidente que, grosso modo, este grupo de fatores não é relevante para determinar a preferência de uso de uma ou outra preposição. O quadro é diferente apenas com o verbo *chegar*, em que os N LOC do tipo [+ definido] são preferidos pela variável a, ao passo que em seleciona N LOC do tipo [-definido].

(iii) Tempo de Permanência vs. preposições

Como ficou patente na descrição do trabalho de Mollica (1996, p.162), o traço [+ permanência]/[- permanência] diz respeito à relação de permanência. Segundo as gramáticas normativas, esta relação é estabelecida pela preposição para/prá que seleciona LOC, pelo que, *ir para* expressa a ideia de ficar ou permanecer por algum tempo e que também carrega consigo a noção de recolhimento, ou seja, está mais associada ao traço [+ permanência] e, pelo contrário, as preposições a e em estão associadas ao traço de [- permanência].

Este grupo de fatores é analisado pela maioria dos estudos descritivos aqui resenhados. Veja-se então como é que opera junto de cada um dos verbos, ou seja, se realmente a seleção das preposições é determinada pela ideia expressa por estes traços, isto é, [+ permanência]/[- permanência].

a) Verbo *Ir*: Tempo de permanência vs. preposições

Os resultados obtidos (cf. gráfico 30) demonstram que todas as preposições operam com o traço [-permanência] e que, portanto, **o grupo de fator Tempo de Permanência não distingue o uso da preposição para/prá das outras**, pois há uma ligeira diferença nos percentuais encontrados: para/prá (94,4%); a (96,7); em (100%)

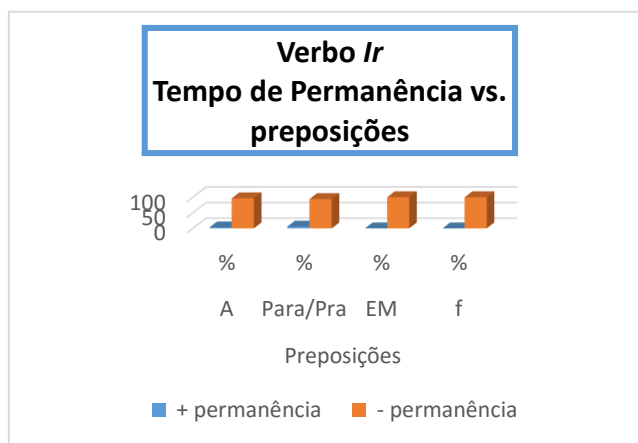


Gráfico 30: Verbo *ir*: Tempo de permanência vs. preposições

Comparando com os estudos do PB que testaram este grupo de fatores, nomeadamente, Mollica (1996, p. 163) e Costa (2003, p. 40), os resultados do presente estudo são opostos. Com efeito, naquelas pesquisas, os resultados mostraram que a regra segundo a qual a preposição para/prá deve acompanhar o verbo *ir*, quando há ideia de fim ou permanência ainda está presente na fala, embora em Costa (*op. cit.*) os resultados sejam parciais, porque embora haja a tendência do traço [+permanência] condicionar o uso de para/prá, no entanto foram numerosos os casos em que a preposição para/prá foi registrada com indicação de [- permanência].

Veja-se então alguns exemplos que demonstram que o uso de para/prá não está condicionado por este fator, já que é possível encontrar dados em que todas as preposições selecionam SPREP que exprimam a ideia de [- permanência]:

- (140) “...no domingo/ normalmente eu **vou para a igreja**” (INF12)
 (141) “...aos fins-de-semana gosto de **ir ao mar**...” (INF12)
 (142) “...**iam na lantuna** apanhar os filhos que são verde para fazer congo” (INF10)

b) Verbo *vir*: Tempo de permanência vs. preposições

Os resultados encontrados são diferentes dos do verbo *ir*, **pois aqui há sim uma tendência para a preposição para/prá condicionar o uso de SPREP com a ideia**

significativa de [+ permanência], o que é também observado no estudo de Costa (op.cit, p. 44).

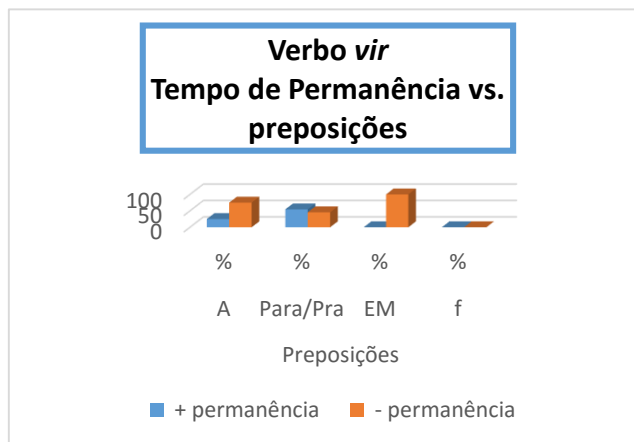


Gráfico 31: Verbo *vir*: Tempo de permanência vs. preposições

Regista-se alguns exemplos comprovativos:

- (143) “...**vieram para Calheta**/ a mãe morreu e ficou aos cuidados de alguém” (INF1)
 (144) “...muita gente...**vem do interior para a cidade**/ às vezes eles trazem os seus hábitos e os seus costumes pra cidade...” (INF4)
 (145) “...pediram transferência para Assomada...**vieram logo para Assomada**...” (INF9)

c) Verbo *Chegar*: Tempo de permanência vs. preposições

Os resultados obtidos com o verbo *chegar* (cf. gráfico 32) são totalmente diferentes dos dos outros dois verbos anteriormente analisados, pois, O SPREP com a ideia significativa de [+ permanência] é introduzido pela preposição a, ao passo que os SPREP do tipo [- permanência] são regidos pela preposição em.

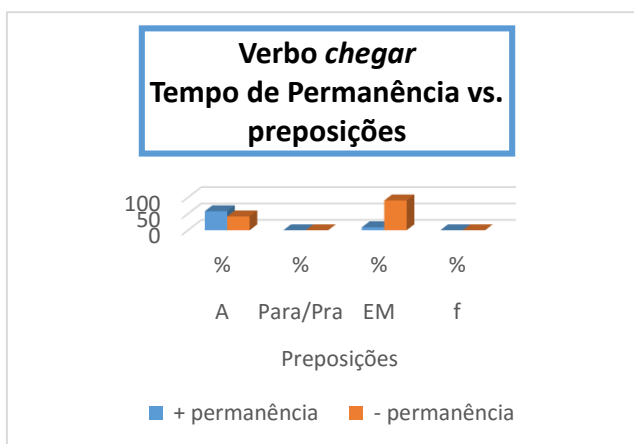


Gráfico 32: Verbo *chegar*: Tempo de permanência vs. preposições

De facto, por não haver dados com a variável *para/pra*, acredita-se que, este traço que é tido como característico desta preposição, como recomendado pela tradição gramatical, passe então para *a*. De notar ainda que, este verbo realiza-se mais com SPREP com o sentido de [- permanência], com 60% das ocorrências obtidas.

Exemplos com a preposição *a* com SPREP do tipo [+ permanência]:

- (146) “... as mulheres cabo-verdianas são suficientemente inteligentes para exigir **chegar a um patamar** juntamente de igualdade...” (INF8)
 (147) “...quando **chegas aí ao topo**...não vais ter aí muito assim um problemão...” (INF4)
 (148) “...**se chegar aí aos ouvidos dos pais**...o castigo é infalível...” (INF6)

d) Verbo *sair*: Tempo de permanência vs. preposições

Os resultados deixam perceber (cf. gráfico 33) que, **este grupo de fator não é determinante na escolha de uma ou outra preposição**, já que todas atuam melhor com o traço [- permanência], à exceção da única ocorrência com a elipse da preposição que rege SPREP de [+ permanência].

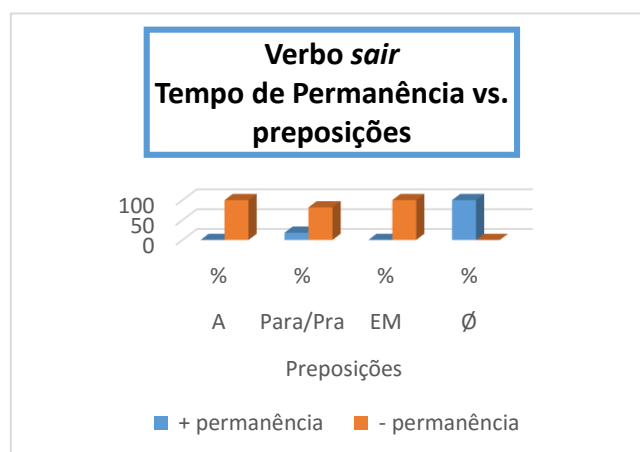


Gráfico 33: Verbo *sair*: Tempo de permanência vs. preposições

Exemplo:

- (149) “...já tive convites para **sair fora da cidade fora do país**/ mas como tenho um amor por esta cidade...”(INF2)

e) Verbo *entrar*: Tempo de permanência vs. preposição

Pelo fato do verbo *entrar* ocorrer apenas com uma das preposições (*em*), a análise torna-se desnecessária. Contudo, pensou-se ser pertinente a apresentação do gráfico que apresenta os resultados de modo a se ter uma percepção do comportamento dos traços junto à preposição.

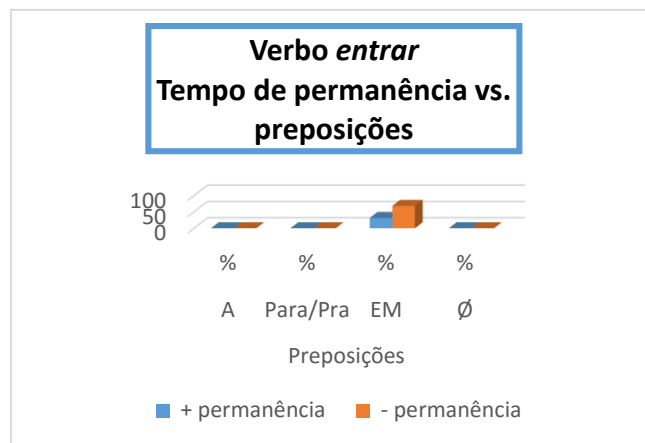


Gráfico 34: Verbo Entrar: Tempo de permanência vs. variáveis

Do que se pode observar, **a preposição *em* atua melhor na selecção de SPREP com a ideia significativa de [- permanência]**. Na verdade, e comparando com os resultados dos verbos anteriores, em que, o traço [+ permanência] é mais produtivo com as preposições *a* e *para/prá*, neste caso, apesar da ausência das outras preposições, continua a prevalecer a mesma lógica, isto é, *a* e *para/prá* para o traço [+ permanência] e *em* para [- permanência].

Exemplos de ocorrências com a **preposição *em* acompanhadas de SPREP com o traço [- permanência]**:

- (150) “...convivi com pessoas de outras ilhas e da cidade da Praia/ sempre têm um carinho pelas pessoas da Assomada... falam da cidade se calhar ANTES de conhecerem a cidade/ têm uma visão diferente/ quando **entram na cidade de Assomada...**”(INF2)
- (151) “...**entro prá s aulas no liceu** e fico lá das oito até à uma hora...” (INF3)
- (152) “... estou a ver a oportunidade de **entrar no ensino secundário...**” (INF7)

f) Verbo *voltar*: Tempo de permanência vs. preposições

Nos dados, este verbo rege quase que exclusivamente a preposição *para/prá*, pois só é possível encontrar uma única ocorrência com *a*.

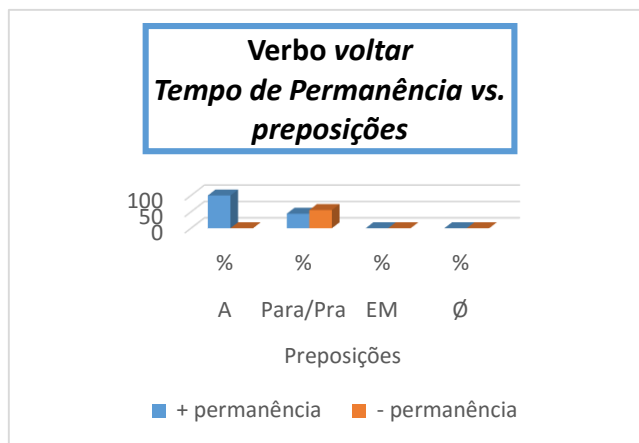


Gráfico 35: Verbo voltar: Tempo de permanência vs. preposições

Assim, **apresenta uma ligeira tendência de *para/prá* selecionar SPREP com a ideia significativa de [- permanência]**, 55,6% contra 44,4%, o que leva a perceber que, apesar do verbo *voltar* estar associado à ideia de [+ permanência], o pressuposto de Mollica (*op.cit*) não se aplica também a este verbo.

Exemplos de ocorrências com a preposição *para/prá* acompanhada de SPREP com o traço [- permanência]:

- (153) “...com essa questão de violência sexual eu estou muito ciente pra trazê-la de **volta pra casa** porque não sei em que esquina que algo pode acontecer...” (INF1)
- (154) “...quando **voltámos pra sala** apanhámos todos...eram palmatoadas pra todo mundo” (INF12)
- (155) “...depois do jornal leio um bocadinho e volto pra cama ...” (INF3)

g) Verbo *regressar*: Tempo de permanência vs. preposições

Com o verbo *regressar* também **não é possível determinar que preposição atua melhor na seleção de um ou outro traço**, já que, as duas preposições que ocorrem com o verbo, ou seja, *a* e *para/prá*, selecionam com maior frequência N LOC de traço [- permanência], embora, como havia sido dito na análise do verbo *voltar*, o verbo sugira a ideia significativa de [+ permanência].

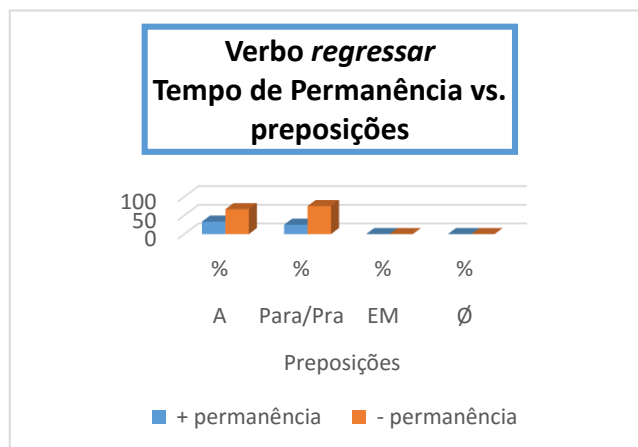


Gráfico 36: Verbo regressar: Tempo de permanência vs. preposições

Exemplos das variáveis com SPREP de traço [- permanência] :

- (156) “...**regresso à casa**/ vou almoçar/ às vezes tento descansar um bocado mas não consigo...” (INF1)
 (157) “...fico lá das oito até à uma hora/ depois **regresso para o almoço** e no período da tarde, às vezes tenho outra aula no ensino particular ...” (INF3)
 (158) “...**regressei novamente à Praia** por motivos de estudos...” (INF4)
 (159) “Depois **regressam para a escola**...” (INF7)

Os resultados desta subsecção demonstram que:

(i) O traço [+permanência]/[- permanência] não é relevante na diferenciação do uso da preposição *para/prá* das outras preposições, pois em todos os verbos, foi muito usada com SPREP do tipo [- permanência];

(ii) os pressupostos de Mollica (*op. cit*) só se confirmaram com o verbo *vir*, pois nos seus estudos registou-se uma tendência de *para/prá* atuar melhor com SPREP indicando o traço[+ permanência], pois em nenhum dos outros verbos se registou esta tendência;

(iii) Entretanto, deve-se observar que, as preposições *a* e *em* também têm tendência a atuar com SPREP de traço [- permanência], **o que sugere que o grupo de fator Tempo de Permanência não seja determinante na escolha de uma ou outra preposição;**

(iv) No caso do verbo *chegar*, que não corre com *para/prá* as preposições *a* e *em* atuam melhor em cada um dos polos, isto é: *a* para o traço [+ permanência] e *em* [- permanência], o que se revela um fenómeno muito interessante.

(iv) Configuração do espaço vs. preposições

Os resultados para esta variável, referentes a cada verbo, encontram-se nas tabelas (1, 2, 3, 4, 5, 6). Neste caso, optou-se por tabelas e não por gráficos para apresentar os resultados, porque este grupo de fatores contém vários traços o que dificultaria a leitura, já que eles se repetem para cada uma das preposições.

Este grupo de fatores é apresentado conforme Wiedemer (2008, p.87) testou na sua pesquisa, em que o pressuposto é o de que o uso da preposição *ad*, que surge no latim clássico, já mostra certa variação, pois essa preposição poderia ser usada tanto com objetos animados, como inanimados, sendo que, com objetos animados *ad* atribui proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige.

Assim, Wiedemer (*op. cit*) preferiu refinar os fatores para diferenciar os tipos de LOC, o que resultou nas seguintes codificações: [lugar/ objeto]; [lugar/ instituição personificada]; [lugar/ evento]; [lugar/ instituição]; [lugar/ espaço sócio-geográfico].

Diante do exposto, decidiu-se, também nesta presente pesquisa, testar este grupo de fatores, por ser inovador em relação a outros estudos e ainda por ser parcialmente comprovado nos estudos de Wiedemer (2008, p. 90).

Apresenta-se a seguir os resultados encontrados em cada um dos VMD.

a) Verbo *ir*: Configuração do espaço vs. preposições

Os resultados da aplicação do grupo de fatores Configuração do espaço junto ao verbo *ir* (cf. tabela 2), evidenciam o **número expressivo de locativos considerados [lugar/objeto]**, 86 das 183 ocorrências.

Tabela 2: Verbo *Ir*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>ir</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	20	29,8	38	56,7	6	9	3	4,5	67	100
Lugar/Objeto	26	30,2	53	61,7	7	8,1	0	0	86	100
Lugar/Evento	10	43,5	13	56,5	0	0	0	0	23	100
Lugar/Instituição	4	80	1	20	0	0	0	0	5	100
Lugar/Instit. Personificada	0	0	2	100	0	0	0	0	2	100
Total das preposições	60		107		13		3		183	

A análise dos resultados permite notar que, a preposição ***para/pra*** é a preferida quando se usa a maioria dos traços: [Lugar/ Espaço Geográfico] com (56,7%), [Lugar/Objeto] com (61,7%), [Lugar/Evento] com (56,5%) e [Lugar/ Instituição Personificada] com 100%, contudo o seu contexto particular de uso é com o traço [Lugar/Objeto]. Ainda, é possível perceber que, apesar do traço [Lugar/Evento] operar melhor com a preposição ***para/pra***, porém, favorece também a preposição ***a*** (43,5) e desfavorece ***em*** (0%). Só o traço **Lugar/Instituição (80%) é selecionado preferencialmente pela variável *a*** e, aqui sim, percebe-se claramente haver alguma influência deste traço na escolha de uma preposição.

Portanto, o grupo de fatores Configuração do Espaço tende a ter uma ligeira influência na escolha das preposições, pois verifica-se uma tendência da preposição ***para/pra*** ser preferida de LOC de traço [Lugar/Objeto] e ***a*** por LOC do tipo [Lugar/instituição]. No entanto, podem ser visto com alguma reserva, na medida em que, a maioria dos traços é selecionado predominantemente por ***para/pra***. Isso demonstra que não há uma lógica na escolha desta preposição ou então que essa é a lógica.

Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de ***para/pra*** com os traços [Lugar/Espaço Geográfico] (cf. exemplo 160), [Lugar/Objeto] (cf. exemplo 161), e [Lugar/Evento] (cf. exemplo (162)):

- (160) “...**fui para a Praia** em 2012...” (INF1)
- (161) “...temos o horário de **ir para o escritório** que é das oito até às doze e trinta minutos...”(INF2)
- (162) “...você **vai pra festa** e não tem cerveja...” (INF3)

Os resultados encontrados são diferentes dos de Wiedemer (2008, p. 89) pois, naquele estudo sobre o PB observa-se um comportamento distinto no uso das preposições, ou seja: a preposição ***a*** é condicionada por contextos de ocorrência do traço [Lugar/Evento]; ***em*** é característico de [Lugar/Objeto]; ***para/pra*** não apresenta nenhum contexto particular de uso.

Deve-se realçar aqui o facto de a aplicação deste grupo de fatores, conforme traçado por Wiedemer (*op.cit.*), no presente estudo, não se ter mostrado muito viável, na medida em que, alguns locativos apresentavam características cuja categorização não se adequava aos

traços, porque podem ter diferentes ideias significativas e, portanto, pertencer a mais do que uma categoria. A título de exemplo tem-se:

- (163) “...os filhos também que estejam próximos dos pais porque já quando chega àquela fase de adolescência eles acham já que são homens e mulheres/ já muita coisa já não querem porque os pais/ porque os pais não tinham tempo também optam por não dizer nada/ **vão à internet** e procuram saber aí é aí que se/ [uhn] metem os pés pelas mãos/”(INF 4)
- (164) “...**fomos para o terceiro ano** que na altura era o terceiro ano atual sétima classe...” (INF 10)

Veja-se a seguir o comportamento deste grupo de fatores com o verbo *vir*, embora não haja estudos comparativos, pois Wiedemer (*idem*) só analisou o verbo *ir*.

b) Verbo *Vir*: Configuração do espaço vs. preposições

Há uma ligeira diferença no comportamento dos traços com cada uma das preposições, no concernente ao verbo *vir* (cf. tabela 3).

Tabela 3: Verbo *Vir*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>Vir</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	1	6,2	15	93,8	0	0	0	0	16	100
Lugar/Objeto	1	12,5	6	75	1	12,5	0	0	8	100
Lugar/Evento	2	66,7	1	33,3	0	0	0	0	3	100
Lugar/Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	4		22		1		0		27	

Diferentemente do verbo *ir* que ocorre preferencialmente com locativos do tipo [lugar/objeto], com o verbo *vir* o traço mais usado é o [lugar/espço geográfico], com 16 ocorrências de um total de 27, seguido dos traços [lugar/objeto] e [lugar/evento]. Não há ocorrências de locativos com as características dos traços [lugar/instituição] e [lugar/Instituição Personificada].

A maioria dos N LOC de SPREP classificados de [lugar/espço geográfico] e de [lugar/objeto] são condicionadas pela preposição *para/prá*. Só os [lugar/evento] são condicionadas pela preposição *a*. Portanto, pode-se dizer que **o grupo de fatores condiciona, em parte, a escolha/seleção alternada de uma ou outra preposição.**

Observe-se os exemplos que atestam este comportamento. O traço [lugar/espaco geográfico] nos exemplos (165) e (166) e [lugar/objeto] (167) e (168):

- (165) “...não sei qual é a origem dele/ só sei que morou um tempo na Praia **veio para Assomada/** conheceu minha mãe...” (INF1)
- (166) “...quem vive fora e **vem pra cidade** diz que praticamente em termos de infraestrutura em termos de organização continua na mesma...” (INF2)
- (167) “...às vezes tento descansar um bocadinho mas não consigo porque estou a pensar que tenho que sair pra **vir pra biblioteca** de novo...” (INF1)
- (168) “...ela **vinha para a escola** num tipo de Bedford do pai que era motorista...” (INF3)

Tal como para o verbo *ir*, teve-se dificuldade no enquadramento de alguns locativos, pois nenhum dos traços encontrados traduzia as suas características, pelo que foram classificados como [lugar/evento]. Os dados a seguir atestam:

- (169) “...às vezes **vem-me isso à cabeça**...” (INF10)
- (170) “...é a primeira coisa que me **vem à memória**...” (INF10)

“Cabeça” e “memória” não podem ser considerados nem espaços geográficos, nem objetos, muito menos evento, instituição ou instituição personificada. Sendo assim, considera-se que a proposta de Wiedemer (*idem*) está incompleta e carecia de mais traços onde se pode-se introduzir locativos como em (169) e (170).

Em suma, pode-se dizer que, no caso do verbo *vir*, há alguma distribuição diferenciada no uso das preposições, pois *para/prá* opera na seleção de [lugar/espaco geográfico] e [lugar/objeto] enquanto *a* na de [lugar/evento].

Prossegue-se com o verbo *chegar*.

c) Verbo *Chegar*: Configuração do espaço vs. preposições

Com o verbo *chegar* há uma distribuição dos traços no condicionamento das preposições usadas (cf. tabela 4).

Tabela 4: Verbo Chegar: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo Chegar	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		∅		Total	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	1	20	0	0	4	80	0	0	5	100
Lugar/Objeto	5	45,5	0	0	6	54,5	0	0	11	100
Lugar/Evento	13	92,9	0	0	1	7,1	0	0	14	100
Lugar/Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	19		0		11		0		30	

Como é possível ver, os traços [lugar/espço geográfico] e [lugar/objeto] são selecionadas por *em* e [lugar/evento] por *a*. Ou seja, a ausência do uso da preposição *para/prá* faz com que, os traços que lhe são característicos nos outros verbos passem a ser condicionadas pela preposição *em*. Um outro aspeto a frisar é que a tendência que se vinha verificando de *a* ser condicionado pelo traço [lugar/evento] é aqui bem nítido, o que corrobora com a ideia significativa tradicional de *a* indicar [- permanência], ou seja, mais propício para eventos.

Os dados a seguir ilustram a tendência de uso da preposição *a* com [lugar/evento]:

- (171) “...depois digo/ deixe-me levantar senão **vou chegar atrasado à aula** de MM...” (INF1)
 (172) “...as mulheres cabo-verdianas são suficientemente inteligentes para exigir **chegar a um patamar juntamente de igualdade...**” (INF2)
 (173) “... a meta que queremos **chegar é à mesma meta...**” (INF3)
 (174) “...precisa mudar os relacionamentos/ os pais estejam mais próximos dos filhos e que os filhos estejam também próximos dos pais, porque já quando **chega àquela fase de adolescência** eles acham já que são homens e mulheres, já muita coisa já não querem porque os pais não tinham tempo também optam por não dizer nada vão a internet e procuram saber é aí que metem os pés pelas mãos” (INF4)
 (175) “**chegamos à conclusão** que haviam muitos pessoas que recebiam apoios” (INF11)

Deve ficar claro que, a maioria destes locativos destacados e identificados como [lugar/evento], só foram assim considerados por se distanciarem mais dos outros traços do que deste, no entanto, sua classificação não é pacífica, já que na verdade, podem também não ser considerados como eventos.

Exemplos de ocorrências com *em* condicionada pelo traço [lugar/espço geográfico]:

- (176) “Também as universidades também agora já usam as novas tecnologias já tem mais apoios não tem só aquela parte teórica tem também a parte prática só teoria não chega

tem de ser teórica e pratica porque só a teoria quando **chegas ai num laboratório** porque só teoria quando **chega ai no laboratório** não conseguem fazer nada porque não tem a prática...” (INF4)

(177) “**ao chegar aqui em Assomada** as pessoas começam a digamos assim a perturbar ainda mais a essa pessoa...” (INF6)

(178) “...não tive a oportunidade de **chegar mesmo no centro da cidade**” (INF6)

d) Verbo *sair*: Configuração do espaço vs. preposições

O verbo *sair* seleciona, preferencialmente, LOC com as características do traço [Lugar/Espaço-Geográfico], isto é, 14 das 19 ocorrências encontradas, seguidos de [lugar/Evento] com 3 e [lugar/Objeto] com apenas uma ocorrência. Não foram encontrados locativos com características dos traços [lugar/Instituição] nem [lugar/Instituição Personificada].

Tabela 5: Verbo *Sair*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>sair</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	4	28,6	7	50	2	14,3	1	7,1	14	100
Lugar/Objeto	0	0	1	100	0	0	0	0	1	100
Lugar/Evento	0	0	3	75	1	25	0	0	4	100
Lugar/Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	4		11		3		1		19	

Da análise da aplicação do grupo de fatores, o que se pode dizer é que, não há uma distribuição diferenciada dos traços pelas diferentes variáveis. Ou seja, todos os traços se mostram mais produtivos com a preposição *para/prá*, que é a mais usada junto deste verbo, como foi referido anteriormente. Nota-se contudo, que, a preposição *a* também é selecionada por LOC do tipo [lugar/espço geográfico].

Conclui-se então que não há um critério definido na escolha de uma ou outra preposição consoante a configuração do espaço.

Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências da preposição *para/prá* com os diferentes traços:

(179) “...leva casaco porque **sai** de um espaço de um concelho que é relativamente frio **para um outro lugar**” (INF6)

- (180) “...estudantes de Assomada que vão estudar na Praia/ **saem de Assomada para Praia para estudar...**” (INF9)
- (181) “... antes de **sair pra universidade...** você tem uma ideia entre aspas má dos professores...” (INF2)
- (182) “...eu tomo um pequeno-almoço e **saio para o trabalho...**” (INF12)

Os exemplos (179) e (180) são indicativos do traço [lugar/espaco geográfico], (181) do traço [lugar/Objeto] e (182) [lugar/Evento].

Verbo *entrar*: Configuração do espaço vs. preposições

Neste caso, assim como aconteceu com os outros grupos de fatores, a análise da aplicação do grupo de fatores também não se mostra viável pela presença apenas de uma das variável em análise, a preposição *em* (cf. tabela 6).

Tabela 6: Verbo *Entrar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>entrar</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaco-Geográfico	0	0	0	0	3	100	0	0	3	100
Lugar/Objeto	0	0	0	0	4	100	0	0	4	100
Lugar/Evento	0	0	0	0	11	100	0	0	11	100
Lugar/Instituição	0	0	0	0	1	100	0	0	1	100
Lugar/Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	0		0		19		0		19	

Nota-se que a maior parte das ocorrências da preposição *em* é com LOC do tipo [lugar/Evento], seguido de [lugar/Objeto] e de [lugar/Espaco Geográfico], respetivamente. Assim, tal como acontece com os outros verbos, os traços [lugar/Instituição] e [lugar/Instituição Personificada] ou não ocorrem ou têm pouca expressividade, como neste caso de [lugar/Instituição Personificada] que não apresenta nenhuma, e [lugar/Instituição] apenas uma.

Exemplos com o traço [lugar/Evento]:

- (183) “...foi a única vez tivemos aí um/ **entramos em PÂNICO**” (INF4)
- (184) “tentam por um lado tentam por outro não conseguem atingir os objetivos/ [uhn] deles acabam por **entrar na VIOLÊNCIA**” (INF4)

e) Verbo *voltar*: Configuração do espaço vs. preposições

Apesar de o número de ocorrências com este verbo não ser expressivo (cf. tabela 7), permite certificar a tendência de uso aplicado ao grupo de fatores em estudo.

Tabela 7: Verbo *voltar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>Voltar</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	1	25	3	75	0	0	0	0	4	100
Lugar/Objeto	0	0	5	100	0	0	0	0	5	100
Lugar/Evento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Instit. Personificada	0	0	1	100	0	0	0	0	1	100
Total das preposições	1		9		0		0		10	

Com efeito, os resultados obtidos demonstram que o verbo *voltar* ocorre especialmente com locativos do tipo [lugar/Objeto] e [lugar/Espaço Geográfico] que por sua vez, condicionam, preferencialmente, o uso da preposição *para/pra*, aliás, o primeiro tipo, condiciona a variável com exclusividade.

Neste caso, pode-se dizer que o grupo de fatores Configuração do Espaço condiciona, em parte, a seleção das preposições, pois, *para/pra* é usado particularmente com LOC do tipo [lugar/Objeto], seguido dos [lugar/Espaço Geográfico].

Veja-se os dados que ilustram o uso de *para/pra* com LOC do tipo [lugar/Objeto]:

- (185) “...com essa questão de violência sexual eu estou muito ciente pra trazê-la de **volta pra casa** porque não sei em que esquina que algo pode acontecer...” (INF1)
- (186) “...e depois do jornal leio um bocadinho e **volto pra cama**...” (INF3)
- (187) “...quando **voltamos para a sala** apanhámos todos...eram palmatoadas para todos...” (INF12)

f) Verbo *regressar*: Configuração do espaço vs. preposições

Tal como o verbo *voltar*, o número reduzido de ocorrências com este verbo não permite análises conclusivas, no entanto, pode-se perceber a tendência (cf. tabela 8).

Tabela 8: Verbo *Regressar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>regressar</i>	preposições									
	A		Para/Pra		Em		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar/Espaço-Geográfico	2	50	2	50	0	0	0	0	4	100
Lugar/Objeto	1	50	1	50	0	0	0	0	2	100
Lugar/Evento	0	0	1	100	0	0	0	0	1	100
Lugar/Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar/Insttit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	3		4		0		0		7	

Ao observar os resultados do verbo *regressar* verifica-se que há uma distribuição equilibrada dos traços [lugar/Espaço Geográfico] e [lugar/Objeto] pelas preposições *a* e *para/prá*, 50% para cada uma, e a única ocorrência do traço [lugar/Evento] seleciona a preposição *para/prá*. Portanto, estes resultados não permitem determinar a influência do grupo de fatores na seleção das variáveis.

Em síntese, de tudo o que foi dito a respeito do grupo de fatores Configuração do Espaço, pode-se tecer as seguintes considerações:

1. O grupo de fatores Configuração do Espaço comporta-se de maneira variável em cada um dos VMD, ou seja, os resultados revelam que:

- (i) **verbo *ir***: percebe-se uma ligeira influência do grupo de fatores, pois alguns traços distribuem-se de forma complementar entre as preposições, a saber: os traços, [lugar/espaco geográfico], [lugar/Objeto] e [lugar/evento] atuam na seleção de *para/prá*, ao passo que [lugar/Instituição] condiciona o uso da preposição *a*;
- (ii) **verbo *vir***: é evidente a influência deste grupo de fatores, pois, assim como no verbo *ir*, há uma distribuição alternada dos traços por preposição em que os traços [lugar/espaco geográfico] e [lugar/Objeto] são típicos de SPREP iniciados pela preposição *para/prá* e [lugar/evento] por *a*;
- (iii) **verbo *chegar***: o traço que predomina é o [lugar/evento] que favorece, preferencialmente, a preposição *a*, ao passo que os traços [lugar/espaco geográfico] e [lugar/Objeto] condicionam a preposição *em*;

- (iv) **verbo *sair***: todos os traços condicionam a escolha da variável *para/prá*, portanto, **não há uma escolha alternada das preposições**, o que quer dizer que o grupo de fatores não é determinante;
 - (v) **verbo *voltar***: há uma distribuição alternada, isto é: os traços [lugar/espaco geográfico] e [lugar/Objeto] condicionam, preferencialmente a preposição *para/prá*, com destaque para o traço [lugar/objeto] que é exclusivo de *para/prá*;
 - (vi) **verbo *regressar***: há uma distribuição equilibrada dos traços pelas variáveis *a* e *para/prá* o que quer dizer que o grupo de fatores não condiciona a escolha de uma ou outra variável;
2. Os traços mais comuns são [lugar/espaco geográfico], [lugar/Objeto] e [lugar/Evento];
 3. Parece haver uma tendência geral para o traço [lugar/evento] condicionar a escolha da variável *a* e [lugar/espaco geográfico], [lugar/Objeto] atuarem na seleção de *para/prá*;

Concluindo, pode-se dizer que o traço configuração do espaco mostrou ser relevante, particularmente, na distinção do uso da preposição *para/prá* das outras.

3.1.3.2 Variáveis sociais

Nesta parte do trabalho, pretende-se apresentar e discutir os resultados da análise do uso das preposições com os VMD estudados com os fatores sociais considerados, o sexo e a idade ou faixa etária.

(i) Sexo

Testa-se/verifica-se a distribuição das preposições *a*, *para/prá* e *em*, de acordo com o sexo dos informantes. Assim, apresentam-se os resultados da influência do sexo sobre o uso das preposições para cada VMD.

a) Verbo *ir*: Sexo vs. preposições

Antes de se apresentar os resultados entendeu-se por bem expor uma tabela com os resultados encontrados relativamente a cada informante, o que permite ter uma melhor

visão e compreensão geral da atuação da variável sexo relativamente ao uso de cada preposição. Esta opção deve-se à grande quantidade de dados.

Tabela 9: Verbo *Ir*: distribuição das preposições por Informante

Verbo <i>ir</i> – Distribuição das preposições por informante								
Informantes	Preposições							
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		Ø	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
INF1 (F)	15	25	20	18,7	7	53,8	0	0
INF2 (M)	1	1,7	5	4,7	0	0	0	0
INF3 (M)	9	15	4	3,7	1	7,7	0	0
INF4 (F)	14	23,3	15	14	0	0	0	0
INF5 (F)	3	5	4	3,7	0	0	1	33,4
INF6 (M)	1	1,7	5	4,7	0	0	1	33,3
INF7 (F)	2	3,3	22	20,6	2	15,4	0	0
INF8 (F)	3	5	3	2,8	0	0	0	0
INF9 (M)	4	6,7	7	6,5	0	0	0	0
INF10 (F)	4	6,7	5	4,7	2	15,4	0	0
INF11 (M)	2	3,3	4	3,7	1	7,7	1	33,3
INF12 (M)	2	3,3	13	12,2	0	0	0	0
Total de preposições	60	100	107	100	13	100	3	100

Como se pode observar, as frequências mais altas do uso da preposição *a* são de dois informantes do sexo feminino (INF1 e INF4), que também estão entre os três informantes que mais usam a preposição *para/pra*, para além da INF7. Relativamente ao uso da preposição *em*, observa-se o mesmo fenómeno, isto é, as frequências de uso mais altas são de informantes do sexo feminino (INF1, INF7 e INF10). Esta distribuição desproporcional dos dados pelos informantes parece ser um indício forte de que este fenómeno é, ainda, um fenómeno de âmbito individual, pelo menos para este grupo de falantes.

Para uma melhor visualização dos resultados encontrados, eles são distribuídos e agrupados pelos dois sexos e apresentados também em forma de gráfico:

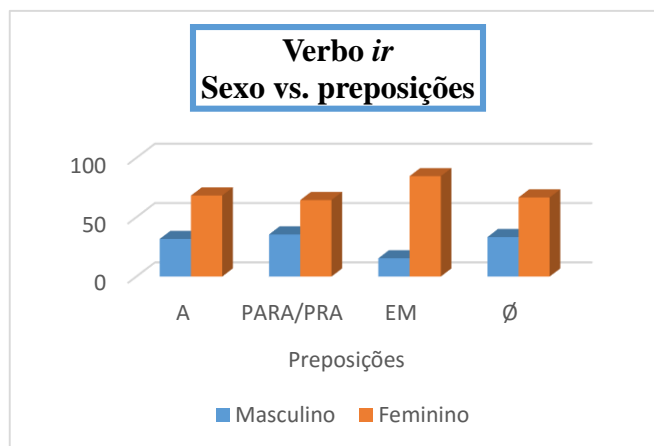


Gráfico 37: Verbo *Ir*: Sexo vs. preposições

Os resultados obtidos e expostos no gráfico 36 permitem verificar o seguinte:

- **Todas as preposições são usadas, preferencialmente, pelos informantes do sexo feminino**, o que demonstra que não há uma preferência da parte de um dos sexos pela escolha das preposições. Portanto, a variável sexo determina o uso das preposições, ao contrário do estudo de Mollica (1996, p. 292) é o único, dos aqui apresentados no capítulo anterior, que testou a variável sexo e constatou que a variável sexo não agia no sentido de um ou outro sexo, isoladamente, privilegiar uma das preposições, embora tenha reparado que o sexo tem um certo papel, no sentido de interferir, embora levemente, com idade e escolarização;
- **Há uma diferença muito grande no uso da preposição *em*** (considerada não-padrão pelas GN) **pelos dois sexos** (sexo Feminino 84,6% e sexo Masculino 15,4%), o que contraria a tendência de alguns estudos, nomeadamente, Labov (2008, p.346) que diz que as mulheres parecem utilizar mais frequentemente as formas socialmente prestigiadas. Portanto, este não é o caso. Apenas um dos informantes do sexo masculino (INF11) usa, uma única vez a preposição *em*.

b) Verbo *vir*: sexo vs. preposições

O gráfico a seguir ilustra os resultados obtidos junto a este verbo. Veja-se então:

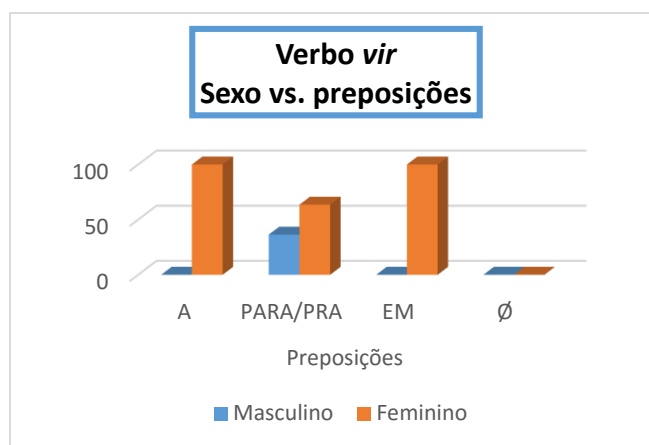


Gráfico 38: Verbo *vir*: Sexo vs. preposições

Como de pode observar, os resultados obtidos assemelham-se aos do verbo *ir*, pois **o fator feminino continua a atuar na seleção de todas as preposições**. Destaca-se porém o aumento de uso da preposição *a*, selecionada maciçamente pelo traço feminino. A preposição *a*, que é considerada padrão e que nalgumas variedades vem recuando em relação às outras variáveis, continua a ser bastante usada pelo sexo feminino, considerada aquela que mais preserva a norma padrão.

c) Verbo *chegar*: sexo vs. preposições

Veja-se a seguir, no gráfico 38, se a variável sexo influencia ou não o uso das preposições junto ao verbo Chegar.

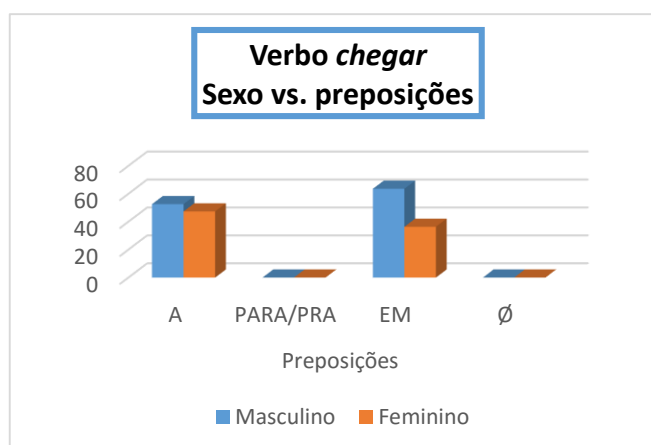


Gráfico 39: Verbo *Chegar*: Sexo vs. variáveis

Os resultados apresentam uma **panorâmica diferente dos verbos *ir* e *vir***. As duas preposições que ocorrem com o verbo *chegar*, ou seja, *a* e *em* são mais frequentes na

fala dos informantes do sexo masculino. Assim, enquanto a diferença no uso de a, entre os dois sexos, é mínima, de apenas uma ocorrência, ela já é maior no uso de em, quase o dobro da frequência do uso da das mulheres. Portanto, o pressuposto de Labov (2008), neste caso, aplica-se, pois os homens tendem a usar a variável considerada não padrão, portanto, não prestigiada.

d) Verbo sair: Sexo vs. preposições

Observe-se a seguir os resultados obtidos com o verbo *sair* (cf. gráfico 39):

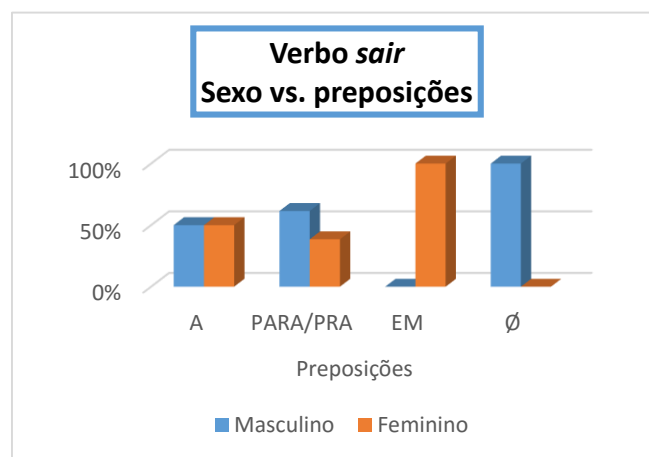


Gráfico 40: Verbo Sair: Sexo vs. preposições

Com o verbo *sair* nota-se haver uma distribuição complementar das preposições pelos dois sexos: a preposição padrão a é selecionada por ambos os sexos, enquanto a também variável padrão para/prá é selecionada preferencialmente pelo sexo masculino. Deve-se ressaltar ainda que em, a preposição considerada não prestigiada, também continua, tal como nos verbos *ir* e *vir*, a ser selecionada pelo sexo feminino, o que faz pressupor também que os pressupostos de Labov não se concretizam.

e) Verbo entrar: sexo vs. preposições

Relembre-se que este verbo só foi realizado com a preposição em, a forma padrão, que concorre para o facto de ainda este grupo de informantes usar a norma prescrita pela GN.

f) Verbo voltar: Sexo vs. preposições

Para os resultados obtidos cf. gráfico 41.

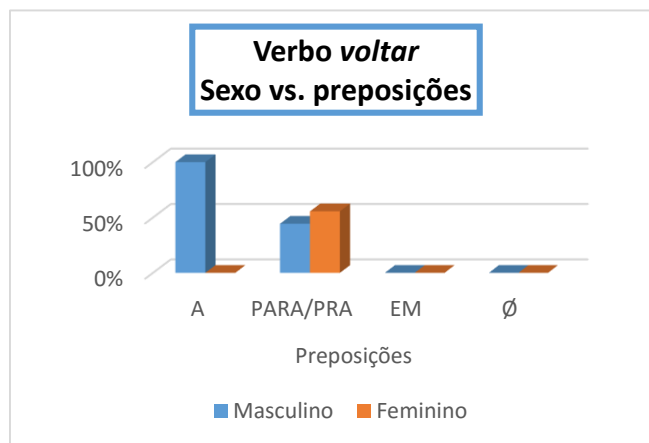


Gráfico 41: Verbo voltar: Sexo vs. preposições

O sexo influencia a ocorrência das preposições com este verbo, pois:

- a preposição **a** é utilizada exclusivamente pelo sexo masculino (com uma única ocorrência);
- a preposição **para/prá** é mais frequente no sexo feminino.

No entanto, o que se deteta é que, ambos os sexos usam com maior frequência a preposição *para/prá* e que, logo, não há uma relação direta entre o sexo e a seleção da preposição *para/prá*, simplesmente, é a preposição mais usada com este verbo, cujo sentido, como foi referido anteriormente é de ideia de [+ permanência] que se associa ao mesmo sentido que a preposição *para/prá* denota.

g) **Verbo regressar: sexo vs. preposições**

Os resultados encontrados (cf. gráfico 42) ilustram a atuação do fator sexo junto ao verbo regressar:

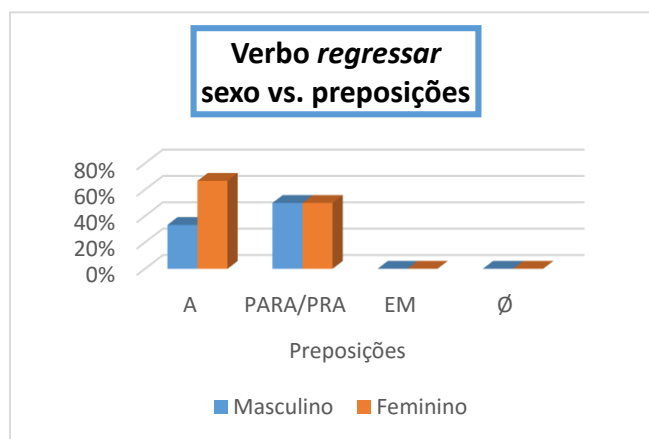


Gráfico 42: sexo vs. preposições

Com o verbo *regressar* que, assim como *voltar* só ocorre com as preposições *a* e *para/pra*, **o sexo tende a influenciar apenas a seleção das preposição a**, que é preferida pelos informantes do sexo feminino, enquanto *para/pra* é selecionada por ambos os sexos.

Em síntese, pode-se fazer uma leitura geral da aplicação da variável sexo junto de todos os VMD e dizer o seguinte:

1. **A variável sexo atua de forma diversificada junto a cada um dos VMD**, se bem que haja alguns cenários semelhantes;
2. **verbos *ir*, *vir* e *sair*: o sexo interfere, de uma forma geral, na seleção da preposição em**, pelos informantes do sexo feminino que tendem a preferir esta preposição, o que contradiz os pressupostos de Labov (2008), para quem, as mulheres preferem as formas prestigiadas;
3. **verbo *chegar*: os homens tendem a usar preferencialmente a preposição em**, embora, também usem a preposição a, *aplicando-se* assim resultados de estudos que apontam para o facto de os homens usarem as formas menos prestigiadas;
4. **verbo *sair*: ambos os sexos selecionam a preposição a**, porém há uma influência do sexo masculino na escolha da preposição *para/pra* e da elipse da preposição (\emptyset) ao passo que em é condicionado pelo sexo feminino;
5. **verbos *voltar* e *regressar*: embora possam ser considerados sinónimos**, o comportamento da variável sexo junto às preposições em estudo é diferenciado. Por exemplo, no verbo *voltar*, enquanto a é selecionada pelos homens no verbo *regressar* acontece o inverso, *para/pra* é selecionada pelas mulheres no verbo *voltar*, e por ambos os sexos no *regressar*;

6. Em suma, a variável sexo atua diferente em cada um dos verbos analisados, sendo que na maioria ela demonstra condicionar a escolha das preposições.

Prossegue-se então para o último grupo de fatores sociais a serem testados, a variável idade.

(ii) Variável Idade vs. preposições

A importância desta variável nos fenômenos de variação e mudança e o modo como atua já foi descrita no capítulo teórico.

Nesta linha, sendo a preposição *em* considerada como a forma não-padrão e, portanto, inovadora, as expectativas seriam que ela fosse mais frequente entre os informantes mais jovens, sendo que *a* e *para/prá* seriam usados com maior frequência pelos informantes mais velhos.

Nos gráficos (43, 44, 45, 46 e 47, 48) seguintes, estão os resultados da influência da variável idade junto de cada um dos verbos em estudo.

a) Verbo *ir*: Idade vs. preposições

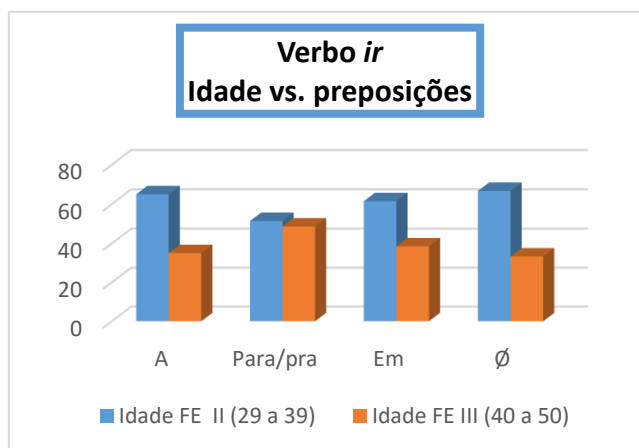


Gráfico 43: Verbo *ir*: Idade vs. preposições

Relativamente à atuação desta variável com o verbo *ir*, como mostram os resultados do gráfico 43, o cenário é o seguinte:

1. Os informantes da FEII tendem a selecionar todas as preposições, ou seja, usam-nas com maior frequência do que a FEIII, o que leva a demonstrar que os mais novos tendem a usar mais as preposições de movimento;

2. A forma não prestigiada *em* é expressivamente usada pelos mais jovens (FEII), 61,5% contra 38,5%. Portanto, embora seja usada também pela FEIII, no entanto, verifica-se uma tendência para a FEII usá-la com maior frequência. Logo, estes dados levam a concluir que o uso da forma *em* ainda está em processo de variação instável, pois os mais jovens fazem o seu uso com alguma frequência e os mais velhos usam-na com menos frequência;

3. Ao mesmo tempo que a FEII tende a selecionar com alguma frequência a forma menos prestigiada é esta faixa etária que atua melhor na seleção da preposição *a*, que é considerada a mais elevada, segundo Mollica (1996, p.163), o que concorre para se considerar esta mudança em progresso;

4. Logo, a questão de que os mais velhos tendem a ser mais conservadores e, portanto, a usarem mais as formas padrão, aplica-se, em parte, a este caso concreto do verbo *ir* de movimento. Com efeito, têm maior dificuldade em usar a forma considerada de menor prestígio, por outro lado, também não selecionam a forma considerada mais alta na hierarquia entre as três preposições. Portanto, os dados são suficientemente esclarecedores, pois, as diferenças em função da faixa etária, apontam para a instabilidade, ou seja, que a variação é instável, a mudança está em curso ou em progresso.

b) Verbo *vir*: idade vs. preposições

Quanto ao verbo *vir*, os resultados encontrados relativamente à atuação da variável idade, como se pode ver através do gráfico 43, são diferentes do verbo *ir*:

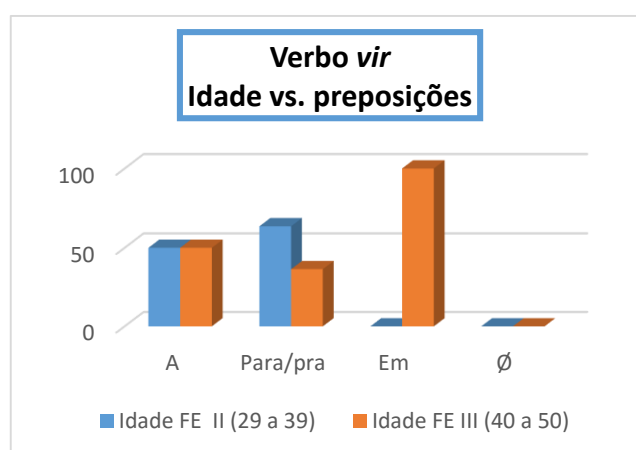


Gráfico 44: Verbo *vir*: Idade vs. preposições

A análise do gráfico permite constatar o seguinte:

1. Ambas as faixas etárias selecionam a preposição a, logo, este fator não influencia a escolha desta preposição;
2. A FEII atua melhor na seleção de para/prá, o que quer dizer que os mais novos preferem esta preposição quando usavam o verbo vir. Aliás, a diferença é significativa (63,6% vs. 36,4%);
3. A preposição em é selecionada, exclusivamente, por um informante da FEIII, o que comprova que, esta forma é considerada de pouco prestígio. O facto de se tratar de um único informante desta faixa etária faz-nos pensar que se trata mais de uma questão individual do que um indício de concretização da mudança e da aceitação desta forma, com este verbo, mesmo pelos mais velhos.

c) Verbo *chegar*: idade vs. preposições

Os resultados encontrados para o verbo *chegar* são diferentes dos dos verbos *ir* e *vir* (cf. gráfico 45). Aliás, o verbo *chegar* é o único que tem mostrado um comportamento diferente ao longo da análise, no concernente aos fatores testados, tanto os linguísticos como os sociais

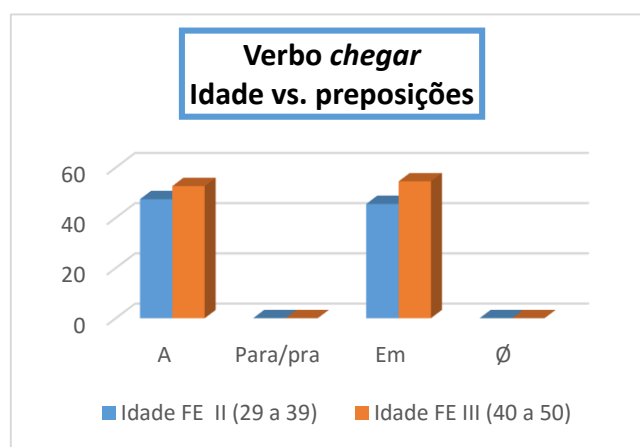


Gráfico 45: Verbo *chegar*: Idade vs. preposições

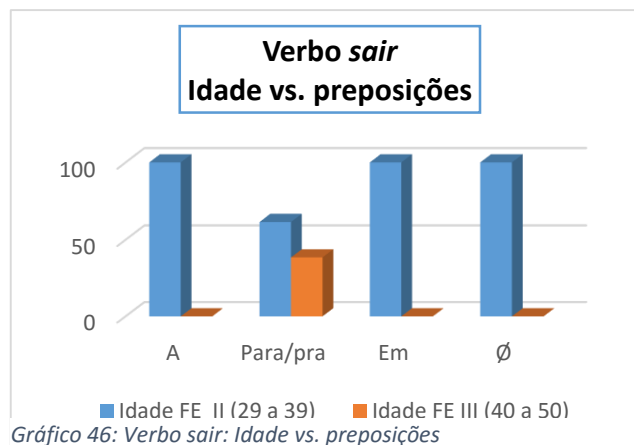
Assim, verifica-se que:

1. **A FEIII seleciona todas as preposições** com a diferença de uma ocorrência apenas em relação à FEII. Nesta linha, pode-se dizer que não há uma distribuição complementar no uso das preposições, ou seja, tanto a padrão como a não prestigiada são condicionadas pelas FEIII, o que quer dizer que o fator idade não se relaciona diretamente com a escolha de uma preposição em detrimento da outra;

2. A forma em está na fala das duas faixas etárias, o que quer dizer que seu uso independe do fator faixa etária. Simplesmente, começa a ser usada por todos os informantes, o que pode significar que se trata de uma mudança realizada, embora predomine nos mais velhos.

d) Verbo *sair*: Idade vs. preposições

Para os resultados com este verbo, cf. o gráfico 46.



Os resultados propiciam as seguintes constatações:

1. Apenas a preposição para/prá é usada por ambos os sexos e que a faixa etária mais jovem (FEII) a seleciona com maior frequência. Por conseguinte, o fator idade influencia a escolha desta preposição, apontando que a mudança pode estar em curso;
2. As preposições a e em são exclusivas da FEII, portanto, esta faixa etária condiciona tanto a forma de prestígio como a forma inovadora, o que pode ser indicador de uma influência direta do fator idade na seleção destas duas preposições, ou seja, a mudança ainda está em curso.

e) Verbo *entrar*: Idade vs. preposições

Põe-se a mesma questão levantada aquando da análise da variável sexo, ou seja, a apresentação dos dados para este verbo não se mostrou relevante, pela ocorrência de apenas uma das preposições aqui estudados, o que inviabiliza a análise.

f) Verbo *voltar*: Idade vs. preposições

Os resultados encontrados com o verbo *voltar* (cf. gráfico 47) revelam uma tendência inversa ao de outros verbos aqui analisados, por exemplo, se comparados com os do verbo *sair*.

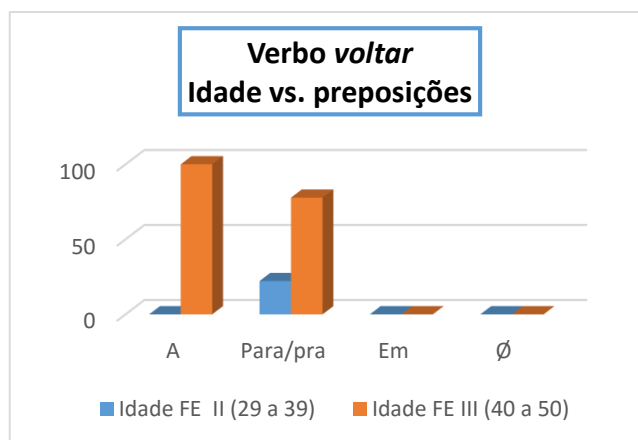


Gráfico 47: Verbo voltar: Idade vs. preposições

Veja-se então o que acontece:

1. A FEIII atua na seleção de todas as preposições que ocorrem, ou seja, a e para/prá;
2. A FEIII seleciona, com exclusividade, a preposição a, ou seja, esta que é considerada a mais elevada numa escala hierárquica entre as preposições, em que, na perspectiva de Mollica (1996, 163) a é considerada mais padrão que para/prá, em contradição com em, não padrão, é preferida pelos mais velhos, o que demonstra que ela recua em relação aos mais novos;
3. Em síntese, com o verbo *voltar* a variável idade atua na escolha das preposições, pois a é selecionada exclusivamente pela FEIII.

g) Verbo *regressar*: Idade vs. preposições

No que toca ao verbo *regressar*, percebe-se claramente que há uma distribuição complementar entre as preposições que ocorrem, ou seja, a e para/prá (cf. gráfico 48).

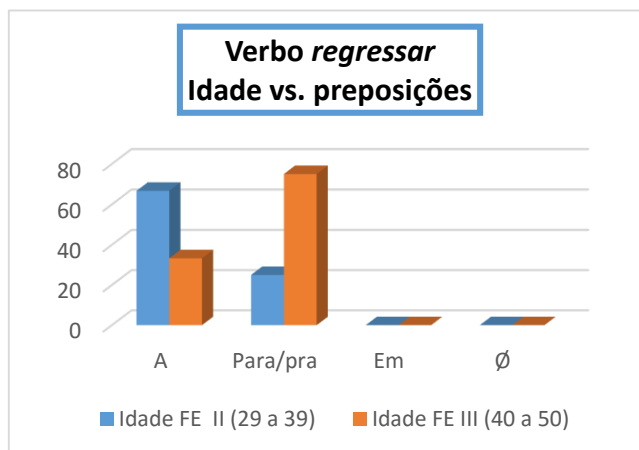


Gráfico 48: Verbo regressar: Idade vs. preposições

Com efeito:

1. A FEII, seleciona a preposição a, resultado inverso ao do verbo *voltar*, ou seja, aqui os mais novos é que preferem esta preposição o que pode ser indício de vitalidade desta preposição;

2. A FEIII, por sua vez, atua com maior frequência na seleção da preposição *para/prá*, o que demonstra que, neste caso, não se concretizou a mudança.

Em síntese, da análise dos resultados dos dados obtidos relativamente à atuação da variável social idade sobre o uso das preposições junto aos VMD analisados, pode-se constatar o seguinte:

1. Os resultados encontrados não são uniformes, pois, a variável faixa etária atua de modo diferente em cada um dos VMD, se bem que, pode-se constatar cenários próximos, ou seja: nuns aponta para estabilidade da variação, quando não há diferenças em função da FE; noutros indicia mudança em progresso, pois só os jovens usam a forma inovadora com maior frequência; noutros ainda aponta para mudança pois as duas FE já usam a forma inovadora;

2. Relativamente à preposição em, tida, normalmente, como de menor prestígio, sendo a forma inovadora, apresenta comportamentos diferentes. Por exemplo, com os verbos *ir* e *sair* é preferida pelos mais jovens, o que aponta para mudança em progresso, enquanto com *vir* e *chegar* é, preferencialmente, usada pelos mais velhos, ou seja, indicia uma mudança estável;

3. Quanto ao uso de a e para/prá não se consegue precisar se há uma lógica na distribuição das preposições pelas duas faixas etárias, pois observa-se um

comportamento variável. Por exemplo: nos verbos *ir*, *vir* e *sair* *para/prá* é preferida pela FE II, a faixa etária mais nova, todavia, nos verbos *ir* e *sair*, *a* também é selecionada pela mesma faixa etária;

4. Com o verbo *vir* *a* é selecionada tanto pela FEII como pela FEIII. Nos verbos *voltar* e *regressar* verifica-se o inverso, sendo que: *para/prá* é preferida pelos mais velhos (FE III) e *a* apresenta resultados contraditórios: no verbo *voltar* é preferida pela FE III e no *regressar* pela FEII.
5. Portanto, não há um padrão, o que leva a crer que, ainda a variável idade influencia a escolha de uma ou outra preposição apenas com alguns VMD.

Ao terminar esta secção convém registar que, que não foi testada a influência dos fatores sociais sexo e idade sobre cada uma das variáveis linguísticas consideradas devido às limitações impostas por um trabalho realizado como dissertação de mestrado. Este aspeto poderá ser trabalhado posteriormente e apresentado em forma de artigo, a complementar este estudo.

3.2 Análise dos dados escritos

Como foi referido no capítulo de método e procedimentos metodológicos, trata-se da análise de um *corpus* constituído por textos do **Jornal A Nação**, extraídos do primeiro trimestre do ano de 2017, perfazendo um total de 222 textos.

A apresentação dos resultados segue a mesma sequência da dos dados orais, ou seja: primeiramente, apresenta-se um panorama da ocorrência dos VMD no *corpus* analisado, seguido dos resultados relativos à frequência das preposições junto a cada VMD, com o intuito de verificar se há ou não regência variável dos VMD estudados. Seguidamente, testa-se a aplicação das variáveis linguísticas e sociais.

Veja-se então os resultados relativos à ocorrência dos verbos de movimento nos dados escritos.

3.2.1 Ocorrência dos VMD no corpus escrito

Antes de mais convém referir que foi possível encontrar um número razoável de dados de todos os VMD com as características traçadas e que permitem o estudo aqui desenvolvido, embora a distribuição, por cada um dos números do jornal, não seja tão

equilibrada. Há edições do jornal onde é possível encontrar apenas um dado relativo a um dos VMD, como é o caso do n.º 488, onde foi encontrado apenas um dado com o verbo *vir*, enquanto há outros que apresentam um número um pouco mais expressivo, como por exemplo, o número 492 que traz 12 ocorrências do verbo *chegar*, número máximo de ocorrências encontrado, por edição. Veja-se, a seguir, o gráfico que ilustra os resultados encontrados relativamente a cada VMD.

Para estes resultados encontrados relativamente a cada VMD, cf. gráfico 49.

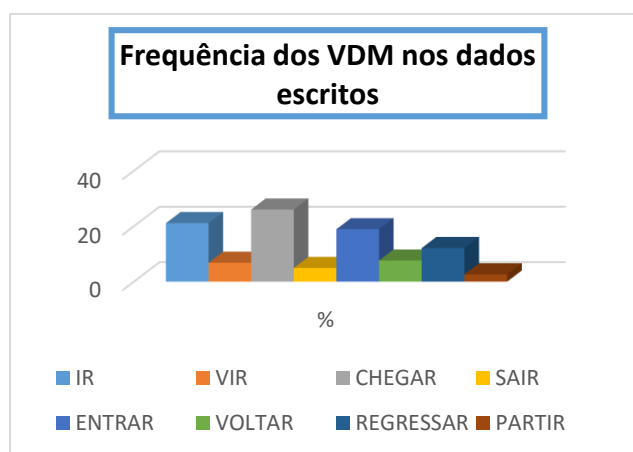


Gráfico 49: Frequência dos VMD nos dados escritos

Pelo relevo do gráfico, pode-se perceber que, os resultados obtidos revelam alguma diferença em relação aos dados orais. Por exemplo, o verbo *ir* que teve a frequência mais alta nos dados orais perde lugar para o **verbo *chegar*, que é o que recebe a frequência mais alta nos dados escritos, com 26%**, seguido de *ir* (21,1%). O verbo *vir*, que ficara em 3.^a posição, agora perde lugar para *entrar* (18,9%), que é seguido dos verbos *regressar* (12,1%) e *voltar* (7,6%). O verbo *sair*, que ocupara o 4.^o lugar, fica agora em sétima posição (penúltimo lugar), com 4,9%. Ainda, assim como nos dados orais, o verbo *partir* se revelou pouco produtivo, ocupando a **última posição com 2,6%**, o que leva a entender que não é um verbo de uso comum, talvez pelo facto de sua conjugação suscitar insegurança, assim como a maioria dos verbos da 3.^a conjugação. A confirmar esta hipótese, a sua ocorrência é maior nos dados escritos, uma vez que este registo, como é sabido, confere mais tempo para a produção, favorecendo a reflexão para as escolhas lexicais e sintáticas. Assim, neste caso, foi possível a análise, facto que não ocorreu nos dados orais por ter sido registado apenas uma ocorrência do verbo, o que inviabilizara a análise.

Na secção seguinte, analisa-se a distribuição das preposições pelos verbos estudados.

3.2.2 Distribuição das Preposições pelos VMD

Nesta secção, procura-se verificar a produtividade das preposições *a*, *para/prá*, *em* e \emptyset (elipse do verbo) junto a cada VMD. Como foi referido, a análise segue a mesma sequência lógica da feita nos dados orais, isto é, começa-se com o verbo *ir*, seguido do *vir*, *chegar*, *sair*, *entrar*, *voltar*, *regressar* e *partir*.

a) Verbo *ir* vs. preposições

A observação do gráfico 50 permite ver claramente que são as preposições esperadas para este verbo as que recebem maior valor percentual.

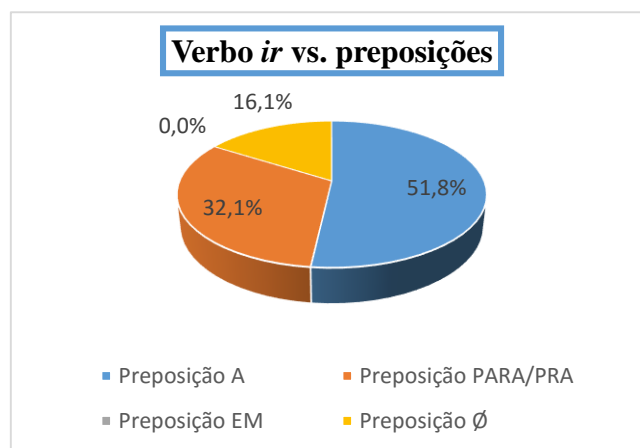


Gráfico 50: Verbo *Ir* vs. preposições

Com efeito, a preposição *a* é a que recebe o percentual maior (51,8%), portanto, mais de metade das ocorrências do verbo *ir* são com esta preposição, uma frequência muito expressiva. Na sequência, vem a preposição *para/prá* com 32,1%, seguido da elipse da preposição (\emptyset) com 16,1%. De notar que não há ocorrências com a preposição *em*, o que quer dizer que **os dados escritos apenas apresentam dados com as preposições que as gramáticas tradicionais recomendam**, facto que pode ser considerado normal, já que a escrita é uma modalidade de discurso mais regulada e em conformidade com o considerado padrão. Assim, este resultado concorre para o facto de a construção deste verbo com a preposição *em* (variante não padronizada) ainda não ter começado a entrar para a escrita, de modo sistemático.

Comparando estes resultados com os do *corpus* oral, fica evidente que são muito diferentes, isto porque:

1. Enquanto nos dados escritos a preposição a é a mais produtiva, nos dados orais é a preposição para/prá que ocupa a posição cimeira. Portanto, os resultados dos dados escritos vão na linha daquilo que Mollica (1996, p.163) afirma, relativamente aos resultados dos testes de percepção aplicados aos falantes, em que se verificou que, na hierarquia entre a, para/prá, em, a primeira preposição é considerada mais padrão do que para/prá, em contraposição com em, considerada não padrão. A mesma tendência é encontrada no estudo de Costa (2003, p.29), pois, da análise feita à Revista Veja, aquela pesquisadora diz que é possível identificar que as preposições a e para/prá concorrem na indicação de lugar junto ao verbo e que este uso já é previsto pelas gramáticas normativas onde muitas vezes se verifica certa hierarquia entre as preposições, em que a é considerada mais culta que para/prá.

Seguem alguns exemplos de ocorrências com a preposição a:

- (1) “O MPD, por seu lado, **vai à convenção** marcada para 3 e 4 de Fevereiro”. (p.A6 e A7, n.º 488)
- (2) “Sempre que pode, Jorge Carlos Fonseca **vai a todas**, ...” (p.A6 e A7, n.º488)
- (3) “Amo conhecer países e cidadãos que nunca pensava visitar e quero **ir ao encontro das pessoas**,...” (p.E16, n.º488)
- (4) “...quem quiser **ir ao Monte Trigo** terá que fazer uma viagem de cerca de 45mn de bote.” (p.A10 e A11, n.º489)

2. A elipse da preposição (\emptyset) obtém uma frequência mais alta do que nos dados orais, ficando à frente da preposição em. As ocorrências com a elipse da preposição são geralmente com advérbios e não com N LOC, daí então se pressupõe não haver necessidade de serem regidos pelas preposições de movimento.

Veja-se alguns exemplos que comprovem:

- (5) “...e apoio-o a **ir o mais longe possível**.” (p. E6, n.º 490)
- (6) “Na primeira volta as equipas **não foram além de um empate a zero**...,” (p. A10, n.º 493)
- (7) “**Iremos onde for preciso**.” (p. A2, n.º 493)
- (8) “Todos os locais **onde vou aproveito para dar-lhe andamento**, ...” (p. A17, n.º 496)

3. A preposição em não ocorre nos dados escritos, enquanto nos dados orais ela ocupa a terceira frequência mais elevada, depois de a e para/prá. Na verdade, o

exposto no ponto anterior a respeito do estudo de Costa (*op. cit.*) serve para explicar o porquê da sua não ocorrência.

Passa-se a analisar os dados relativos ao verbo *vir*.

b) Verbo *vir* vs. preposições

O gráfico 51 ilustra claramente os resultados obtidos quanto à frequência das preposições junto ao verbo *vir*.

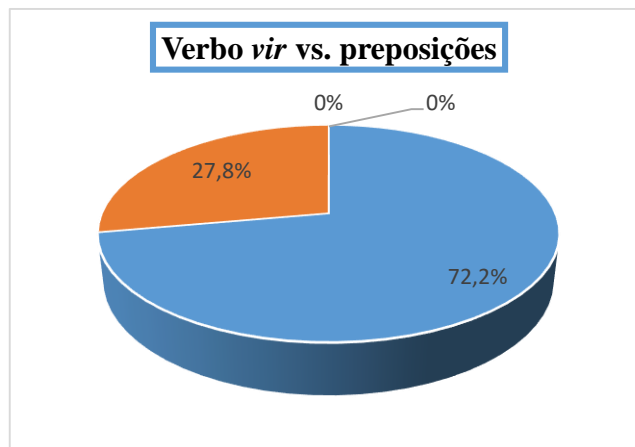


Gráfico 51: Verbo *vir* vs. preposições

Aqui, também, a **preposição mais produtiva é *a*** (72,2%), com quase o dobro da frequência obtida por *para/prá* (27,7%). Não há ocorrências nem com *em*, nem com a elipse da preposição (\emptyset). Estes resultados são opostos aos obtidos no *corpus* oral, sendo que a tendência é inversa, pois naqueles, *para/prá* revelou ser a preposição mais produtiva, com 81,5%, enquanto *a* obteve apenas 14,3%.

No estudo de Costa (2003, p. 33) não se registou ocorrências com o verbo *vir* nos dados escritos da *Revista Veja*, não permitindo uma análise comparativa ao mesmo nível, o que constituiria num ponto de referência importante.

Exemplos de ocorrências com a preposição *a*:

- (9) “..., **veio-me à mente** o poema “Caçadores de Heranças” de Osvaldo Osório...” (p.E9, n.º489)
- (10) “Segundo informações **vindas a público**, ...” (p.A8, n.º 492)
- (11) “Aliás, Emanuel Barbosa foi o único dirigente que, antes da convenção, **viera a público** manifestar o seu desacordo...” (p. A2 – A3, p. 493)
- (12) “São poucos os casos que **vêm à tona**, mas a violência no namoro, sobretudo entre os jovens, ...” (p. E2 e E3, n.º 494)

Exemplos de ocorrências com a preposição *para/prá*:

- (13) “Que **venham** mais RIU’s, mais TRG’s **para o Maio, para a Boa Vista, para o Sal,...**” (p.A10 e A11, n.º488)
- (14) “Tive o cuidado, antes de **vir para esta entrevista**, de pedir os dossiês,...” (p. E2 e E3, n.º 489)
- (15) “A formação azul e branca **vem de um empate**, a uma bola, ante o Mindelense **para o Regional de Futebol.**” (p. A13, n.º 494)

Analisa-se, a seguir, os dados do verbo *chegar*.

c) Verbo *chegar* vs. preposições

Os resultados encontrados (cf. gráfico 52) com o verbo chegar continuam a evidenciar a mesma tendência de uso, embora, assim como nos resultados do *corpus* oral, não haja dados com a preposição *para/pra*.

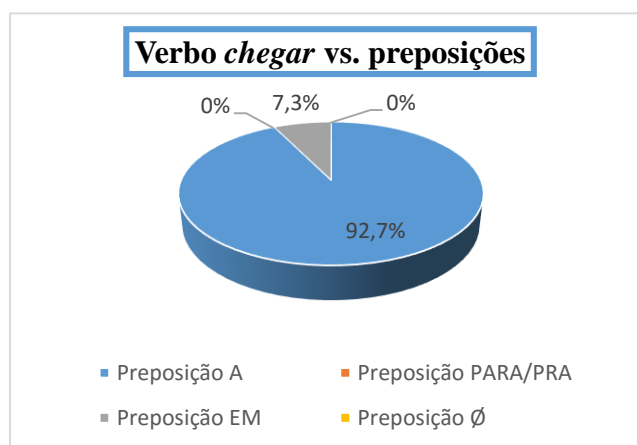


Gráfico 52: Verbo *chegar* vs. preposições

Como está patente no gráfico, a preposição *a* é altamente produtiva com o verbo chegar, obtendo o maior percentual até agora encontrado, 92,7%. Contrariamente aos verbos *ir* e *vir*, foram encontradas ocorrências com a preposição *em*, embora seja um percentual reduzidíssimo, 7,3%. Todavia, deve-se frisar que, em Costa (*op. cit.*, p. 32) os resultados diferem, pois os dados encontrados na Revista Veja ocorrem exclusivamente com a preposição *a*.

Portanto, até agora, nos dados escritos, constata-se uma tendência de *a* ser a preposição selecionada pelos VMD, sendo que apenas o verbo *chegar* possui dados com a preposição *em*.

Exemplos de ocorrências do verbo *chegar* com a preposição *a*:

- (16) “**chegados ao poder** há oito ou nove meses.” (p.A8, n.º488)

- (17) “... recordou que também ele, quando **chegou à CMP**, em 2008, encontrou mais de uma centena de ativistas políticos contratados de forma irregular.” (p.A8, .n.º488)
- (18) “**À Casa Branca chega**, neste janeiro, Donald Trump,...” (p.A8, n.º 488)

d) Verbos *sair* vs. preposições

Os resultados encontrados (cf. gráfico 53) com o verbo *sair* são diferentes dos outros verbos até aqui analisados

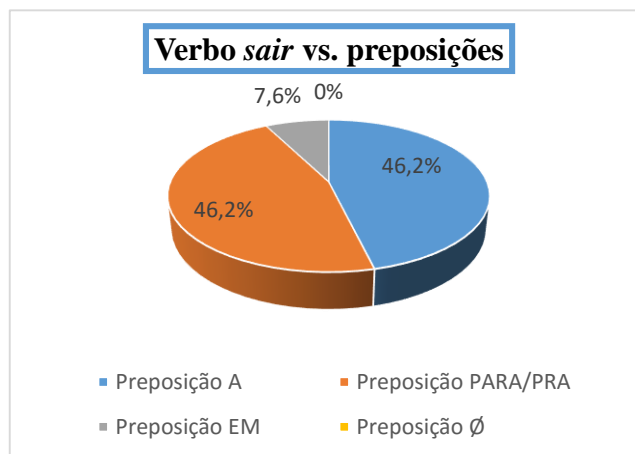


Gráfico 53: Verbo Sair vs. preposições

Neste caso, **há um equilíbrio entre a e para/prá** (46,2 cada), significando não haver preferência no uso dessas duas preposições. Nota-se que, a preposição em, não padronizada, recebe uma percentagem muito reduzida, apenas 7,6%.

Exemplos de ocorrências com a preposição para/prá:

- (19) “Só precisam colocar um tubo vegetariano na boca do esgoto, usando uma câmara, para que a água **saia** diretamente **para o mar**.” (p.A6, n.º 490)
- (20) “Entretanto, questionado se é norma um agente transportar a sua arma durante as **saídas para diversão**,...” (p.A6, p.491)
- (21) “... a emigração ainda é vista como a melhor **saída para se fugir à pobreza**.” (p.E2, n.º 492)

e) Verbo *entrar* vs. preposições

Segue o gráfico 54 que apresenta um panorama totalmente diferente dos resultados encontrados nos outros verbos.

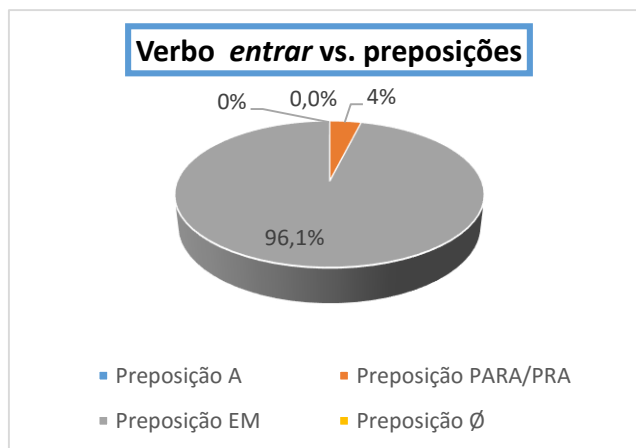


Gráfico 54: Verbo *entrar* vs. preposições

Como se pode observar, o verbo *entrar* é o único VMD que, neste corpus rege a preposição *em*, tal como prescreve a norma de referência. No entanto, observa-se que há duas ocorrências com a preposição *para/prá*, facto que não tinha sido observado nos resultados do *corpus* oral.

Exemplos de ocorrências com a preposição *em*:

- (22) “O chamado grupo de reflexão,..., preferiu **não entrar nessa corrida...**” (p.A6 e A7, n.º 488)
- (23) “Mesmo com a **entrada em vigor**, no domingo, 1 de janeiro, da lei que interditava a produção, importação e comercialização de embalagens de plástico...” (p.A17, n.º 488)
- (24) “... o consultor V.F criticou o excesso de protagonismo da Câmara de Turismo que, segundo ele está a **entrar na esfera das políticas públicas.**” (p.E2 e E3, n.º489)

Exemplos de ocorrências com a preposição *para/prá*:

- (25) “Por isso impõe-se também um maior rigor na escolha de quem deve **entrar para esta instituição.**” (p. A11, n.º 498)
- (26) “...**entrei para o negócio** da venda de grogue, em 2014, ...” (p. E8, n.º 499)

f) Verbo *voltar* vs. preposições

Observe-se os resultados encontrados (cf. gráfico 55).

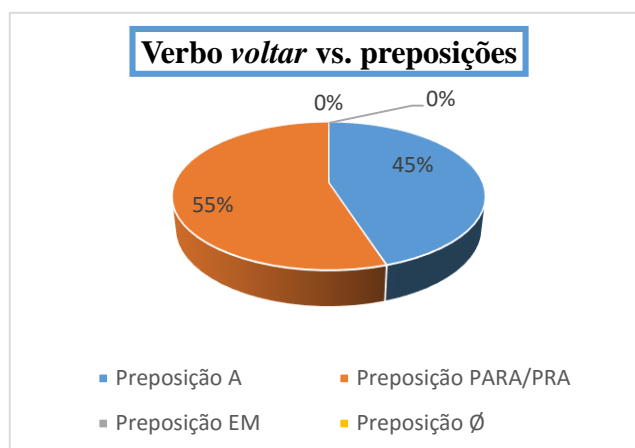


Gráfico 55: Verbo voltar vs. preposições

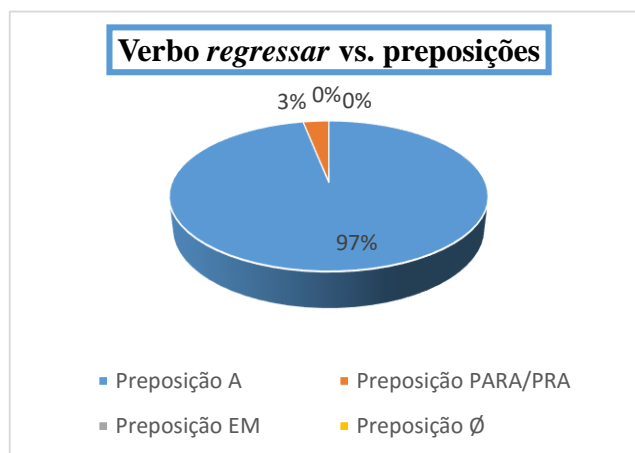
Em primeiro lugar, deve-se frisar que as ocorrências deste verbo no *corpus* escrito é o dobro (20 ocorrências) das encontradas no *corpus* oral (10 ocorrências). **Os resultados do verbo voltar são próximos aos do sair, pois para/prá é a preposição mais produtiva, com 55,5%, seguida de a, com 45%**. As outras possibilidades não ocorrem, ou seja, este verbo não aparece no corpus escrito construído com a preposição em e nem com a elipse (Ø) da preposição. A mesma tendência é observada nos resultados do *corpus* oral, porém, as diferenças entre as preposições são maiores, recordando que, no corpus oral só houve uma ocorrência com a preposição a.

Exemplos de ocorrências com a preposição para/prá:

- (27) “Com o foco principal **voltado para o kizomba e semba**” (p.E7 n.º488)
- (28) “Depois está prevista uma componente mais pedagógica, com atividades **voltadas para os alunos e familiares.**” (p.E4-E5 n.º489)
- (29) “Agora, as expetativas estão **voltadas para a efetivação** da construção da Adega definitiva...” (p.A8 n.º491)

g) Verbo regressar vs. preposições

Tal como aconteceu com o verbo *voltar*, os resultados do verbo *regressar* (cf. gráfico 56) permitem observar o seguinte:

Gráfico 56: Verbo *regressar* vs. preposições

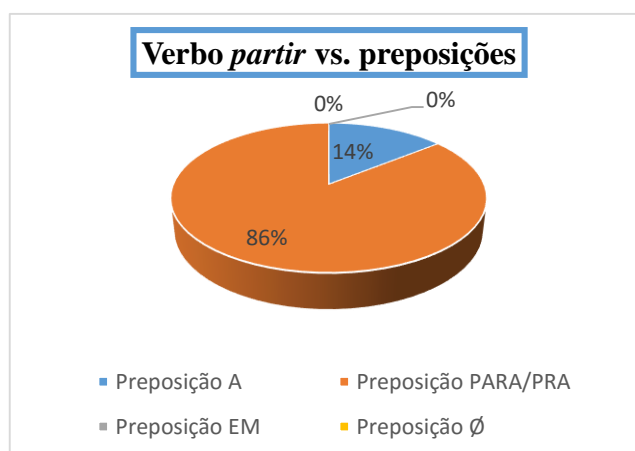
O verbo *regressar* é mais frequente nos dados do *corpus* escrito (32 ocorrências) do que no oral (7 ocorrências). Também se observa que, apesar de *regressar* ser sinónimo de *voltar*, diferem quanto à tendência de uso das preposições. O verbo *regressar* seleciona, maioritariamente a preposição a, com 97% das ocorrências. Assim, tal como *voltar*, não há registo das outras realizações (*em* e \emptyset).

Exemplos de ocorrências com a preposição a:

- (30) “Os Tubarões, que **regressam ao ativo** em 2015, estão a preparar um novo disco, ...” (p.E2, n.º488)
 (31) “...e não mais pode **regressar a casa**...” (p.E7, p.488)
 (32) “E quanto **ao regresso a Angola**, dizem: ainda não têm data para isso acontecer...” (p.E7, n.º488)

h) Verbo *partir* vs. preposições

Partir é o último verbo a ser analisado. Observe-se então os resultados encontrados (cf. gráfico 57)

Gráfico 57: Verbo *partir* vs. preposições

Assim como no *corpus* oral, o verbo *partir* é pouco usado no *corpus* escrito (apenas 7), sendo que 86% das ocorrências são com a preposição *para/prá* e as restantes com *a*. Portanto, a tendência é a mesma encontrada com os verbos *sair* e *voltar*. Partir exprime a ideia significativa de [+permanência], que normalmente é atribuída à preposição *para/prá*. Talvez seja esta a lógica do seu uso.

Veja-se então as ocorrências de *para/prá* com este verbo:

- (33) “Os tambarinas **partem à procura da paz interna...**” (p. A6, n.º488)
- (34) “... Juvenal está, há duas décadas, a tentar readaptar-se à situação que deixara para trás nos anos 60, quando **partiu para Portugal.**” (p. E4, n.º 492)
- (35) “...ele **partia para cima dele** e depois brigava comigo, ...” (p. E2 e E3, n.º 494)

Em síntese, os resultados encontrados nos dados dos jornais permitem fazer as seguintes considerações:

1. os dados escritos evidenciam tendência para a manutenção da norma na escrita, isto é, a maioria dos VMD (*ir*, *vir*, *chegar* e *regressar*) seleciona preferencialmente a preposição *a*, seguida de *para/prá*, *em* e \emptyset e os verbos *sair*, *voltar* e *partir* selecionam, preferencialmente a preposição *para/prá*, seguida de *a*, *em* e \emptyset , isto porque, normalmente, estes verbos estão associados à ideia significativa de longa demora;
2. O verbo *entrar* é o único com comportamento atípico dos outros VMD, pois em é a preposição preferida na regência deste verbo, ainda que sendo uma forma padronizada. Também é possível encontrar ocorrências com a preposição *para/prá*, o que se constitui numa inovação;
3. No geral, pode-se dizer que os dados escritos estão mais próximos da tradição gramatical, pois há uma clara tendência dos VMD selecionarem a preposição *a*, considerada mais elevada numa escala hierárquica, embora seja possível constatar também alguma variação, ainda que de forma muito ténue;
4. Portanto, os resultados encontrados nos dados escritos diferem dos dados orais, pois, enquanto nos resultados dos dados escritos há uma ligeira tendência para se usar, com maior frequência, a preposição *a*, seguida de *para/prá*, *em* e \emptyset , há uma tendência inversa nos orais, isto é, há uma preferência dos falantes pela preposição *para/prá*, seguida de *a*, *em* e \emptyset .

3.2.3 Descrição dos dados linguísticos e propostas de análise

Nesta subsecção apresenta-se os resultados da análise dos dados escritos relativamente à aplicação das variáveis linguísticas e sociais, no intuito de certificar que grupos de fatores podem influenciar a escolha de uma ou outra preposição, neste registo. A análise segue a mesma sequência aplicada aos dados orais. Os resultados são ilustrados através de gráficos e tabelas, devidamente ordenados.

3.2.3.1 Variáveis linguísticas

A apresentação segue a ordem seguida na análise: i) os fatores associados ao verbo, o **tempo-modo verbal**, sendo que os traços analisados são: Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito, Infinitivo e Outros; ii) os fatores associados ao N LOC (o SPREP), os **traços semânticos**, nomeadamente: a **Demarcação de Espaço, denominado por Mollica (1996, p.155) de Configuração do Espaço**, cujos traços são [+ **fechado**]/ [- **fechado**], o **Grau de Definitude**, cujos traços são [+ Definido]/ [- Definido], **Grau de Permanência**, tendo [+**Permanência**]/ [-**Permanência**] como traços e a **Configuração do Espaço**, conforme exposto por Wiedemer (2008, p. 87), cujos traços são: [lugar/ espaço geográfico]; [lugar/ objeto]; [lugar/evento]; [lugar/ instituição personificada]; [lugar/ instituição].

I. Fatores associados ao verbo: o tempo-modo verbal

Investiga-se a relação entre o tempo-modo verbal e a escolha de uma ou outra preposição. Os resultados encontrados são apresentados em forma de gráficos, como forma de facilitar a visualização.

Veja-se então a apresentação dos resultados encontrados em cada VMD.

a) Verbo *ir*: *Tempo-modo vs. preposições*

O verbo *ir*, que ocupa a segunda posição, quanto ao número de ocorrências encontradas, apresenta os seguintes resultados (cf. gráfico 58).

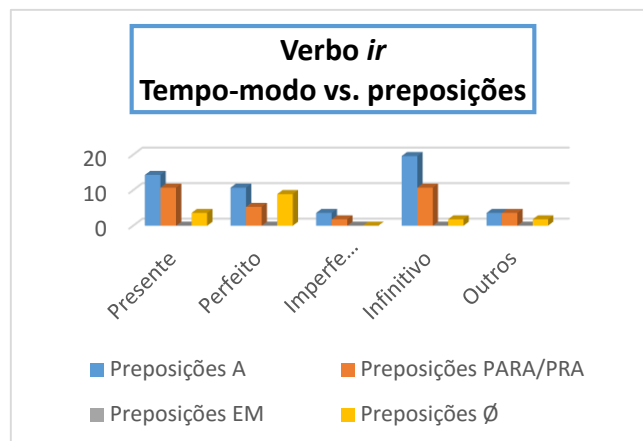


Gráfico 58: Verbo ir: Tempo-modo vs. preposições

Observa-se assim, que, o tempo-modo mais produtivo é o Infinitivo, com 32% ocorrências, seguido do Presente com 28,6% e, P. Perfeito 24,9% , Outros 9% e, em último lugar, o P. Imperfeito, com 5,4% ocorrências. Através do gráfico, percebe-se que a preposição **a** é a preferida por todos os tempos-modos verbais, à exceção da categoria Outros em que há uma distribuição equilibrada entre **a** e **para/prá**. Estes resultados indicam que, neste caso, o fator tempo-modo verbal não determina a escolha de uma ou outra preposição, já que não há uma distribuição complementar das subcategorias pelas preposições. Pode-se então afirmar que, **a preposição a é a que é mais produtiva, independentemente do tempo-modo verbal usado**, se bem que atue melhor com o Infinitivo.

Comparando com os resultados do *corpus* oral verifica-se que a tendência é a mesma, isto é, o grupo de fatores Tempo-modo não influencia a escolha das preposições, sendo que, no *corpus* oral, **para/prá** é a preposição selecionada por todos os tempos-modos.

Exemplo de ocorrências com a preposição **a** no Infinitivo e no Presente, os tempos-modos mais produtivos:

- (36) "...já chegamos ao ponto de colocar saldos no telemóvel com dinheiro pessoal para chamar árbitros para **irem aos jogos**" (p. A12, n.º 489)
- (37) "...a falta do trabalho de um assistente social, que tem a função de **ir ao local de acolhimento do detento...**"(p. A5, n.º 492)
- (38) "Sendo assim", comentou alguém, "**vou a casa** almoçar o congo que vi minha mulher a pôr água ontem" (p. A15, p. 495)
- (39) "Contamos com muitos apoios, ..., quando **vamos às provas, ...**" (p. A8, n.º 496)
- (40) "Estamos a procurar financiamento junto do governo para avançar com a estrada de acesso que **vai da localidade de Pinha a Tanque de Bica.**" (p. A9, n.º 496)

b) Verbo *vir*: Tempo-modo vs. preposições

Primeiramente, deve-se destacar que os resultados encontrados são muito diferentes dos do verbo *ir* (cf. gráfico 59).

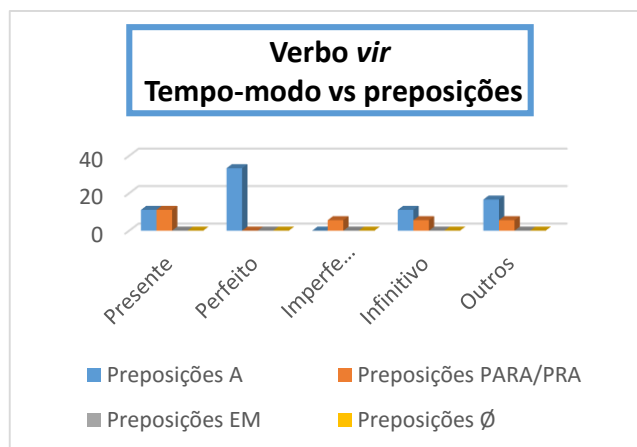


Gráfico 59: Verbo *vir*: Tempo-modo vs. preposições

Com o verbo *vir*, **o tempo-modo mais produtivo é o Pretérito Perfeito**, que ocorre **exclusivamente com a preposição a**, preposição que é também selecionada preferencialmente pelo Infinitivo e pela subcategoria Outros. Há uma distribuição equilibrada entre a e para/prá no Presente. Por outro lado, **o Imperfeito seleciona com exclusividade a preposição para/prá**.

Do exposto, percebe-se que, **o grupo de fatores Tempo-modo influencia a escolha das preposições pois, há uma distribuição complementar entre a e para/prá**, sendo que **o Perfeito determina a seleção de a e o Imperfeito para/prá**.

De frisar que, a tendência encontrada é diferente da do *corpus* oral, em que, o grupo de fatores não mostrou ser relevante na seleção das preposições.

Exemplos de ocorrências com a preposição a no Pretérito Perfeito:

- (41) “E o que **veio à tona** é que ser relacionamento com Janira não era assim tão saudável nos últimos tempos.” (p. A4, n.º 495)
- (42) “Isto até o dia em que o tal emigrante **resolver vir a Cabo Verde** e se encontraram pessoalmente.” (p. E6, n.º 498)

Exemplo da ocorrência com a preposição para/prá no Pretérito Imperfeito:

- (43) “Principalmente por altura das secas, as pessoas dessas duas ilhas **vinham para S. Vicente** trabalhar no carvão...” (p. E2, n.º 495)

c) Verbo *chegar*: Tempo-modo vs. preposições

Veja-se os resultados encontrados com o verbo *chegar* (cf. gráfico 60).

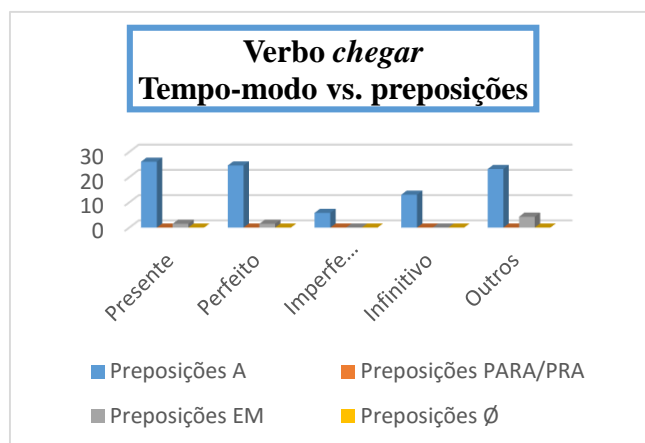


Gráfico 60: Verbo chegar: Tempo-modo vs. preposições

Os resultados obtidos mostram que **o Presente é o tempo-modo predominante, com 26,1% das ocorrências**. Constatou-se que **a preposição a é selecionada por todos os tempos-modos**, o que significa que este grupo de fatores não influencia a escolha das preposições, portanto, não é relevante. Aliás, como foi visto anteriormente, o verbo *chegar* ocorre, quase que exclusivamente com a preposição a. Das 69 ocorrências, apenas 5 são com a preposição em.

Veja-se exemplos de ocorrências dos tempos-modos predominantes:

- (44) “..., que uma obra publicada na Praia, **chegue a São Vicente** a qualquer outra ilha.” (p.A8, n.º488) – **Presente do indicativo**
- (45) “Mulher de armas, tem fé que um dia **chegará aos Estados Unidos da América**.” (p.E5, n.º488) – **Futuro do Indicativo**
- (46) “... a Banda MR **chegou à cidade da Praia** no último voo da TAAG...” (p.E7, n.º488) – **Pretérito Perfeito do Indicativo**

d) Verbo *sair*: Tempo-modo vs. preposições

O gráfico 61 que ilustra os resultados encontrados com o verbo *sair*.

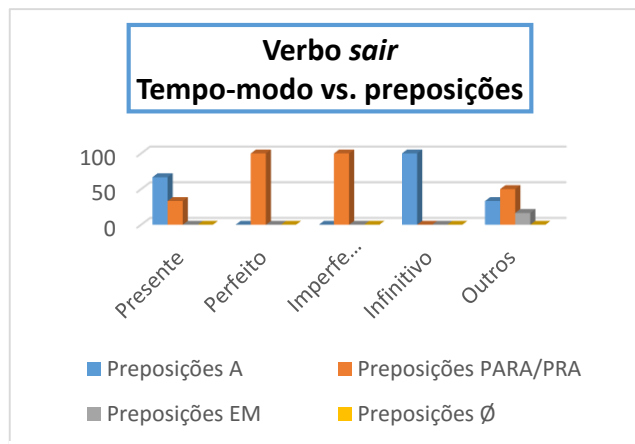


Gráfico 61: Verbo Sair: Tempo-modo vs. variáveis

Observa-se que a preposição a é selecionada pelos tempos-modos **Presente e Infinitivo** e para/prá pelo **Perfeito, Imperfeito e por Outros**. Neste caso, podia-se dizer que há uma distribuição complementar dos Tempos-modos, isto é, o grupo de fatores determina a escolha das preposições. No entanto, deve-se frisar, que os dados encontrados não são suficientemente esclarecedores, pelo reduzido número de ocorrências, apenas 13, sendo que a frequência mais alta é de 6 ocorrências no traço Outros, correspondendo a 46,1%, o que não permite uma análise conclusiva.

Exemplos de ocorrências com a preposição a no Perfeito e Infinitivo:

- (47) “..., **saem às ruas** com a pompa e a circunstância possíveis.” (p. E8, n.º 495)
- (48) “Há já alguns anos que os mandigas do Tarrafal **saem às ruas da Povoação**,” (...p. E8, n.º 495)
- (49) “..., três meninas da noite e do giro...no desespero da falta de petróleo para o candeeiro à noite, **a saírem à rua** em busca de luz, ...” (p.E9, n.º 491)

e) Verbo *entrar*: Tempo-modo vs. preposições

Segue o gráfico com os resultados encontrados. De notar que, quase todas as ocorrências do verbo são com a preposição em, sendo apenas duas com para/prá. Mesmo assim, achou-se por bem apresentar os resultados de modo a ilustrar melhor a distribuição das preposições pelos Tempos-modos.

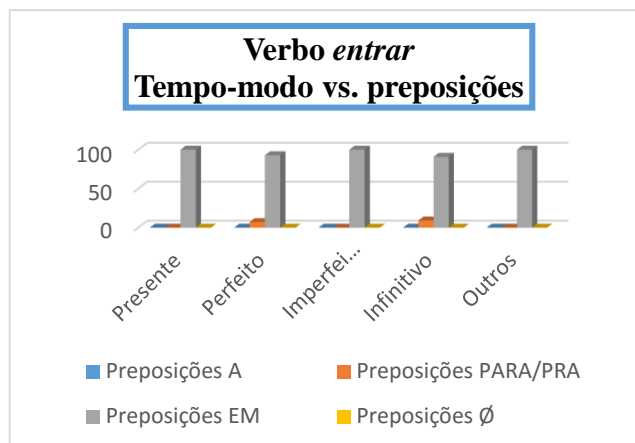


Gráfico 62: Verbo entrar: Tempo-modo vs. preposições

Ao visualizar o gráfico, percebe-se que **a aplicação do grupo de fator não se faz necessária**, pois apenas a preposição *em* é selecionada por todos os Tempo-modo. As duas ocorrências de *para/prá* são com tempo-modos distintos.

Exemplos de ocorrências do verbo *entrar* com a preposição *para/prá*:

- (50) “Por isso impõe-se também um maior rigor na escolha de quem deve **entrar para esta instituição.**” (p. A11, n.º 498)
- (51) “...**entrei para o negócio** da venda de grogue, em 2014, ...” (p. E8, n.º 499)

f) Verbo voltar: Tempo-modo vs. preposições

Neste verbo os resultados encontrados (cf. gráfico 63) são também reveladores.

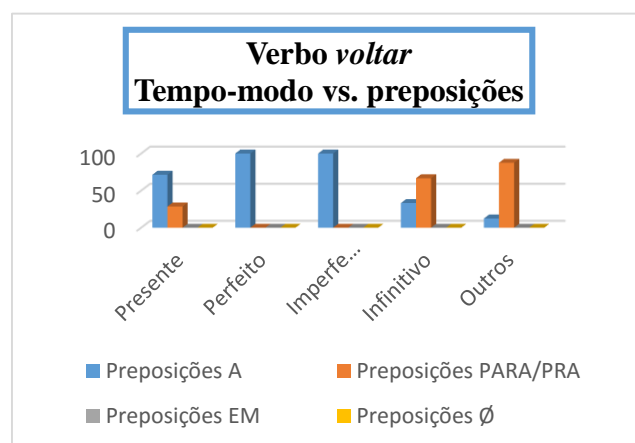


Gráfico 63: Verbo voltar: Tempo-modo vs. preposições

Neste verbo verifica-se também uma **distribuição complementar das preposições por Tempo-modo**: *a* é selecionada pelo Presente, Perfeito e Imperfeito e *para/prá* pelo Infinitivo e Outros. Neste caso, o grupo de fatores mostra ser determinante na escolha das preposições.

Exemplo de ocorrências com a preposição a:

- (52) “...**voltava a casa** ainda antes do sol raiar...” (p.E5 n.º488)
 (53) Feito este parênteses, **voltamos ao tema** que delimitamos no n.º 1 p.A18 n.º488
 (54) “... a funcionária do CCV que chegou a ser suspensa de suas funções, por alegado envolvimento neste caso, já está de **volta ao serviço**,...” (p.A4 n.º489)
 (55) “Hoje, aos 71 anos e de **volta às origens**, mostra-se insatisfeito com o marasmo...” (p.E4, n.º 492)
 (56) “Mas, agora **volta à carga**, ...” (p.A6, n.º 493)
 (57) “Arlindo Moreira Tavares, “Loló”, é um professor reformado que **decidiu voltar ao campo** para cultivar a terra.” (p. A12, n.º 496)
 (58) “Mário Lúcio Sousa, ex-ministro da Cultura, está **de volta ao mundo da música**.” (p. E4 e E5)

Exemplos de ocorrências com a preposição para/prá:

- (59) “Com o foco principal **voltado para o kizomba e semba** p.E7 n.º488
 (60) Depois está prevista uma componente mais pedagógica, com atividades **voltadas para os alunos e familiares**.” (p.E4-E5 n.º489)
 (61) “Agora, as expetativas estão **voltadas para a efetivação** da construção da Adega definitiva,...” (p.A8 n.º491)
 (62) “Uma mais **voltada para a formação**, ...” (p.E12, n.º491)

g) Verbo *regressar*: *Tempo-modo vs. preposições*

Da observação dos resultados encontrados (cf. gráfico 64) percebe-se claramente qual é influência do grupo de fatores.

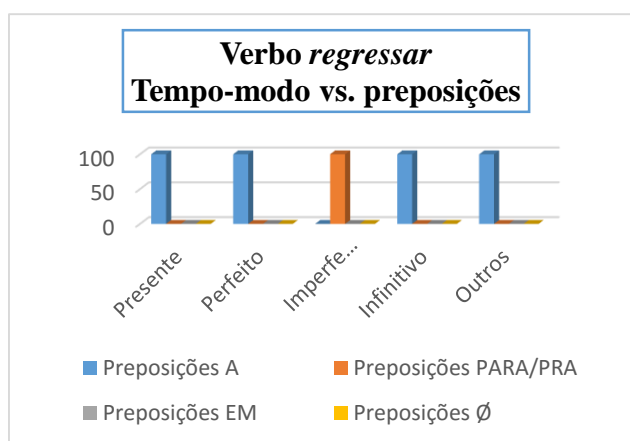


Gráfico 64: Verbo regressar: Tempo-modo vs. preposições

Com efeito, a **maioria dos tempos-modos atua na seleção da preposição a**, o que quer dizer que a escolha desta preposição não está condicionada por este fator. Não há um critério no seu uso, ou melhor, o seu uso independe dos tempos-modos. Só o Imperfeito atua na seleção de uma única ocorrência com a preposição para/prá, o que não permite chegar a uma conclusão.

Exemplo da ocorrência de *para/prá* no Imperfeito:

(63) “...juntavam dinheiro e regressavam para as sementeiras. (p.E2, n.º495)”

h) Verbo *partir*: Tempo-modo vs. preposições

Embora os dados não sejam muitos, apenas 7 (sete) ocorrências, para se ser sistemático, apresenta-se os resultados encontrados. O gráfico 65 ilustra um cenário oposto ao encontrado para o verbo *regressar*.

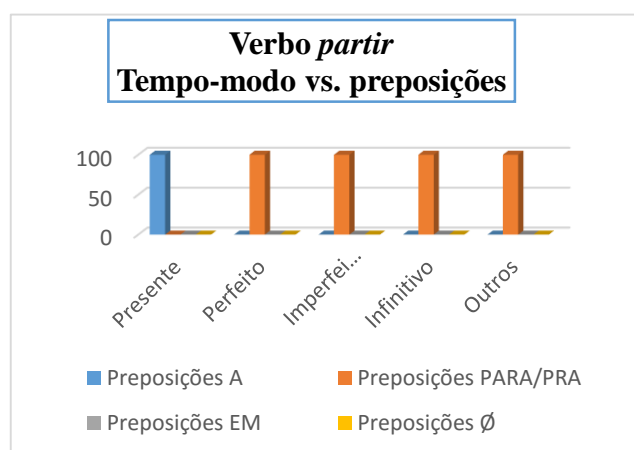


Gráfico 65: Verbo *partir*: Tempo-modo vs. preposições

A única ocorrência da preposição *a* acontece com o Presente e todas as outras 6 (seis) ocorrências são com a preposição *para/prá* que se distribuem pelos demais tempos-modos, pelo que, neste caso, dado o reduzido número de ocorrências, não se poderá também determinar que tempo-modo influencia a escolha de uma ou outra preposição.

Exemplo da ocorrência da preposição *a* no Presente:

(64) Os tamarinas **partem à procura da paz interna...** (p. A6. N.º 488)

Síntese:

Olhando para os resultados gerais da aplicação do grupo de fatores tempo-modo verbal junto aos VMD, verificando a sua influência na seleção das preposições, pode-se dizer o seguinte:

1. **Verbo ir**: o grupo de fatores tempo-modo mostrou-se **irrelevante**, pois a preposição *a*, que é a mais frequente, é selecionada independentemente do tempo-modo;
2. **Verbo vir**: pode-se dizer que o grupo de fatores **tempo-modo, atua, em parte** na seleção das preposições, pois, a preposição *a* mostrou-se ser mais produtiva com

o verbo no Pretérito Perfeito e *para/pra* no Pretérito Imperfeito, neste caso, há uma distribuição complementar. No entanto, à exceção do Presente, em que há uma distribuição equilibrada entre *a* e *para/pra*, as outras subcategorias selecionaram, preferencialmente, a preposição *a*.

3. **Verbo chegar:** o grupo de fatores também se mostrou **irrelevante**, já que todos os **tempos-modos selecionaram, exclusivamente, a preposição *a***, sendo a ocorrência massiva desta preposição 94,4% indicativo destes resultados;

4. **Verbo sair:** apresenta um cenário semelhante ao do verbo *vir*, pois, **o grupo de fatores, atua em parte**, junto das preposições, havendo uma distribuição complementar dos tempos-modos. Com efeito, o presente e o infinitivo atuam, preferencialmente, com a preposição *a* e o Pretérito Perfeito, o Imperfeito e a subcategoria Outros atuam melhor com a *para/pra*.

5. **Verbo entrar:** também apresenta resultados **irrelevantes**, pelo facto de, neste caso, a preposição ***em*** ter uma frequência massiva, 96,1% e das ocorrências de *para/pra* se distribuírem pelos tempos-modos e, portanto, não revelarem assim uma tendência de uso desta preposição;

6. **Verbo voltar:** o **grupo de fatores também atua em parte**, ou seja, há uma distribuição complementar dos tempos-modos pelas preposições. Assim: o Presente, o Pretérito Perfeito e o Imperfeito são selecionados, preferencialmente, pela preposição *a*, ao passo que o Infinitivo e o traço Outros pela preposição *para/pra*;

7. **Verbo regressar:** também apresenta **resultados inconclusivos**, uma vez que porque todos os tempos-modos selecionam a preposição *a*, à exceção do Imperfeito, que atua na seleção de *para/pra*;

8. **Verbo partir:** também apresenta **resultados pouco conclusivos**, já que a única ocorrência de *a* é com o Presente e todas as outras subcategorias selecionam *para/pra*.

Concluindo, pode-se dizer que, de uma forma geral, o grupo de fatores tempo-modo não é relevante na escolha das preposições, no modo escrito, pois não houve resultados relevantes de atuação clara deste fator.

II. Fatores associados ao N LOC do SPREP

A análise dos resultados segue a mesma sequência da dos dados orais, isto é, os grupos de fatores são os seguintes: i) Demarcação do espaço: [+ fechado]/ [- fechado]; ii) Grau de Definitude [+ definido]/ [- definido]; iii) Tempo de Permanência: [+ permanência]/ [-

permanência]; iv) Configuração do espaço: [lugar/espaco geográfico], [Lugar/Objeto], [Lugar/Evento], [lugar/instituição personificada], [lugar/instituição].

Segue então a análise de cada um dos grupos de fatores, cujos resultados serão apresentados em forma de gráficos.

(i) Demarcação do espaço vs. preposições

Relembra-se que este grupo de fatores é constituído por dois traços opostos, ou seja, [+fechado] vs. [-fechado]. Analisa-se os resultados de cada VMD, que são ilustrados através dos gráficos 66, 67 e 68, 69, 70, 71, 72 e 73.

Passa-se então a apresentar a leitura dos resultados.

a) Verbo *ir*: Demarcação de espaço vs. preposições

Os resultados encontrados (cf. gráfico 66) ilustram a influência deste fator na escolha das preposições.

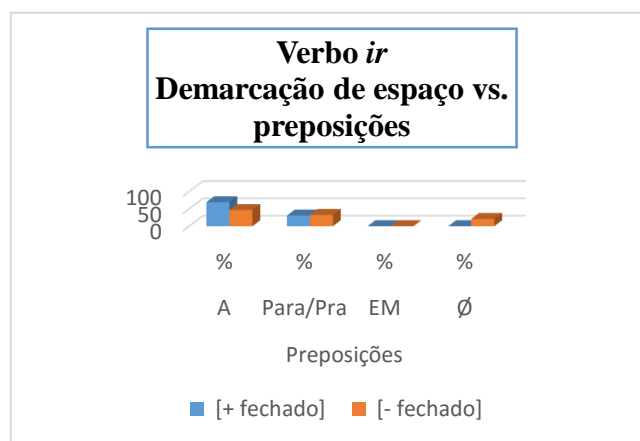


Gráfico 66: Verbo *ir*: Demarcação de espaço vs. preposições

De notar que a maioria dos **N LOC de SPREP são do traço [-fechado]**, (76,8% das ocorrências do verbo *ir*) e que **a maioria é regido pela preposição a (46,5%)**, seguido de para/prá (32,6%) e, por fim, Ø (elipse da preposição) com 20,9%. Por sua vez, **os Locativos do tipo [+fechado] também são regidos, na sua maioria, pela preposição a (69,2%)**. Logo, estes resultados apontam que, o grupo de fatores não determina a escolha de uma preposição em detrimento de outra, pois não há uma distribuição complementar. A preposição a é a que melhor atua na seleção dos N LOC, independentemente, do traço que os caracteriza.

Por conseguinte, estes resultados diferem dos do *corpus* oral, em que, a preposição selecionada por ambos os traços constituintes do grupo de fatores foi *para/prá*, seguido de *a*, *em* e \emptyset . Assim como nos dados orais, não se confirma a hipótese de Mollica (1996) e os outros estudos aqui resenhados, de que, a preposição *em*, por estar associado à ideia significativa de “estar dentro”, seja aquela que atua melhor na seleção de N LOC de SPREP do tipo [+ fechado].

Exemplos de ocorrências com LOC [-fechado] regidos pela preposição *a*:

- (65) “Contamos com muitos apoios quando **vamos às provas**, ...” (p. A8, n.º 496)
 (66) “...porque é devagar que se **vai ao longe**...” (p. E11, n.º 497)
 (67) “...se for necessário disputar passageiros com os outros condutores **vou à luta**, uso os meus meios.” (p. E4, n.º 499)

b) Verbo *Vir*: Demarcação de espaço vs. preposições

Veja-se então como o grupo de fatores Demarcação de Espaço se comporta junto do verbo *vir*, ou seja, que preposições determinam a escolha dos traços [+fechado] e [-fechado] (cf. gráfico 67).

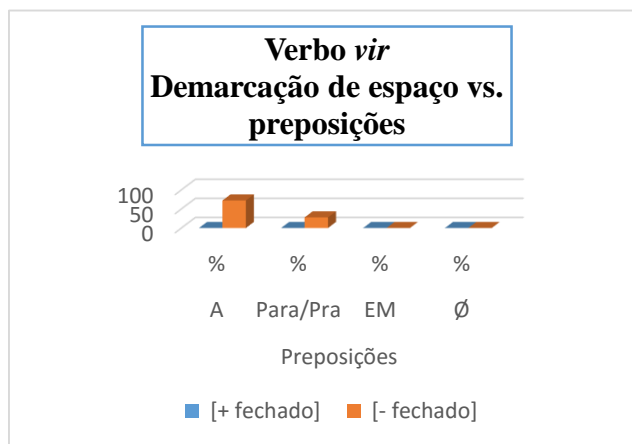


Gráfico 67: Verbo *vir*: Demarcação de espaço vs. preposições

O verbo *vir*, neste caso, é acompanhado **exclusivamente por N LOC do tipo [-fechado]**. Destes, **72,2% é regido pela preposição *a***, e os outros 27,8% por *para/prá*. Não há ocorrências nem com a preposição *em* nem com a \emptyset , o que quer dizer que o grupo de fatores Demarcação de Espaço atua, em parte, na seleção das preposições quando os N são [- fechado], isto é, *a* é a preposição que seleciona este tipo de locativos.

De notar que, os resultados encontrados no *corpus* oral, evidenciaram que a maioria dos N LOC de SPREP eram também do tipo [- fechado], o que quer dizer que há uma tendência de o verbo *vir* selecionar este tipo de LOC. Ainda, contrariamente aos dados

escritos, os do *corpus* oral atuam melhor com a preposição *para/pra*, querendo dizer que, na escala hierárquica que define a preposição *a* como a mais elevada, este pressuposto continua em pleno vigor na escrita, perdendo porém o seu lugar para *para/pra* na oralidade.

Exemplos de ocorrências com Locativos [-**fechado**] regidos pela preposição *a*:

- (68) “... **veio-me à mente** o poema “Caçadores de Heranças” de Osvaldo Osório...” (p. E2 e E3, n.º 489)
 (69) “... o caso **veio à tona** esta segunda-feira, ...” (p. A8, n.º 497)
 (70) “Isto até o dia em que tal emigrantes **resolveu vir a Cabo Verde** e se encontraram pessoalmente.” (p. E6, n.º 498)

c) Verbo *chegar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Observe-se o gráfico 68 a seguir, que ilustra os resultados encontrados com este verbo.

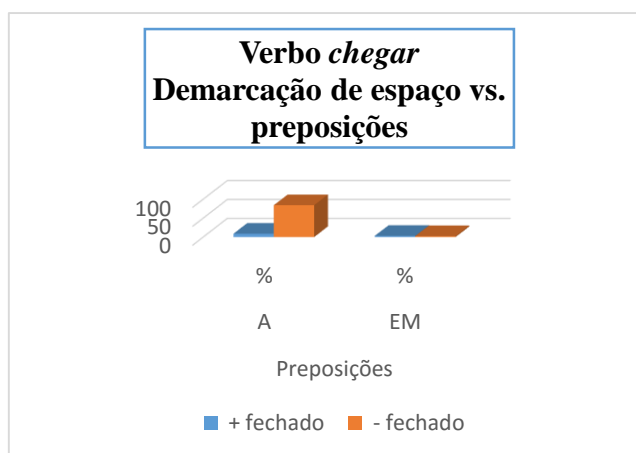


Gráfico 68: Verbo chegar: Demarcação de espaço vs. preposições

Os resultados encontrados com o verbo *chegar* permitem constatar que há **mais N LOC do tipo [-fechado] (88,4,1%)** do que [+fechado] (11,6%). Quanto à distribuição dos traços pelas preposições, o que está patente no gráfico é que, **a preposição *a* apresenta uma frequência mais alta com N LOC [- fechado]**. A frequência de N LOC de traço [-fechado] regidos pela preposição *a* é significativamente expressiva, cerca de 84,1%, o leva a dizer que, a escolha desta preposição pode ser determinada pelo traço [-fechado]. Enfim, constata-se que o grupo de fatores atua na escolha das preposições.

Os resultados do *corpus* oral também revelaram a mesma tendência, isto é, a preposição *a* **prefere os N LOC de traço [-fechado]**.

Os resultados encontrados em Costa (2003, p. 44), na *Revista Veja*, são ligeiramente parecidos, já que também o traço [-fechado] foi selecionado massivamente pela preposição *a*, embora não se tenham encontrado ocorrências com a preposição *em*.

Exemplos com o traço [- fechado] regido pela preposição *a*:

- (71) “...temos água doce misturada com água salgada que **chega à superfície...**” (p. A6, n.º 490)
 (72) “Isso porque o sinal **não chega a essas comunidades** do interior de Santa Catarina de Santiago.” (p. A10, n.º 491)

Exemplos com o traço [-fechado] regido pela preposição *em*:

- (73) “... atormentados por falsas promessas e estupidificados por esses meios de comunicação social que até **chegam** entre nós **em Cabo Verde**, sobretudo através da TV, ...” (p. E8, n.º 493)
 (74) “Foi algo que aconteceu espontaneamente e quando **cheguei na Holanda...**” (p. A17, n.º 496)

d) Verbo *sair*: Demarcação de espaço vs. preposições

Segue o gráfico 69 com os resultados da atuação deste fator com o verbo *sair*.

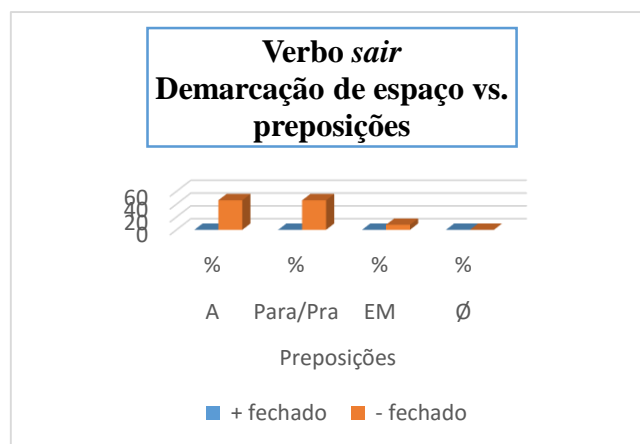


Gráfico 69: Verbo *sair*: Demarcação de espaço vs. preposições

O grupo de fator não mostra ser determinante, porque, como está patente, na ausência de N LOC de traço [+fechado], **todas as preposições selecionam, com exclusividade, o traço [-fechado]**. Todavia, nota-se que este traço é mais atuante junto às preposições *a* e *para/pra*, com a frequência de 46,1%, respectivamente, contra os 7.8% de *em*.

Comparando com os resultados do corpus oral, podem ser considerados semelhantes, pois naqueles também o traço [- fechado] é preferencialmente selecionado pelas preposições *a*, *para/pra* e *em* obtém apenas uma ocorrência. Portanto, há sim uma tendência de este traço atuar melhor com as preposições definidas pela norma.

Exemplos de ocorrências do traço [- fechado] com a preposição *para/prá*:

- (75) “Só precisam colocar um tubo vegetariano na boca do esgoto, usando uma câmara, para que a água **saia** diretamente **para o mar**.” (p.A6, n.º 490)
 (76) “Entretanto, questionado se é norma um agente transportar a sua arma durante as **saídas para diversão**,...” (p.A6, p.491)
 (77) “**Saem para as festas**, passeios e outras atividades...” (p. E6, n.º 493)

Exemplos de ocorrências do traço [-fechado] com a preposição *a*:

- (78) “..., três meninas da noite e do giro...no desespero da falta de petróleo para o candeeiro à noite, **a saírem à rua** em busca de luz, ...” (p.E9, n.º 491)
 (79) “Há já alguns anos que os mandigas do Tarrafal **saem às ruas da Povoação**, ...” (p. E8, n.º 495)
 (80) “Basta eu **sair à rua** para que me apontem o dedo...” (p. E6, n.º 498)

e) Verbo *entrar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Neste caso concreto, pelo facto de a preposição *a* e a elipse (\emptyset) não ocorrerem e *para/prá* não ser persistente o suficiente para o desenvolvimento de uma análise, a aplicação do grupo de fatores não será propriamente para certificar qual é a preposição que atua melhor na seleção de um ou outro traço, já que o verbo *entrar* seleciona, quase exclusivamente, a preposição *em*, havendo apenas duas ocorrências do verbo com a preposição *para/prá*.

Mas, mesmo assim, para seguir a sequência lógica da análise, pretende-se apenas verificar a atuação dos traços [+fechado]/ [-fechado]. Veja-se os resultados ilustrados no gráfico 70.

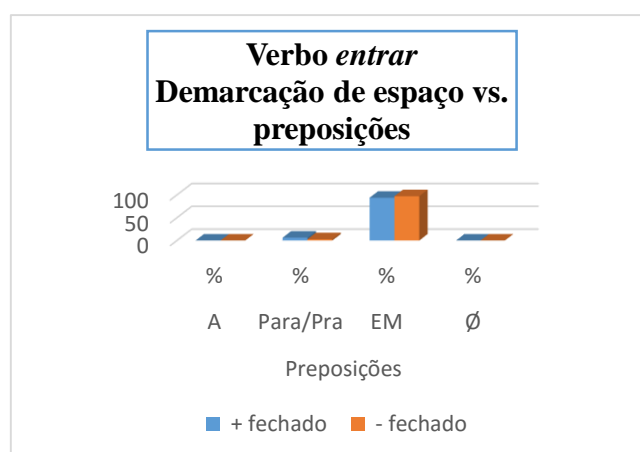


Gráfico 70: Verbo *entrar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Como se pode observar, ao contrário do que se podia esperar, pois normalmente, quando a preposição *em* é acompanhada de um VMD ela carrega a ideia significativa de

movimento para dentro, os resultados mostram que a preposição **seleciona preferencialmente N LOC de traço [- fechado], 69,2%**, do que os de traço [+ fechado], 30,8%. As duas únicas ocorrências de *para/prá* distribuem-se pelos dois traços.

Exemplos com N LOC de traço [- fechado] com a preposição *em*:

- (81) A Lei do Mecenato, aos poucos, **tem entrado na agenda dos empresários**, ... (p.A8, n.º 496)
 (82) ...**entrei num projeto de zona**... (p. A8, n.º 496)
 (83) ...a Orange não está interessada em **entrar num negócio** cuja segurança jurídica é mais que duvidosa... (p. A3, n.º 497)

f) Verbo *voltar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Pela não ocorrência da preposição *em*, a análise não vai no sentido de opô-la às demais, mas apenas para verificar a aplicação do fator junto às outras preposições. Segue o gráfico 71 com os resultados.

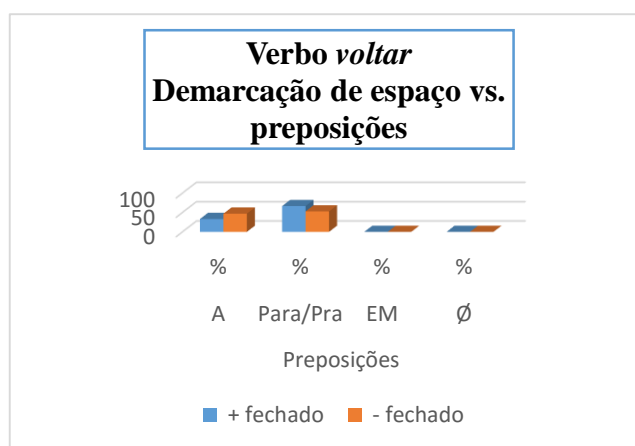


Gráfico 71: Verbo voltar: Demarcação de espaço vs. preposições

Assim como em todos os VMD analisados, **a maioria dos N LOC é de traço [- fechado]**, 85%, sendo que, eles são expressos tanto pela preposição *a* (47,%) como *PARA/PRA* (52,9%), embora haja uma ligeira **predominância de *para/prá***. Isto faz dizer que o grupo de fatores Demarcação de Espaço não influencia a escolha da preposição *em*, mas há uma ligeira influência de *para/prá*.

Em Costa (2003, p. 47) os resultados encontrados na *Revista Veja* são contrários, pois aí o traço [+fechado] é selecionado por *para/prá*, com uma diferença de uma ocorrência. Logo, os traços [+fechado]/ [-fechado] não se mostraram relevantes para determinar a variação das preposições, como afirma a pesquisadora (*op. cit.*, p. 45).

Exemplos de N LOC de traço [-fechado] com a preposição *para/prá*:

- (84) “Antes de **voltar para Portugal**, ele marcou três encontros comigo, ...” (p. E6, n.º 498)
- (85) “...as práticas clientistas e nepotistas não interessam a esta jovem nação democrática, em desenvolvimento **voltada**, agora, (des) complexadamente **para o mérito, competência...**” (p. E10, n.º 498)
- (86) “Eu não sou homem com paciência para lidar com a exagerada burocracia dos bancos, com a mentalidade **voltada para o lucro**, ...” (p.A8, n.º 499)

g) Verbo *regressar*: Demarcação de espaço vs. preposições

O gráfico abaixo ilustra os resultados encontrados.

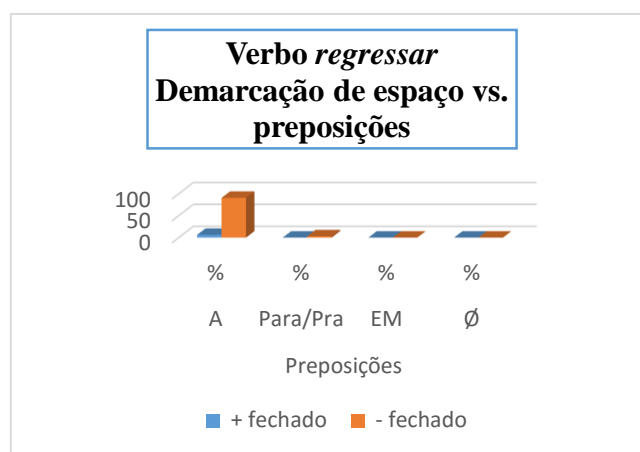


Gráfico 72: Verbo *regressar*: Demarcação de espaço vs. preposições

Os resultados encontrados são semelhantes aos do verbo *voltar*, pois os **N LOC de traço [- fechado] são os mais frequentes com o verbo *regressar*** e ocorrem tanto com a como com para/prá, embora esteja visivelmente claro que são **selecionados quase que exclusivamente por a**, 93,5%.

Por isso, pode-se dizer que o fator condiciona a escolha das preposições, sendo que a preposição a é selecionada pelo traço [-fechado].

Exemplos de Locativos de traço [- fechado] com a preposição a:

- (87) “...venceu o campeonato da segunda divisão e **regressa ao escalão principal.**” (p. A11, n.º 499)
- (88) “O clube Sportivo Mindelense **regressou à liderança** isolada do campeonato regional de S.V.” p. A11, n.º 499
- (89) “... e o Rosariense crónico candidato ao título, venceu o campeonato da segunda divisão e **regressa ao escalão principal.**” (p. A11, n.º 499)

h) Verbo *partir*: Demarcação de espaço vs. preposições

Segue o gráfico com os resultados.

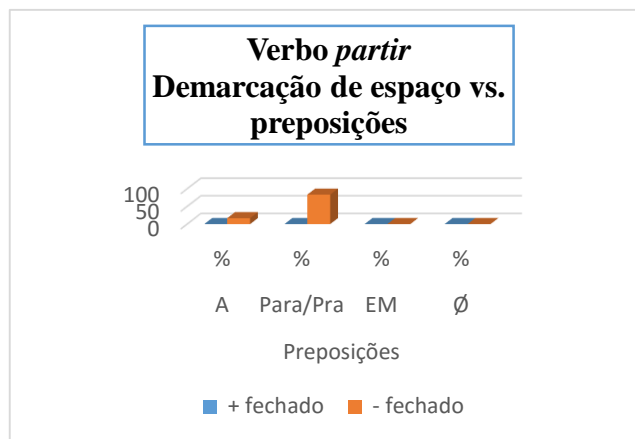


Gráfico 73: Verbo *partir*: Demarcação de espaço vs. preposições

Os dados encontrados para este verbo também não permitem uma análise, pois todos os N LOC que ocorrem são de traço [- fechado] e são quase que exclusivamente selecionados por *para/prá* (83,3%). Só há uma ocorrência com a preposição *a* e aparece com um N LOC de traço [- fechado].

Exemplos de N OC de traço [- fechado] com a preposição *para/prá*:

- (90) “...ambos com 32 pontos à partida para a 16.^a jornada...”(p. A14, n.º 497)
 (91) “...há colegas que são capazes de tudo, de partir para a selvajaria, ...”(p. E6, n.º 498)
 (92) “...são capazes de tudo, de partir para a selvajaria, por isso não podemos ter medo.”
 (p. A7, n.º 499)

(ii) Grau de Definitude vs. preposições

Recapitula-se que este grupo de fatores testado, primeiramente, por Mollica (1996, p.158), Vallo (2006) e, posteriormente, por Wiedemer (2008), que o adaptou dos anteriores, considerando apenas os aspetos semântico-discursivos, é constituído por dois traços, a saber: [+definido]: referente a N LOC de SPREP, conhecidos do falante e do ouvinte, facilmente identificáveis e acompanhados de determinantes artigos definidos, demonstrativos e possessivos; [-definido]: referentes vagos, imprecisos, pouco identificáveis e acompanhados de determinantes indefinidos. Apresenta-se a seguir os resultados encontrados em cada VDM através dos gráficos 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81.

a) Verbo *ir*: Grau de Definitude vs. preposições

Segue o gráfico com os resultados.

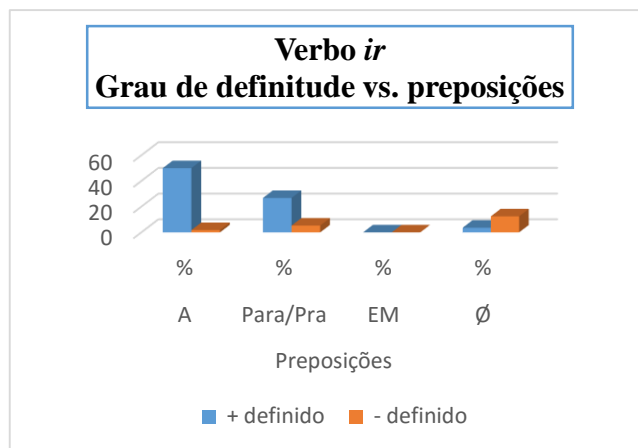


Gráfico 74: Verbo *ir*: Grau de definitude vs. preposições

Os resultados encontrados demonstram que a **maior parte dos N LOC de SPREP são de traço [+definido]**, cerca de 80,4%. Destes, **boa parte ocorre com a preposição a**, 50%, que seleciona exclusivamente N LOC [+definido], seguido de *para/prá* com 26,8% e Ø com 3,6%. Não há ocorrências da preposição *em* com nenhum dos traços. No gráfico, é visível que **o traço [-definido] atua na seleção da elipse da preposição Ø**.

Logo, pode-se dizer que **este grupo de fatores atua na seleção das preposições**, havendo uma distribuição complementar, sendo que: a seleciona o traço [+definido] e Ø o [-definido].

Não é possível fazer uma análise contrastiva com outros estudos, pois, dos aqui resenhados, apenas Costa (2003) analisou dados escritos, porém este grupo de fatores não foi testado.

Exemplos de N Locativos de traço [+ definido] com a preposição a:

- (93) “Quando era assim ele não me deixava **ir à escola**,...” (p.E2 e E3, n.º 494)
 (94) “**Fui imediatamente à polícia**, ...” (p.A5, n.º 497)

Exemplos de N Locativos de traço [- Definido] com a Ø:

- (95) “...os homens **não vão além das 5h41**.” (p. E4, n.º 499)
 (96) “Todos os locais onde vou aproveito para dar-lhe andamento,...” (p. A17, n.º 496)

b) Verbo *vir*: Grau de definitude vs. preposições

Observe-se os gráficos com os resultados.

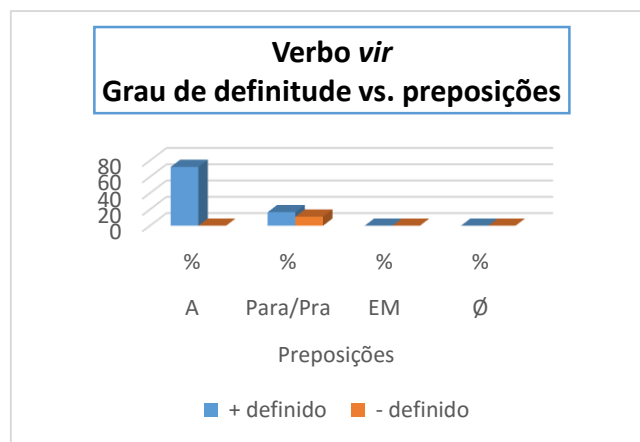


Gráfico 75: Verbo *vir*: Grau de definitude vs. preposições

Aqui também se verifica que uma **maioria expressiva das ocorrências possuem N LOC de SPREP de traço [+definido], 88,9%**, sendo que a preposição a atua na seleção da maior parte desses N LOC, com **72,2%** e as restantes, a preposição para/prá, com 16,7%. As duas únicas ocorrências de N LOC de traço [-definido] são selecionados exclusivamente por para/prá.

Por conseguinte, assim como acontece com o verbo *ir*, há aqui também uma ligeira atuação do grupo de fatores Grau de definitude na escolha das preposições que ocorrem com o verbo *vir*: o traço [+definido] atua na seleção de a e [-definido] para/prá.

Exemplos de N Locativos de traço [+definido] com a preposição a:

- (97) “A edição de mais um livro **vem a caminho...**” (p. A18, n.º 497)
 (98) “Mas o que mais revolta” dizem os signatários do comunicado, “porque a injustiça do fundo”, é o facto de OE “**vir completamente ao arrepio das promessas eleitorais...**” (p. A6, n.º 497)

Exemplos de N LOC de traço [-definido] com a preposição para/prá:

- (99) “...propósitos estes sempre **bem-vindos para qualquer partido** que ambiciona ser poder um dia (p. A6, n.º 495)
 (100) Principalmente por altura das secas, as pessoas dessas duas ilhas **vinham para S. Vicente** trabalhar no carvão... (p. E2, n.º 495)

c) Verbo *chegar*: Grau de definitude vs. preposições

Veja-se os resultados encontrados no gráfico a seguir.

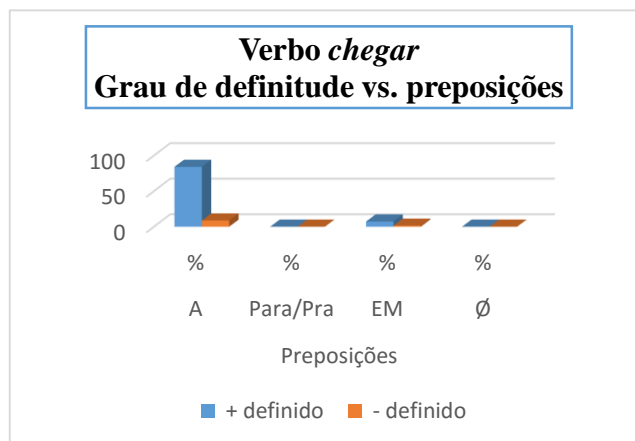


Gráfico 76: Verbo chegar: Grau de definitude vs. preposições

Como se observa, a quase totalidade das ocorrências possui **NLOC de traço [+definido], selecionados maioritariamente pela preposição a, 91,3%**, que também atua na seleção dos de traço [-definido], embora em número reduzidíssimo, 8,7%. A preposição em também seleciona preferencialmente Locativos de traço [+definido], 7,3%. Deste modo, pode-se considerar que **não há uma influência direta deste grupo de fatores na seleção das preposições, pois tanto a como em atuam tendencialmente com Locativos de traço [+definido]**.

Exemplos de ocorrências de traço [+definido] com a preposição a (101 e 102) e em (103 e 104):

- (101) **Chegados ao poder** há oito ou nove meses. (p. A8, n.º 488)
- (102) Estão a **chegar à ilha do Sal**, já em Fevereiro, dois dessalinizadores de mil metros cúbicos de água, ... (p.A8, n.º 489)
- (103) “Sete cidades”, cuja **chegada no Porto da Palmeira** estava prevista para as últimas horas daquele dia. (p. A11, n.º 493)
- (104) Foi algo que aconteceu espontaneamente e quando **cheguei na Holanda**... (p. A17, n.º 496).

Infelizmente, não se pode comparar estes resultados, pois, dos estudos resenhados, apenas Costa (2003), analisa o verbo *chegar*, todavia não chega a testar o grupo de fatores Grau de definitude.

d) Verbo sair: Grau de definitude vs. preposições

Veja-se o gráfico 77.

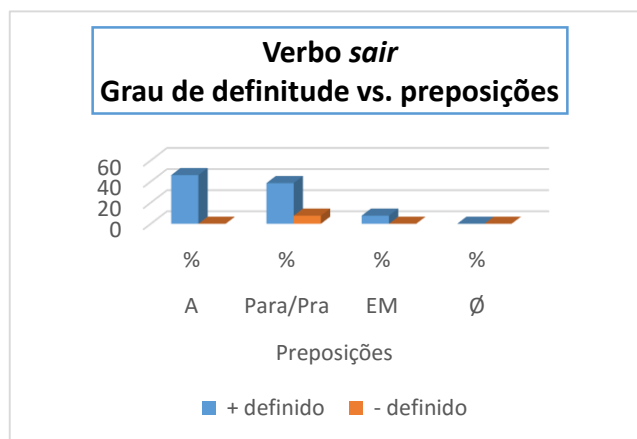


Gráfico 77: Verbo Sair: Grau de definitude vs. preposições

Continuam a **prevaler os N LOC de SPREP de traço [+ definido]** (92,3%) que ocorrem com todas as preposições registradas. Só há uma ocorrência com N LOC de traço [-definido] selecionado por *para/prá*. Assim sendo, não se pode dizer que haja uma influência do grupo de fatores Grau de definitude.

Exemplo de N LOC de traço [-definido] com a preposição *para/prá*:

- (105) Entretanto, questionado se é norma um agente transportar a sua arma durante as **saídas para diversão**. (p. A6, n.º 490)

e) Verbo entrar: Grau de definitude vs. preposições

Como já tinha sido referido na análise dos grupos anteriores, o verbo *entrar* ocorre quase que exclusivamente com a preposição *em* e há apenas duas ocorrências com a preposição *para/prá*. Este resultado inviabiliza o teste com este grupo de fatores já que segundo Mollica (1996, p.158), quanto mais definido o referente, maior é a probabilidade de ser regido por *em*. Neste caso então, para seguir a mesma sequência organizativa da análise, apresenta-se os resultados encontrados através de um gráfico, com o único intuito de verificar se a preposição *em* ocorre realmente apenas com referentes [-definido].

Veja-se então o gráfico.

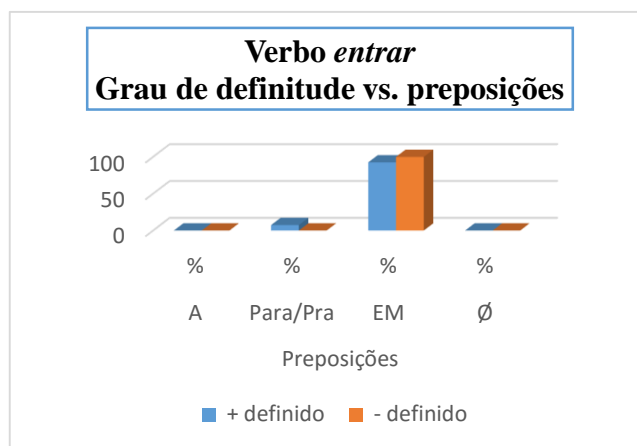


Gráfico 78: Verbo entrar: Grau de definitude vs. preposições

Com este verbo, foram encontrados mais N LOC de traço [+definido], 51,9% do total das ocorrências. Este verbo por si só ilícita a ideia significativa de lugar delimitado espacialmente. No entanto, observa-se que **a preposição *em*, que é a que o verbo seleciona quase com exclusividade, distribui-se, equitativamente pelos dois traços [+definido]/ [-definido]**. Portanto, neste caso, não se concretiza aquilo que Mollica (*op.cit.*) prevê, isto é, que quanto mais definido for o referente, maior é a probabilidade desta preposição ocorrer. Nota-se ainda que os N LOC das duas ocorrências com a preposição *para/prá* são de traço [+definido].

Deste modo, pode-se dizer que, **com o verbo *entrar* o fator Grau de definitude não é eficiente na determinação da escolha das preposições ocorridas.**

Exemplo de N LOC de traço [+definido] com a preposição *em*:

- (106) “Se CV tomar medidas..., **entra na rota do desenvolvimento.**” (p. A4, n.º 490)

Exemplo de N Locativo de traço [+ definido] com a preposição *para/prá*:

- (107) “Por isso impõe-se também um maior rigor na escolha de quem **deve entrar para esta instituição**”. (p. A11, n.º 498)

Exemplos de N LOC de traço [-definido] com a preposição *em*:

- (108) “...entrei **num projeto** de zona”...(p. A11, n.º 498)

f) Verbo *voltar*: Grau de definitude vs. preposições

Neste caso concreto, porque não ocorre a preposição *em*, que é aquela que se procura verificar se realmente é influenciada por N LOC de traço [+definido], testa-se este grupo

de fatores apenas com o intuito de certificar se as outras preposições ocorridas são influenciadas por este grupo de fatores. Observe-se o gráfico 79:

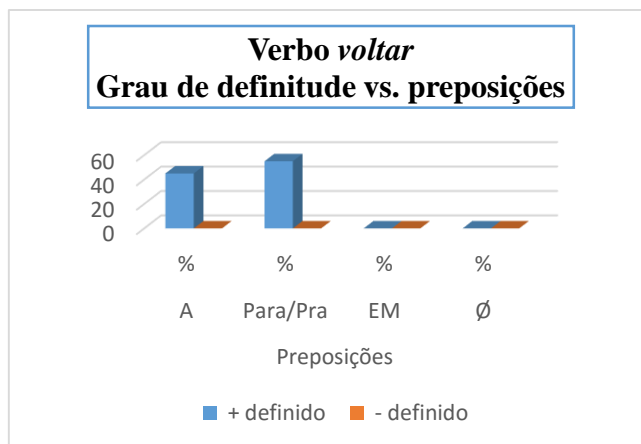


Gráfico 79: Verbo voltar: Grau de definitude vs. preposições

Nota-se que todos os N LOC são de traço [+definido]. Com isso, não se pode determinar se o Grau de definitude é ou não um fator determinante na escolha das preposições regidas pelo verbo *voltar*. No entanto, convém frisar que o fator seleciona preferencialmente a preposição *para/pra*.

Exemplo de N LOC de traço [+definido] com a preposição *a*:

(109) “Feito este parênteses, **voltamos ao tema** que delimitamos no n.º 1.” (p. A18, n.º 488)

Exemplo de N Locativo de traço [+definido] com a preposição *para/pra*:

(110) “...mas sempre com a preocupação de **voltar** em Setembro **para o CSC**.” (p.E3, n.º 495)

g) Verbo regressar: Grau de definitude vs. preposições

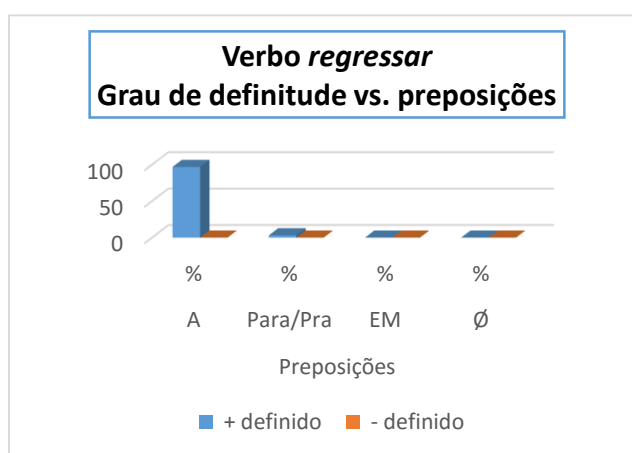


Gráfico 80: Verbo regressar: Grau de definitude vs. preposições

Como se pode observar, os resultados são semelhantes aos do verbo *voltar*, pois todos os N LOC são de traço [+definido]. Por haver uma ocorrência da preposição *para/prá* e todas as outras com *a*, pode-se dizer que estes resultados não permitem determinar se o Grau de definitude é um fator relevante.

h) Verbo *partir*: Grau de definitude vs. preposições

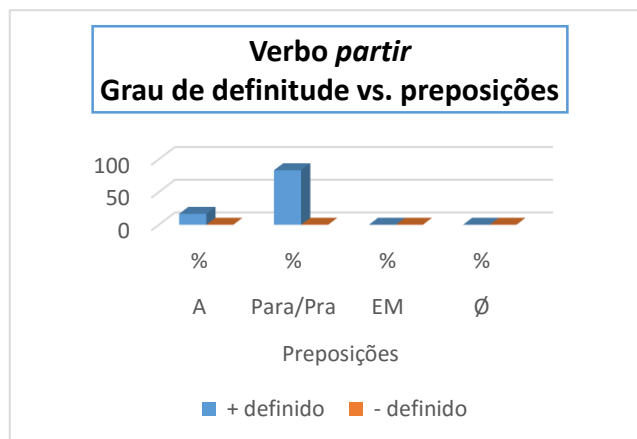


Gráfico 81: Verbo *partir*: Grau de definitude vs. preposições

Os resultados demonstram que continuam a operar os N LOC de traço [+definido] que são selecionados com exclusividade por todas as preposições que ocorrem com o verbo, pelo que, neste caso também não há influência do Grau de definitude na escolha das preposições.

Síntese:

Da análise dos resultados de cada verbo pode-se dizer o seguinte:

1. Os resultados da pesquisa não confirmaram o proposto pelos estudos que analisaram o grupo de fatores Grau de definitude (Mollica 1996), Vallo (2004), Wiedemer, 2008) de que a preposição *em* atrai para si locativos de traço [+definido] e *a* e *para/prá* [-definido], pelo facto de a preposição *em* não ocorrer nos dados escritos da maioria dos verbos.

2. Esta preposição só é produtiva com o verbo *entrar*, mas mesmo assim, há uma distribuição complementar dos traços. Ainda assim, seguiu-se com a análise, todavia no sentido de verificar a produtividade das outras preposições junto aos traços que compõem este grupo de variáveis.

3. Os resultados encontrados revelaram que, com exceção do verbo *partir*, que é mais produtivo com a preposição *para/prá*, **há uma ligeira tendência da**

preposição a selecionar, algumas vezes com exclusividade (verbo *vir*, *sair*, *voltar*, *regressar*), o traço [+definido], contudo, também a preposição *para/prá* ocorre, preferencialmente, com Locativos deste tipo.

(iii) Tempo de Permanência

Antes de mais, convém lembrar que este grupo de fatores é constituído pelos traços [+permanência]/[-permanência], conforme exposto por Mollica (1996, p. 162) e testado por outros estudos descritivos. Neste caso em concreto, após a apresentação dos resultados, compara-se com o estudo de Costa (2003, p. 47), que é o único que analisa dados escritos. Passa-se então a analisar os resultados encontrados em cada verbo, seguido de exemplos que comprovam a tendência encontrada.

a) Verbo *ir*: Tempo de Permanência vs. preposições

O gráfico 82 é bastante elucidativo e permite constatar claramente que **os resultados encontrados demonstram uma distribuição complementar dos traços pelas preposições.**

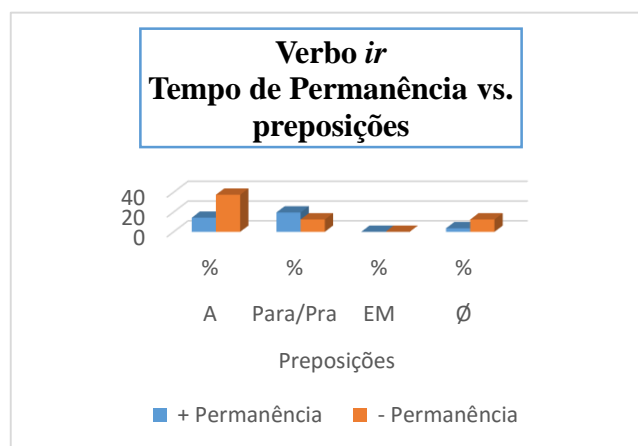


Gráfico 82: Verbo *ir*: Tempo de Permanência vs. preposições

O traço [-permanência] é mais produtivo com a preposição a (37,5%) do total das ocorrências do verbo *ir*, embora não seja exclusiva, havendo também N LOC de traço [+permanência] (14,3%). Este último traço é característico de *para/prá*, com 19,6% contra os 12,5% do traço [-permanência]. A elipse da preposição \emptyset também é mais produtiva com o traço [-permanência] com 12,5% do total do verbo.

Por conseguinte, pode-se afirmar que **há uma influência do grupo de fatores Tempo de Permanência na escolha das preposições que ocorrem com o verbo ir**. Neste caso, confirma-se, parcialmente, o proposto por Mollica (*op.cit.*) e pelas gramáticas tradicionais de que o traço [+permanência] é característico da preposição *para/prá*. Porém é possível encontrar também vários N LOC de traço [-permanência] com a preposição *para/prá*.

É de referir que os resultados encontrados por Costa (*op.cit.*, p. 40) são semelhantes aos desta pesquisa. A estudiosa diz que “Quanto ao traço [+permanência] ou [-permanência], confirma-se parcialmente a regra da gramática, já que somente a preposição *para/prá* foi registrada na indicação de [+ permanência].” Contudo, os resultados provaram também que a preposição *para/prá* ocorre com N LOC de traço [- permanência].

Exemplos de N Locativos de traço [-permanência] com a preposição *a*:

(111) O Praia d’Aguada está a aguardar equipamentos de segurança e **deve ir à vistoria** em finais de Março. (p. A6, n.º 496)

(112) No dia seguinte ao que fui violada, **fui ao tribunal**... (p. A5, n.º 497)

Exemplos de N Locativos de traço [+ permanência] com a preposição *PARA/PRA*:

(113) Isto porque diante de uma tal correria por parte daqueles que contavam **ir mais cedo para a reforma**, ... (p. A7, n.º 495)

(114) ...foi obrigada a deixar para trás toda a vida que tinha construído **para ir para Portugal**... (p. E6, n.º 497)

b) Verbo *vir*: Tempo de Permanência vs. preposições

Veja-se os resultados encontrados no gráfico 83.

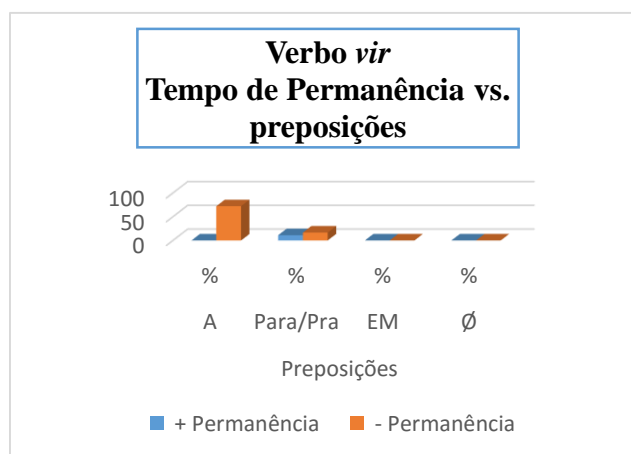


Gráfico 83: Verbo *vir*: Tempo de Permanência vs. preposições

Vê-se claramente que, com este verbo ocorre também uma distribuição complementar dos traços, isto porque, o traço [-permanência] é mais produtivo com a preposição *a*, 72,2% do total das ocorrências, enquanto [+permanência] só ocorre com *para/prá*.

Não é possível fazer uma análise comparativa com os resultados do estudo de Costa (2003, p. 44-45), o único dos estudos descritivos resenhados que analisou dados escritos, pois não foram encontrados dados do verbo *vir* na *Revista Veja*.

Apresenta-se então alguns exemplos de ocorrências do traço [-permanência] com a preposição a:

(115) “... **veio-me à mente** o poema “Caçadores de Heranças” de Osvaldo Osório...”(p. E2 e E3, n.º 489)

(116) “Aliás, Emanuel Barbosa foi o único dirigente que, antes da convenção, **viera a público** manifestar o seu desacordo...” (p. A2-A3, p. 493)

Exemplos das ocorrências do traço [+permanência] com a preposição para/pra:

(117) “Que **venham mais RIU’s, mais TRG’s para o Maio, para a Boa Vista, para o Sal, ...**” (p. A10 e A11, n.º 488)

(118) “...propósitos estes sempre **bem-vindos para qualquer partido** que ambiciona ser poder um dia.” (p. A6, n.º 495)

c) Verbo *chegar*: Tempo de Permanência vs. preposições

Com o verbo *chegar* os resultados encontrados (cf. gráfico 84) revelam que:

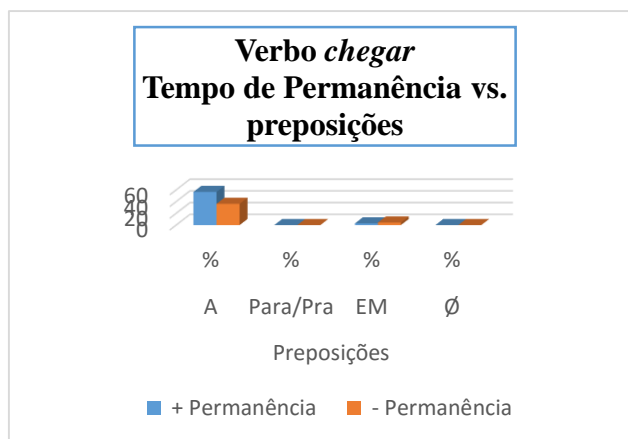


Gráfico 84: Verbo *chegar*: Tempo de Permanência vs. preposições

Há mais N LOC de traço [+permanência (59,4%) do total das ocorrências. No entanto, como se percebe, por não ocorrer a preposição para/pra, o traço [+permanência] é assumido pela preposição a, com 56,5%, sendo que, esta preposição é também produtiva com o traço [-permanência], 36,2%.

Portanto, e porque os resultados encontrados com a preposição em são muito reduzidos, e se distribuem quase que equitativamente pelos dois traços, 2,9% [+permanência] e 4,3%

[-permanência], entende-se que há uma influência direta entre o tempo de permanência e a escolha das duas preposições, pois o traço [+permanência] condiciona o uso da preposição a.

Exemplos do traço [+permanência] com a preposição a:

(119) “Mulher de armas, tem fé que um dia **chegará aos Estados Unidos da América.**” (p. E5, n.º 488)

(120) “**Estão para chegar à ilha do Sal**, já em Fevereiro, dois dessalinizadores de mil metros cúbicos de água, ...” (p. A8, n.º 489)

Exemplos do traço [-permanência] com a preposição a:

(121) “Um camião variava entre 2500 e 3 mil escudos **podendo chegar a 5 mil escudos**, ...” (p. E5, n.º 488)

(122) “...a Banda MR **chegou à cidade da Praia** no último voo da TAAG...” (p. E7, n.º 488)

d) Verbo *sair*: Tempo de Permanência vs. preposições

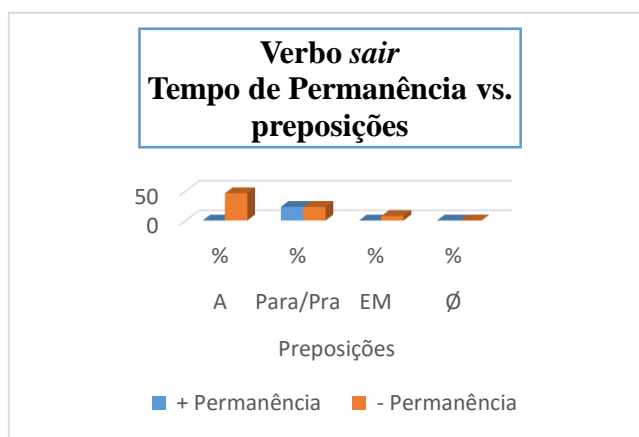


Gráfico 85: Verbo sair: Tempo de Permanência vs. preposições

Neste caso, como mostra o gráfico, **o tempo de permanência interfere na escolha das preposições**, particularmente na preposição a é selecionada exclusivamente por N LOC indicativos do traço [- permanência], enquanto para/prá é produtivo com os dois traços. Quanto à preposição em, há apenas uma ocorrência com características do traço [+permanência]. Logo, pode-se dizer que, embora os dados não sejam tão expressivos de modo a permitir afirmar com segurança que existe uma relação direta entre o tempo de permanência e a escolha das preposições, os resultados revelam uma certa tendência, que poderá ser confirmada em estudos posteriores que contenham um maior número de dados deste verbo.

Veja-se alguns exemplos de ocorrências de traço [-permanência] com a preposição a:

(123) “... , três meninas da noite e do giro...no desespero da falta de petróleo para o candeeiro à noite, **a saírem à rua em busca de luz.**” (p. E9, n.º 491)

(124) “Há já alguns anos que os mandigas do Tarrafal **saem às ruas da Povoação, ...**” (p. E8, n.º 495)

e) Verbo *entrar*: Tempo de Permanência vs. preposições

Apesar de não haver dados suficientes para se fazer uma análise contrastiva, ainda assim apresenta-se o gráfico com os resultados, como forma de seguir a mesma sequência na análise. Assim, segue o gráfico 86:

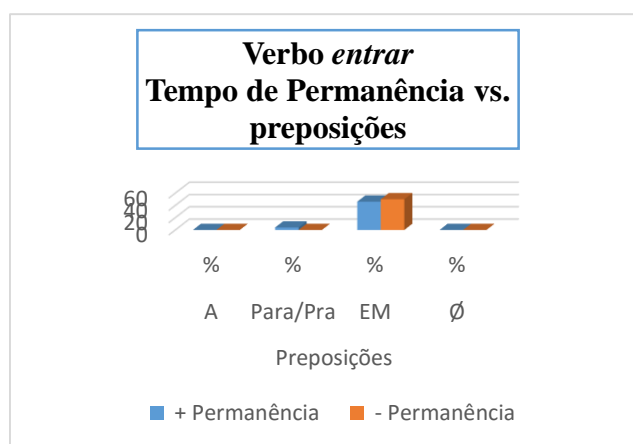


Gráfico 86: Verbo *entrar*: Tempo de Permanência vs. preposições

É de realçar que há uma distribuição equilibrada das ocorrências pelos dois traços. Nota-se também que, a preposição em, que é a mais produtiva, atua na seleção dos dois traços, se bem que haja uma ligeira preferência pelo traço [- permanência]. No entanto, deve-se destacar que, as ocorrências da preposição para/prá atuam exclusivamente na seleção do traço [+permanência], o que, neste caso, mostra algum indício do que as gramáticas tradicionais referem quanto à ideia significativa desta preposição.

Exemplos das ocorrências de para/prá com o traço [+ permanência]:

(125) “...a “creperie” **entrou para o livro de água turística**, de Cabo Verde...”(p. E7, n.º 491)

(126) “Por isso impõe-se também um maior rigor na escolha de quem **deve entrar para esta instituição.**” (p. A11, n.º 498)

(127) “...**entrei para o negócio** da venda de grogue, em 2014, ...” (p E8, n.º 499)

f) **Verbo *voltar*: Tempo de Permanência vs. preposições**

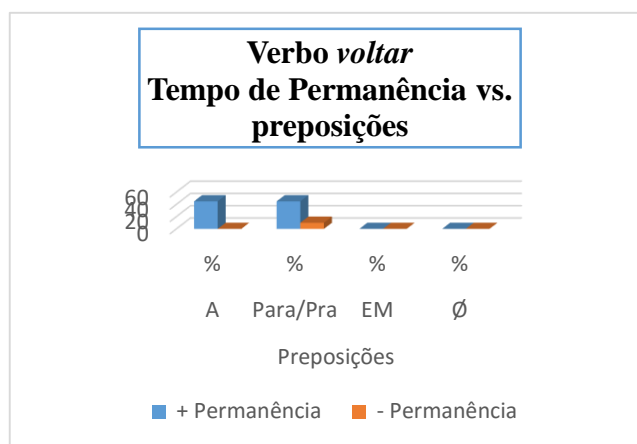


Gráfico 87: Verbo *voltar*: Tempo de Permanência vs. preposições

Neste caso, há uma **distribuição equilibrada do traço [+permanência] pelas duas preposições a e para/prá** (45% cada). O Traço [-permanência] ocorre exclusivamente com para/prá, embora com uma frequência muito reduzida (10%). Logo, pode-se dizer que, com o verbo *voltar* não se verifica uma influência do Tempo de Permanência na escolha das preposições, pois tanto a como para/prá são selecionadas pelo traço [+permanência].

Constata-se, portanto, que os resultados aqui encontrados são diferentes dos de Costa (*op. cit.*, p. 47), pois na pesquisa desta estudiosa, observou-se que é justamente com o verbo *voltar* que o traço Tempo de Permanência revelou-se mais pertinente, sendo que ela justifica os resultados encontrados, reforçando a ideia de que o verbo *voltar* possui a ideia significativa implícita de [+permanência].

g) **Verbo *regressar*: Tempo de Permanência vs. preposições**

Apesar de não ser praticável analisar os dados deste verbo por ele ocorrer quase que exclusivamente com a preposição a (*de entre as trinta e duas ocorrências apenas uma é regida pela preposição para/prá*, sendo que todas as outras são com a), apresentamos ainda assim o gráfico contendo os resultados encontrados após a aplicação do fator Tempo de Permanência. Veja-se então o gráfico 88 que ilustra os resultados:

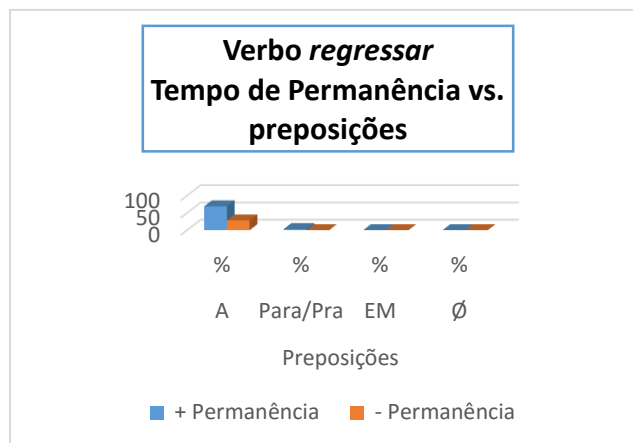


Gráfico 88: Verbo *regressar*: Tempo de Permanência vs. preposições

Constata-se que há mais N LOC de traço [+permanência], que ocorrem quase que exclusivamente com a preposição a (68,8% do total das ocorrências), o que contradiz a ideia de que esta preposição esteja associada à ideia de [-permanência], embora seja também produtiva com este traço. Tal significa não há confirmação da influência do Tempo de permanência no uso das preposições, talvez pelo facto de o verbo *regressar*, por si só, carregar a ideia significativa de [+permanência], daí ser indiferente o uso de uma ou outra das preposições indicadas pela norma padrão.

Alguns exemplos do traço [+ permanência] com a preposição a:

- (128) “...depois de uma experiência mal sucedida em França mal sucedida em França, **regressou a Cabo Verde** e decidiu apostar na agricultura, ...” (p. A10 e A11, n.º 496)
- (129) “José Carlos Correia (JCC) **regressou ao seu quadro de origem**, ...” (p.A4, n.º 491)

Estes dois exemplos ilustram bem o uso do verbo *regressar* com a preposição a no sentido de [+permanência]. Portanto, reforçam a ideia de que o traço [+permanência] não é exclusivo da preposição *para/prá*.

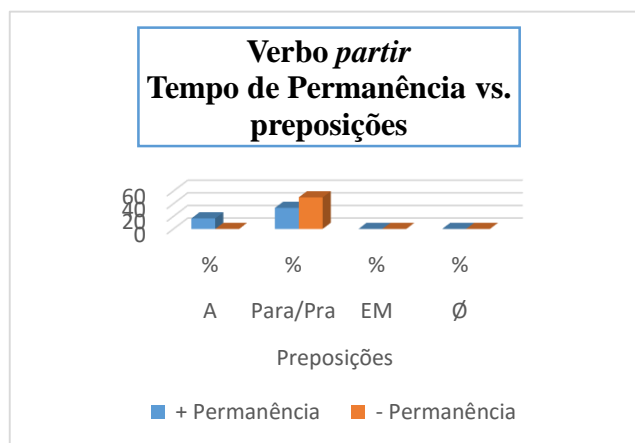
h) **Verbo *partir*: Tempo de Permanência vs. preposições**

Gráfico 89: Verbo partir: Tempo de Permanência vs. preposições

Pela visualização do gráfico, percebe-se que continua a tendência até aqui verificada, ou seja, de **o traço [- permanência] estar mais associado à preposição *para/prá***, com 50% das ocorrências, embora, a preposição ocorra também em contextos de traço [+permanência], 33%. Facto digno de realce é que a única ocorrência com a preposição *a* é de traço [+ permanência], o que reforça ainda mais a tendência até agora constatada.

Na verdade, o verbo *partir* também carrega consigo uma ideia significativa implícita de [+permanência], o que neste particular não se confirma, pois os resultados demonstram uma distribuição equitativa pelos dois traços [+permanência]/[-permanência].

Exemplos de ocorrências de traço [-permanência] com a preposição *para/prá*:

(130) “...ele **partia para cima dele** e depois brigava comigo, ...” (p. E2 e E3, n.º 494)

(131) “...ambos com 32 pontos **à partida para a 16.ª jornada...**” (p. A14, n.º 494)

(132) “...há colegas que são capazes de tudo, de **partir para a selvajaria...**”(p. E6, n.º 498)

Exemplo de ocorrência de traço [+permanência] com a preposição *a*:

(133) Os tambarinas **partem à procura da paz interna...**p. A6, n.º 488)

(iv) Configuração do Espaço

Relembra-se que este traço é recuperado de Wiedemer (2008) e que, dado à dificuldade de se categorizar alguns dos N LOC de SPREP, encontrados na presente pesquisa, aplicando apenas os traços indicados pelo pesquisador supracitado, acrescentou-se mais duas categorias: Lugar Espaço Social (LES) e Lugar Conceito Abstrato (LCA). Assim sendo, os traços a serem analisados seguem a seguinte sequência: LE (Lugar Evento), LO

(Lugar Objeto), LEG (Lugar Espaço Geográfico), LI (Lugar Instituição), LIP (Lugar Instituição Personificada), Lugar Espaço Social (LES) e Lugar Conceito Abstrato (LCI); Seguem então as tabelas relativas aos resultados encontrados em cada um dos VMD.

a) **Verbo *ir*: Configuração do espaço vs. preposições**

Veja-se os resultados na tabela a seguir:

Tabela 10: Verbo *ir*: Configuração do Espaço vs. preposições

Verbo <i>ir</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		\emptyset		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	9	16,1	2	3,6	0	0	6	10,7	17	30,4
Lugar Objeto	1	1,8	3	5,3	0	0	0	0	4	7,1
Lugar Espaço Geográfico	3	5,4	5	8,9	0	0	1	1,8	9	16,1
Lugar Espaço Social	1	1,8	0	0	0	0	0	0	1	1,8
Lugar Conceito Abstrato	7	12,5	4	7,1	0	0	2	3,6	13	23,2
Lugar Instituição	7	12,5	3	5,3	0	0	0	0	10	17,8
Lugar Inst. Personificada	1	1,8	1	1,8	0	0	0	0	2	3,6
Total das preposições	29		18		0		9		56	100

Os resultados ilustrados através da tabela permitem verificar que ocorrem todos os traços, embora esteja bem evidente que há alguns, como o [Lugar evento] (LE), que têm uma frequência bem mais alta (30,4%) que outras como [Lugar Espaço Social] (LES) (1,8%). Quanto à distribuição dos traços pelas preposições, observa-se o seguinte: os contextos que mais caracterizam o uso de *a* são os em que ocorrem os traços LE (16,5%), [Lugar Instituição] (LI) e Lugar Conceito Abstrato (LCA) (12,5%, respectivamente), enquanto *para/pra* é favorecida por contextos em que ocorrem os traços [Lugar objeto] LO e [Lugar espaço geográfico] (LEG).

Estes resultados são parcialmente confirmados pelos de Wiedemer (2008, p. 88), já que nos dois estudos o contexto que se delineia como particular da preposição *a* é LE. Porém, se diferem no que toca aos contextos de uso de *para/pra*, pois na pesquisa supracitada, não há contextos particulares de uso da preposição.

Por conseguinte, pode-se dizer que o grupo de fatores Configuração do Espaço interfere parcialmente na escolha das preposições quando se usa o verbo *ir* com o sentido de movimento de direção.

Veja-se os exemplos de contexto de uso de a com o traço LE:

(134) “O MPD, por seu lado, **vai à convenção** marcada para 3 e 4 de Fevereiro” (p. A6 e A7, n.º 488)

(135) “Contamos com muito apoio quando **vamos às provas**, ...” (p.A8, n.º 495)

(136) “O Praia d’Aguada está a aguardar equipamentos de segurança e deve **ir à vistoria** em finais de Março.” (p. A6, n.º 496)

Exemplos de contextos de uso de para/prá com o traço LEG:

(137) “Depois **foi para Lisboa** e aqui, diz, teve uma mudança quantitativa e qualitativa” (p. E2, n.º 491)

(138) “O interesse geral, quase sempre, é **ir para S. Vicente** assistir ao desfile de Carnaval, ...” (p. E8, n.º 495)

(139) “...foi obrigada a deixar para trás toda a vida que tinha construído para **ir para Portugal**...” (p. E6, n.º 497)

b) Verbo *vir*: Configuração do espaço vs. preposições

Apresentam-se agora os resultados encontrados com o verbo *vir*. Observe-se a tabela:

Tabela 11: Verbo *vir*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>vir</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		\emptyset		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	1	5,6	2	11,1	0	0	0	0	3	16,7
Lugar Objeto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Espaço Geográfico	1	5,6	1	5,6	0	0	0	0	2	11,2
Lugar Espaço Social	4	22,2	2	11,1	0	0	0	0	6	33,3
Lugar Conceito Abstrato	7	38,8	0	0	0	0	0	0	7	38,8
Lugar Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	13		5		0		0		18	100

Visualizando a tabela, percebe-se que o cenário é diferente do verbo anterior. Neste caso, o tipo de **espaço mais usado com o verbo *vir* é o LES (22,2%) e o LCA (38,8%), sendo que este último ocorre, exclusivamente, em contextos de uso da preposição a**. Estes dois traços já se tinham revelado pertinentes na seleção de *a* com o verbo *ir*, o que mostra uma certa tendência a desenhar. Contudo, o LE que se tinha mostrado característico de a, agora passa a ser preferido por para/prá, embora a diferença seja de apenas uma

ocorrência e LEG distribui-se equitativamente por *a* e *para/prá*. Portanto, aqui também o grupo de fatores tem alguma influência sobre a escolha das preposições, particularmente, na seleção da preposição *a*.

Não se pode fazer uma análise comparativa com Wiedemer (*op. cit.*), pois o pesquisador só analisou o verbo *ir*.

Exemplos de *a* em contextos de traço LCA (140 e 141) e LES (142):

(140) “..., **veio-me à mente** o poema “Caçadores de Heranças” de Osvaldo Osório...” (p. E9, n.º 489)

(141) “...tudo **veio à tona** na semana passada, ...” (p.7, n.º 493)

(142) “Aliás, Emanuel Barbosa foi o único dirigente que, antes da convenção, **viera a público** manifestar o seu desacordo...” (p. A2-A3, n.º 493)

c) Verbo *chegar*: Configuração do espaço vs. preposições

Tabela 12: Verbo *chegar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>chegar</i>	preposições									
	A		Para/Pra		Em		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	7	10,1	0	0	0	0	0	0	7	10,1
Lugar Objeto	6	8,7	0	0	2	2,9	0	0	8	11,6
Lugar Espaço Geográfico	23	33,3	0	0	3	4,3	0	0	26	37,6
Lugar Espaço Social	1	1,5	0	0	0	0	0	0	1	1,5
Lugar Conceito Abstrato	15	21,8	0	0	0	0	0	0	15	21,8
Lugar Instituição	7	10,1	0	0	0	0	0	0	7	10,1
Lugar Instit. Personificada	5	7,3	0	0	0	0	0	0	5	7,3
Total das preposições	64		0		5		0		69 100	

Da análise do gráfico observa-se que, os resultados do verbo *chegar* revelam que os traços LEG e LCA são os mais produtivos (37, 6% e 21,8%, respetivamente) e são selecionados, preferencialmente, pela preposição *a*, que atua também na seleção de todos os outros traços. Portanto, neste caso, o grupo de fatores não determina a escolha das preposições usadas, sendo que a preposição *a* é preferida independentemente do tipo de espaço a que o N LOC de SPREP se refere.

Exemplos de uso de *a* com o traço LEG:

(143) “..., que uma obra publicada na Praia, **chegue a São Vicente**, a qualquer outra ilha...”(p. A8, n.º 488)

(144) “A notícia **não chegou a Cabo Verde** porque perdeu-se no Atlântico. “ (p. A 14, n.º 489)

d) Verbo *sair*: Configuração do espaço vs. preposições

Tabela 13: Verbo *sair*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>Sair</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/pra</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	0	0	4	30,8	1	7,7	0	0	5	38,5
Lugar Objeto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Espaço Geográfico	0	0	2	15,4	0	0	0	0	2	15,4
Lugar Espaço Social	6	46,1	0	0	0	0	0	0	6	46,1
Lugar Conceito Abstrato	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	6		6		1		0		13	100

Apesar dos dados serem reduzidos, pode-se perceber uma certa influência do grupo Configuração de Espaço atuando na escolha das preposições pois, os resultados mostram que os traços LE e LEG atuam exclusivamente na seleção de *para/pra* e LES na seleção de *a*, o que quer dizer que há uma distribuição complementar e que, por conseguinte, o grupo de fatores revelar-se significativo. Todavia, a confirmação desta tendência seria efetiva se os dados fossem em maior número.

Exemplo de ocorrência de traço LES com a preposição *a*:

(145) “...três meninas da noite e do giro... no desespero da falta de petróleo para o candeeiro à noite, a **saírem à rua** em busca de luz, ...” (p. E9, n.º 491)

Exemplo de ocorrência de traço LE e LEG (331, 332) com a preposição *para/pra*:

(146) Entretanto, questionado se é norma um agente transportar a sua arma durante as **saídas para diversão**, ... (p. A6, n.º 491)

(147) ...as portas para uma possível futura **saída para o estrangeiro** poderão estar abertas. (p.10, n.º498)

e) Verbo *entrar*: Configuração do espaço vs. preposiçõesTabela 14: Verbo *entrar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>entrar</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		\emptyset		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	0	0	1	2	28	56	0	0	29	58
Lugar Objeto	0	0	0	0	9	18	0	0	9	18
Lugar Espaço Geográfico	0	0	0	0	2	4	0	0	2	4
Lugar Espaço Social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Conceito Abstrato	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instituição	0	0	1	2	9	18	0	0	10	20
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	0		2		48		0		50	100

Como se vem fazendo, a aplicação deste grupo de fatores, neste caso, não é no sentido de determinar que traços atuam na escolha das preposições, já que o verbo *entrar* ocorre quase que exclusivamente com a preposição *em*. Este teste serve apenas para observar o comportamento dos traços junto ao verbo.

Como se pode verificar, o traço **LE** é o mais produtivo e ocorre quase que exclusivamente com *em* (56%) e apenas 2% com *para/prá*. As outras ocorrências com a preposição *em* distribuem-se pelos traços LO e LI, com 18% cada e LEG com 4%. LI, conta também com uma ocorrência com *para/prá*.

f) **Verbo *voltar*: Configuração do espaço vs. preposições**

Tabela 15: Verbo *voltar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>voltar</i>	preposições									
	<i>a</i>		<i>para/prá</i>		<i>em</i>		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	3	15	6	30	0	0	0	0	9	45
Lugar Objeto	1	5	0	0	0	0	0	0	1	5
Lugar Espaço Geográfico	3	15	2	10	0	0	0	0	5	25
Lugar Espaço Social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Conceito Indeterminado	1	5	1	5	0	0	0	0	2	10
Lugar Instituição	1	5	2	10	0	0	0	0	3	15
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	9		11		0		0		20 100	

A aplicação do grupo de fatores ao verbo *voltar* demonstra que é possível encontrar N LOC correspondentes a quase todos os traços, à exceção de LES e LI.P. Os resultados revelam uma distribuição complementar dos traços, sendo que: LE continua a ser o traço mais produtivo, atuando, preferencialmente, nos contextos de ocorrência de *para/prá* (30%); LO é exclusivo de *a*, LEG e LI, atuam preferencialmente com *para/prá* e LCA distribuiu-se por *a* e *para/prá*.

Deve-se realçar uma certa contradição dos resultados, quando o LE, que normalmente associa-se à ideia de algo efêmero se mostrar mais atuante com *para/prá*.

g) Verbo *regressar*: Configuração do espaço vs. preposições

Tabela 16: Verbo *regressar*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>regressar</i>	preposições									
	A		Para/Pra		Em		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	13	40,6	1	3,1	0	0	0	0	14	43,7
Lugar Objeto	3	9,4	0	0	0	0	0	0	3	9,4
Lugar Espaço Geográfico	10	31,3	0	0	0	0	0	0	10	31,3
Lugar Espaço Social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Conceito Indeterminado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instituição	5	15,6	0	0	0	0	0	0	5	15,6
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	31		1		0		0		32 100	

Continua a prevalecer a ocorrência do traço LE, que atua quase que massivamente com a preposição a (40,6%), seguido dos traços LEG e LI, que selecionam, exclusivamente, a mesma preposição.

Por conseguinte, pode-se dizer que o grupo de fatores não condiciona a escolha das preposições, pois a o verbo *regressar* rege, quase que exclusivamente a preposição a, embora se verifique uma tendência do traço LE atuar melhor na escolha desta preposição.

Exemplos de ocorrências do traço LE com a preposição a:

- (148) “Os Tubarões, que **regressam ao ativo** em 2015, estão a preparar um novo disco, ...” (p. E2, n.º 488)
- (149) “O Desportivo **regressou às vitórias** na jornada passada...” (p. A13, n.º 489)

h) Verbo *partir* : Configuração do espaço vs. preposições

Tabela 17: Verbo *partir*: Configuração do espaço vs. preposições

Verbo <i>partir</i>	preposições									
	A		Para/Pra		Em		Ø		Total Geral	
Configuração de espaço	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Lugar Evento	1	16,7	4	66,6	0	0	0	0	5	83,3
Lugar Objeto	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Espaço Geográfico	0	0	1	16,7	0	0	0	0	1	16,7
Lugar Espaço Social	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Conceito Indeterminado	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instituição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lugar Instit. Personificada	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Total das preposições	1		5		0		0		6 100	

Continua a prevalecer a ocorrência do traço LE. Todavia, ao contrário dos outros VMD, seleciona, preferencialmente, a preposição *para/prá* (66,6%). O reduzido número de ocorrências do verbo *partir*, não nos permite afirmar, com certeza, que esta seja uma tendência deste verbo.

Exemplos de ocorrências de traço LE com a preposição *para/prá*:

(150) “...ele **partia para cima dele** e depois brigava comigo, ...” (p.E2 e E3, n.º 494)

(151) “..., que os africanos **devem partir para a renegociação** do Estatuto de Roma, ...” (p.A14, n.º 496)

Síntese

Da análise dos resultados obtidos nos dados escritos relativamente à atuação do fator Configuração do Espaço junto dos VMD, pode-se tirar as seguintes conclusões:

1. O fator atua de forma diversa entre os VMD pois, nalguns mostra ter alguma influência na seleção das preposições, porém noutros é pouco relevante, particularmente nos contextos em que os VMD tendem a selecionar apenas uma determinada preposição;
2. **Verbo *ir***: o grupo de fatores interfere na seleção das preposições, particularmente o traço LE que se mostrou produtivo na seleção da preposição *a*;
3. **Verbo *vir***: há também uma certa influência deste fator na escolha das preposições, sendo que LCA é o traço que atua exclusivamente na seleção da preposição *a* e LES também seleciona a preposição *a* em detrimento de *para/prá*;

4. **Verbo *chegar***: a configuração de espaço não mostra ser um fator condicionador, na medida em que o verbo seleciona, maioritariamente, a preposição a (64 das 69 ocorrências deste verbo), que é preferida pelo traço LEG;
5. **Verbo *sair***: também recebe influência do fator configuração de espaço pois, há uma distribuição complementar das preposições, ou seja: LES atua na escolha da preposição a e LE e LEG na seleção de para/prá;
6. **Verbo *entrar***: não se aplica por este verbo operar quase que exclusivamente com uma preposição, em, que é condicionada preferencialmente pelo LE;
7. **Verbo *voltar***: nota-se a influência do fator, sendo que o traço LE é o que atua melhor na seleção da preposição a;
8. **Verbo *regressar***: o fator não se mostra importante pois, as ocorrências deste verbo são exclusivamente com a preposição a que é condicionada pelo traço LE
9. **Verbo *partir***: os resultados encontrados com este verbo inviabilizam a análise deste fator, já que assim como os verbos *chegar*, *entrar* e *regressar* opera quase que exclusivamente com uma das preposições o que não permite uma análise contrastiva.

Concluindo: da análise dos dados escritos relativamente a cada um dos fatores linguísticos, pode-se dizer que não há um padrão, ou seja, uma tendência de atuação de um dos fatores na escolha das preposições que ocorrem em cada um dos VMD.

Os VMD analisados revelam diferentes comportamentos pelos que se pode afirmar que nenhum dos fatores linguísticos analisados parece ter influência sobre a escolha das preposições. No entanto deve-se frisar que, em alguns casos, o reduzido número de ocorrências não permite tirar conclusões, pelo que, o que se pode dizer é que, a escrita continua a seguir o que as GN preveem quanto à regência dos VMD, independentemente da influência de um fator linguístico ou não.

3.3 A percepção das variáveis: análise do teste de atitudes

O teste de percepção das variáveis apresenta importantes contribuições a este estudo, no sentido em que conhecer a atitude dos falantes para com as variantes que utilizam é um contributo importante para se aquilatar do seu estado de consolidação e, por conseguinte,

da força do sentido da mudança linguística quanto à regência variável dos VMD estudados, ou seja, se estará numa fase de produção individual dos falantes, de variação estável, em curso ou em progresso ou consolidação, no sentido de ser plenamente aceite e usada pelos falantes, tratando-se, neste caso, de uma possível característica do PCV.

Realizado num contexto mais formal, aos informantes foi pedido que lessem as frases e que opinassem a respeito de cada uma, no concernente ao uso das diferentes preposições (*a, para/prá, em, Ø*) com cada um dos verbos. Como se poderá constatar, os resultados encontrados (cf. anexo 9) demonstram que, se nalguns casos, a reação dos informantes relativamente às suas sentenças produzidas em situação natural de entrevista é positiva, noutros casos não. Ainda, se comparados os resultados encontrados nos dois géneros (masculino e feminino), as opiniões divergem quanto à realização de algumas variáveis o que pode revelar certas tendências de uso. Senão veja-se:

3.3.1 Aceitação das variantes com o verbo *ir* – Tempo-modo verbal

Analisa-se o comportamento dos informantes relativamente ao uso das preposições com determinados tempos-modos.

Para o efeito, cf. as tabelas 18, 19, 20 21 e 22, em que A significa Aceitação e N/A não aceitação.

Tabela 18: Verbo *ir* no infinitivo: atitudes vs. das preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo Ir						
Ir à praça era uma coisa de outro mundo/	6	0	100	6	0	100
Quando não tem nada de fazer tem de então ir para campo trabalhar/	0	6	0	1	5	16,7
Eu gostava mais da Assomada de antes: ir na casa dos vizinhos, ficar na rua a contar histórias/	1	5	16,7	3	3	50

Como se pode observar através dos dados da tabela, por um lado, tanto os informantes do sexo masculino como os do feminino **avaliam positivamente** o uso do **verbo *ir* no infinitivo** com a **variável *a*** com sentido de [-permanência] (100%). Por outro lado, os **informantes de ambos os sexos não aceitam a realização** (0%) da variável ***para* com sentido de [-permanência]**, dados esses que confirmam a consciência e aceitação do prescrito pelas GN, lembrando que a preposição *para/prá* quando usada com os verbos de movimento, normalmente tem sentido de [+permanência].

Todavia, há alguma divergência quanto à percepção do uso da **variável *em*, com o infinitivo**. Por exemplo, enquanto os **homens avaliam negativamente** a realização da variante (16,7%), há uma **avaliação positiva por parte das mulheres** (50%), uma diferença de 33,3%, o que demonstra que estas estão mais abertas a inovações. Estes últimos dados vão no sentido contrário de alguns estudos, especialmente dos de Labov (1972), que demonstra que as mulheres tendem a usar mais as formas padrão de uma língua com maior frequência do que os homens, pois, normalmente, o papel que é atribuído às mulheres nas sociedades (o de serem modelos para os filhos) assim o exige.

Os resultados com o **imperfeito do indicativo** são diferentes (cf. tabela 19):

Tabela 19: Verbo *Ir* no imperfeito: Atitudes vs. uso das preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Nos dias da semana, de manhã ia às aulas .	6	0	100	6	0	100
Eu ia pra cama antes das dez//	5	1	83,3	6	0	100
Iam todos para uma casa assistir a telenovela.	5	1	83,3	4	2	66,7
Iam na “lantuna” apanhar os filhos/	3	3	50	4	2	66,7
Eu me lembro dos professores que nos deixavam na sala iam ninguém sabe para onde /	3	3	50	3	3	50

Nota-se que, as avaliações tanto dos **homens como das mulheres** são **positivas** quanto à realização de **todas as variantes**, ou seja: **aceitam o uso da preposição *a*** com sentido de [-permanência] (100%). Contudo, opinam **positivamente quanto ao uso da variável *para/prá*** tanto com sentido de [+permanência] (83,3%) como com sentido de [-permanência] (100%), o que revela que não fazem distinção do uso desta variável relativamente à aplicação deste traço, ou seja, **aceitam esta variação com este verbo**. Ainda, ao contrário dos resultados anteriores, estes indicam que todos os informantes **aceitam a realização com a preposição *em***, variante não padronizada, embora haja uma maior aceitação por parte das mulheres do que nos homens (66,7% contra 50%), 16,7% de diferença, o que continua a demonstrar uma **maior abertura por parte das mulheres quanto à realização não aceite pelas gramáticas normativas**.

Passando para o uso das preposições com o **verbo *ir* no presente**, cf. a tabela 20.

Tabela 20: Verbo *ir* no presente: atitudes vs. uso das preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo ir						
Vou na Câmara denunciar/	0	6	0	1	5	16,7
Nos domingos cada um muitas pessoas vão para as atividades religiosas/	6	0	100	6	0	100
Vamos a qualquer tipo de entrevista de emprego há lá o domínio do francês e do inglês/	4	2	66,7	5	1	83,3

Fica evidente a **não-aceitação da preposição *em*** tanto por parte das mulheres como dos homens (0%/ 16,7%), enquanto **as outras variáveis (*a, para/ pra*) são avaliadas positivamente por todos os informantes**. No entanto, é de ressaltar que, mais uma vez, a variante *para/prá* é usada com sentido de [-permanência], mas mesmo assim é avaliada positivamente, o que vai em sentido contrário às GN.

Relativamente aos resultados para o **pretérito perfeito indicativo**, cf. tabela:

Tabela 21: Verbo ir no Pretérito Perfeito: atitudes vs. uso das preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo ir						
Domingo passado fui às Tendas El Shaday/	6	0	100	5	1	83,3
Já fui pra Santo Antão/ Porto.	3	3	50	4	2	66,7
A maioria das pessoas da cidade de Assomada a maioria foi para a Praia/	4	2	66,7	4	2	66,7
Não fui propriamente na cidade/	5	1	83,3	3	3	50
Praia de mar eu fui muito pouco/	4	2	66,7	3	3	50

Ao contrário dos dados anteriores, os resultados mostram que **todas as variáveis são avaliadas positivamente**, mesmo a **variável *em***, que até ao momento vinha sendo avaliada negativamente pelos homens. No caso, salienta-se o facto de ser mais aceite pelos homens do que pelas mulheres (83,3% contra 50%).

Noutros tempos e modos verbais, verifica-se um cenário muito semelhante aos contextos anteriores (cf. tabela 22):

Tabela 22: Verbo ir no Presente: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo ir						
O estado devia estar melhor preparado para colmatar ... essas lacunas dando oportunidade por exemplo às crianças irem pra escola no período contrário da lecionação normal/	4	2	66,7	4	2	66,7
É preciso ires à Câmara e continuar a denunciar/	5	1	83,3	4	2	66,7
Eu não me lembro de ter ido ao parque/ não havia mesmo/	5	1	83,3	5	1	83,3
Eu posso dizer a uma amiga/ vamos no parque	0	6	0	0	6	0

A avaliação continua **positiva** para as **variáveis a e para/prá**. Esta preposição é aceite com sentido de [- permanência], embora em menor percentagem do que nos casos anteriores. Situação diferente para a **variável em** que, aqui foi **avaliada negativamente** por ambos os sexos (0%, respetivamente).

Em suma:

Da leitura global dos resultados obtidos com o **verbo *ir***, pode-se constatar o seguinte:

1. Há uma oscilação no grau de aceitabilidade de cada uma das preposições nos diferentes contextos de uso;
2. Apesar do referido em 1, nota-se uma **maior tendência de aceitação do uso da variável a**, em todos os contextos de uso, o que já não acontece com as outras preposições, cujos resultados variam.
3. Com efeito, embora a construção com **para/prá** seja avaliada positivamente, apresenta um **menor grau de aceitabilidade** do que **a**, e percebe-se que, em na maioria dos casos, não se distingue o seu uso quanto ao traço [\pm permanência];
4. A avaliação da **preposição em**, também **oscila em função do sexo**: ela é **melhor aceite pelas mulheres do que pelos homens**, que só aceitam o seu uso nos pretéritos (perfeito e imperfeito);
5. Portanto, com o **verbo *ir***: i) a **preposição a** continua a ser **altamente produtiva** contrariamente ao que é demonstrado em alguns estudos descritivos apresentados na parte teórica; ii) A preposição **em**, que não é aceite pelas gramáticas normativas, é avaliada positivamente em alguns casos, como por exemplo, 50% das mulheres aceita o uso de **em** com o verbo no infinitivo, embora se possa afirmar que o seu índice de aceitação ainda seja muito inferior se comparado com a outras duas preposições; iii) o mesmo acontece com a elipse da preposição (\emptyset), que embora ocorra, seu grau de aceitabilidade seja ainda menor do que as outras preposições.

3.3.2 Aceitação das variantes com o verbo *vir*

Para as **atitudes em relação ao uso das variáveis com o verbo *vir***, cf. **tabela 23**.

Antes de mais, deve-se dizer que, devido à baixa frequência de realização deste verbo na situação natural de entrevista, pelas razões anteriormente apontadas (confusão com o verbo *ver*), não é possível encontrar todas as variantes em todos os tempos-modos

propostos. Por isso decidiu-se apresentar os dados num único bloco para melhor visualização e economia de espaço.

Tabela 23: Verbo *vir*: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo Vir						
Ela vinha para escola num tipo de Bedford do pai que era motorista.	5	1	83,3	6	0	100
Veio cá praticamente ninguém nesse salão enorme lá no liceu/	0	6	0%	0	6	0%
Vieram logo para Assomada ficar cá/ fixar residência aqui/	6	0	100	4	2	66,7
Depois eu vim pro ciclo preparatório e tive o privilégio de ter muitos colegas/	4	2	66,7	4	2	66,7
É a primeira coisa que me vem à memória /	6	0	100	5	1	83,3
Ela por exemplo vem para praça vai para o polivalente se houver algum atividade/	1	5	16,7	2	4	33,3
Quando uma pessoa ao entrar na fase digamos assim de doença mental/ ao vir para a Assomada fica pior/	5	1	83,3	3	3	50
Tem muito fluxo de pessoas que querem vir mesmo à cidade /	5	1	83,3	1	4	16,7
Há uns é que optam pra vir pra cidade / mas há outros é que continuam no interior por causa dos seus animais.	5	1	83,3	4	2	66,7

Com o verbo *vir* no pretérito imperfeito, constatou-se que só se usou a preposição *para/prá* que, por conseguinte, é avaliada positivamente pelos informantes de ambos os sexos (MAS, 83,3%; FEM, 100%). Ainda, verifica-se que a preposição é usada indistintamente com sentido de [± permanência].

Quanto ao pretérito perfeito, como ficou provado na análise dos dados das entrevistas, a ocorrência do verbo é apenas com as preposições *para/prá* e *em*. Mas, ao se aplicar o teste verificou-se que os informantes apresentaram reações negativas em relação à preposição *em* com 0% de aceitação por ambos os sexos. No concernente à preposição *para/prá*, as reações foram positivas para os informantes de ambos os sexos, embora a aceitação seja maior da parte dos homens.

Quanto ao **presente**, os informantes manifestam percepções positivas referente à preposição **a** (100% e 83,3%, respetivamente), porém o mesmo já não acontece com **para/prá** que é avaliada negativamente por ambos os sexos (16,7% e 33,3%, respetivamente).

Os resultados obtidos com o verbo no **infinitivo** são muito próximos aos obtidos com o presente. Os informantes de **ambos os sexos avaliam negativamente a preposição para/prá** (16,7% e 33,3%) enquanto **a** é avaliada **positivamente pelos homens** (83,3%) e **negativamente pelas mulheres** (16,7%).

Portanto, numa **visão geral da percepção** dos informantes em relação ao **verbo vir**, constata-se que continua a haver uma preferência pela preposição **a**, que só é avaliada negativamente pelas mulheres no infinitivo, caso excecional até agora encontrado. Em relação a **para/prá** e **em** não são aceites na maioria dos casos, sendo que **para/prá** é aceite apenas no tempo passado (pretéritos perfeito e imperfeito).

3.3.3 Aceitação das variantes com o verbo *chegar*

Os resultados encontrados com o **verbo chegar** podem ser consultados na tabela 24:

Tabela 24: Verbo chegar: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/MAS			INF/FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo chegar						
As empresas chegaram ao seu ponto máximo .	3	3	50	5	1	83,3
Há muitos alunos que chegam no ensino superior e ainda não conseguem formar frases em português/	5	1	83,3	4	2	66,7
No dia-a-dia chegam-nos requerimentos à mão / cartas à mão com pedido de toda a ordem/	4	2	66,7	5	1	83,3
Chego ao trabalho às sete e meia/	6	0	100	5	1	83,3
Ao chegar num local /...falam as pessoas que dominam o português.	2	4	33,3	3	3	50
É a questão de tentarmos de chegar ao consenso sobre o modelo que vai ser utilizado/	6	0	100	5	1	83,3
Infelizmente ainda não se chegou a um consenso /	5	1	83,3	6	0	100
Quando chegaste na Praia os meninos da Praia não te gozavam com o teu crioulo?	1	5	16,7	4	2	66,7
E ocorreu-me durante o enterro ver a imagem mental daquele <i>bedford</i> de cor azul a chegar à frente da escola /	4	2	66,7	6	0	100
A desordem chegou a tal ponto que agora é muito difícil de colocar nos eixos de novo/	5	1	83,3	5	1	83,3

Observando a tabela, constata-se que as únicas **avaliações negativas são relativas à variável em** e são percepções **apenas dos homens**, ou seja, as mulheres continuam a estar

mais abertas ao uso de todas as variantes. Todavia, contata-se alguma **contradição no que concerne à atitude dos homens relativamente à variável *em***, já que aceitam o seu uso com o tempo presente, mas a rejeitam nos outros tempos-modos.

Não se consegue compreender o porquê da discrepância entre estes dados com os anteriores, ou seja, o porquê dos homens terem perceções diferentes em relação à preposição *em*, se realmente isto estará relacionado unicamente com o traço tempo-modo ou se haverá outros motivos por detrás.

3.3.4 Aceitação das variantes com o verbo *sair*

Relativamente ao verbo *sair*, os resultados encontrados revelam uma postura diferente, se se comparar com os dos verbos até agora analisados (cf. tabela 25).

Tabela 25: Verbo *sair*: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo <i>sair</i>						
Quatro hora todo mundo saía à rua/ brincava/	4	2	66,7	6	0	100
Saíamos para brincar na rua/	6	0	100	4	2	66,7
O meu pai saía logo de manhã pro trabalho/ regressava à noite/	5	1	83,3	6	0	100
Eu tomo um pequeno-almoço e saio para o trabalho/	5	1	83,3	6	0	100
Os meus filhos (...) estão mais dentro de casa/ não saem na rua para brincar/	4	2	66,7	4	2	66,7
Fim-de-semana sempre saio para uma zona diferente/	6	0	100	6	0	100
Na ilha do sal eu saio de um extremo ao outro em três horas já tinha conhecido o lugar/	4	2	66,7	4	2	66,7
Não tive oportunidade de sair para outros lugares então pronto continuei na cidade/	2	4	33,3	5	1	83,3
Já tive convites para sair fora da cidade fora do país/	6	0	100	5	1	83,3
É só sair à rua/ dar uma volta e fazer uma análise/	5	1	83,3	6	0	100
Depois eu saí pra fora/ fui fazer a minha universidade/	4	2	66,7	5	1	83,3
Gostava muito de quando tivesse saindo no intervalo ficávamos aí no pátio a contar histórias/	2	4	33,3	1	5	16,7
Eu tenho muitas saídas para o interior/	6	0	100	5	1	83,3

Todas as variáveis são avaliadas positivamente pelos informantes de ambos os sexos, com exceção do uso da preposição *para/prá* com o infinitivo do verbo que é avaliada negativamente pelos homens e também a preposição *em* com o verbo no gerúndio que é avaliada negativamente por ambos os sexos. Nota-se, todavia que esta preposição é

aceite numa frase negativa no presente. Portanto, só a **preposição a** continua sendo avaliada positivamente em qualquer tempo e modo, o que denota alguma inconsistência nas atitudes dos falantes.

3.3.5 Aceitação das variantes com o verbo *entrar*

Os dados orais provenientes das entrevistas demonstraram que este verbo é usado apenas pelas com a preposição **em** (cf. tabela 26).

Tabela 26: Verbo *entrar*: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo <i>entrar</i>						
No final da tarde entro em casa para assistir o jornal/	5	1	83,3	6	0	100
Os alunos têm dificuldade em fazer uma carta para entrar no mercado de trabalho/	5	1	83,3	6	0	100
Precisamos entrar no ensino secundário da democracia e até que se chegue lá isso leva tempo/	4	2	66,7	5	1	83,3
Entrei algumas vezes em pânico/	6	0	100	6	0	100
Mãe eu quero entrar no facebook/	6	0	100	6	0	100
Há já maior entrada de drogas no país/	6	0	100	6	0	100

Como se pode observar, todas as realizações do verbo com a preposição **em** foram avaliadas positivamente por ambos os sexos o que, neste caso, vai ao encontro do prescrito pelas GN que prescrevem o uso da preposição **em** com o verbo *entrar* com sentido de movimento direcional.

3.3.6 Aceitação das variantes com o verbo *regressar*

Para o verbo *regressar*, cf, tabela 27:

Tabela 27: Verbo *regressar*: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/MAS			INF/FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo <i>regressar</i>						
Depois regresso para o almoço/	6	0	100%	6	0	100
Regresso à casa vou almoçar às vezes tento descansar um bocadinho/	5	1	83,3	6	0	100
Chegando lá já em dois dias regressei novamente para a Assomada/	6	0	100	5	1	83,3
Regressei novamente à Praia para por motivos de estudos já no ano de 1997/	4	2	66,7	4	2	66,7
Às vezes, quando regressam à terra não prestam a conta/ são eliminadas/ contribui um bocadinho para a violência/	6	0	100	4	2	66,7
Queriam sair do mundo rural para regressar pra cidade/	4	2	66,7	5	1	83,3

Observa-se que há **uma avaliação positiva das variáveis usadas** (a e para/prá), o que quer dizer que os informantes não fazem distinção no uso de uma ou outra variável com este verbo de movimento, ou seja, todas as formas padrão são aceites.

3.3.7 Aceitação das variantes com o verbo *partir*

Para finalizar, o verbo *partir*, cf. tabela 28.

Tabela 28: Verbo *partir*: atitudes vs. preposições

Variáveis linguísticas	INF/MAS			INF/FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo <i>partir</i>						
Algumas vezes tive que partir mas para férias ou estudos mas por um período muito pouco/	4	2	66,7	4	2	66,7

Como já se sabe, o verbo possui apenas uma ocorrência com a preposição para/prá e que é usada com o sentido de [-permanência]. Esta realização é avaliada positivamente por ambos os sexos.

Em jeito de conclusão pode afirmar-se que os **resultados do teste de percepção** aplicado revelam:

1. Alguma contradição no comportamento dos informantes em relação às realizações que eles mesmos produziram, ou seja, avaliam negativamente as variantes que usam, principalmente a variante não padrão em. Porém, na maioria dos casos, nota-se que aceitam as variantes que usam;
2. A variante mais aceite pelos informantes foi a preposição a, o que demonstra que os informantes, numa escala hierárquica, avaliam negativamente a preposição para/prá em oposição à preposição a;
3. Constatou-se também que há uma aceitação do uso indistinto da variável para/prá tanto com sentido de [-permanência] como com o sentido de, o que confirma os resultados dos dados das entrevistas e aponta para o aceleramento da aceitação do uso dos VMD com esta preposição seja para [+permanência] seja para [-permanência];
4. Destaca-se ainda o facto da preposição em ter **maior aceitação por parte dos informantes do sexo feminino**, embora se tenha verificado que os homens, em alguns casos, avaliaram-na positivamente, caso do verbo *ir* no pretérito perfeito, *chegar* no presente e do verbo *sair* também no presente e no imperfeito.

Portanto, este teste não confirma nem rejeita os resultados orais e escritos. Revela sim as atitudes para com esses resultados, podendo, como referido, apressar ou atrasar a mudança.

Considerações finais

Antes de mais, destaca-se que a quantidade de dados analisados não permite generalizar as conclusões a que se chegou ao português de Cabo Verde. Com efeito, os resultados encontrados não permitem concluir se a regência variável dos VMD analisados, no PCV, seja um traço distintivo desta variedade, pelo menos no contexto da Assomada.

Na verdade, este estudo sobre a regência variável dos verbos de movimento direcional *ir*, *vir*, *chegar*, *sair*, *entrar*, *voltar*, *regressar* e *partir*, concernente à seleção das preposições que regem (*a*, *para* e *em*), possibilitou atestar que, realmente, tem ocorrido alguma variação na produção dos falantes cultos da LP na cidade de Assomada, que fazem uso de variantes não prescritas pela tradição gramatical, condicionados por diferentes fatores linguísticos e sociais, mas que esta variação ainda está limitada ao nível individual.

Com efeito, a interpretação dos resultados obtidos para cada um dos verbos mostrou que, globalmente, não existe uma tendência comum de uso, ou seja, em cada um desses verbos o uso das preposições é influenciado de forma diferente por cada um dos fatores (linguísticos e sociais) testados, sendo que, em alguns verbos a seleção das preposições é condicionada por alguns fatores linguísticos e em outros verbos não.

Assim, elencam-se alguns dos resultados mais relevantes, sem seguir uma ordem específica:

- 1º. Considerando as variáveis linguísticas e sociais, os resultados apontam para: i) uso globalmente, em conformidade com a norma, sobretudo na escrita; ii) produção de variantes divergentes dessa norma, a nível dos indivíduos, havendo casos em que apenas dois informantes produziram todas as variantes; e iii) variação instável, sem um padrão regular de critérios na escolha das preposições.
- 2º. Com efeito, as variantes normativas são as mais produtivas, tanto na oralidade como na escrita, suportando a afirmação acima de que a variação ainda se encontra mais no domínio da produção oral individual e da oralidade sendo que, as diferenças observadas são:

i) *para/prá* é mais frequente na produção oral dos falantes à exceção do verbo *chegar* que seleciona a variante normativa *a* por não ocorrer com *para/prá*, ao passo que os dados do corpus escrito atuaram, preferencialmente, com a

preposição a, a variante considerada mais elevada numa escala hierárquica em que ela é considerada mais padrão que *para/pra* Mollica (1996, p. 163);

ii) em, a variante normativa para o verbo *entrar* é selecionada quase que exclusivamente por este verbo, tanto nos dados orais como nos escritos, registrando-se apenas duas ocorrências de *para/pra*, ao contrário do que é prescrito pela norma; e

iii) em, a variante inovadora para os verbos *ir* e *vir*, *chegar*, *sair* e *entrar*, *voltar*, *regressar* e *partir*, é pouco usada nos dados orais e apresenta uma frequência reduzidíssima nos dados escritos, ocorrendo apenas com o verbo *sair*;

2°. Ao contrário do estipulado pela tradição gramatical (Cuesta & da Luz, 1971, p. 552 e 558; Cunha & Cintra, 1999, p. 558; Bechara, 2009, p. 317), *para/pra* é usado indistintamente tanto com N LOC de SPREP com sentido de [+permanência] como com os que denotam a ideia de [-permanência];

3°. Não há um comportamento padrão na atuação tanto das variáveis linguísticas, porquanto, os resultados (particularmente os do *corpus* oral) mostraram que os fatores linguísticos atuam de forma diferenciada com cada um dos verbos, condicionando a escolha das preposições nalguns verbos, mas que são irrelevantes noutros;

4°. Na verdade, o único verbo para o qual foi atestado um comportamento diferente dos outros, ao longo da análise, foi o verbo *chegar*, em que a seleção das preposições foi favorecida por algumas variáveis como,

i) o Grau de Definitude (em que o traço [+definido] atua na seleção de da preposição a);

ii) o Tempo de Permanência (há uma distribuição complementar entre as duas preposição, em que o traço [+permanência] condiciona o uso de a e [-permanência] o uso de em); e

iii) a Configuração de Espaço (em que o traço LE atua na seleção de da preposição a e LO e LEG na seleção de em);

5°. Das variáveis sociais controladas, o sexo mostrou ser a mais relevante e atuar na seleção das preposições, embora de forma diferente junto de cada verbo. Assim,

i) o sexo feminino tende a influenciar a escolha da variante inovadora em com os verbos *ir*, *vir* e *sair*, contradizendo assim os pressupostos de Labov (2008), segundo a qual, normalmente, as mulheres preferem as formas prestigiadas;

ii) os homens tendem a preferir a variante inovadora junto do verbo *chegar*, o que confirma, neste caso, o pressuposto de Labov (*op. cit.*);

iii) as mulheres selecionam, preferencialmente, as variantes normativas *a* e *para/prá* junto do verbo *voltar* e os homens junto do verbo *regressar*, na linha do que os trabalhos em sociolinguística variacionista têm mostrado

6°. A variável idade só se mostrou importante relativamente à escolha das variantes inovadoras junto aos verbos *ir* e *sair*, preferida pelos mais jovens e com os verbos *vir* e *chegar* usada pelos mais velhos;

7°. Os resultados deste estudo assemelham-se, nalguns pontos, aos estudos das outras variedades da LP, nomeadamente do PB, PM e PSTP. Assim, por exemplo:

i) assemelham-se ao estudo de Costa (2003) sobre o PB para o verbo *chegar* no tocante à influência do fator linguístico Demarcação de Espaço que aqui também não se mostrou relevante na escolha das preposições, contrariando, desse modo, as hipóteses e tendências dos estudos de Mollica (1996) e de Wiedemer (2008) que afirmam que a preposição *em*, por conter a ideia significativa de “estar dentro” é selecionada pelo traço [+definido];

ii) assemelham-se ainda, quanto ao verbo *vir*, relativamente ao fator Tempo de permanência, pois o traço [+ permanência] condiciona o uso da preposição *para/prá*, seguindo, portanto, o indicado pela norma padrão;

9°. As atitudes dos falantes oscilam no grau de aceitabilidade das variantes que produzem. Contudo, a tendência é para a aceitação das formas conservadoras e rejeição das de menor prestígio, o que, claramente, está em conformidade com a instabilidade da variação deste fenómeno e, de ainda, não se ter iniciado o processo de mudança linguística. De realçar que, depois da realização dos testes de perceção, em conversa informal, alguns informantes afirmaram não ter conhecimento da diferença entre o uso de *a* e *para* com o verbo *ir*, por exemplo, e que usam as preposições indistintamente;

10°. Por se ter verificado alguma variação ainda que ao nível individual nos dados analisados do PCV e por se tratar de um fenómeno linguístico bastante estudado em diferentes variedades descritas da LP (PB, PM e PSTP) em que todos apontam para a variação estável e até mudança linguística, como é o caso do PM (Gonçalves, 2010), neste trabalho, estes resultados permitem apontar alguns subsídios para a prática de ensino da LP em Cabo Verde:

- a. uma atuação pedagógica precoce, no que toca a este fenómeno linguístico, no sentido da convergência com a norma de referência, pelas vantagens sociais e académicas que acarreta, considerando a natureza global e internacional da língua portuguesa, tendo em conta o papel da escola de garantir o acesso à escrita e aos discursos socialmente aceites de modo a dotar o aluno, futuro cidadão, de ferramentas linguísticas que lhe facilitem o acesso (às) e a circulação nas mais altas esferas sociais;
- b. Expor os aprendentes às diferentes normas da LP, em situações de uso diversificadas, tendo em vista ampliar a sua competência sociocomunicativa na LP;
- c. Desenvolver, nos alunos, uma atitude de respeito para com todas as variedades da LP e as suas variantes;
- d. Dar um tratamento explícito a este fenómeno, que deve ser incluído como conteúdo, nos programas e manuais de LP em Cabo Verde, para que os aprendentes adquiram conhecimento consciente dele, como instrumento de monitoramento da sua produção em LP. Nesse contexto, as produções dos falantes que foram informantes neste estudo constituem um acervo documental autêntico que pode ser usado como material pedagógico.

A finalizar, ressalta-se que esta investigação dá pistas no sentido de se dar continuidade à investigação deste fenómeno, contribuindo assim para a caracterização da emergente variedade cabo-verdiana da LP. Assim, tanto este estudo pode ser replicado noutros contextos e comunidades, como possibilita o acompanhamento da sua evolução na Assomada, por meio de estudos de **a) Tendência (trendy)**, comparando-se amostras distintas de **diferentes informantes** de diferentes faixas etárias (ou sexo, ou escolaridade) desta mesma comunidade, em dois períodos de tempo distintos; ou **b) de Painel**, comparando amostras distintas **dos mesmos informantes** desta mesma comunidade com um intervalo de no mínimo ½ geração (12 anos) e no máximo duas gerações (cerca de 50 anos).

Bibliografia

- Alexandre, N., & Gonçalves, R. (2018). Language contact and variation in Cape Verde and São Tomé and Príncipe. Em L. Alvarez-López, J. O. de Avelar, & P. Gonçalves, *The Poetuguese Language Contínuum in África and Brazil* (pp. 237-265). Amsterdam: John Benjamins.
- Alkmim, T. M. (2001). Sociolinguística Parte I. Em F. Mussalim, & A. C. Bentes, *Introdução à Linguística I* (Vol. 1, pp. 21- 47). Cortez Editora.
- Bagno, M. (2011). *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Batoréo, H. J. (Dezembro de 2014). Que gramática(s) temos para estudar o Português língua pluricêntrica? *Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 16*, pp. 1-15.
doi:<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4023>
- Batoréo, H. K. (2016). Gramática de costas voltadas: Que Futuro para o ensino do Português como língua pluricêntrica a falantes não-nativos (PLNM)? Em B. Hlibowicka-Weglarz, J. Wisniewska, & E. Jablonka (Edits.), *Língua Portuguesa: unidade e diversidade* (1.^a ed., Vol. I, pp. 93-108). Lublin, Polónia: Editora da Universidade Marie Curie-Sklodowska. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/6232>
- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa* (37.^a edição. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico ed.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Editora Lucerna.
- Beline, R. (2007). A Variação Linguística. Em J. L. (org.), A. Scher, A. V. Pietroforte, D. P. de Barros, E. V. Negrã, E. Viotti, . . . R. Beline, *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos* (5.^a ed.). São Paulo: Contexto.
- Bezerra, A. C. (2004). A importância das variáveis sociais na formação do perfil linguístico do falante pessoense. Em D. d. (org.), *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade* (pp. 259-271). João Pessoa.
- Brito, A. M. (2003). Categorias sintáticas. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, F. Oliveira, . . . A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa*

- (7.^a ed., pp. 325-432). Lisboa: Caminho coleção universitária série LINGUÍSTICA.
- Calvet, L. J. (2002). *Sociolinguística - uma introdução crítica*. (M. Marcionilo, Trad.) São Paulo: Parábola Editora.
- Camacho, R. G. (2001). Sociolinguística Parte II. Em F. Mussalim, & A. C. Bentes, *Introdução à Linguística 1* (pp. 21-47). São Paulo: Cortez Editora.
- Cardoso, A. J. (2005). *As interferências linguísticas do caboverdiano no processo de aprendizagem do português [Em linha]*. Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/10400.2/633>
- Carvalho, M. J. (1991). *Aspectos sintáctico-semânticos dos verbos locativos no português oral de Maputo: descrição e aplicação pedagógica*. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Costa, S. P. (2003). *Regência dos verbos ir, chegar, vir e voltar, indicativos de movimento: prescrição e uso. Dissertação (Mestrado)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Cuesta, P. V., & Da Luz, M. A. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1999). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (15.^a ed.). Edições João Sá da Costa.
- Duarte, D. (2003). *Bilinguismo ou Diglossia*. Praia: Spleen Edições.
- Duarte, I. (2003). Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, . . . A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (7.^a ed., pp. 277-321). Lisboa: Caminho coleção universitária série LINGUÍSTICA.
- Duarte, I., & Brito, A. M. (2003). Predicação e classes de predicadores verbais. Em M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, . . . A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 181-203). Lisboa: Caminho coleção universitária série LINGUÍSTICA.

- Faraco, C. A. (2002). Norma-padrão Brasileira: desembaraçando alguns nós. Em M. B. (org.), *Linguística da Norma* (pp. 63-92). São Paulo: Loyola.
- Faraco, C. A., & Zilles, A. M. (2017). *Para Conhecer Norma Linguística*. São Paulo: Editora Contexto.
- Faraco, C. E., & Moura, F. M. (1997). *Gramática: Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Estilística* (10.^a edição ed.). (S. Almeida, Ed.) São Paulo: Editora Ática. Obtido de file:///C:/Users/Hulda%20Lopes/Downloads/kupdf.net_gramatica-faraco-e-moura.pdf
- Fernando Tarallo A Pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática, 1. (2003). *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática.
- Firmino, G. (2002). "A Questão linguística" na África Pós-Colonial: o caso do Português e das línguas autoctones em Moçambique. Maputo: Promédia.
- Gamardi, J. (1983). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gonçalves, M. P. (1990). *A construção de uma gramática de português em Moçambique: aspectos da estrutura argumental dos verbos*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Obtido de <http://hdl.handle.net/123456789/433>
- Gonçalves, P. (1996). "Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique". Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. Gouveia, *Introdução à linguística geral e portuguesa* (pp. 313-322). Lisboa: Caminho.
- Gonçalves, P. (2010). *A génese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
- Gonçalves, P., & Chimbutane, F. (2004). O Papel das línguas bantu na génese do português de Moçambique: o comportamento sintático de constituintes locativos e direcionais. *Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, 14, pp. 7-30. Obtido de <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/viewFile/2000/1820>
- Görski, E. M., Coelho, I. L., Souza, C. M., & May, G. H. (2010). *Sociolinguística 5º Período*. Florianópolis: UFSC. Obtido em 2020, de https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto-_Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf

- Gramado, N. (1999). *Dicionário de Verbos Portugueses - 12 000 Verbos*. Lisboa: Plátano Editora.
- Guerra, P. N. (s.d.). NORMA CULTA E NORMA-PADRÃO: DESFAZENDO OS SINÔNIMOS. *Parlatorium - revista eletrônica da FAMINAS-BH*. Obtido em março de 2020, de <http://www.faminasbh.edu.br/upload/downloads/201112061824034532.pdf>
- Guy, G., & Zilles, A. (2007). *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Hora, D. d. (2004). Teoria da Variação: Trajetória de uma Proposta. Em D. d. (org.), *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade* (pp. 13-28). João Pessoa: UFPB/BC.
- Jon-And, A. (2011). *Variação, contacto e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde: a concordância variável de número em sintagmas nominais do português*. São Paulo: Stockholm University: Faculty of Humanities, Department of Spanish, Portuguese and Latin American Studies.
- Júnior, I. (2015). *Verbos de movimento e sua representação na estrutura léxica conceptual*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Labov, W. (2008). *Padrões Sociolinguísticos*. (M. Bagno, M. M. Scherre, & C. R. Cardoso, Trans.) São Paulo: Parábola Editorial.
- Leite, M. Q. (s.d.). A norma linguística: conceito e características. (USP/CNPq). São Paulo, Brasil. Obtido em 3 de fevereiro de 2020, de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2277904/mod_resource/content/2/Leite%2C%20M.%20Q.%20Norma%2C%20conceitos%20e%20caracter%C3%ADsticas.pdf
- Lopes, A. (2016). *As Línguas de Cabo Verde - Uma Radiografia Sociolinguística*. Praia: Edições Uni-CV.
- Lopes, A. M.-C. (2011). *As Línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*. Obtido de <http://hdl.handle.net/10451/4699>

- Lopes, J. F. (2019). Estudos sobre o Português Falado em Cabo Verde: o "estado da arte". Em M. S. Oliveira, & G. A. de Araújo, *O Português na África Atlântica* (pp. 101-138). São Paulo: FFLCH/USP.
- Machine, G. (2004). Coleta de dados. Em M. C. Mollica, & M. L. Braga, *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação* (2. ed ed., pp. 117-133). S. Paulo: Editora Contexto.
- Marquilhas, R. (1996). Mudança Linguística. Em I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. Gouveia, *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (2.ª edição ed., pp. 567-588). Lisboa: Editorial Caminho.
- Martins, C. (12 de Fevereiro de 1994). *Estudo sociolinguístico do mirandês. Padrões de alternância de códigos e escolha de línguas numa comunidade trilingue*. Coimbra, Portugal/Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Obtido de <http://hdl.handle.net/10316/18271>
- Mateus, M. H., & Cardeira, E. (2007). *Norma e Variação*. Lisboa: Caminho.
- Mateus, M. H., Brito, A. M., Duarte, I., Faria, I. H., Frota, S., Matos, G., . . . Villalva, A. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (7.ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Módolo, M., Lima, P., Bara, R., Fernandes, S., Scalzone, T., & Rocha, T. (janeiro/junho de 2011). A Variação na Regência dos VERBOS "IR" e "CHEGAR" com sentido de Direção. *Ci. Huma. e Soc. em Seropédica*, 33(Dossiê língua, literatura, identidade), pp. 43-55. Obtido de [file:///C:/Users/Hulda%20Lopes/Downloads/A_Variacao_Na_Regencia_Dos_Verbos_IR_E_C%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Hulda%20Lopes/Downloads/A_Variacao_Na_Regencia_Dos_Verbos_IR_E_C%20(2).pdf)
- Mollica, M. C. (1996). A regência variável do verbo ir de movimento. Em G. M. Silva, & M. M. Scherre, *Padrões Sociolinguísticos: análise de fenómenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro* (pp. 148-167; 284-293). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro - Departamento de Linguística e Filologia - UFRJ.
- Mollica, M. C. (2004). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. Em M. C. Mollica, & M. L. Braga, *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Editora Contexto.
- Monteiro, J. L. (2000). *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

- Mota, M. A. (1996). *Línguas em Contacto*. Lisboa: Caminho.
- Naro, A. J. (2004). O dinamismo das línguas. Em M. C. Mollica, & M. L. Braga, *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação* (2.^a edição ed., pp. 43-50). São Paulo: Contexto.
- Nunes, C., Oliveira, M. L., & Sardinha, M. L. (1992). *Nova Gramática de Português* (21.^a ed.). Lisboa: Didática Editora.
- Peres, J. A., & Mória, T. (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Pinheiro, R. C. (junho de 2014). A REGÊNCIA DO VERBO IR DE MOVIMENTO POR FALANTES CULTOS DE FORTALEZA - CE: RELAÇÃO ENTRE ENSINO E PESQUISA. *Linha D'Água (Online) n. 1, p. 55-72, jun. 2014, 27*, pp. 55-72. Obtido de <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v27i1p55-72>
- Rammé, V., & Wachowicz, T. C. (2014). Análise da expressão do deslocamento no português brasileiro (PB) dentro da nano-sintaxe: respostas para a variação. *Revista VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras, 18/1*. Obtido de https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/07/10-Ramme_Wachowicz.pdf
- Raposo, E. B., & Gonçalves, A. (2013). Sintaxe e Semântica - Classes Lexicais e Sintagmas. Em E. B. Raposo, M. F. do Nascimento, M. A. da Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português* (Vol. II, pp. 1155-1218). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B., & Gonçalves, P. (2013). Os complementos Oblíquos. Em E. B. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B., & Xavier, M. F. (2013). Preposição e Sintagma Preposicional. Em E. B. Raposo, M. F. do Nascimento, M. A. da Mota, L. Segura, & A. Mendes, *Gramática do Português* (Vol. II, pp. 1497-1566). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E. B., do Nascimento, M. F., da Mota, M. A., Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do Português* (Vol. II). Fundação Calouste Gulbenkian.

- Raposo, E. B., Duarte, I., & Peres, J. A. (2013). *Sintaxe e Semântica - Propriedades Gerais da Frase*. Em E. B. Raposo, M. F. do Nascimento, M. A. da Mota, L. Segura, & A. Mendes. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tagliamonte, S. (2006). *Analysing Sociolinguistic Variation*. EUA: Cambridge University Press.
- Tarallo, F. (2003). *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Editora Ática.
- Thomason, S. G. (2001). *Language Contact An Introduction*. Edinburgo: Edinburg University Press Ltd.
- Vallo, M. A. (2004). A regência do verbo ir de movimento na perspectiva variacionista. Em D. d. Hora, *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade* (pp. 207-217). João Pessoa: Gráfica Editora Palloti.
- Veiga, M. (2004). *A Construção do Bolinguismo*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Ventura, H., & Caseiro, M. (2003). *Guia Prático de Verbos com Preposições* (2.^a edição ed.). Lisboa-Porto-Coimbra: LIDEL - Edições Técnicas, Limitada.
- Wiedemer, M. L. (2008). *A regência ariável do verbo Ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Florianópolis. Obtido de <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91439>

Anexo



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda Língua Estrangeira

FICHA DO INFORMANTE											
1. Dados sobre a entrevista											
1.1. Cidade:		1.2. Realizada por:									
1.3. Data da entrevista: __/__/____		1.4. Local:									
1.5. Hora: Início: __H__ Término __H__		1.6. Gravador:									
1.7. N.º Entrevista:		1.8. Código ⁱ :									
2. Dados pessoais do informante											
2.1. Nome:											
2.2. Data de nascimento:		2.3. Sexo		2.4. Faixa etária:							
		M	<input type="checkbox"/>	F	<input type="checkbox"/>	F1	<input type="checkbox"/>	F2	<input type="checkbox"/>	F3	<input type="checkbox"/>
2.5. Naturalidade:											
2.6. Contato:											
2.6.1. Morada		2.6.2. Móvel		2.6.3. Endereço eletrónico:							
2.7. Permanência na cidade											
2.7.1. Por algum motivo morou fora desta cidade? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>											
2.7.2. Se sim, locais de residência por ordem cronológica:											
Quando?	Onde?	Durante quanto tempo?	Com que finalidade?								
2.8. Escolaridade e formação											
2.8.1. Escolaridade: 12.ºA <input type="checkbox"/> CESP <input type="checkbox"/> Bacharelato <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutoramento <input type="checkbox"/>											
2.8.2. Qual a sua formação?											
2.9. Ocupação profissional											
2.9.1. Qual a sua ocupação profissional?											
2.9.2. Exerceu outras profissões/ocupações?											
2.10. Perfil linguístico											
2.10.1. Fala outras línguas além da língua cabo-verdeana/crioulo de cabo-verde? Quais?											
2.10.2. Na família: apenas crioulo <input type="checkbox"/> apenas português <input type="checkbox"/> crioulo e português <input type="checkbox"/> outras <input type="checkbox"/>											
2.10.3. No trabalho: apenas crioulo <input type="checkbox"/> apenas português <input type="checkbox"/> crioulo e português <input type="checkbox"/> outras <input type="checkbox"/>											
2.10.4. Na comunidade: apenas crioulo <input type="checkbox"/> apenas português <input type="checkbox"/> crioulo e português <input type="checkbox"/> outras <input type="checkbox"/>											
3. Do contacto com os meios de comunicação											
3.1. Assiste à TV	Frequência	todos os dias	às vezes	raramente							
	CV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>							
	PT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>							
	PB	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>							

3.2. Ouve rádios	Frequência	o dia todo	parte do dia	enquanto trabalha	enquanto viaja
	CV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	PT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	PB	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.3. Lê jornais revistas	Frequência	sempre	às vezes	raramente	
	CV	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	PT	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
	PB	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
APÓS A Entrevista					
1. Apreciação das características psicológicas do informante					
A. tímido		B. vivo		C. perspicaz	
D. sarcástico					
2. Espontaneidade da elocução					
A. total		B. grande		C. média	
D. fraca					
3. Postura do informante durante o inquérito					
A. cooperativa		B. não cooperativa		C. agressiva	
D. indiferente					
4. Grau de conhecimento entre o informante e o entrevistador					
A. grande		B. médio		C. pequeno	
D. nenhum					
5. Interferência ocasional do(s) circunstantes					
A. sim			B. não		
6. Caracterização sumária do(s) circunstante(s):					
7. Ambiente da entrevista:					
8. Observações:					

ⁱ **Sexo** (Homem, Mulher); **Faixa etária** (1 = de 18 a 28 anos; 2 = 29 a 39 anos; 3 = 40 a 50 anos; 4 = maior de 50 anos) Cidade (A = Assomada; P = Praia) **Escolaridade** (SC=Superior Concluído; SI= Superior Inconcluso)



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, HUMANAS e ARTES

Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira

Guião de entrevista

Objetivos gerais

1. Obter fala espontânea do informante.
2. Fazer com que o informante se sinta à-vontade e se envolva na conversa.
3. Levar o falante a falar sobre o tópico/tema que for mais adequado para ele.

Tópicos de conversa

A. A Cidade

1) Fale-me da sua inserção nesta cidade: se nasceu aqui, há quanto tempo vive aqui, se gosta de viver nela, ou se preferiria viver noutra lugar,...

- a) Nasceu aqui?
- b) Há quanto tempo vive aqui?
- c) Por que escolheu viver nesta cidade?
- d) Gosta de viver aqui? Porquê?
- e) Viveu sempre aqui ou ausentou-se por algum período?
- f) Se sim: Por quanto tempo? Com que finalidade? Onde residiu?
- g) Onde é que preferiria morar? Aqui ou no exterior?
- h) Já aconteceu alguma coisa aqui que lhe fez pensar em mudar de cidade?
- i) Quando ouve uma pessoa a falar português, percebe qual a sua nacionalidade? Como?
- j) Quando fala português com um morador da cidade, consegue identificar se ele é ou não da cidade?
- k) Quando vai para outra cidade, as pessoas conseguem identificar de onde é?
- l) Se sim, como elas percebem?

m) (Se sim) como percebe? (Se o informante mencionar o modo de falar, seguir nessa linha e tentar conseguir informações mais precisas).

2) Fale-me da cidade, dos seus aspetos positivos e negativos, das pessoas que vivem nela, de algum acontecimento que o(a) tenha impressionado pela positiva ou negativa,...

- a) Como caracteriza esta cidade, nos seus aspetos positivos e negativos?
- b) De que mais gosta nela?
- c) Do que não gosta?
- d) O que pensa das pessoas desta cidade? O que as caracteriza, são solidárias, individualistas, ...?
- e) Que ocupações elas desenvolvem?
- f) Ela tem espaços de convívio? Quais?
- g) Como era a cidade quando era criança/quando se mudou para cá?
- h) Ela mudou muito, desde então?
- i) Se sim, em que aspetos?
- j) Que outras cidades de Cabo Verde conhece?
- k) Caso tenha respondido positivamente: O que é que esta cidade tem de diferente em relação às outras onde já esteve?
- l) Caso tenha respondido que não: Que outras cidades gostaria de conhecer?
- m) Conte alguma situação de perigo ou outra pela qual passou, na cidade.
- n) Qual é a imagem que as pessoas que não são desta cidade têm dela?

3) Como se relaciona com os seus vizinhos? Fale-me de algum acontecimento digno de nota ocorrido com eles.

- a) Conhece bem os seus vizinhos? Convive com eles? Vai a casa deles?
- b) Recorreria a eles, se precisasse de ajuda?
- c) Com quem tem mais contacto/se relaciona?
- d) Quem são os seus amigos mais próximos? Seus vizinhos, colegas de trabalho ou amigos de infância?
- e) A maioria dos seus amigos mora aqui?
- f) Se não, onde?

B. Infância e juventude

4) Fale-me da sua infância, das brincadeiras que fazia, da relação com os seus pais e com a vizinhança; da sua rotina diária e dos lugares que frequentava; algum episódio desse período que queira destacar.

- a) Onde e com quem gostava de brincar?
- b) Quais eram as brincadeiras que mais fazia?
- c) Como era a moda, nesse tempo? Como era a roupa? Que tipo de corte de cabelo as pessoas usavam?
- d) Quando era criança/adolescente, qual era a sua rotina diária? O que fazia? Que lugares frequentava?
- e) Compare a sua infância com a dos seus filhos ou das crianças de hoje, de um modo geral?
- f) Que diferenças nota nos hábitos e costumes?
- g) A que lugares os seus filhos vão e que não ia enquanto criança?
- h) Conte algum episódio ou acontecimento desse período da sua vida.

5) Conte-me como foi a sua vida de estudante: as escolas que frequentou, os professores que teve, o que mais o(a) marcou, positiva ou negativamente...

- a) Onde é que fez os estudos primários e secundários?
- b) Estudou sempre na mesma escola?
- c) Qual era a distância da sua casa para a escola?
- d) Há algum professor que lhe marcou?
- e) Fale de algum acontecimento desse tempo de que se recorde especialmente.

C. Vida adulta

6) Fale-me da sua família: irmãos, pais, filhos, tradições, histórias da sua família...

- a) É casado(a), tem companheiro(a)?
- b) Tem filhos?
- c) Que idade têm?
- d) Com quem moram?
- e) O que fazem?
- f) Quantos irmãos tem?
- g) Quantos anos eles têm?

-
- h) Onde é que seus pais nasceram?
 - i) Quando e por que é que vieram morar aqui? (caso não sejam originários da cidade).
 - j) E o resto da sua família, tios, primos, também vivem aqui?
 - k) Se sim, moram próximo? Se não, onde? Têm contacto frequente?
 - l) Conte-me alguma história da sua família que ache interessante.
- 7) Compare a vida familiar/relações entre familiares hoje, em Cabo Verde, com a do tempo da sua infância. O que pensa das diferenças?**
- a) Nesse tempo, como era constituída a família? E agora?
 - b) Como era a relação entre pais e filhos? Conversavam muito, sobre o quê? E agora?
 - c) Como os jovens se relacionavam com os mais velhos? E agora?
 - d) Quem, então, cuidava da casa? E agora?
 - e) O que pensa das mudanças que tiveram lugar?
- 8) Fale da sua rotina diária, descrevendo o seu dia, desde que se levanta até ir dormir.**
- a) A que horas se levanta?
 - b) O que faz antes de ir trabalhar?
 - c) A que horas sai de casa?
 - d) A que horas chega ao trabalho?
 - e) Como faz para ir ao trabalho? Quais os meios de transporte que utiliza?
 - f) A que horas volta do trabalho?
- 9) Conte-me um pouco da sua vida profissional: o que faz, com quem trabalha, como é o ambiente profissional, importância social do que faz, as suas realizações, os seus sonhos/preensões, algo que tenha acontecido no seu trabalho.**
- a) O que faz profissionalmente?
 - b) Gosta do que faz?
 - c) Se não, o que preferia fazer?
 - d) Tem todas as condições necessárias para a realização do seu trabalho? O que lhe falta?
 - e) Como é o ambiente de trabalho?
 - f) Sente-se realizado (a) profissionalmente?
 - g) Já pensou mudar de atividade?
 - h) Já pensou ir trabalhar numa outra cidade ou país?

-
- i) Pode contar alguma história ocorrida no seu ambiente de trabalho que o tenha marcado positiva ou negativamente?

10) Fale-me dos seus tempos livres, de tudo o que achar pertinente: o que faz neles, qual é o seu passatempo preferido, a que lugares costuma ir e com quem, algum episódio de destaque, entre outros.

- a) Fale-me das opções de lazer na cidade?
b) Faz parte de algum grupo recreativo e cultural?
c) Se sim, qual?
d) Se não, porquê?
e) O que é que faz aos fins-de-semana? A que lugares vai?
f) Onde é que costuma passar as suas férias?
g) Costuma viajar? Para que lugares já viajou? Que lugares gostaria de conhecer?
h) Qual é o seu maior sonho, nesse campo?

D. Mudanças nas atitudes e comportamentos

11) É frequente ouvir que, hoje, há uma perda de valores em Cabo Verde. O que pensa disso?

- a) Acha que há muitas diferenças entre as pessoas de hoje e de antigamente?
b) Porque diz isso? Quais são essas diferenças?
c) Acha que isso é bom ou mau?

12) Muitas pessoas dizem que as crianças de hoje são mal-educadas. O que acha disso? Pode contar alguma história que mostre essa diferença?

- a) Por que as pessoas dizem que as crianças de hoje são mal-educadas ?
b) Que comportamentos ou atitudes são diferentes hoje?
c) Que comportamentos e atitudes acha positivo nas crianças de hoje?
d) Concorda que essas mudanças sejam para pior?
e) O que gostaria que mudasse?

13) No passado, esperava-se que as mulheres ficassem em casa para tomar conta dos filhos. Como é hoje em dia? O que pensa disso?

- a) O que mudou? Como?
b) O que pensa sobre um homem ficar em casa a cuidar dos filhos?
c) Em sua casa, os homens ajudam nos afazeres domésticos?

E. Temas sociais

- **A emigração e a violência**

14) Cabo Verde sempre foi um país de emigração. Fale um pouco sobre a questão migratória atual em Cabo Verde (emigração, imigração, êxodo rural). Acha que a questão da violência se relaciona com ela, de alguma forma? Como?

- a) Que implicações esses fenómenos têm sobre a vida social e económica das cidades e do país? São boas ou não?
- b) Estabelece alguma relação entre o movimento migratório e o aumento da sensação de insegurança e violência no nosso país?
- c) O que pensa da entrada de Cabo Verde para a CEDEAO, especificamente da abertura de fronteiras que aconteceu?
- d) O que acha que deve ser feito para resolver os problemas de violência e insegurança no país?

- **Educação**

15) O que pensa da educação em Cabo Verde, dos seus principais problemas e medidas mais urgentes a tomar?

- a) Qual deve ser a prioridade da educação em Cabo Verde?
- b) Acha que o atual sistema educativo prepara os alunos para o mercado de trabalho? (Se sim, por quê, se não, por quê?)
- c) O que pensa do ensino das línguas em Cabo Verde?
- d) Uma das inovações do novo plano curricular tem que ver com a diminuição da carga horária atribuída às línguas. O que pensa sobre isso?

- **Religião**

16) A nossa Constituição, diz que o estado de Cabo Verde é laico. O que pensa sobre isso? Acha que o estado trata as religiões com igualdade?

- a) O que pensa da nova concordata assinada com o Vaticano, e das implicações, nomeadamente, a introdução da disciplina de religião e moral no ensino secundário?
- b) Como vê o crescimento da comunidade islâmica em Cabo Verde?

- **Política**

17) Cabo Verde conta já com quarenta anos de independência e já vai na sua sexta legislatura. Diga o que pensa do modo como se faz política feita em Cabo Verde e dos políticos. Fale de um episódio político que mais o tenha impressionado.

- a) Como caracteriza a política feita em Cabo Verde?
- b) O que pensa dos políticos?
- c) Pensa que os sucessivos governos têm sabido gerir bem este país?
- d) Vários são os estudos que têm classificado Cabo Verde como o país menos corrupto em África. O que pensa sobre isto? Concorda? Há corrupção?
- e) Temos já vinte e seis (26) anos de democracia. Pensa que a nossa democracia é madura?
- f) Como viu e viveu as últimas eleições legislativas e autárquicas.

- **Economia**

18) Como vê o estado da nossa economia? Se fosse ministro da economia, que medidas tomaria?

- a) Como é que avalia nossa economia?
- b) Pensa que é possível fazer crescer a nossa economia, na atual crise internacional?
- c) Quais as medidas de política económica que considera mais urgentes?

19) Há algum outro assunto importante para si e que gostaria de conversar a respeito?

Obrigada (o) pela sua disponibilidade.



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda Língua Estrangeira

Projeto de Pesquisa CET-LP: Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa

Docente responsável: Professora Doutora Amália de Melo Lopes

Declaração

Declaro ter consentido a gravação da minha conversa com o (a) aluno(a) universitário(a) _____, como parte do projeto de dissertação, em execução pela Universidade de Cabo Verde (Uni-CV), no âmbito do Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda, Língua Estrangeira. Estou ciente de que a gravação será transcrita e disponibilizada na Internet para o desenvolvimento de futuros estudos sociolinguísticos da Cátedra Eugénio Tavares de Língua Portuguesa (CET-LP). Entendo que essa gravação é idónea e que meus dados pessoais não serão tornados públicos na divulgação de resultados da pesquisa.

Assomada, _____ de _____ de _____.

Nome do informante: _____

Assinatura: _____

Mestrado em Ensino do Português Língua Segunda Língua Estrangeira

Normas de Transcrição das Entrevistas

Categorias/ Descrição	Sinais	Exemplo
Alongamento de vogal e consoante (muito breve)	:	a escola não educa:...
Alongamento de vogal e consoante (muito longa)	::	A escola en-si-na... o que é coisa bem difer:ente
Citações literais	“ ”	Fragmento de releitura
Comentários do pesquisador	((minúsculas))	((o entrevistado fez uma expressão de dúvida))
Comentários que quebram a sequência (o entrevistado introduz um comentário quebrando o fio condutor da fala)	-- --	A escola ensina – é o que devia ser, mas infelizmente não tem sido – o que é uma coisa bem diferente.
Entoação enfática ou acento forte: uma palavra ou uma sílaba é produzida com ênfase ou acento mais forte do comum	MAIÚSCULAS	A escola NÃO educa
Falas simultâneas: o entrevistado e o entrevistador iniciam turno simultaneamente	[] ligando as linhas do início dos turnos simultâneos	[A escola ensina] [É verdade que a escola devia ensinar]
Falas/vozes sobrepostas: quando a sobreposição se dá a partir de um determinado ponto	[E: por essa razão INF: [porque diz isso?
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	uma vez a escola era um ambiente (previsível)
Dúvida ou Incompreensão de palavra ou segmento textual	(?)	uma vez a escola era (?)
Interrogação: o falante faz uma pergunta	?	Hoje...existe clareza quanto ao papel da escola?
Interrupção: a fala do locutor corrente é interrompida por outro que toma a palavra	/.../	Hoje...existe clareza quanto ao papel da escola /.../ E qual deve ser o principal papel da escola?
Pausa longa/fim de fala: o informante acabou de falar, ou seja, parece não ter mais nada a dizer sobre a questão, e dá a vez ao entrevistador, equivale, na escrita, a mudança de parágrafo.	//	A escola...era uma vez a escola... hoje não...e os professores sabem que é assim... por isso não questionam //
Pausa curta: pausas que na escrita podiam ser indicadas através da vírgula, ponto e vírgula, dois pontos.	/	A escola não educa... A escola ensina o que é coisa bem diferente//.

Pausas preenchidas, hesitação ou sinais de atenção	reproduções de sons	ah eh ih oh uh mmh ahã ahn; eh; uhn; tá, né
Repetições (reduplicação da letra ou sílaba)	própria letra	A escola ensina... o o o que é coisa bem diferente.
Silabação	--	A escola en-si-na... o que é coisa bem diferente//
Silêncio: pausas com mais de 5 segundos	(...)	A escola ensina (...) o que é coisa bem diferente.
Transcrição parcial		
Truncamento: interrupção discursiva com retoma imediata	...	a esco/a escola não educa

Observações:

1. Combinação de sinais: os sinais podem ser combinados como, por exemplo, xi::... (alongamento e pausa)
2. Supressão de dados que podem identificar o informante ou pessoas não públicas: entre chavetas . (a professora de língua portuguesa que leciona há mais tempo na escola)
3. Grafia: a transcrição é ortográfica, em letras minúsculas, na nova norma, *verbatim*. Qualquer pronúncia deve ser transcrita ortograficamente: se o locutor produzir, por exemplo, *dum* a transcrição não deve ser modificada para de um; de modo idêntico: pra; estou para tou; está para tá; pra um;
4. Metalinguagem do informante: distinguir através de aspas simples: ele diz ‘café’
5. Nomes de letras e números: sempre por extenso como, p. ex: dois mil e dezasseis
6. Nomes estrangeiros de qualquer tipo em itálico
7. Nomes próprios de pessoas não públicas mencionadas pelos interlocutores, MF=nome feminino/MM= nome masculino, entre chavetas Ex.: Ela disse que a MF não se comportava bem.
8. Nomes próprios de pessoas públicas: por extenso, com inicial maiúscula: Jorge Carlos Fonseca
9. Outros nomes próprios: por extenso com inicial maiúscula, excepto preposições: Ilhas de Cabo Verde
10. Siglas de informantes: Entrevistador =E; Entrevistado = INF(ormante);

-
11. Siglas e abreviaturas: se pronunciadas letra a letra, registrar com maiúsculas separando as letras por ponto (I.S.E.), se pronunciadas como palavras, registrar com letras maiúsculas, sem ponto (ISE)
 12. Sinais de pontuação, Não utilizar típicos da língua escrita (vírgula, ponto e vírgula, ponto, dois pontos, exclamação, reticências. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

Bibliografia:

MANZINI, E. J. (2006). Considerações sobre a transcrição de entrevistas. Disponível em:

www.oneesp.ufscar.br

http://www.concordancia.letras.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=58. Acedido em: 15 de Março de 2017

MARCUSCHI, Luiz A. *Análise da Conversação*. S. Paulo. Ed. Ática. 1991. Pp. 9-13.

MELO LOPES, Amália. *A aula de português: reflexão crítica sobre a prática de ensino da produção escrita*. Mindelo. Edições Calabedotche. 2003. P. 116.

SANTOS, Marina A. A autocorreção como preservação da fase do falante culto do projeto

NURC/SP. PUC/SP. Dissertação de Mestrado. 2007.

<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp040436.pdf>



FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

MESTRADO EM ENSINO DO PORTUGUÊS LÍNGUA SEGUNDA LÍNGUA
ESTRANGEIRA

Teste de Perceção das variáveis

Código do informante:

1. Como avalia as seguintes frases? Qual delas prefere? Qual costuma usar?

Perceção das variantes *a, para/prá, em, Ø* com verbo *o ir*

1) Ir à praça era uma coisa de outro mundo/	
2) Quando não tem nada de fazer tem de então ir para campo trabalhar/	
3) Eu gostava mais da Assomada de antes: ir na casa dos vizinhos, ficar na rua a contar histórias/	
4) Nos dias da semana, de manhã ia às aulas.	
5) Eu ia pra cama antes das dez/	
6) Iam todos para uma casa assistir a telenovela.	
7) Iam na “lantuna” apanhar os filhos/	
8) Eu me lembro dos professores que nos deixavam na sala iam ninguém sabe para onde/	
9) Religiosamente vou ao cemitério visitar os túmulos/	
10) Vou na Câmara denunciar/	
11) Vamos a qualquer tipo de entrevista de emprego há lá o domínio do francês e do inglês/	
12) Nos domingos cada um muitas pessoas vão para as atividades religiosas/	
13) Domingo passado fui às Tendas El Shaday/	
14) Já fui pra Santo Antão/ Porto.	

15) A maioria das pessoas da cidade de Assomada a maioria foi para a Praia/	
16) Não fui propriamente na cidade/	
17) Praia de mar eu fui muito pouco/	
18) O estado devia estar melhor preparado para colmatar ... essas lacunas dando oportunidade por exemplo às crianças irem pra escola no período contrário da lecionação normal/	
19) É preciso ir à Câmara e continuar a denunciar/	
20) Ele brinca na rua sim/ quando fomos para zona de Chão de Tanque que é a zona do pai dele/	
21) Eu não me lembro de ter ido ao parque/ não havia mesmo/	
22) Eu fui até o Rotterdam/	

Perceção das variantes a, para/prá, em, Ø com verbo o *vir*

1) Ela vinha para escola num tipo de Bedford do pai que era motorista.	
2) Veio cá praticamente ninguém nesse salão enorme lá no liceu/	
3) Vieram logo para Assomada ficar cá/ fixar residência aqui/	
4) Depois eu vim pro ciclo preparatório e tive o privilégio de ter muitos colegas/	
5) É a primeira coisa que me vem à memória/	
6) Ela por exemplo vem para praça vai para o polivalente se houver algum atividade/	
7) Quando uma pessoa ao entrar na fase digamos assim de doença mental/ ao vir para a Assomada fica pior/	
8) Tem muito fluxo de pessoas que querem vir mesmo à cidade/	
9) Há uns é que optam pra vir pra cidade/ mas há outros é que continuam no interior por causa dos seus animais.	

Perceção das variantes a, para/prá, em, Ø com verbo o *chegar*

1) As empresas chegaram ao seu ponto máximo.	
--	--

2) Há muitos alunos que chegam no ensino superior e ainda não conseguem formar frases em português/	
3) No dia-a-dia chegam-nos requerimentos à mão/ cartas à mão com pedido de toda a ordem/	
4) Chego ao trabalho às sete e meia/	
5) Ao chegar num local/...falam as pessoas que dominam o português.	
6) É a questão de tentarmos de chegar ao consenso sobre o modelo que vai ser utilizado/	
7) Infelizmente ainda não se chegou a um consenso/	
8) Quando chegaste na Praia os meninos da Praia não te gozavam com o teu crioulo?	
9) E ocorreu-me durante o enterro ver a imagem mental daquele <i>bedford</i> de cor azul a chegar à frente da escola/	
10) A desordem chegou a tal ponto que agora é muito difícil de colocar nos eixos de novo/	

Perceção das variantes a, para/prá, em, Ø com verbo o sair

1) Depois eu saí pra fora/ fui fazer a minha universidade/	
2) Gostava muito de quando tivesse saindo no intervalo ficávamos aí no pátio a contar estórias/	
3) Quatro hora todo mundo saía à rua/ brincava/	
4) É só sair à rua/ dar uma volta e fazer uma análise/	
5) Eu tomo um pequeno-almoço e saio para o trabalho/	
6) Não tive oportunidade de sair para outros lugares então pronto continuei na cidade/	
7) Os meus filhos/ por exemplo/ reparo que são mais reservados/ estão mais dentro de casa/ não saem na rua para brincar/	
8) Já tive convites para sair fora da cidade fora do país/	
9) Fim-de-semana sempre saio para uma zona diferente/	
10) Saíamos para brincar na rua/	

11) O meu pai saía logo de manhã pro trabalho/ regressava à noite/	
12) Eu tenho muitas saídas para o interior/	
13) Na ilha do sal eu saio de um extremo ao outro em três horas já tinha conhecido o lugar/	

Perceção das variantes a, para/prá, em, Ø com verbo o *entrar*

1) Entro prá aulas no liceu e fico lá das oito até à uma hora/	
2) No final da tarde entro em casa para assistir o jornal/	
3) Os alunos têm dificuldade em fazer uma carta para entrar no mercado de trabalho/	
4) Precisamos entrar no ensino secundário da democracia e até que se chegue lá isso leva tempo/	
5) Entrei algumas vezes em pânico/	
6) As pessoas eram os meus próprios amigos mas que já tinham entrado pelo outro mundo de crime/ droga e álcool/	
7) Mãe eu quero entrar no <i>facebook</i> /	
8) Há já maior entrada de drogas no país/	

Perceção das variantes a, para/prá, em, Ø com verbo o *voltar*

1) Depois do jornal leio um bocadinho e volto pra cama/	
2) Quando um emigrante vai/ quando volta para Cabo Verde ele faz várias construções.	
3) Eu sou a única quase que ficou cá eu não sei qual era a relação mas eu TINHA de voltar para Assomada/	
4) Eu estou muito ciente pra trazer de volta pra casa/	
5) Ela resolveu voltar para Cabo Verde nós viemos junto/	
6) Há um grupo de pessoas que são domésticas passam a maior parte da vida no chafariz a apanhar água/ depois voltam pra casa/	
7) Depois voltei à cidade de Assomada no ano 1999/	

8) Quando voltámos para sala apanhámos todos/	
9) Quando realizam atividades, portanto voltadas pra criança/ frequentam.	

Perceção das variantes a, para/pra, em, Ø com verbo o regressar

1) Depois regresso para o almoço/	
2) Regresso à casa vou almoçar às vezes tento descansar um bocado/	
3) Chegando lá já em dois dias regressei novamente para a Assomada/	
4) Regressei novamente à Praia para por motivos de estudos já no ano de 1997/	
5) Às vezes, quando regressam à terra não prestam a conta/ são eliminadas/ contribui um bocadinho para a violência/	
6) Queriam sair do mundo rural para regressar pra cidade/	

Perceção das variantes a, para/pra, em, Ø com verbo o partir

1) Algumas vezes tive que partir mas para férias ou estudos mas por um período muito pouco/	
---	--

Dados organizados por verbo

Verbo *ir*

1. quando **vou à Praia** quase que adoeço de um dia para outro (INF1)
2. quase que adoeço de um dia para outro **pra ir pra Praia** (INF1)
3. **fui pra PRAIA** tam/ em dois mil e onze (INF1)
4. se pudéssemos retroceder no TEEMPO eeh/ e avançar ao mesmo no teempo houvessee IUE ou Universidade de Santiago talvez eu **não fosse para a Praia** (INF1)
5. consegui uma vaga de emprego então eu **fui pra SAL** (INF1)
6. às vezes temos de deslocar **para ir para a Praia atrás dee algo** (INF1)
7. Além de **ir para o mercado** na sua labuta DIÁRIA// não vejo// alguns jovens praticam desporto (INF1)
8. não é como uma coisa pontual pra dizer uma amiga/ vamos/ **vamos ao cinema/** (INF1)
9. eu posso dizer a uma amiga/ **vamos no parque** (INF1)
10. eu costumo dizer à minha sobrinha que ela não sabe o que é brincar e **ir à casa das minhas** vizinhas ficar a ali às altas horas (INF1)
11. eu gostava mais da Assomada de antes tudo era mais simples era mais/ não sei/ a vizinhança MESMO/ **ir na casa dos vizinhos** ficar na rua a contar HISTÓRIAS (INF1)
12. Eu somente **fui na ilha do sal/** então é é Assomada PRAIA Espargos Santa Maria (INF1)
13. **já fui no Tarrafal** é agora o que é/ é cidade de MANGUE/ Picos que é cidade dee/ Achada Igreja né (INF1)
14. quase **não vou à casa dos meus vizinhos** (INF1)
15. tenhoo amigos queee que ficam na passagem na no caminho pra **ir PRA CASA** as vezes PARO e falamos um BOCADO (INF1)
16. de manhã **ia às/ AULAS** (INF1)
17. depois à tarde depois estudava **ia pra casa de uma VIZINHA** (INF1)
18. à noiteee a minha mãe costumava **ir à casa de uma outra vizinha** (INF1)
19. **eu ia aaa a jardim S.O.S** que tinha aqueles baloiços (INF1)
20. **ia à casa da minha VIZINHA** (INF1)

-
21. **ia à igreja** catequese (INF1)
 22. o lugar MAIS LONGE que eu **ia era até à casa dessa vizinha** (INF1)
 23. ela DEIXOU DE SALTAR CORDA para vir ver novela/ eu obriguei-lhe a **ir pra varanda** (INF1)
 24. agora muitoos/ deles das crianças não conseguem às vezes nem **ir para a varanda da casa** porque é muita VIOLÊNCIA (INF1)
 25. ela **vai àquela casa** É A MESMA COISA (INF1)
 26. ela **vai até à escola** que é o lugar também que eu iia (INF1)
 27. a minha mãe **não ia à escola** pra saber quem eram os professores (INF1)
 28. depois **eu fui pra liceu** e no LICEU eu fui PROGREDINDO PROGREDINDO (INF1)
 29. DEPOIS **fui pra universidade**/ na universidadee/ também fiz amigos (INF1)
 30. se nasceu aqui **foi pra São Tomé** ou se nasceu ali veio não sei (INF1)
 31. quando pai DELE **ia para PORTUGAL** pediu à mãe para lho dar para lhe levar pra PORTUGAL (INF1)
 32. mesmo nós quando **vamos à casa de alguém** a tendência é encontrar por exemplo um irmão lá no seu sofá com o/ seu telemóvel/ outro LÁ no quarto assim (INF1)
 33. quando saio às vezes **vou para a biblioteca** estudar um BOCADO (INF1)
 34. depois e **vou na BIBLIOTECA** estudo/ até às cinco da TARDE/ (INF1)
 35. depois componho e **vou pra casa**/ (INF1)
 36. quando **vou pra casa** vou estudar de novo (INF1)
 37. então com as perdas de valores na FAMÍLIA a criança que **vai pra rua**
 38. eu não posso/ aah permitir que a criança **va na escola** e ir ali ah dar cabo do juízo na professora (INF1)
 39. por isso que muitas/ que assim/ a educação progrediu as pessoas estão a **ir pra escola** (INF1)
 40. mas só que as pessoas acham que **ir pra escola** é somente ter um DIPLOMA não estão a usar essa educação MESMO paraaa educar a PRÓPRIA pessoa (INF1)
 41. se a pessoa **ir na escola** e aproveitar daquilo que o governo está a FAZER/ utilizar para a sua PESSOA/ eu tenho a CERTEZA que vamos ter aquele outro PILAR que às vezes está a faltar na FAMÍLIA (INF1)
 42. sim achava desnecessário pra quê aprender crioulo/ nós não estamos a **ir a lado nenhum com o crioulo**? (INF1)
 43. Levantava às SE-TE/ preparava para **ir pra ESCOLA**/ (INF2)

-
44. depois da escola aah/ **ir pra CASA** (INF2)
45. nos festivais en/ as crianças ENTRAVAM **iam para o tenda eletrônico**/ [uhn] frente das autoridades (INF2)
46. depois eeu **vou paraa o escritório**/ (INF2)
47. mas quandoo podemos/ temos o horário de **ir pra o escritório** que é das oito/ [uhn] atéé/ às doze eee e trinta minutos/ [uhn] mas poderá haver eeeh/ (INF2)
48. primeiramente antes **ia à igreja** (INF2)
49. eu tinha que **ir ao Tarrafal**, (INF3)
50. ou **ir até a localidade de Boa Entrada** onde tem um reservatório de água (INF3)
51. a travessura mais grave que ele fez foi sair do cutelo e **ir até àquele monte de Cumbém** que se chama pilon de nha raínha, que foi a coisa mais grave que ele fez na sua infância (INF3)
52. a professora descia e ele **ia pra Praia**/ (INF3)
53. eu lembro-me sempre de oo senhor P que era o pai da professora, dizia pra nós Estudem COM MUITO JUÍZO MENINOS e ele **ia pra Praia**/ (INF3)
54. por isso que EU tive que **ir ao cemitério** para lhe render essa essa homenagem (INF3)
55. nos meus tempos livres gosto de estar com os amigos ler fazer as minhas leituras e sobretudo andar com meus amigos e **ir a algum convívio** (INF3)
56. religiosamente **vou ao cemitério** visitar os túmulos (INF3)
57. por exemplo **vou a S. Domingos** prestar solidariedade uma família que perdeu um ente-querido por sinal um colega professor (INF3)
58. e depois de S. Domingos **vou à Praia** também fazer uma outra visita, prestar solidariedade a um amigo que faleceu/ que por sinal é de Santa Catarina e passo esses dias portanto os finais de semanas em visita visita e também se há uma ou outra tarefa tal qual (INF3)
59. Domingo passado **fui às Tendras El Shaday**, havendo uma ou outra atividade assim profissional também eu faço.(INF3)
60. há mais oportunidade para a nossa gente de cá **ir para esses Países da CEDEAO** (INF3)
61. ou até você pode **ir na casa dessas pessoas** que professam essa essa religião não usam álcool (INF3)
62. mas esse indivíduo fazem festa não convidam você **vai pra festa** e não tem cerveja e não tem vinho (INF3)

-
63. depois **fui pra Portugal** fazer os meus estudos depois regressei voltei a morar com os meus pais (INF4)
64. depois construí a minha família **fui pra minha casa** (INF4)
65. Olha/ eu **ia pra ESCOLA** VOLTAVA/ fazia os ESTUDOS (INF4)
66. depois **ia à casa dum da à casa do meu TIO** (INF4)
67. no final de semana **nós íamos ao S. Loureço dos Órgãos** porque a minha mãe é de LÁ (INF4)
68. às vezes/ um um fim-de-semana nós **íamos ao São Lourenço dos Órgãos** o outro fim-de-semana
69. nós **íamos ààà à zona de Gil Bispo** (INF4)
70. **íamos também ààà zona de BOA ENTRADA**/ aah (INF4)
71. fim-de-semana às vezes também os meus pais nos levavam **para ir aí ao TARRAFAL** e tomar baanho e ver os FAMILIARES (INF4)
72. ele brinca na rua sim **quando formos para zona de Chão de Tanque** que é a zona doo do pai dele (INF4)
73. Olha no meu tempo não havia eu não me lembro de ter **ido ao PARQUE**/ não havia MESMO/ [uhn] (INF4)
74. ele **vai ao parque**/ (INF4)
75. tambémmm **cinema MESMO pra ir**/ pras CRIANÇAS eu nãoo eu não fui/ [uhn] ele agora tem/ (INF4)
76. **vai ao cinema**/
77. **vai ao PARQUE**/ [uhn] aaaahm/ (INF4)
78. **vai também ààà àqueles lugares** também que é pra CRIANÇA/ que é praa JOOGOS (INF4)
79. depois eu **fui pro o Liceuu Amílcar Cabral** (INF4)
80. eu **fui pra Praia** fazer os estudos fazer aí o ANO ZERO/ [uhn] (INF4)
81. **vamos à iGREja**/ somos todos batizAAAdos/ ah todos fizemos primeira comuNHÃÃÃO/ somos crisMAAAAdos/ seguimos a religião (INF4)
82. depois quando chega a hora do almoço eu **vou pra CASA** encontro com meu FILHO (INF4)
83. quando eu saio às quatro horas **vou pra CASA**/ (INF4)
84. depois **vou pro GINÁSIO**/ todos todos quase aaah mais ou menos todos os dias mas ééé é quase SEMPRE (INF4)
85. depois quando eu saio do ginásio **vou pra CASA** (INF3)

-
86. ou então **vou pra casa dum vizinho** ver um VIZINHO ou CONVERSAAR
ooou/ (INF4)
87. **vou pra casa de uma AMIGA** (INF4)
88. no sábado **vou pra casa da minha mããe**/ (INF4)
89. **vão à internet** e procuram saber aí é aí que see/ [uhn] metem os pés pelas mãos
(INF4)
90. quando voltam/ **vão prum outro mundo**/ sim mais civilizado/ mais desenvolvido/
quando regressam claro/ muitos deles não optam por fazer a casa aí no interior
(INF4)
91. a pessoa **vai a concurso** e consoante a sua CAPACIDADE/ [uhn] sua
QUALIDADE que tem consegue mas não pela cor partidária porque é partido
amarelo/ é partido verde/ é partido vermelho/ [uhn] partido cor-de-rosa [uhn] não
[uhn] (INF4)
92. os meus pais não me deixavam sair MUITO/ [uhn] era aquela brincadeira NA
RUA com COLEGUINHAS **ir a a até à Igreja** [uhn]... nada mais (INF5)
93. em Assomada/ até **ir para a universidade**/ (INF5)
94. tenho ummm FILHO tenho que preparar para **ir para ESCOLA** (INF5)
95. pegar ooo rapazinho na ESCOLA levar para CASA para ALMOÇAR/ depois para
ir para explicaçon...(INF5)
96. sempre a a pessoa tem ambição [uhn] de/ **ir para além de** (INF5)
97. **tenho tempo para ir a um PRAIA DE MAR** a um CINEMA ou a um PRAÇA
ou a um PARQUE (INF5)
98. gostaria de **ir a Miami** ((ri)) ou sejaa,(INF5)
99. tenho sempre naa na cabeça/ Ah/ um dia tenho que **ir [uhn] Miami** conhecer/
parece linda [uhn] ((ri)) (INF5)
100. no período CONTRÁRIO portanto **vou pra pra pra zona** onde eu nasci
Achada Gomes (INF6)
101. uma pessoa DE FORA/ do interior/ aah/ geralmente **quandooo aah/**
quando vai à PRAIA por vezes leva CASACO (INF6)
102. eu **vou praa pro trabalho**/ (INF6)
103. depois aah do trabalho aaah **vou pro ALMOÇO** NÃO É (INF6)
104. por vezes aah por vezes **vou pra Achada Gomes** (INF6)
105. no fim-de-semana geralmente faço algumas VISITAS não é/ e **não vou**
para o TRABALHO (INF6)
106. porque eu gosto de passeaaar/ de **ir a alguns lugares** (INF7)
107. vizinho não **não vai para casa DO OUTRO** NÃO CONVERSA (INF7)

-
108. vizinho **vai à casa do outro** fala senta vê TELEVISÃO (INF7)
109. **não fui propriamente na cidade** (INF7)
110. **não fui para nenhum lugar** dentro dee/ só santiago não viajei para outras ilhas (INF7)
111. **ir no Mindelo** (INF7)
112. **ir pra Roma** (INF7)
113. eu me levantava logo de manhãzinha seis horas JÁ/ de pé/ pra fazer CAFÉ/ depois **ia pra escola** (INF7)
114. **vai para o polivalente** se houver algum atividade no período de TARDE (INF7)
115. **vai para os PICOS** (INF7)
116. **vai pra PRAIA** também costuma viajar fora (INF7)
117. nos finais de semanas **íamos para o Portal de Furna** perto de Achada Lém (INF7)
118. **cada um foi para o seu lado** já acabou a festas (INF7)
119. de vez em quando **íamos para a Ribeira da Barca** (INF7)
120. eu por exemplo final-da-semana **vou pra casa da minha irmã** (INF7)
121. os outros grupos que ficam **vão para sala de estudos** (INF7)
122. depois **vão praa para o PISO/ tomam banho** preparam para o almoço (INF7)
123. posso iir LÁ um ano ou dois eu **vou para o curso** (INF7)
124. frequento a casa daa minha irmã neste momento com mais FREQUÊNCIA/ [uhn] depois **vou para casa** fazer trabalhos domésticos (INF7)
125. há dois anos atrás **fui para Holanda pra Portugal** (INF7)
126. os cabo-verdianos para **irem pra qualquer lugar** têm MUITA DIFICULDADE em conseguir UM visto (INF7)
127. pra **ir por exemplo/ pra Portugal** ATÉ pra Angola [uhn] têm dificuldade dee dee obter vistos (INF7)
128. se uma criança quer **ir pra curso** em Portugal em Brasil vai ter **dificuldades** em expressar (INF7)
129. o meu filho quan/ foi **quando foi para o Portugal** disse/ mãe eu já preparei a minha apresentação (INF7)
130. posso **ir para o Librão para Rincão** já é de diferente de um professor de ensino secundário que as escolas secundárias ficam sempre centro (INF7)
131. podemos **ir para lugares muuuito longes**/ de difícil acesso (INF7)
132. algumas vezes já **fui à Praia**/ para passar alguns dias (INF8)
133. depois do almoço **íamos pra rua brincar** (INF8)
134. aqui permaneço no trabalho até às catorze horas/ horário que saio paraa **ir pra casa** (INF8)
135. à noite/ [uhn] **vou para o culto** na minha igreja (INF8)
136. no SÁBADO já disse que sou adventista do sétimo DIA/ então o meu dia é dedicado totalmente a Deus/ então só ORO/ **vou à IGREJA**/ visito DOENTES/ faço essa esses tipos de coisas/ (INF8)

-
137. **vou à cidade da Praia** mais sinto assim INSEGURA MESMO (INF8)
138. **ir à praça** era uma coisa de outro MUNDO (p.5) (INF9)
139. eu **fui à praça** acho com 18 anos (p.6) (INF9)
140. **eu fui à discoteca aos dezoito anos** os meus colegas sempre foram com catorze dezasseis (p.6) (INF9)
141. ah já **fui pra Santo Antão PORTO** (p.7) (INF9)
142. não tem essa cultura **vão à casa uns dos outros** (p.10) (INF9)
143. eu **ia pra cama** antes das dez (p.12) (INF9)
144. depois **fui pra LICEU**] liceu/ Escola TÉCNICA/ Escola Técnica universidade (INF9)
145. **vou vou vou pa para o meu trabalho** (p.17) (INF9)
146. como eu **fui para a universidade** aah eu a adquiri FERRAMENTAS para aplicar aqueles/ quer dizer/ para fazer análise estatístico (p.18) (INF9)
147. foram optaram para caminho daa **foram para POLÍCIA** // (p.20) (INF9)
148. **Outros foram para banco** assim cada um um INE (p.20) (INF9)
149. PRAIA é um lugar de oportunidades de conhecer muita gente de ter muitas ideias de despertar daquele interior **ir para cidade** e ver que humm as pessoas não estão tão ingénuas [sim] como pensamos (INF10)
150. **vou na Câmara** DENUNCIAR quando os fiscais vão lá em vez de fazerem o trabalho dizem/ eh olha é o MM (INF10)
151. **é preciso ires à Câmara e** CONTINUAR a DENUNCIAR (INF10)
152. a maioria das pessoas da cidade/ de Assomada/ a maioria **foi para a Praia** (INF10)
153. eu estava DOENTE e a minha mãe não podia **ir à festa** que fizeram à noite (INF10)
154. **eu não cheguei a ir a nenhum baile de conjunto** (INF10)
155. **iam todos para uma casa** ASSISTIR [humm] a TELENVELA (INF10)
156. **iam na LANTUNA** [humm] apanhar os filhos que são verdes para fazer de CONGO (INF10)
157. **praia de mar eu fui muito pouco** pela distância (INF10)
158. **fomos para o terceiro ano**/ que na altura era o terceiro ano atual sétima classe (INF10)
159. queremos alunos com perfil [humm] com certo perfil para **IREM PARA O LICEU** (INF10)
160. quando **vamos a qualquer tipo de entrevista de EMPREGO** [humm] há lá o domínio do francês e do inglês (INF10)
161. Assomada não é eu acho que tem a mesma cultura que muitas zonas [do concelho] muitas ribeiras [humm] **quando já fomos para Tarrafal e Calheta eu acho que é distinto** (INF11)

-
162. podemos **ir à Praia** ao Tarrafal [hummm] sempre há essa possibilidade de deslocções (INF11)
163. **ir à Praia** e ganhar três ou quatro vezes mais [sim] era uma diferença considerável (INF11)
164. **se daqui a cinco anos foformos nessas zonas** levantar mesmo dados conseguimos fazer a semelhança (INF11)
165. Assomada na minha infância era uma cidade pequena [hummm] onde uma criança **conseguia ir todas zonas** (INF11)
166. mães **iam para o trabalho** as crianças ficavam em casa (INF11)
167. **íamos pra a cama** às vezes depois da meia-noite (INF11)
168. **eu jáa tinha chave de CASA eu jáa ia para casa** (INF11)
169. só **fui para Praia** estive na Praia só durante dois anos (INF12)
170. nos domingos cada um muitas pessoas **vão para as atividades religiosas** (INF12)
171. quando não tem nada de fazer tem de então **ir para campo** trabalhar tem que arranjar comida para os animais (INF12)
172. eu **ia para também perto de “fornadja”** (INF12)
173. o estado devia estar melhor preparado para colmatar portanto essas lacunas dando oportunidade por exemplo às crianças **irem pra escola** no período contrário (INF12)
174. as crianças **vão para a escola** num período e no período contrario ficam em casa ou sozinhas (INF12)
175. depois no terceiro nós **fomos para uma outra casa** alugada em Nhagar
176. no terceiro nós se calhar no terceiro trimestre **fomos para Boa Entrada** portanto (INF12)
177. me lembro dos professores que nos deixavam na sala **iam ninguém sabe para onde** (INF12)
178. nós **fomos para atrás da casa da senhora dona MF** (INF12)
179. portanto se eu tiver aulas **vou para a sala de aula** (INF12)
180. depois quando eu sair normalmente já é tarde eu **vou para casa** portanto dedico também um pouco desse tempo para as pessoas mais íntimas (INF12)
181. aos fins de semana gosto de **ir ao mar** (INF12)
182. no domingo normalmente eu **vou para a igreja** (INF12)
183. frequento grupos ou alias o grupo coral da igreja portanto eu **vou lá ao ensaio** (INF12)

Verbo *vir*

184. quando **eu vinha pra escola** apesar da rua era/ era calçetada mas/ como é que eu posso dizer eraaa/ não era assim/ não era uma cidade (INF1)
185. agora quando dá sete horas estou atrás dela pra **vir pra casa** principalmente com essa questão de violência sexual (INF1)
186. **Venho à escola** TODOS OS DIAS (INF1)

-
187. não sei qual é a origem dele só sei que morou um tempo na Praia **veio para Assomada** conheceu a minha mãe (INF1)
188. acho que era naaa na PRAIA/ ele **veio pra Calheta**/ (INF1)
189. **vieram para calheta** a mãe morreu e ficou aos cuidados aos cuidados de alguém (INF1)
190. morou um tempo na PRAIA **veio pra Assomada** conheceu a minha Mãe (INF1)
191. DEPOIS/ eu **venho pra escolaaa**/ assisto as AULAS (INF1)
192. se compararmos a cidade de Assomada dez quinze anos quem vive fora/ [uhn] e **vem pra cidade** diz que praticamente em termos de infraestrutura em termos de organizaçõn continua na mesma (INF2)
193. às vezes tento descansar um BOCADO mas não consigo porque estou a pensar que tenho que sair pra **VIR para biblioteca** de novo (INF1)
194. Tanque ela **vinha para escola** num tipo de Bedford do pai que era motorista/ trazia rabidantes de Chã de Tanque e levava-as para Praia (INF3)
195. e o meu pai é do Tarrafal mas **veio do Tarrafal para Assomada** e está aqui desde há muitos anos (INF3)
196. **venho pro TRABALHO**// (INF4)
197. Há uns é que optam pra **vir pra Cidade**/ mas há outros é que CONTINUAM/ [uhn] nooo INTERIOR/ [uhn] por causa dos seus animaaais (INF4)
198. não optam paraaaa/ para **vir pra Cidade** (INF4)
199. quando muuuita gente vem do êxodo/ **vem do interior para a cidade** às vezes eles traazem os seus hááábitos e os seus costuuumes pra cidade (INF4)
200. e tem muito fluxo de pessoas que querem **vir mesmo à cidade** (INF5)
201. ao **vir para a Assomada fica fica PIOR** (INF6)
202. e muitos já preferem ficar do que **vir para para centro** portanto procurar aah zonas e momentos de de diversão (INF6)
203. **vínhamos para Assomada**/ **geralmente à tarde**/ vínhamos espreitar nas janelas daa das casas (INF6)
204. outras vezes aah portanto **vínhamos para o centro da CIDADE**/ eeeh pra visitar FAMILIARES (INF6)
205. a minha mãe **veio para a cidade da Praia** (INF8)

-
206. pediram transferência para ASSOMADA [uhn]conseguiram TRANSFERÊNCIA/ **vieram LOGO para Assomada** ficar cá fixar residência aqui (p.1) (INF9)
207. e às vezes também eu PENSO QUEE talvez não tem noção do que é preciso do que a cidade PRECISA [hummm] às vezes **vem-me isso à cabeça** (INF10)
208. **veio** cááá [hummm] PRATICAMENTE NINGUÉM/ **nesse salão ENORME lá no liceu** (INF10)
209. eu posso dizer-lhe que era muito AGRADÁVEL/ **é a primeira coisa que me vem à memória** (INF10)
210. depois eu **VIM PRO CICLO PREPARATÓRIO** [hummm] eee tivee tivee o privilégio de ter MUITOS colegas (INF10)

Verbo *chegar*

211. depois digo/ bom deixe-me levantar porque **senão vou chegar atrasado à aula de**/ MM (INF1)
212. qualquer pessoa que **chega em casa** se você está na SALA com uma pesso/ com uma visita você tem que procurar um meios para sair para que possa deixar/ [hummm] ah as pessoas conversarem (INF2)
213. as mulheres/ cabo-verdianas eh são eeeeh suficientemente inteligentes para eeeeeh/ exigir eeeh **chegar a um patamar** juntamente de igualdade/ [uhn] igualmente/ [uhn] para os homens (INF2)
214. E ocorreu-me durante o o enterro ver a imagem mental daquele Bedford de cor AZUL **a chegar à frente da escola** e fiquei a ouvir a voz daquele Senhor a dizer MENINOS ESTUDEM COM JUÍZO (INF3)
215. e quando o individuo já **chegar na escola** com a instrução que irá receber somando à educação mais a instrução teremos agora a formação de um cidadão mais equilibrado (INF3)
216. A meta que queremos **chegar é a mesma meta** (INF3)
217. **chega àquela fase de** ADOLESCÊNCIA eles acham jáá que são HOMENS E MULHERES (INF4)
218. porque só a teoria quando **chegas aí num laboratório** porque exemplo só tens a parte teórica quando

-
219. **chega num laboratório** não consegues fazer nada porque não tem a prática (INF4)
220. / quando **chegas aí na europa** um estudante universitário os ERROS que tu cometes/ é grave (INF4)
221. quando **chegas aí ao topo** não vais ter aí não vais ter aí muuuito grande não vais ter aí assim problemão (INF4)
222. cada ummm tem séé/ **chega a casa POR EXEMPLO**/ filho no quarto com o TELEMÓVEL/ pai por AQUI/ mãe por aí (INF5)
223. **chego a casa em casa** s vezes ESGOTADA/ muito CANSADA/ prefiro DESCANSAR (INF5)
224. uma pessoa um jovem ou uma jovem estiver numa situação relativamente debilitada/ não é/ ao **chegar aqui em Assomada** as pessoas começam aah digamos assim a perturbar ainda mais a essa pessoa (INF6)
225. não não TIVE oportunidade de **chegar mesmo no centro da da cidade** (INF6)
226. **se chegar aos ouvidos dos pais** o castigo era infalível (INF6)
227. **chego à casa** por volta das catorze e trinta (INF8)
228. **as pessoas ao rural chegam à cidade** ficam assim como posso dizer/ meio desorientadas/ [uhn] não tendo ocupação de fazer na cidade (INF8)
229. **chego ao trabalho** às sete e meia [uhn] saio de lá às três e meia (INF9)
230. depoiis/ descanso uma HORA/ cinco hora eu vou fazer desporto **chego em CASA JANTO** (INF9)
231. quando **chegar a quadro de ministério** vou sentir (INF9)
232. quando **chegaste na Praia** aah os meninos da Praia não te gozavam com o teu crioulo? (INF10)
233. a desordem **chegou a tal ponto** que agora é muito difícil de colocar nos eixos de novo (INF10)
234. no dia-a-dia **chegam-nos aah/ requerimentos à mão/ cartas** à mão com pedido de toda a ordem de pessoas que JÁ completaram a já terminarem a licenciatura ou que já terminaram o liceu têm dificuldades de fazer um requerimento (INF10)
235. **chegámos à conclusão** que haviam muitas pessoas que recebiam apoios duplos (INF11)

-
236. as empresas **chegaram ao seu ponto máximo** até que alguns começaram a entrar em crise (INF12)
237. há muitos alunos que **chegam no ensino superior** e ainda não conseguem formar frases em português (INF12)
238. em Cabo Verde o também português é tido como como um instrumento de poder ao **chegar num local** por exemplo num local numa reunião num encontro falam as pessoas que dominam o português (INF12)
239. o grande trabalho que Cabo Verde tem para resolver e enfrentar é a outra questão é a questão de tentarmos de **chegar ao consenso** sobre o modelo que vai ser utilizado sobre o padrão (INF12)
240. infelizmente ainda não se **chegou a um consenso** (INF12)

Verbo Sair

241. Na ilha do sal eu **saí de um extremo ao outro** em três horas já tinha conhecido o lugar (INF1)
242. já tive convites para **sair fora da cidade fora do país** mas como tenho um amor por esta cidade/ [uhn] quero viver aqui quero ficar aqui (INF2)
243. aaah/ ANTES de **sair pra Universidade** antes deee estar/ maduro/ pelo Universidade, antes de estar maduro, passando pela pelas escolas/ você tem uma ideiaaaa/ entre aspas MÁ dos professores (INF2)
244. a educação terá que **sair** da dentro da casa e paraaa **para a sociedade.** (INF2)
245. depois euu **saí pra fora** fui fazer a minha universidade (INF4)
246. gostava muito dee quando **tivesse saindo no interVALO/** ficamos ficávamos aí no PÁTIO a contar estórias (INF4)
247. na minha infância **saímos à rua** para brincar à noite à tarde NOITINHA (INF5)
248. **saíamos para brincar na ruaaa** (INF5)
249. os meus filhos por exemplo reparo que são mais reservados/ [uhn] estão mais dentro de CASA **não saem NA RUA** para brincar com COLEGUINHAS (INF5)
250. leva casaco porque **sai de de um espaço de um concelho que ééé relativamente FRIO eeh para para umaa para um outro lugar** (INF6)
251. particular o meu pai **saía logo de manhã pro trabalho/** regressava à tarde À NOITE/ (INF6)

-
252. não tive oportunidade de **sair para outros lugares** então pronto continuei na cidade (INF8)
253. estudantes de Assomada que vão estudar na PRAIA epaa/ **ssaem de Assomada para Praia** para estudar ter diploma CERFITIFICADO (p.9) (INF9)
254. quatro HORA/ **todo mundo saía À RUA**/ BRINCAVA (p.11) (INF9)
255. é só **sair à rua**/ dar uma volta e fazer uma ANÁLISE (INF9)
256. hoje não/ hoje/ o marido vai e a mulher vai junto/ [uhn] cada um **sai para o/ trabalho** (INF7)
257. eu tenho muitas **saídas para para o interior** (INF11)
258. por exemplo **fim-de-semana sempre saio para uma zona diferente** (INF11)
259. eu tomo um pequeno-almoço e **saio para o trabalho** (INF12)

Verbo *entrar*

260. **cumprimentamo-nos NA RUA** às vezes umm a ent/ **uma a entrar na sua casa outra a sair** (INF1)
261. quando **entram na cidade de Assomada**/ dizem/ é diferente porque tudo está desorganizado (INF2)
262. tive queee estudar numa escola privada só para fazer algumas disciplinas para que possa **entrar aah na universidade** (INF2)
263. eu **entro prás aulas no liceu** e fico lá das oito até à uma hora (INF3)
264. e no final da tarde **entro em casa** para assistir o jornal (INF3)
265. os alunos têm dificuldade em fazer uma carta para **entrar no mercado de trabalho**/ (INF3)
266. O aluno do 12º ano tem dificuldade em em fazer um requerimento para **entrar NO mercado de trabalho**/ (INF3)
267. mas esse requerimento é ensinado na escola mas ele saiu do ensino secundário com a nota de teoricamente de dezassete dezoito mas para agora para pedir para **entrar no mercado de trabalho** tem dificuldade (INF3)
268. **precisamos entrar no ensino secundário da democracia** e até que se chegue lá isso leva leva tempo (INF3)
269. foi a única vez tivemos aí um/ **entramos em PÂNICO**/ (INF4)

-
270. tentam por um lado tentam por outro não conseguem atingir os objetivos/
[uhn] deles acabam por **entrar na VIOLÊNCIA**/ (INF4)
271. mas dizem que quando uma pessoa **ao entrar na FASE** **digamos**
assim de doença mental [uhn] **ao vir para a Assomada** **fica fica PIOR** (INF6)
272. há já maior **entrada de drogas no país** (INF8)
273. **entrei (...)** **algumas vezes em pânico** (INF8)
274. mãe eu **quero entrar no FACEBOOK** (p.11) (INF9)
275. mas eu gostaria de ter experiência também no ensino secundário [uhn]
então/ neste momento/ estou a ver oportunidade de [uhn] **entrar no ensino**
secundário (INF7)
276. eu acho que todos os políticos que **entraram no governo** trabalharam
(INF7)
277. não tive oportunidade de **entrar [entrar nas cidades]** nas cidades (INF9)
278. alguns começaram a **entrar em crise** (INF12)

Verbo *voltar*

279. com essa questão de violência sexual eu estou muito ciente pra trazê-la de
volta pra casa por que não sei na/ em que esquina que algo pode acontecer (INF1)
280. e depois do jornal leio um bocadinho e **volto pra cama**. (INF3)
281. depois **voltei àa CIDADE de Assomada no ano 1999** (INF6)
282. quandoo quando realizam atividades eeh portanto **voltadas para pra**
criança FREQUENTAM (INF6)
283. ela resolveu **voltar para Cabo Verde** nós viemos junto (INF7)
284. depois **voltam pra casa**/ dos restos são professores (INF7)
285. depois das seis saio frequento o ginásio **volto pra casa**/ uhn/ vejo televisão
(INF7)
286. quando um emigrante vai vai **quando volta para Cabo Verde** pá...ele faz
várias construções (INF9)
287. eu sou a única quase que ficou cá [hum] eu não sei qual era a relação
mas eu TINHA de **voltar para Assomada** (INF10)
288. quando **voltamos para sala** apanhámos todos [hum] não é eram
palmatoadas pra todoo (INF12)

Verbo *regressar*

-
289. / **regresso à casa/ vou ALMOÇAR/** às vezes tento descansar um BOCADO mas não consigo (INF1)
290. queriam sair do mundo rural para **regressar pra cidade** (INF2)
291. fico lá das oito até à uma hora depois **regresso para o almoço** e no período da tarde, às vezes tenho uma outra aula no ensino particular (INF3)
292. às vezes quando **regressam à terra** não não prestam a CONTA são ELIMINADAS [uhn] contribui um bocadinho para a violência (INF4)
293. **regressei novamente à Praia** paraa por motivos de estudos já no ano de 1997 (INF6)
294. depois **regressam para pra escola** (INF7)
295. **regressei novamente para a Assomada** (INF8)

Verbo partir

296. Algumas vezes tive que partir mas para férias ou estudos mas por um período muito pouco/

Verbo	Ocorrências
Ir	<p style="text-align: center;">A Nação n.º488</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O MPD, por seu lado, vai à convenção marcada para 3 e 4 de Fevereiro p.A6 e A7 2. Sempre que pode, Jorge Carlos Fonseca vai a todas, ...p.A6 e A7. N.º488 3. Uma política que conforme salientou, vai ao encontro daquilo que sempre defendeu. p.A6 e A7, n.º488 4. Cerca de 1% das despesas de consumo das famílias vai para as bebidas alcoólicas, ...p.E8 e E9, n.º488 5. Amo conhecer países e cidadãos que nunca pensava visitar e quero ir ao encontro das pessoas,...p.E16, n.º488 6. ... cerca de 300 toneladas de sacos de plástico deixarão, anualmente, de ir para o lixo..., p. A17, n.º488 7. ...quem quiser ir ao Monte Trigo terá que fazer uma viagem de cerca de 45mn de bote. p.A10 e A11, n.º489 8. ... já chegamos ao ponto de colocar saldos no telemóvel com dinheiro pessoal para chamar árbitros para irem aos jogos. p.A12, n.º489 <p style="text-align: center;">A Nação n.º 490</p> <ol style="list-style-type: none"> 9. ...e apoio-o a ir o mais longe possível.p.E6, n.º 490 10. O destaque vai para o duelo entre os dois melhores ataques da prova...p.A13 <p style="text-align: center;">-----A Nação n.º491-----</p> <ol style="list-style-type: none"> 11. Esses vão diretamente para a cadeia, na América,...p.A5, n.º 491 12. Depois foi para Lisboa e aqui, diz, teve uma mudança quantitativa e qualitativa.p.E2 n.º491 13. ..., a falta do trabalho de um assistente social, que tem a função de ir ao local de acolhimento do detento... p.A5, n.º 492 14. ... e abandonou o local, indo ao encontro de familiares e amigos, ...p.A6, n.º 492 15. Impõe-se ir para além do além, como sentenciou o poeta senegalês Birapo Diop: p. E8, n.º 493 16. ..., não é preciso irmos à base da imitação.p.E12, n.º493 17. Na primeira volta as equipas não foram além de um empate a zero. p. A10, n.º 493 18. Já o Derby não foi além de um empate, ...p.A10, n.º 493 19. Iremos onde for preciso. p. A2 e A3, n.º 494 20. Eu e ela tínhamos ido a uma atividade e, ...p. E2 e E3, n.º 494 21. Quando era assim ele não me deixava ir à escola, ...p. E2 e E3, n.º 494 22. A equipa comandada por Lito não foi além de um empate a zero ante o Eugénio Lima.p. A13, n.º 494 23. Os Trovadores (7.º) na 12.ª jornada não foram além de um empate a dois com o Celtic (8.º).p.A13, n.º 494

24. ..., dava-lhes jeito deixar JHA ir até às autárquicas (Setembro), na certeza de que a realidade dos votos haveria de a obrigar a **ir à vida**. p. A6, n.º 495
25. Isto porque diante de uma tal correria por parte daqueles que contavam **ir mais cedo para a reforma**, ...p. A7, n.º 495
26. Eu **ia ao clube de Ténis** do Mindelo e os mais velhos tiravam-se do campo.p. A12, n.º 495
27. Chã de Alecrim, emblemático bairro de S. Vicente, surgiu a partir da Matiota (zona marítima que outrora **ia da atual Moave à Cabnave**. p. E2, n.º 495
28. ..., o que mais gostaria era de **ir para escola**. p. E3, n.º 495
29. O interesse geral, quase sempre, é **ir para S. Vicente** assistir ao desfile de Carnaval, ...p. E8, n.º 495
30. Numa quinta-feira 9, foi o dia que escolhi **ir à Direcção de Emigração e Fronteiras** (DOF), ... p. A15, 495
31. Fechei o corpo e **fui à luta**. p. A15, n.º 495
32. Engoli em seco e **fui para o fim da fila**. p. A15, n.º 495
33. “Sendo assim”, comentou alguém, “**vou a casa** almoçar o congo que vi minha mulher a pôr na água ontem. p. A15, n.º 495
34. Contamos com muitos apoios, ..., quando **vamos às provas**, ...p.A8, n.º 496
35. Estamos a procurar financiamento junto do governo para avançar com a estrada de acesso que **vai da localidade de Pinha a Tanque de Bica**. p. A9, n.º 496
36. O Praia d’Aguada está a aguardar equipamentos de segurança e deve **ir à vistoria** em finais de Março. P. 6, n.º 496
37. ... o Kriola, ,... também **irá para vistoria** em breve. p 6, n.º 496
38. É por demais evidente que a Circular n.º 1/2017 **vai para além da norma** que se quer interpretar, ...p. A13, n.º 496
39. No dia seguinte ao que fui violada, **fui ao tribunal**...p. A5, n.º 497
40. **Fui imediatamente à polícia**, ...p. A5, n.º 497
41. Tive de lidar com músicos, com a falta de patrocínios e ainda **ir à escola**.p. E3, n.º 497
42. ...foi obrigada a deixar para trás toda a vida que tinha construído para **ir para Portugal**...p. E6 e E7, n.º 497
43. Em 2009, **fui para Portugal**...p. E6 e E7, n.º 497
44. ... porque é devagar que se **vai ao longe**...p. E11, n.º 497
45. Das 13 às 19 horas, eu **ia para casa** com cerca de 600 escudos.p. A12, n.º 497
46. Os jovens devem **ir à luta**. p. A12, n.º 497
47. ... que afinal, **vão para quem disponha de dinheiro**...p. A13, n.º 497
48. ... **não foi além** de um empate...p. A14, n.º 497
49. Este ano vamos realizar o festival num contexto diferente, ou seja, **não vamos às escolas**...p. E12, n.º 498

	<p>50. Os caloiros não têm bens para serem penhorados, não vão para a cadeia? (p. A6, n.º 499)</p> <p>51. ... os homens não vão além das 5h41. (p. E4, n.º 499)</p> <p>52. ...se for necessário disputar passageiros com os outros condutores vou à luta, uso os meus meios. (p. A7, n.º 499)</p> <p>53. Valeria a pena irmos para além do cool, ...p. E10, n.º 499</p> <p>54. Fui ao Hospital Agostinho Neto, na consulta de nero desenvolvimento, ...(p. A15, n.º 499)</p>
<p style="text-align: center;">Vir</p>	<p>55. Que venham mais RIU's, mais TRG's para o Maio, para a Boa Vista, para o Sal,...p.A10 e A11, n.º488</p> <p>56. Tive o cuidado, antes de vir para esta entrevista, de pedir os dossiês,...p. E2 e E3, n.º 489</p> <p>57. ..., veio-me à mente o poema “Caçadores de Heranças” de Osvaldo Osório... p.E9, n.º489</p> <p>58. Segundo informações vindas a público, ...p.A8, n.º 492</p> <p>59. Aliás, Emanuel Barbosa foi o único dirigente que, antes da convenção, viera a público manifestar o seu desacordo...p. A2 – A3, p. 493</p> <p>60. ... tudo veio à tona na semana passada, ...p.A7, n.º 493</p> <p>61. Na altura, quando as informações sobre a instalação de casinos em CV vieram a público, ...p. A8 e A9, n.º 494</p> <p>62. São poucos os casos que vêm à tona, mas a violência no namoro, sobretudo entre os jovens, ...p. E2 e E3, n.º 494</p> <p>63. A formação azul e branca vem de um empate, a uma bola, ante o Mindelense para o Regional de Futebol. p. A13, n.º 494</p> <p>64. E o que veio à tona é que seu relacionamento com Janira não era assim tão saudável nos últimos tempos. p. A4, n.º 495</p> <p>65. ...propósitos estes sempre bem-vindos para qualquer partido que ambiciona ser poder um dia.p. A6, n.º 495</p> <p>66. Principalmente por altura das secas, as pessoas dessas duas ilhas vinham para S. Vicente trabalhar no carvão...p. E2, n.º 495</p> <p>67. De entre as manifestações vindas a público com o caso, ...p. A16, n.º 495</p> <p>68. ..., outros assuntos acabarão por vir à baila, diz. P. A6, n.º 497</p> <p>69. “Mas o que mais revolta” dizem os signatários do comunicado, “porque a injustiça doi fundo”, é o facto de OE “vir completamente ao arrepio das promessas eleitorais...p. A6, n.º 497</p> <p>70. ... o caso veio à tona esta segunda-feira, ...p. A8, n.º 497</p> <p>71. A edição de mais um livro vem a caminho...p. A18, n.º 497</p> <p>72. Isto até o dia em que o tal emigrante resolveu vir a Cabo Verde e se encontraram pessoalmente. p. E6, n.º 498</p>
	<p style="text-align: center;">A Nação n.º488</p> <p>73. ...chegados ao poder há oito ou nove meses.p.A8, n.º488</p>

Chegar

74. ... recordou que também ele, quando **chegou à CMP**, em 2008, encontrou mais de uma centena de ativistas políticos contratados de forma irregular.p.A8, .n.º488
75. **À Casa Branca chega**, neste janeiro, Donald Trump,...p.A8, n.º 488
76. ..., que uma obra publicada na Praia, **chegue a São Vicente** a qualquer outra ilha.p.A8, n.º488
77. Mulher de armas, tem fé que um dia **chegará aos Estados Unidos da América**.p.E5, n.º488
78. Um camião variava entre 2500 e 3mil escudos podendo **chegar a 5 mil escudos**, ...p.E5, n.º488
79. Mas tenho fé que um dia **chego à América**...p.E5, n.º488
80. ... a Banda MR **chegou à cidade da Praia** no último voo da TAAG...p.E7, n.º488
81. Estão para **chegar à ilha do Sal**, já em Fevereiro, dois dessalinizados de mil metros cúbicos de água,...p.A8, n.º489
82. Três dias depois do golpe, **chegava a Lisboa**, ...p. E5, n.º489
83. No texto que se segue procura-se demonstrar que, **nunca se chegará ao padrão da língua cabo-verdiana**... p.E8, n.º489
84. **Chegando ao Tarrafal**, quem quiser ir ao Monte Trigo terá que fazer uma viagem de cerca de 45mn. de bote. p. A10 e A11, n.º 489
85. ... já **chegamos ao ponto de colocar saldos no telemóvel** com dinheiro pessoal para chamar árbitros para irem aos jogos. p.A12, n.º489
86. ...apesar de a prova não ter **chegado à metade**... p.A13, n.º 489
87. A notícia **não chegou a Cabo Verde** porque perdeu-se no Atlântico. p.A14, n.º 489
88. Pode, Senhor Primeiro Ministro, saltar de um avião e, certamente, que **chegará** muito rapidamente **ao solo**. p.A14, n.º489
- A Nação n.º490-----
89. Desde que **cheguei a Praia**, há dez anos, lembro-me de ver essa água que nunca seca, ...p.A6, n.º490
90. ... temos água doce misturada com água salgada que **chega à superfície**...p.A6, n.º 490
91. ...mas depois a CMSV **chegou à conclusão** que devia deixar essa bacia de retenção para a finalidade a que foi construída,...p.A7, n.º 490
92. Questionada sobre o porquê de só agora ter-se **chegado à conclusão** que Vila Nova não era ideal para a plantação,...p.A7, n.º490
93. ...mas os parceiros **chegaram a um consenso**...p.A7, n.º 490

94. Como é que um homem com tais pergaminhos conseguiu **chegar ao topo** da mais importante potencial mundial...p.E2, n.º 490
95. **Chegamos à conclusão** que para se edificar este projecto são necessários cerca de 100 mil contos, ...p.E3, n.º 490
96. ...a académica **chegou aos 18 pontos**...p.A13, n.º 490
97. ... é muito doloroso contornar toda a cratera até **chegar a esses povoados**...p.E2 n.º491
98. Para **chegar a essa conclusão**, Van Dick solicitou estudos a duas universidades...p.E6 n.º491
99. Isso porque o sinal **não chega a essas comunidades** do interior de Santa Catarina de Santiago.p.A10, n.491
100. ... há bastante tempo que os sinais da TCV **estão a chegar a Ribeirão Manuel e Tomba Touro** em péssima qualidade. p.A10, n.º 491
101. Depois de na jornada anterior **ter chegado à liderança isolada do regional**, ...p.A11, n.º491
102. **Mal cheguei ao Banco de Urgência** (BU) do HAN, a funcionária, que fazia a ficha dos utentes, conhecendo-me, pôs as mãos na cabeça e exclamou:...p.A6, n.º 492
103. E tudo indica que outros mais **deverão chegar ao país**, nas próximas semanas.p.A8, n.º492
104. O grosso dos deportados que **tem chegado a Cabo Verde** vindo não apenas dos EUA...p.A8, n.º 492
105. É que se **chegar à capital**, às seis horas, a viatura, uma Dyna caixa aberta, tem de partir às quatro. p.E2, n.º 492
106. A rede móvel, de quando em vez, com muita sorte e a custa de muito esforço, **chega a um ou outro utente**.p.E2, n.º 492
107. Dois televisores e um frigorífico atestam a confiança ou a esperança na **chegada da nova era naquela localidade da Ribeira Grande de Santiago**.p.E4, n.º 492
108. E quando **chegou a Assomada**, na década de 70, pôde frequentar o salão de Nhô Padre...p.E8, n.º 492
109. ...criar condições, para que o turismo **chegue a todas as ilhas**...p.A11, n.º 492
110. ..., certificar os nossos produtos, para permitir que **cheguem a esse mercado** sempre em crescimento...p.A11, n.º 492
111. A história de João “Torto” com a tesoura começou com a sua **chegada a S. Vicente**, em 1971, aos 14 anos,...p. A14, n.º 492
112. ..., com os impostos que tem que pagar às finanças, que **chega a 30 contos anuais**. p. A14, n.º 492
113. ... é informação complexa poder ser injetada na medula espinal para **chegar ao cérebro**.p.E2, n.º 493
114. ... já **chegamos a um patamar** de exigência que nos obriga a fazer cada edição melhor que a anterior.p. E3, n.º 493

115. ... atormentados por falsas promessas e estupidificados por esses meios de comunicação social que até **chegam entre nós em Cabo Verde** sobretudo através da TV, ...p. E8, n.º 493
116. Agora, com sociedade, quer ajudar a equipa e quem sabe alcançar novos voos como jogar no estrangeiro e ainda **chegar à Seleção Nacional**, ... p. E11, n.º 493
117. Depois de **ter chegado ao cargo** em Outubro de 2015, esta saída ocorre a meio da época desportiva em SV.p. A11, n.º 493
118. “Sete cidades”, cuja **chegada no Porto da Palmeira** estava prevista para as últimas horas daquele dia.p A4, n.º 494.
119. ...**chegando ao ponto** de constituir uma grave violação dos Direitos Humanos.p. E2 e E3, n.º 494
120. ..., desde que **chegou a S. Vicente**, em 2002, ...p. E3, n.º 495
121. ...permite que o processo seja iniciado até 72 horas antes da **chegada do navio nos portos nacionais**.p. A13, n.º 495
122. Só que, desta forma, poderá **não chegar ao objectivo** de fazer a Regionalização.p. A18, n.º 495
123. É preciso criar entidades empresariais que tenham capacidade de aceder aos mercados internacionais de capitais para **fazerem chegar esses capitais a estas ilhas**...p. 3, n.º 496
124. Estou certo que **vamos chegar às melhores soluções**. p. 4, n.º 496
125. ...a modos de avaliação da Conferência Parlamentar que estava **chegando ao fim**, ...p. 10, n.º 496
126. Foi algo que aconteceu espontaneamente e **quando cheguei na Holanda**... p. A17, n.º 496
127. ...o governo cabo-verdiano manteve as negociações com a OI/PT no sentido de se **chegar a um entendimento**...p. A3, n.º 497
128. ...quando a denúncia **chegar à Direção** do LDR. p. A8, n.º 497
129. Foi então que, a 29 de Abril de 2014 **cheguei aos EUA**. p. E6 e E7, n.º 497
130. O certo é que **chegado a Novembro** o BCV esperou ainda por mais três meses. p. A2 e A3 n.º 498
131. A cada partido que **chega ao governo**, ... p. A6, n.º 498
132. ...não creio que os alunos **cheguem ao ponto de desafiar a escola**, ...p. A7, n.º 498
133. O caso está a chocar Santa Catarina (interior de Santiago) e já **chegou ao Ministério Público**. p. E6, n.º 498
134. **Chegou ao nosso conhecimento** que na Assomada pontualmente, funcionam algumas casas de exploração sexual.p. E8, n.º 498

	<p>135. Lino Carvalho acredita que o número de abuso sexual contra menores em Santiago Norte é muito superior àqueles que chegam ao ICCA. p. E8, n.º 498</p> <p>136. Ao chegarem a Casa Lata, os policiais ter-se-ão deparado com a vítima...p. A12, n.º 498</p> <p>137. Estes dados não poderiam chegar à comunicação social...p. A7, n.º 498</p> <p>138. Enquanto em 2016 as mulheres tinham, em média, entre 2, 3 filhos, em 2000 chegavam aos quatro...p. E4, n.º 498</p> <p>139. Nos homens a taxa chega aos 65, 7%.p. E4, n.º 498</p> <p>140. ...só pode chegar à conclusão da existência de algum desígnio maligno da parte do governo...p. A18, n.º 498</p> <p>141. ...tendo sido accionada a Polícia, que ao chegar ao local foi desconsiderada pelo ex-agente, ...p. A12, n.º 499</p>
<p style="text-align: center;">Sair</p>	<p style="text-align: center;">A Nação n.º490</p> <p>142. Só precisam colocar um tubo vegetariano na boca do esgoto, usando uma câmara, para que a água saia diretamente para o mar.p.A6, n.º 490</p> <p style="text-align: center;">A Nação n. 491</p> <p>143. Entretanto, questionado se é norma um agente transportar a sua arma durante as saídas para diversão... p.A6, p.491</p> <p>144. ..., três meninas da noite e do giro...no desespero da falta de petróleo para o candeeiro à noite, a saírem à rua em busca de luz, ...p.E9, n.º 491</p> <p>145. Saem para as festas, passeios e outras atividades...p. E6, n.º 493</p> <p>146. Nos encontramos fora da escola e saímos, sempre juntas, para as festas e os eventos, ...p.E6, n.º 493</p> <p>147. ..., saem às ruas com a pompa e a circunstância possíveis. p. E8, n.º 495</p> <p>148. Entretanto, elementos do grupo sairão às ruas com os trajes de edições anteriores, ...p. E8, n.º 495</p> <p>149. Alguns dos seus elementos improvisaram alguns materiais e sairão às ruas com um andor e 250 foliões. p. E8, n.º 495</p> <p>150. Há já alguns anos que os mandigas do Tarrfal saem às ruas da Povoação , ...p. E8, n.º 495</p> <p>151. E nesta possível divisão, a pergunta que fica é qual a saída para essa situação. p. A18, n.º 495</p> <p>152. E como hoje em dia a nova geração diz, "you sair na night"...p. E4 e E5, n.º 497</p> <p>153. Basta eu sair à rua para que me apontem o dedo...p. E6, n.º 498</p> <p>154. ..., as portas para uma possível futura saída para o estrangeiro poderão estar abertas. p. A10, n.º 498</p>
	<p style="text-align: center;">A Nação n.º488</p>

Entrar

155. O chamado grupo de reflexão,..., preferiu **não entrar nessa corrida...**p.A6 e A7, n.º 488
156. Aprovada a 1 de julho de 2016, para **entrar em vigor** a 1 de janeiro deste ano, ...p.A17, n.º 488
157. ...era crucial que se criasse alternativas aos atuais plásticos convencionais, antes da **entrada da lei em vigor**, ...p.A17, n.º 488
158. ... o consultor V.F criticou o excesso de protagonismo da Câmara de Turismo que, segundo ele está a **entrar na esfera das políticas públicas**.p.E2 e E3, n.º489
159. ... a partir de 1987 a economia **tinha entrado em declínio**.p.E2 e E3, n.º 489
160. O Sporting não **entra em campo** para a partida frente ao Celtic. p.A13, n.º 489
----- A Nação n.º 490-----
161. ...dinheiro esse que deixaria, simplesmente, de **entrar nos cofres do Tesouro**,...p.A2 e A3, n.º490
162. Se CV tomar medidas ..., **entra na rota do desenvolvimento**.p.A4, n.º 490
163. ...o projeto corre o risco de **entrar em banho maria**.p.A7, n.º490
164. ... o controlo de qualidade **vai entrar em cena** ... p.A8 e A9, n.º490
165. ...sempre que **entra em cena** contagia o público com o seu “cotxi pó”. p.E6, n.º 490
166. A Académica, que alcançou o topo da prova, durante o passado fim-de-semana, **entra em campo**...p.A13, n.º 490
167. ...o regional de futebol em Santiago Sul **entra na fase final** da primeira volta...p.A13, n.º490
168. a “creperie” **entrou para o livro de água turístico**, de Cabo Verde...p.E7 n.º 491
169. ...para quem o festival **entrou já no rol dos mais emblemáticos do país**, ...p.E8, n.º491
170. O certame **entrou já no seu décimo** primeiro ano de vida, diz Grace Évora.p.E8, n.º 491
171. O kitesurf **entrou na sua vida** através de uma amiga...p.E11, n.º491
172. ... e regulamentação, constituição e **entrada em funcionamento do Conselho Nacional da Segurança Privada**.p. A14, n.º 491
173. ..., mas só agora o comboio **deverá entrar nos carris**...p.A2 e A3, n.º 492
174. ...**entramos em ruptura** de técnicos, ...p.A5, n.º492
175. ..., já haviam dado **entrada no HAN** vários casos de agressões...p.A6, n.º 492
176. ..., via **entrar no BU** dois outros agentes da PN, trazendo algemado um homem, ...p. A6, n.º 492

177. ..., já **havam dado entrada no HAN** vários casos de agressões...p.A6, n.º492
178. ...a deportação de cabo-verdianos a braços com a justiça naquele país **vai entrar em ritmo mais acelerado**.p.A8, n.º492
179. ..., a cada travessia na estrada, especialmente no período das chuvas **entram em desespero**. p. E5, n.º492
180. O Batuque é o quarto classificado, com sete pontos e **entra em campo** no sábado, frente ao Farense, ...p.A12, n.º 492
181. ..., que **entrou em declínio económico**, após crise industrial,...p.A13, n.º 492
182. ... impedindo que até crianças e colaboradores dos EUA em lugares como o Iraque e a Síria **entrassem no país**. p. A4, n.º 493
183. ..., mas há também os de todos os sexos e outros mesclados e mais abertos àqueles que quiserem **entrar “na onda”** e fazer parte, ...p. E6, n.º 493
184. Apareceram mais pessoas interessadas em **entrar no nosso meio**, ...p. E6, n.º 493
185. ...antes da **entrada em vigor de novas taxas** previstas no orçamento do estado de 2017, ...p.A4, n.º 494
186. Contudo, de Janeiro a esta parte, nenhuma espécie **deu entrada na instituição**, ...p. A7, n.º 494
187. ... afundar quaisquer navios que **entrassem em zonas de bloqueio**...p. E6 e E7
188. ...o Brasil de um lado **entrou** tardiamente **no teatro de guerra** mais amplo...p. E6 e E7
189. Cabo Verde, do seu lado, **entrava na dinâmica do conflito**, por sua posição estratégica...p. E6 e E7, n.º 494
190. João Antunes mostra-se ainda indignado pelo facto de os táxis **não poderem entrar em certos recintos do Estado**, ...p.A10, n.º 494
191. Como é possível que um táxi devidamente identificado, **não possa entrar**, por exemplo, **na Assembleia Nacional**, ...p. A10, n.º 494
192. ...quando vemos outras viaturas, privadas, a fazerem frete ilegal, **a entrar nesses locais**. p. A10, n.º 494
193. ... e **entramos em plena pós-verdade**.p. A14, n.º 494
194. Usaram apenas bisturi para **entrar no cockpit** dos aviões, ...p. A16, n.º 495
195. ..., Janira Hopffer Almada **poderá entrar** também **no terreno**, ...p. A2 e A3, n.º 496
196. O jovem em causa **deu entrada nesse estabelecimento**, na segunda-feira, ...p. A6, n.º 496
197. A Lei do Mecenato, aos poucos, **tem entrado na agenda dos empresários**, ...p.A8, n.º 496
198. ...**entrei num projecto** de zona...p. A17, n.º 496

	<p>199. ... a Orange não está interessada em entrar num negócio cuja segurança jurídica é mais que duvidosa...p. A3, n.º 497</p> <p>200. Por isso impõe-se também um maior rigor na escolha de quem deve entrar para esta instituição. p. A11, n.º 498</p> <p>201. ...e vários outros episódios que nos entram em casa todos os dias. p. A5, n.º 498</p> <p>202. ...entram em campo os Trovadores e o Benfica. (p. A11, n.º 499)</p> <p>203. ...e vários outros episódios que nos entram em campo todos os dias. (p. A5, n.º 499)</p> <p>204. ...entrei para o negócio da venda de grogue, em 2014, ...(p. E8, n.º 499)</p>
<p style="text-align: center;">Voltar</p>	<p style="text-align: center;">A Nação n.º 488</p> <p>205. ...voltava a casa ainda antes do sol raiar...p.E5 n.º488</p> <p>206. Com o foco principal voltado para o kizomba e semba p.E7 n.º488</p> <p>207. Feito este parênteses, voltamos ao tema que delimitamos no n.º 1 p.A18 n.º488</p> <p style="text-align: center;">A Nação n.489</p> <p>208. ... a funcionária do CCV que chegou a ser suspensa de suas funções, por alegado envolvimento neste caso, já está de volta ao serviço,...p.A4 n.º489</p> <p>209. Depois está prevista uma componente mais pedagógica, com atividades voltadas para os alunos e familiares p.E4-E5 n.º489</p> <p>210. Agora, as expetativas estão voltadas para a efetivação da construção da Adega definitiva,...p.A8 n.º491</p> <p>211. Uma mais voltada para a formação, ...p.E12, n.º491</p> <p>212. Hoje, aos 71 anos e de volta às origens, mostra-se insatisfeito com o marasmo...p.E4, n.º 492</p> <p>213. ... não pensava noutra coisa que não fosse voltar à minha terra...p.E4, n.º 492</p> <p>214. Mas, agora volta à carga, ...p.A6, n.º 493</p> <p>215. Os holofotes voltam-se para o embate entre os “Leões da rua de praia” e os “Dragões da Praça Estrela”, p.A10, n.º 493</p> <p>216. Gostaria de voltar para a escola porque adoro aprender, ...p. E3, n.º 495</p> <p>217. ..., mas sempre com a preocupação de voltar em Setembro para o CSC. p. E3, n.º 495</p> <p>218. ..., dentro de uma semana, atleta poderá voltar aos treinos. p. A8, n.º 496</p> <p>219. Arlindo Moreira Tavares, “Loló”, é um professor reformado que decidiu voltar ao campo para cultivar a terra. p. A12, n.º 496</p>

	<p>220. Mário Lúcio Sousa, ex-ministro da Cultura, está de volta ao mundo da música. p. E4 e E5</p> <p>221. ...amor, quando eu voltar para Cabo Verde vou-te fazer muito feliz, ...p. E6, n.º 498</p> <p>222. Antes de voltar para Portugal, ele marcou três encontros comigo, ...p. E6, n.º 498</p> <p>223. ...as práticas clientistas e nepotista não interessam a esta jovem nação democrática, em desenvolvimento, voltada, agora, (des) complexadamente para o mérito, competência...p. E10, n.º 498</p> <p>224. Eu não sou homem com paciência para lidar com a exagerada burocracia dos bancos, com a sua mentalidade voltada para o lucro, ... (p. A8, n.º 499)</p>
<p>Regressar</p>	<p>A Nação n.º 489</p> <p>225. Os Tubarões, que regressam ao ativo em 2015, estão a preparar um novo disco, ...p.E2, n.º488</p> <p>226. e não mais pode regressar a casa...p.E7, p.488</p> <p>227. E quanto ao regresso a Angola, dizem: ainda não têm data para isso acontecer...p.E7, n.º488</p> <p>228. Com o seu regresso ao governo, o MPD vai, uma vez mais, alterar os seus estatutos, p. A2, n.º 489</p> <p>229. Agora, com o regresso do MPD ao Governo, pretende-se dotar o partido de uma figura “eminente política”, ...</p> <p>230. Regresso aos triunfos p.A13, n.º 489</p> <p>231. O Desportivo regressou às vitórias na jornada passada...p.13, n.º 489</p> <p>232. Quem também regressou aos triunfos é o Trovadores... p.A13, n.º 489</p> <p>----- A Nação n.º490-----</p> <p>233. ... quando o PAICV regressou ao Governo, já havia condições para a eurização de Cabo Verde.p.A11, n.º 490</p> <p>234. Transita de uma jornada onde regressou às vitórias (3-2) frente ao Benfica.p.A13, n.º 490</p> <p>----- A Nação n.º 491-----</p> <p>235. ...e depois são transportados para o trabalho e de regresso a casa pelos veículos da Presidência da República,...p.A2-A3, n.º491</p> <p>236. José Carlos Correia (JCC) regressou ao seu quadro de origem,...p.A4, n.º 491</p> <p>237. ..., muitas pessoas foram regressando a Chã das Caldeiras para refazerem as suas vidas.p.A8 n.º491</p> <p>238. ...altura em que Van Dick decidiu regressar a Europa.p.E6 n.º491</p> <p>239. Por um contratempo do destino, teve que regressar a Cabo Verde p.E7 n.º491</p> <p>240. O Desportivo procura agora regressar às vitórias frente ao Benfica.p.A11, n.º 491</p> <p>241. Regressei a Cabo Verde, por opção política, ...p.A12, n.º491</p>

	<p>242. ...decorridos 15 anos, o MPD regressou ao poder, ...p. A12, n.º 491</p> <p>243. Aos professores, que permanecem em Pico Leão, de segunda a sexta-feira, regressando à Praia apenas nos finais de semana.p.E5, n.º 492</p> <p>244. A académica regressou às vitórias frente ao Eugénio Lima, ...p.A10, n.º493</p> <p>245. O jogo poderá ser uma boa oportunidade para os Trovadores regressarem às vitórias,...p. A10, n.º 493</p> <p>246.</p> <p>247. ...juntavam dinheiro e regressavam para as sementeiras. p. E2, n.º 495</p> <p>248. ... conta que o seu regresso ao campo é um factor motivador para muitos jovens...p. A12, n.º 496</p> <p>249. “Lindo” é um ex-emigrante em França que regressou a Cabo Verde em 2009...p. A10 e A11, n.º 496</p> <p>250. ...depois de uma experiência mal sucedida em França, regressou a Cabo Verde e decidiu apostar na agricultura, ...p. A10 e A11, n.º 496</p> <p>251. Mário Lúcio regressa aos estúdios e aos palcos...p. E4 e E5, n.º 497</p> <p>252. ... foram-me exigidos os comprovativos de que iria regressar a Cabo Verde.p. A12, n.º 497</p> <p>253. ... outras pessoas e empresas a investir ou a regressar ao meio rural.p. A13, n.º 497</p> <p>254. Com esta vitória gorda, o Desportivo regressa ao terceiro lugar, ...p. A8, n.º 498</p> <p>255. ...venceu o campeonato da segunda divisão e regressa ao escalão principal. (p. A11, n.º 499)</p> <p>256. O clube Sportivo Mindelense regressou à liderança isolada do campeonato regional de S.V.p. A11, n.º 499</p> <p>257. ... e o Rosariense crónico candidato ao título, venceu o campeonato da segunda divisão e regressa ao escalão principal. (p. A11, n.º 499)</p>
<p>Partir</p>	<p>258. Os tambarinas partem à procura da paz interna... p. A6, n.º488</p> <p>259. ... Juvenal está, há duas décadas, a tentar readaptar-se à situação que deixara para trás nos anos 60, quando partiu para Portugal p. E4, n.º 492</p> <p>260. ...ele partia para cima dele e depois brigava comigo, ...p. E2 e E3, n.º 494</p> <p>261. ..., que os africanos devem partir para a renegociação do Estatuto de Roma, ...p. A14, n.º 496</p> <p>262. ...ambos com 32 pontos à partida para a 16.ª jornada...p. A14, n.º 497</p> <p>263. ...há colegas que são capazes de tudo, de partir para a selvajaria, ...p. E6, n.º 498</p> <p>264. ...são capazes de tudo, de partir para a selvajaria, por isso não podemos ter medo. (p. A7, n.º 499)</p>

Resultados do Teste de Percepção

Variáveis linguísticas	INF/ MAS			INF/ FEM		
	A	N/A	% A	A	N/A	% A
Verbo Ir						
Ir à praça era uma coisa de outro mundo/	6	0	100	6	0	100
Quando não tem nada de fazer tem de então ir para campo trabalhar /	0	6	0	1	5	16,7
Eu gostava mais da Assomada de antes: ir na casa dos vizinhos, ficar na rua a contar histórias/	1	5	16,7	3	3	50
Nos dias da semana, de manhã ia às aulas .	6	0	100	6	0	100
Eu ia pra cama antes das dez//	5	1	83,3	6	0	100
Iam todos para uma casa assistir a telenovela.	5	1	83,3	4	2	66,7
Iam na “lantuna” apanhar os filhos/	3	3	50	4	2	66,7
Eu me lembro dos professores que nos deixavam na sala iam ninguém sabe para onde /	3	3	50	3	3	50
Religiosamente vou ao cemitério visitar os túmulos/	6	0	100	6	0	100
Vou na Câmara denunciar/	0	6	0	1	5	16,7
Vamos a qualquer tipo de entrevista de emprego há lá o domínio do francês e do inglês/	4	2	66,7	5	1	83,3
Nos domingos cada um muitas pessoas vão para as atividades religiosas /	6	0	100	6	0	100
Domingo passado fui às Tendas El Shaday /	6	0	100	5	1	83,3
Já fui pra Santo Antão / Porto.	3	3	50	4	2	66,7
A maioria das pessoas da cidade de Assomada a maioria foi para a Praia /	4	2	66,7	4	2	66,7
Não fui propriamente na cidade /	5	1	83,3	3	3	50
Praia de mar eu fui muito pouco/	4	2	66,7	3	3	50
O estado devia estar melhor preparado para colmatar ... essas lacunas dando oportunidade por exemplo às crianças	4	2	66,7	4	2	66,7

irem pra escola no período contrário da lecionação normal/						
É preciso ires à Câmara e continuar a denunciar/	5	1	83,3	4	2	66,7
Ele brinca na rua sim/ quando formos para zona de Chão de Tanque que é a zona do pai dele/	5	1	83,3	3	3	50
Eu não me lembro de ter ido ao parque / não havia mesmo/	5	1	83,3	5	1	83,3
eu posso dizer a uma amiga/ vamos no parque	0	6	0	0	6	0
Eu fui até o Rotterdam /	3	3	50	2	4	33,3